

# PATRÍSTICA

---

## SANTO AMBRÓSIO

Examerão



SANTO AMBRÓSIO

# EXAMERÃO

Os seis dias da criação



# Índice

[APRESENTAÇÃO](#)

[INTRODUÇÃO](#)

[PRIMEIRO DIA](#)

[SEGUNDO DIA](#)

[TERCEIRO DIA](#)

[QUARTO DIA](#)

[QUINTO DIA](#)

[SEXTO DIA](#)

# APRESENTAÇÃO

Surgiu, pelos anos 40, na Europa, especialmente na França, um movimento de interesse voltado para os antigos escritores cristãos, conhecidos tradicionalmente como “Padres da Igreja”, ou “santos Padres”, e suas obras. Esse movimento, liderado por Henri de Lubac e Jean Daniélou, deu origem à coleção “Sources Chrétiennes”, hoje com mais de 500 títulos, alguns dos quais com várias edições. Com o Concílio Vaticano II, ativou-se em toda a Igreja o desejo e a necessidade de renovação da liturgia, da exegese, da espiritualidade e da teologia a partir das fontes primitivas. Surgiu a necessidade de “voltar às fontes” do cristianismo.

No Brasil, em termos de publicação das obras destes autores antigos, pouco se fez. A Paulus Editora procura, agora, preencher esse vazio existente em língua portuguesa. Nunca é tarde ou fora de época para rever as fontes da fé cristã, os fundamentos da doutrina da Igreja, especialmente no sentido de buscar nelas a inspiração atuante, transformadora do presente. Não se propõe uma volta ao passado através da leitura e estudo dos textos primitivos como remédio ao saudosismo. Ao contrário, procura-se oferecer aquilo que constitui as “fontes” do cristianismo para que o leitor as examine, as avalie e colha o essencial, o espírito que as produziu. Cabe ao leitor, portanto, a tarefa do discernimento. Paulus Editora quer, assim, oferecer ao público de língua portuguesa, leigos, clérigos, religiosos, aos estudiosos do cristianismo primevo, uma série de títulos, não exaustiva, cuidadosamente traduzida e preparada, dessa vasta literatura cristã do período patrístico.

Para não sobrecarregar o texto e retardar a leitura, procurou-se evitar anotações excessivas, as longas introduções estabelecendo paralelismos de versões diferentes, com referências aos empréstimos da literatura pagã, filosófica, religiosa, jurídica, às infindas controvérsias sobre determinados textos e sua autenticidade. Procurou-se fazer com que o resultado desta pesquisa original se traduzisse numa edição despojada, porém, séria.

Cada obra tem uma introdução breve com os dados biográficos essenciais do autor e um comentário sucinto dos aspectos literários e do conteúdo da obra suficientes para uma boa compreensão do texto. O que interessa é colocar o leitor diretamente em contato com o texto. O leitor deverá ter em mente as enormes diferenças de gêneros literários, de estilos em que estas obras foram redigidas: cartas, sermões, comentários bíblicos, paráfrases, exortações, disputas com os heréticos, tratados teológicos vazados em esquemas e categorias filosóficas de tendências diversas, hinos litúrgicos. Tudo isso inclui, necessariamente, uma disparidade de tratamento e de esforço de compreensão a um mesmo tema. As constantes, e por vezes longas, citações bíblicas ou simples transcrições de textos escriturísticos devem-se ao fato de que os Padres escreviam suas reflexões sempre com a Bíblia numa das mãos.

Julgamos necessário um esclarecimento a respeito dos termos patrologia, patrística e Padres ou Pais da Igreja. O termo patrologia designa, propriamente, o estudo sobre a vida, as obras e a doutrina dos Padres da Igreja. Ela se interessa mais pela história antiga, incluindo também obras de escritores leigos. Por patrística se entende o estudo da doutrina, das origens dessa doutrina, suas dependências e empréstimos do meio cultural, filosófico, e da evolução do pensamento teológico dos Padres da Igreja. Foi no século XVII que se criou a expressão “teologia patrística” para indicar a doutrina dos Padres da Igreja, distinguindo-a da “teologia bíblica”, da “teologia escolástica”, da

“teologia simbólica” e da “teologia especulativa”. Finalmente, “Padre ou Pai da Igreja” se refere a escritor leigo, sacerdote ou bispo, da antiguidade cristã, considerado pela tradição posterior como testemunho particularmente autorizado da fé. Na tentativa de eliminar as ambiguidades em torno desta expressão, os estudiosos convencionaram em receber como “Pai da Igreja” quem tivesse estas qualificações: ortodoxia de doutrina, santidade de vida, aprovação eclesiástica e antiguidade. Mas os próprios conceitos de ortodoxia, santidade e antiguidade são ambíguos. Não se espere encontrar neles doutrinas acabadas, buriladas, irrefutáveis. Tudo estava ainda em ebulição, fermentando. O conceito de ortodoxia é, portanto, bastante largo. O mesmo vale para o conceito de santidade. Para o conceito de antiguidade, podemos admitir, sem prejuízo para a compreensão, a opinião de muitos especialistas que estabelece, para o Ocidente, Igreja latina, o período que, a partir da geração apostólica, se estende até Isidoro de Sevilha (560-636). Para o Oriente, Igreja grega, a antiguidade se estende um pouco mais, até a morte de São João Damasceno (675-749).

Os “Pais da Igreja” são, portanto, aqueles que, ao longo dos sete primeiros séculos, foram forjando, construindo e defendendo a fé, a liturgia, a disciplina, os costumes e os dogmas cristãos, decidindo, assim, os rumos da Igreja. Seus textos se tornaram fontes de discussões, de inspirações, de referências obrigatórias ao longo de toda tradição posterior. O valor dessas obras que agora Paulus Editora oferece ao público pode ser avaliado neste texto: “Além de sua importância no ambiente eclesiástico, os Padres da Igreja ocupam lugar proeminente na literatura e, particularmente, na literatura greco-romana. São eles os últimos representantes da Antiguidade, cuja arte literária, não raras vezes, brilha nitidamente em suas obras, tendo influenciado todas as literaturas posteriores. Formados pelos melhores mestres da Antiguidade clássica, põem suas palavras e seus escritos a serviço do pensamento cristão. Se excetuarmos algumas obras retóricas de caráter apologético, oratório ou apuradamente epistolar, os Padres, por certo, não queriam ser, em primeira linha, literatos, mas arautos da doutrina e moral cristãs. A arte adquirida, não obstante, vem a ser para eles meio para alcançar este fim. (...) Há de se lhes aproximar o leitor com o coração aberto, cheio de boa vontade e bem disposto à verdade cristã. As obras dos Padres se lhe reverterão, assim, em fonte de luz, alegria e edificação espiritual” (B. Altaner e A. Stuiber, Patrologia, S. Paulo, Paulus, 1988, pp. 21-22).

A Editora

Ambrósio de Milão pertence ao período áureo da Patrística, não apenas pela cronologia, mas sobretudo por sua vida e obra.

Seu mais antigo biógrafo foi Paulino de Nola que, em 422, estimulado por Agostinho, escreveu a *Vita Sancti Ambrosii*, um tanto enfeitada, mas com pormenores valiosos.

De nobre família romana, Ambrósio viveu depois do famoso Editto de Milão (313), que concedeu liberdade religiosa aos cristãos. Nasceu por volta de 340 em Trier, ou Tréveros, na Gália, onde seu pai era alto funcionário.

Estudou Direito em Roma. Seus escritos, sobretudo os dogmáticos, denunciam sua formação jurídica no gosto pela argumentação: sempre existem, implícita ou explicitamente, vários *consideranda* e um *ergo*. Acresce que seu vocabulário é nitidamente ciceroniano.

Em 370, foi nomeado governador da Ligúria e Emília, com sede em Milão. Depois da morte de Auxêncio, foi aclamado bispo pelo brado de uma criança, ao qual se seguiu grande aplauso popular. Ambrósio era então catecúmeno; recebeu o batismo e oito dias depois foi sagrado bispo de Milão. Distribuiu seus bens aos pobres, estudou Teologia e passou a dedicar-se a grandiosa obra pastoral, teológica e litúrgica.

Seguidor do Credo de Niceia, sempre combateu os arianos, hereges que negavam a natureza divina de Jesus. Destemido, obrigou o imperador Teodósio a fazer penitência pública por ter ordenado um massacre em Tessalônica.

Seus estudos tinham natureza eminentemente prática e a força de sua oratória sacra é testemunhada pela conversão de um retórico do porte de Agostinho. Seus escritos são recheados de citações da Escritura, feitas provavelmente de memória ou copiadas da *Vetus Latina*, uma vez que a *Vulgata* de Jerônimo ainda não estava concluída.

Levava vida austera, recebia a todos os que o procuravam para conselhos ou ajuda material. Não costumava escrever os sermões, mas falava a partir do que o coração lhe inspirava – e depois compilava as notas que alguém tomava, nascendo daí sua extensa obra escrita.

Deu também poderoso impulso à liturgia, compôs hinos, introduziu o canto das antífonas dos salmos, sendo por isso considerado o pai da liturgia latina nesse aspecto. Morreu em 397, no Sábado Santo, em Milão.

Sua obra é vastíssima. Comporta livros exegéticos (*Hexaemeron*, *De paradiso*, *De Cain et Abel*, *De Noe...*), escritos morais e ascéticos (*De officiis ministrorum*, *De virginibus ad Marcellinam sororem*, *De viduis*, *De virginitate...*), escritos dogmáticos (*De fide ad Gratianum*, *De paenitentia...*) e escritos catequéticos (*De mysteriis*, *Explanatio symboli ad initiandos...*).

Sua doutrina forma um surpreendente sistema das verdades cristãs, bem equilibrado e completo no essencial; eliminou erros e combateu heresias, tendo-se tornado a melhor testemunha da fé da Igreja, tanto no Ocidente quanto no Oriente. Sabia grego – o que era uma grande vantagem, pois, entre outras coisas, permitiu-lhe trocar experiências com seu contemporâneo e amigo Basílio Magno. Diz-se que, se a Igreja do Ocidente dialogasse com a do Oriente como dialogavam esses dois santos Padres, não teria havido o cisma... A língua de Ambrósio é o latim pós-clássico das obras literárias compostas entre os séculos I e V de nossa era, a qual ainda apresenta textos de grande valor, embora já comece a

perder a pureza e a perfeição que apresentava no período clássico. Os textos de Ambrósio, apesar de não primarem pela característica síntese clássica, apesar de praticamente não recorrerem a orações infinitivas, de apresentarem poucos ablativos absolutos e participios verbais – e, pelo contrário, tenderem para certo “barroquismo” (peço vênica para o anacronismo...) prolixo e retórico, são de grande beleza literária, muitas vezes poéticos, inspirados sobretudo nas descrições.

### O mar da Criação

O mar de Ambrósio de Milão é o mar do *Hexaemeron*,<sup>2</sup> isto é, do relato dos seis dias da criação do mundo, narrada no primeiro capítulo do Livro do Gênesis: “Deus disse: ‘Que as águas que estão sob o céu se reúnam numa só massa e que apareça o continente’ e assim se fez. Deus chamou ao continente ‘terra’ e à massa das águas, ‘mares’, e Deus viu que isso era muito bom.”

A interpretação literal do *hexaemeron* é de que Deus criou tudo em seis dias de 24 horas. A exegese bíblica associada à evolução da ciência, contudo, leva a concluir que o Gênesis não quer dar uma explicação científica da formação do mundo – mas teológica, isto é: descreve a criação em seis dias para dar um ensinamento religioso de que Deus criou tudo do nada, e para fundamentar o preceito do descanso sabático. Uma teoria interessante é a hipótese “visionista”: Deus teria dado a Adão a revelação de toda a criação em seis imagens ou visões. Esta teoria combina com o sono visionário (tardema) em que Adão viu a criação de Eva.<sup>3</sup> Combina também com o estilo apocalíptico encontrado em muitos livros da Bíblia.

Ambrósio, inspirando-se na obra homônima de Basílio,<sup>4</sup> escreveu o *Examerão* em 9 homilias, cerca do ano 388.

Em seu *Examerão*, Ambrósio endossa a interpretação literal de que a cada dia de 24 horas corresponde uma ou várias ações criadoras de Deus, que finalmente descansou no sétimo dia, o sábado. Diz ele no *Dies Primus*: “a medida de 24 horas é o tempo de um dia”. Na conclusão do sexto dia escreve: “fez o céu, não leio que descansou, fez a terra, não leio que descansou, fez o sol, a lua e as estrelas, nem aí leio que descansou, mas leio que fez o homem e então descansou...”. Sua leitura desproblematizada da criação conforma-se com a intenção geral dos Padres de desfazer a contradição entre espírito e matéria, Ser absoluto e seres contingentes, característica da filosofia helenística. Sua aproximação da Escritura é sempre humilde e simples: assim está escrito, assim deve ser lido e entendido.

### O Examerão

A metodologia de Ambrósio no *Examerão* consiste quase sempre em partir do sentido literal da Escritura e dele tirar ilações teológicas e morais.

Relata que no princípio Deus criou o céu e a terra; esta estava vazia, as trevas cobriam o abismo e um vento de Deus pairava sobre as águas. Deus criou a luz, viu que a luz era boa, separou a luz das trevas, chamou à luz dia e às trevas, noite; houve então uma tarde e uma manhã, primeiro dia.

Contrariando filosofias de seu tempo, argumenta e prova que o mundo foi *feito*, e não é coeterno a Deus.

O céu e a terra participam da natureza de todas as coisas, quer dizer, são corruptíveis, têm um começo e um fim. No céu e na terra estão misturados os quatro elementos que são a base das coisas do mundo: ar, fogo, água e terra.

A terra não está suspensa na água ou no ar, mas no preceito divino, que é o fundamento de todas as

coisas. Estava invisível, porque ainda não fora criada a *luz*. A luz não tem valor em si mesma, presta um serviço, proporcionando a faculdade de ver.

Deus criou tudo *bom*, não criou o mal, que é um desvio da mente, um afastamento do caminho da virtude.

Quando a Escritura diz que foram feitas a tarde e a manhã, um *dia*, isto significa que dia é o nome principal, abrangendo dia e noite; é uma divisão do tempo, correspondente a 24 horas.

Oxalá os homens caminhem sempre como que de dia, deseja Ambrósio, para que suas obras brilhem diante de Deus.

No segundo dia, Deus disse: “Faça-se um firmamento no meio da água e que ele seja o divisor no meio da água”. Ambrósio contesta a opinião de muitos que julgam impossível haver água acima do firmamento, porque pela lei natural esta água escoaria para baixo. Mas para Ambrósio, a lei natural é a vontade de Deus: Deus disse e aconteceu.

Estabelece a diferença entre *céu* e *firmamento*: o primeiro refere-se às criaturas celestes, o segundo é o céu exterior. Enquanto o primeiro narra a glória de Deus, o segundo anuncia as obras do mundo e chama-se firmamento porque é firme.

Para o terceiro dia, Ambrósio toma dois pontos de partida da Escritura: “Reúna-se a água que está debaixo do céu em um só ajuntamento” e “que a terra produza a erva do feno, que a semente germine segundo sua espécie e a árvore frutífera produza, segundo sua espécie, o fruto que tem em si sua semente”.

Deus ordenou que as águas que estavam em vários reservatórios, uns mais altos, outros mais baixos, fossem reunidas em um só ajuntamento. Ambrósio contesta a opinião daqueles que julgam impossível as águas mais baixas subirem, porque a natureza das águas é descer, afirmando que a natureza de todas as coisas é obedecer ao Criador. A este ajuntamento único Deus chamou *mar*, embora existam muitos mares, cujas denominações advêm das regiões por eles banhadas.

Tendo-se ajuntado as águas no mar, apareceu a terra, que antes estava invisível. Por ordem do Criador, ela germinou ervas e plantas de toda espécie, todas boas: umas servem de alimento, outras de remédio. O homem, comenta Ambrósio, deve procurar refletir em sua vida a beleza e a bondade das criaturas.

No quarto dia, Deus fez os dois grandes luminares: o sol para governar o dia, a lua para governar a noite.

O sol é criatura, não pode ser adorado como deus; é prestador de um serviço: prova disso é que muitas coisas foram criadas antes dele, inclusive a luz. A contemplação do sol deve elevar o homem ao *sol de justiça*, que é Cristo.

O sol e a lua são sinais para os tempos, mas daí não se deve deduzir, como também dos signos do zodíaco, que sejam sinais de predestinação, presidindo ao nascimento dos homens: nesse caso, a fatalidade sobrepunha o esforço para o crescimento das virtudes.

A lua anuncia o mistério de Cristo, porque desaparece para tornar a aparecer, diminui e torna a crescer; é também figura da Igreja, porque ilumina as trevas deste mundo.

No quinto dia, Deus deu à água a graça da vivificação – e ela foi a primeira a produzir criaturas de *alma vivente*: répteis, peixes, e aves.

Cada espécie de peixe tem seus próprios costumes, que devem ser imitados ou evitados pelos homens.

O homem é um peixe, e o mar é um evangelho: como um peixe, o homem deve saltar sobre as ondas do mar, isto é, sobre as seduções do mundo.

No mar também nasceram as aves. Aves e peixes são parentes, porque o voo das aves corta os ares,



assim como o nado dos peixes corta as águas. As aves também nos ensinam costumes que devemos imitar: piedade filial, castidade, arrependimento, temor de Deus.

O sexto dia trata da criação dos animais terrestres e, finalmente, do homem.

Descreve muitos animais, enxergando em todos a presença da sabedoria de Deus, que penetra toda criatura. Fala do asno, da raposa, perdiz, leão, leopardo, formiga, dos cães, da serpente, da tartaruga, dos bois, ovelhas, ouriço... A partir de seus hábitos, tira lições teológicas e morais para o homem. O cão, por exemplo, é o símbolo da fidelidade: certo homem foi roubado e assassinado; seu cão não saiu de seu lado e, quando se juntou gente ao descobrir-se o cadáver, agarrou-se ao assassino que tentava confundir-se com a multidão, delatando-o com seu comportamento e permitindo sua prisão.

Ambrósio chega finalmente ao “Façamos o homem a nossa imagem e semelhança”. A semelhança do homem com Deus reside sobretudo na *alma* humana, que é espiritual, imortal e, pelo pensamento, pode vaguear por lugares distantes, sem sair de onde está – o que é uma figura da onipresença de Deus.

O corpo humano também reflete a perfeição divina, da cabeça aos pés, e deve ser respeitado.

A obra do mundo foi concluída na perfeição do homem; nele Deus descansou, porque, sendo misericórdia, tinha alguém para perdoar os pecados; estava assim prefigurado o mistério pascal de Jesus Cristo, que descansou na cruz, redimindo a humanidade.

<sup>1</sup> Texto extraído do livro da Profa. Dra. Marleine Paula Marcondes e Ferreira de Toledo (FFLCH-USP). *O mar de Ambrósio de Milão: nascedouro de almas viventes*. São Paulo: Paulus, 2007.

<sup>2</sup> RUDLOFF, D. Leo v. / KECKEISEN, D. Beda, OSB. *Pequena Teologia Dogmática*. Bahia: Tipografia Beneditina, 1951, p. 201.

<sup>3</sup> Cf. RUDLOFF, *op. cit.*, p.202-203.

<sup>4</sup> Basílio Magno nasceu em Constantinopla, cerca de 330, e morreu em 379. Entre muitas outras obras doutrinárias e morais cristãs, escreveu nove longas homilias denominadas *Sobre o Hexaemeron*, que visam a explicar e comentar o sentido literal do relato bíblico. Ambrósio aproveitou esse comentário da criação e retocou-o em sua obra homônima. Cf. ALTANER, *op. cit.*, p. 295-296.

## PRIMEIRO DIA

1.<sup>1</sup> (1) Tantas têm sido as controvérsias entre os homens, que alguns deles, como Platão e seus discípulos, estabeleceram três princípios para todas as coisas: Deus, o modelo e a matéria. Afirmaram que estes princípios são incorruptíveis, incriados e sem início; que Deus não é propriamente o criador da matéria, mas o artífice em vista de um modelo. Quer dizer: atentando para a ideia,<sup>2</sup> Deus fez o mundo da matéria que eles chamam <sup>≡</sup> lh,<sup>3</sup> a qual deu a todas as coisas as condições de gerar. Eles julgavam também que o mundo em si mesmo é incorruptível, nem criado nem feito. Outros ainda, como pensava Aristóteles ao debater com seus discípulos, estabeleceram dois princípios: matéria e forma, e com estes um terceiro, chamado princípio eficiente, ao qual competia produzir convenientemente o que julgasse necessário. (2) Ora, o que pode ser tão inadequado como ligar a eternidade da obra com a eternidade do Deus onipotente, ou então dizer que a obra em si mesma é deus, e envolver céu, terra e mar com honras divinas? Daí resultou acreditar que partes do mundo fossem deuses, embora o mundo em si mesmo não seja entre eles uma questão de pouca monta. (3) Com efeito, Pitágoras propõe um único mundo. Outros dizem que existem mundos inumeráveis, como escreve Demócrito,<sup>4</sup> cujo antigo prestígio influenciou a maior parte dos filósofos naturalistas. Aristóteles chega a dizer que o mundo em si mesmo sempre existiu e existirá. Em contrapartida, Platão ousa afirmar que o mundo não existiu sempre, mas sempre existirá, embora muitos provem, com os escritos dele, que o mundo não existiu sempre, nem sempre existirá.<sup>5</sup> (4) Em meio às dissensões destes filósofos, como se pode reconhecer a verdade? Pois uns dizem que o mundo é Deus, porque a seu ver a mente divina parece ser-lhe imanente; outros, que partes do mundo são deuses, outros, tanto uma coisa como outra. E a propósito: não se pode compreender a forma dos deuses, nem seu número, nem lugar, vida ou cuidados. Pois em verdade, entendido como mundo, deve-se conceber um deus redondo,<sup>6</sup> incandescente, a girar, impulsionado como que por movimentos sem sentido, impelido por movimento alheio, não próprio.

2,5. Por tudo isso, prevendo pelo Espírito divino que surgiriam estes erros dos homens, e talvez já tivessem começado a surgir, o santo Moisés assim diz no início de suas palavras:<sup>7</sup> *No princípio Deus fez o céu e a terra.*<sup>8</sup> Uniu o início das coisas, o autor do mundo e a criação da matéria, para compreenderes o seguinte: primeiro, que Deus existia antes do início do mundo, ou melhor, que Ele é o início de todas as coisas (assim, como no Evangelho, àqueles que diziam: *Tu, quem és?*<sup>9</sup> – o Filho de Deus respondeu: *o princípio, e que vos falo*<sup>10</sup>); segundo, que Deus deu o início à geração das coisas; terceiro, que Deus é o Criador do mundo – e não um imitador da matéria, comandado por uma certa ideia, e que da matéria tivesse formado suas obras não por seu próprio arbítrio, mas pela contemplação de um modelo. E Moisés diz muito bem: *No princípio fez.* Expressou desta forma a incompreensível rapidez da obra, apresentando o resultado da ação realizada, de preferência à indicação do seu começo. (6) Vejamos quem é a pessoa que diz isso. Moisés era em verdade um erudito, versado em todo o conhecimento dos egípcios. Tirado do rio, a filha de Faraó o amou como a um filho; sustentado com recursos reais, ela quis que ele fosse formado e instruído em todas as

disciplinas da sabedoria do seu tempo.<sup>11</sup> Este Moisés, embora tivesse recebido seu nome da água,<sup>12</sup> não pensou que devia dizer que todas as coisas são constituídas de água, como diz Tales; embora tivesse sido educado no palácio real, preferiu sofrer um exílio voluntário, por amor da justiça, a permanecer no auge do poder e acrescentar aos prazeres a prática do pecado. Finalmente, antes de ser chamado à missão de libertar o povo, impelido de inato zelo pela justiça, vingou a injúria sofrida por um de seus compatriotas; atraiu sobre si a inveja e apartou-se dos prazeres. Quando arrefeceu completamente o tumulto na casa real, dirigiu-se a um lugar distante na Etiópia;<sup>13</sup> lá, afastado das demais ocupações, orientou todo o seu espírito para o conhecimento divino e assim viu a glória de Deus face a face. A Escritura atesta que *não surgiu em Israel nenhum profeta maior do que Moisés, que conheceu o Senhor face a face*.<sup>14</sup> Não falou com o sumo Deus nem em visão, nem em sonho – mas boca a boca; não foi agraciado em figura nem por alegorias –, mas com a honra clara e evidente da presença divina.<sup>15</sup> (7) Assim este Moisés abriu sua boca e extravasou aquilo que o Senhor falava nele, conforme o que lhe dissera, quando o enviou a Faraó, rei do Egito: *Vai, que eu abrirei tua boca e te ensinarei o que deves falar*.<sup>16</sup> Ora, se o que ele devia dizer a respeito do povo que ia libertar, ele o recebera de Deus, quanto mais o que devia dizer a respeito do céu. Portanto, não foi em argumentação de sabedoria humana, nem em disputas artificiosas de filosofia, mas sim numa demonstração de espírito e virtude,<sup>17</sup> como testemunha da obra divina, que ele ousou dizer: *No principio Deus fez o céu e a terra*.<sup>18</sup> Não, ele não ficou assistindo a um processo lento e desnecessário, até que o mundo se formasse por uma aglomeração de átomos.<sup>19</sup> Também não julgou que Deus devia ser entendido como um simples aprendiz da matéria, a qual contemplasse para poder plasmar o mundo, mas devia ser entendido como Criador. Com efeito, homem cheio de sabedoria, ele adverte que só a mente divina contém a substância e as causas das coisas visíveis e invisíveis – e não, como discutem os filósofos, que uma aglomeração mais densa de átomos é responsável pela constância dos ajuntamentos. Moisés julgou que aqueles que estabelecem princípios tão diminutos e insubstanciais para o céu e para a terra, tecem uma teia de aranha. Pois estes princípios, assim como fortuitamente se agregam, assim também fortuita e casualmente se desagregam – a não ser que subsistissem pela Divina Virtude de seu Timoneiro. Mas não é à toa que eles desconhecem o Timoneiro, pois que não conheceram a Deus, por quem todas as coisas são regidas e guiadas.<sup>20</sup> Portanto, sigamos aquele que conheceu o Criador e o Timoneiro – e não nos deixemos levar por vãs conjecturas.

**3,8.** *No princípio*, diz ele. Que ordem excelente! Em primeiro lugar, afirma aquilo que costumam negar, para que os homens compreendam que se trata do princípio do mundo, e não pensem que o mundo seja sem princípio. Daí dizer também Davi, referindo-se ao céu, à terra e ao mar: *Tudo fizeste com sabedoria*.<sup>21</sup> Pois Deus deu princípio ao mundo, mas deu também debilidade àquilo que criou, para que não acreditássemos que o mundo seja <sup>em</sup> narcon,<sup>22</sup> incriado e participante da substância divina. E Moisés acrescentou com propriedade: *fez*, para que ninguém pense que houve demora em fazer. Ou melhor, para que assim os homens percebam quão incomparável é o artífice, que completou obra tão grande num breve e exíguo momento de seu agir, de modo que o efeito de sua vontade precedesse à percepção do tempo. Ninguém o viu fazendo, viu o que foi feito. Onde, pois, está a demora, se tu podes ler: *porque Ele disse e tudo foi feito, Ele mandou e tudo foi criado?*<sup>23</sup> Pois não recorre a arte nem a virtude quem, num instante de sua vontade, completou a maravilha de tão grande obra: dar existência às coisas que não existiam, com tanta rapidez, que nem a vontade precedeu à obra,

nem a obra à vontade. (9) Tu admiras a obra e perguntas pelo artífice: quem teria dado princípio a obra tão grande, quem teria feito tudo tão depressa? Moisés o apresentou logo, dizendo que *Deus fez o céu e a terra*. Ouviste quem é o autor, não deves duvidar. É este, em cujo nome Melquisedec abençoou Abraão, *pai de muitas nações*,<sup>24</sup> dizendo: *Bendito seja Abraão pelo Deus altíssimo, que fez o céu e a terra*.<sup>25</sup> Abraão acreditou e disse: *Estendo minha mão ao Deus altíssimo, que fez o céu e a terra*.<sup>26</sup> Podes ver que não foi o homem que descobriu isto, mas foi Deus que o anunciou. Ora, é o Deus deste Melquisedec, rei da paz e da justiça, que não tem princípio nem fim de dias.<sup>27</sup> Portanto, não é de admirar que Deus, que é sem início, tenha dado início a todas as coisas, de modo que as que não existiam comesçassem a existir. Não é de admirar que Deus, que em sua virtude contém todas as coisas e tudo abarca em sua incompreensível majestade, tenha feito as coisas que se veem, visto que fizera também as que não se veem. Ora, quem poderia negar que as coisas invisíveis sejam mais poderosas do que as que se veem, quando aquelas que se veem são temporárias e as que não se veem são eternas? Quem poderia duvidar de que Deus as tenha feito, se Deus assim falou pelo profeta: *Quem mediou água com a mão e o céu com o palmo, e a terra inteira com a mão fechada? Quem colocou os montes na balança, e os rochedos nos pratos, e os bosques nos braços da balança? Quem conheceu o sentimento do Senhor, ou quem foi seu conselheiro, ou quem o instruiu?*<sup>28</sup> A respeito d'Ele, lemos também, em outro lugar, que *mantém o globo da terra e fez a terra como um nada*.<sup>29</sup> E Jeremias diz: *Os deuses que não fizeram o céu e a terra desaparecerão da terra e de debaixo desse céu. Foi o Senhor que, em sua virtude, fez a terra; em sua sabedoria endireitou o orbe; em sua prudência estendeu o céu e a multidão das águas no céu*.<sup>30</sup> E acrescentou: *O homem torna-se tolo por sua própria sabedoria*.<sup>31</sup> Com efeito, se alguém segue as coisas corruptíveis do mundo e pensa que a partir delas pode compreender a verdade da natureza divina, como não se tornará um tolo pelas sutilezas de uma argumentação ardilosa?

10. Portanto, já que ouves tantos oráculos que testificam que Deus fez o mundo, não acredites que o mundo seja sem princípio, por se dizer que o mundo é como uma esfera, e assim parece não ter nenhum princípio. E quando troveja, é como se todas as coisas se movessem em círculo, de modo que não podes compreender com facilidade onde começa e onde termina o movimento, visto que se tem como impossível perceber pelos sentidos o princípio do círculo. Com efeito, não podes descobrir o início da esfera, nem onde começa nem onde termina o globo da lua, pela sua ocultação mensal. Entretanto, se tu mesmo não podes compreender, não significa que não comece ou que absolutamente não termine. Se tu mesmo fazes um círculo com tinta preta ou estilete, ou se o traças com um compasso, não perceberás facilmente com os olhos nem evocarás com a mente o ponto onde o começaste, e, após um traçado intermédio, o terminaste. E contudo tu és testemunha para ti mesmo de que começaste e terminaste. Pois embora esta percepção escape aos sentidos, não destrói a verdade. Ora, as coisas que têm um início, igualmente têm um fim, e àquelas às quais se dá um fim, consta que se deu um início. Assim, é o próprio Salvador que ensina que haverá o fim do mundo, dizendo em seu Evangelho: *Pois a figura deste mundo passa*,<sup>32</sup> *e o céu e a terra passarão*.<sup>33</sup> E abaixo: *Eis que estou convosco até a consumação do mundo*.<sup>34</sup> (11). Como, pois, podem afirmar que o mundo é coeterno de Deus? Como podem associar a criatura ao Criador de todas as coisas e argumentar que são iguais? Como podem pensar que se deve unir o mundo corpóreo e material ao mundo invisível e à inacessível natureza divina? Ainda mais que, de acordo com seu modo de pensar, não podem negar que, se as partes de alguma coisa estão sujeitas à corrupção e à mutabilidade, é forçoso que a totalidade desta

coisa esteja sujeita às mesmas perturbações às quais suas partes estão expostas.<sup>35</sup>

4,12. Portanto, aquele que diz *No princípio Deus fez o céu e a terra*<sup>36</sup> está ensinando que existe um princípio. O princípio refere-se ao tempo, à ordem ou ao alicerce, assim como, ao construir-se uma casa, o início é o alicerce. Pela autoridade das Escrituras, sabemos que se pode falar também de um princípio de conversão e de um princípio de depravação.<sup>37</sup> Assim também, o princípio da arte é a própria arte, a partir da qual se inicia o trabalho dos diferentes artífices. Do mesmo modo, o princípio das boas obras é a ótima finalidade – de modo que o princípio da misericórdia é que tudo o que façamos seja agradável a Deus; assim sendo, somos impelidos ao máximo a prestar ajuda aos homens. É certamente uma virtude divina a que se exprime na palavra “princípio”. O princípio refere-se ao tempo, se queres dizer em que tempo Deus fez o céu e a terra, isto é, no começo do mundo, quando o mundo começou a ser feito, como diz a Sabedoria: *Quando preparava os céus, eu estava junto com Ele*.<sup>38</sup> Por outro lado, se nos referimos à ordem, convém que entendas assim: primeiramente fez o céu e a terra, em seguida as colinas, as regiões e os territórios habitáveis. Ou melhor, antes das outras criaturas visíveis – o dia, a noite, as árvores frutíferas, as diversas espécies de seres vivos – Deus fez o céu e a terra. Entretanto, se te referes ao alicerce, leste que o princípio é o alicerce da terra, quando a Sabedoria diz: *Quando Ele firmava os alicerces da terra, eu estava em suas mãos, pondo ordem*.<sup>39</sup> É ainda o princípio da boa disciplina, como diz o provérbio: *O início da sabedoria é o temor do Senhor*,<sup>40</sup> porque quem teme o Senhor abandona o erro e dirige seus caminhos para a senda da virtude. Portanto, sem temer a Deus, ninguém pode renunciar ao pecado. (13) É o que igualmente podemos entender daquele trecho: *Este mês será para vós o início dos meses*<sup>41</sup> – embora se refira também ao tempo, porque se falava a respeito da Páscoa do Senhor, que é celebrada no início da primavera. Portanto, foi neste princípio dos meses que Deus fez o céu e a terra, porque convinha que o começo do mundo fosse concebido a partir daí, pois o clima primaveril era então favorável a todas as coisas. Daí se concluir também que o ano expressa a imagem do mundo nascente: após os gelos e as trevas do inverno, brilha o esplendor da primavera, mais sereno do que nunca. Assim os primórdios do mundo deram forma ao futuro curso dos anos, para que por esta lei surgisse a sucessão dos anos e no início de cada ano a terra produzisse novas sementes, conforme o que dissera primeiramente o Senhor Deus: *Que a terra germine a erva do feno, produzindo semente segundo o gênero e segundo a semelhança, e a árvore frutífera dando seu fruto*.<sup>42</sup> E imediatamente a terra produziu a erva do feno e a árvore frutífera; neste fato, tanto a Divina Providência do governo eterno, quanto a rapidez da terra em germinar nos ajudam a reconhecer a estação da primavera. Pois, qualquer que fosse o tempo, estava pronto para que Deus ordenasse e a natureza terrena obedecesse, de modo que entre os gelos e as neves do inverno, pelo calor da ordem celeste, a terra pudesse germinar e produzir as plantas. Entretanto, não era do eterno desígnio ralear os campos cerrados com gelo caindo de súbito nos frutos verdes, e estragar os campos floridos com geadas terríveis.<sup>43</sup> Portanto, para que a Escritura deixasse claro o tempo da primavera na constituição do mundo, Ele diz: *Este mês é para vós o primeiro entre os meses do ano*,<sup>44</sup> chamando de primeiro mês o tempo da primavera. Convinha, pois, que o princípio do ano fosse o princípio da geração e que a mesma geração fosse aquecida por brisas mais amenas. Com efeito, os tenros princípios das coisas não podem tolerar o rigor do frio mais penoso, nem suportar a intensidade do verão abrasador. (14) Ao mesmo tempo, convém notar o seguinte, pois a coincidência é proposital: é nesse tempo que se vê a entrada das tribos de Israel nesta geração e nestes



usos, porque neste tempo é legítima a passagem da geração à regeneração;<sup>45</sup> e assim, foi no tempo da primavera que os filhos de Israel deixaram o Egito, passaram pelo mar e foram batizados na nuvem e no mar,<sup>46</sup> como disse o Apóstolo. E é nesse tempo que anualmente se celebra a Páscoa do Senhor Jesus Cristo, isto é, a passagem das almas dos vícios à virtude, das paixões da carne à graça e à temperança do espírito, do fermento da malícia e da perversidade à verdade e sinceridade.<sup>47</sup> É aos regenerados que se diz assim: *Este mês é para vós o início dos meses, é para vós o primeiro entre os meses do ano.*<sup>48</sup> Com efeito, quem se lava, deixa e abandona completamente o Faraó espiritual, o príncipe deste mundo,<sup>49</sup> dizendo: *Renuncio a ti, diabo, às tuas obras e às tuas ordens.*<sup>50</sup> Quem submergiu toda maldade e, em seguida, armado à direita e à esquerda com o chumbo das boas obras, esforça-se por atravessar ileso os mares deste século – não mais servirá ao diabo, nem às paixões terrenas deste corpo, nem aos erros da mente corrompida. Também no Livro dos Números diz a Escritura: *Amalec, o início das nações, e sua raça perecerão.*<sup>51</sup> E Amalec não é certamente a primeira de todas as nações. Porém, como pela interpretação Amalec é considerado o rei dos iníquos, e os iníquos, por sua vez, são os gentios – fica atento: não devemos acolher o príncipe deste mundo,<sup>52</sup> que impera sobre as nações que fazem sua vontade, e cuja raça perecerá.<sup>53</sup> Sua raça são os ímpios e os infiéis, a quem diz o Senhor: *Vós sois do diabo, vosso pai.*<sup>54</sup>

15. Há também um início místico, como diz aquela passagem: *Eu sou o primeiro e o último, o início e o fim*<sup>55</sup> – e sobretudo aquele Evangelho em que, tendo sido interrogado sobre quem era, o Senhor respondeu: *o princípio, e que vos falo.*<sup>56</sup> Pois, verdadeiramente, também segundo a divindade, Ele é o início e o fim de todas as coisas, porque ninguém é antes dele e ninguém é depois dele. Segundo o Evangelho, ele é o início dos caminhos do Senhor em sua obra, a fim de que por ele o gênero humano aprenda a seguir os caminhos do Senhor e a fazer as obras de Deus. Assim, pois, neste “princípio”, isto é, em Cristo, Deus fez o céu e a terra, porque *por ele tudo foi feito e sem Ele nada, do que foi feito, foi feito:*<sup>57</sup> “nele”, porque *nele tudo subsiste*<sup>58</sup> e ele é *o primogênito de toda criatura*,<sup>59</sup> seja porque ele existe antes de toda criatura, seja porque é santo, pois os primogênitos são santos; assim também *Israel é primogênito*,<sup>60</sup> não porque nasceu antes de todos, mas porque é mais santo que os demais. O Senhor, porém, é santo sobre toda criatura e santo conforme o corpo que tomou sobre si, porque só ele é sem pecado, só ele sem vaidade, ao passo que toda criatura foi submetida à vaidade.<sup>61</sup> (16) Podemos também entender: *no princípio Deus fez o céu e a terra*,<sup>62</sup> isto é, antes do tempo, assim como o início do caminho ainda não é caminho e o início da casa ainda não é a casa. Finalmente, outros disseram  $\text{κεφαλῆς}$  n kefala  $\text{κεφαλῆς}$ , ou seja, “na cabeça”;<sup>63</sup> com isso se expressa que a totalidade da obra completou-se num momento breve e exíguo. Portanto, existem também alguns que entendem o princípio não como um tempo, mas como o que antecede o tempo, e  $\text{κεφαλῆς}$  laion, ou *caput* (cabeça), como dizemos em latim, como a totalidade da obra. Pois a totalidade das coisas visíveis são o céu e a terra, que parecem dizer respeito não só ao ornamento deste mundo, mas também a um sinal das coisas invisíveis; são uma espécie de argumento daquelas que não se veem,<sup>64</sup> como naquela palavra profética: *Os céus narram a glória de Deus e o firmamento anuncia as obras de sua mão.*<sup>65</sup> Em seguimento a isto, o Apóstolo concluiu com outras palavras, mas com o mesmo sentido, dizendo: *porque as suas criaturas invisíveis são reconhecidas através daquelas que foram criadas.*<sup>66</sup> Com efeito, reconhecemos

facilmente como criador dos anjos, das dominações e potestades aquele que, num instante de seu mando, fez nascer do nada esta beleza tão grande do mundo, a qual não existia, e deu existência às coisas ou causas que não se veem.<sup>67</sup>

5,17. Assim, pois, este mundo é um exemplo do agir divino, porque, quando se vê a obra, manifesta-se o artífice. De fato, entre tuas habilidades, umas são ativas (as que estão no movimento do corpo ou no som da voz; cessado o movimento ou o som, nada resta nem fica para se ver ou ouvir); outras são especulativas (as que exercitam a força da mente); outras são de tal espécie que, mesmo parando o funcionamento da obra, aparece o produto, como por exemplo o edifício e o tecido: estes, ainda que o artífice se cale, manifestam a sua perícia, de modo que o testemunho da obra aprova o artífice. Assim também, de modo semelhante, este mundo é um sinal da divina majestade, de forma que através dele se manifesta a sabedoria de Deus. Vendo este mundo e simultaneamente elevando os olhos do espírito até as coisas invisíveis, o profeta diz: *Quão magníficas são tuas obras, Senhor! Tudo fizeste com sabedoria.*<sup>68</sup>

18. E não é por acaso que lemos que o mundo foi realmente “feito”, porque a maior parte dos pagãos, que querem que o mundo seja coeterno de Deus, como que um esboço da virtude divina, asseveram que o mundo subsiste por si mesmo. E embora admitam que Deus seja sua causa, entendem, como causa, ter sido feito o mundo não pela vontade e determinação divina, mas da mesma forma que a causa da sombra é o corpo. Com efeito, a sombra adere ao corpo e o brilho à luz natural, atestando mais uma associação do que uma vontade. Portanto, Moisés diz bem que *Deus fez o céu e a terra;*<sup>69</sup> não disse que os colocou abaixo de si; não disse que forneceu a causa para o mundo existir – mas que, sendo bom, fez o que seria útil; sendo sábio, fez o que julgava ótimo; sendo onipotente, fez o que previa ser de mais ampla dimensão. Ora, como poderia haver sombra onde não havia corpo, já que não pode haver esboço corpóreo de um Deus incorpóreo? Da mesma forma, como o esplendor da luz incorpórea pode ser corpóreo? (19) Mas, se procuras o esplendor de Deus, o Filho é a imagem do Deus invisível.<sup>70</sup> Assim, tal como Deus, tal é sua imagem. Deus invisível, imagem invisível; o Filho é, pois, o esplendor da glória do Pai e a imagem de sua substância.<sup>71</sup> *No princípio*, diz Moisés, *Deus fez o céu e a terra.*<sup>72</sup> Portanto, o mundo foi feito e o que não era começou a ser; o verbo de Deus, porém, já era no princípio<sup>73</sup> e era sempre. Também os anjos, dominações e potestades, embora tenham começado algum dia, já existiam quando este mundo foi feito. Pois que *todas as coisas foram criadas e feitas, as visíveis e as invisíveis, tronos, dominações, principados e potestades; tudo*, diz o Apóstolo, *foi criado por ele e para ele.*<sup>74</sup> O que significa *criado para ele*? Que ele é o herdeiro do Pai, e por isso a herança deveria passar do Pai para ele, como diz o Pai: *Pede-me e te darei os povos como herança.*<sup>75</sup> Esta herança, porém, passou do Pai para o Filho e reverte do Filho para o Pai. Por conseguinte, o Apóstolo fala muito bem disso: na passagem citada, disse que o Filho é o autor de tudo e contém tudo em sua majestade; aos Romanos diz, a respeito do Pai: *porque tudo é dele, por ele e para ele.*<sup>76</sup> *Dele*, isto é, de sua vontade e poder, é o princípio e a origem da substância de todas as coisas, pois todas as coisas começaram de sua vontade, porque Deus Pai é um só, do qual tudo procede.<sup>77</sup> Então, como ele “fez” a partir do que era seu e “fez” a partir de onde quis, – “por ele” é a continuação, “para ele” o fim. Por conseguinte, *dele* a matéria; *por ele* o agir que ligou e encadeou todas as coisas; *para ele*, porque, enquanto ele quiser, todas as coisas permanecem e têm consistência pela virtude dele, todas as coisas em seu fim voltam à vontade de Deus, e desagregam-se pelo arbítrio dele.<sup>78</sup>

6,20. Assim, no princípio do tempo Deus fez o céu e a terra. O tempo existe, pois, a partir deste mundo, não antes do mundo; o dia, por sua vez, é uma parte do tempo, não o princípio. Pela sequência da leitura, poderíamos acrescentar que no primeiro dia o Senhor fez o dia e a noite, que são os turnos dos tempos, e no segundo dia fez o firmamento, pelo qual separou a água que está embaixo do céu da água que está acima do céu; contudo, para esta asserção, basta dizer apenas que no princípio fez o céu, de onde vêm a prerrogativa e a causa da geração, e fez a terra, na qual está a substância da geração. Com efeito, neles foram criados aqueles quatro elementos, a partir dos quais são geradas todas as coisas que são do mundo. Os quatro elementos são o ar, o fogo, a água e a terra, que estão misturados uns aos outros em todas as coisas. Pois podes encontrar o fogo tanto na terra, frequentemente tirado das pedras e do ferro – como no céu, quando o firmamento está brilhando e luzindo de estrelas refulgentes. Pode-se perceber a existência da água, a que está acima do céu, ou a que frequentemente cai daquele local superior sobre a terra, pela chuva forte. A estes exemplos nós poderíamos somar muitíssimos outros, se víssemos que têm alguma utilidade para a edificação da Igreja. Mas, como ocupar-se com estas coisas é um trabalho estéril, orientemos nosso espírito de preferência para aquelas em que haja proveito para a vida eterna.<sup>79</sup>

21. Portanto, acerca da qualidade e da substância do céu, basta expor o que encontramos nos escritos de Isaías, que expressou a qualidade da natureza celeste em palavras simples e usuais, dizendo que Deus *firmou o céu como a fumaça*,<sup>80</sup> querendo esclarecer que a natureza do céu é tênue e não sólida. Quanto ao seu aspecto, é suficiente também aquilo que o profeta disse a respeito do firmamento do céu: que Deus fez o céu como uma abóbada,<sup>81</sup> porque todas as coisas se encerram dentro do reino do céu, as que são geradas no mar e nas terras. O significado é semelhante quando se lê que Deus *estendeu o céu*.<sup>82</sup> Pois é estendido à semelhança de uma pele sobre os tabernáculos, sobre as moradas dos santos, ou como um livro, para que se escrevam os nomes de muitos que mereceram a graça de Cristo pela fé e pela devoção, aos quais se diz: *alegrai-vos porque os vossos nomes estão escritos no céu*.<sup>83</sup> (22) Quanto à terra, discutir sua qualidade ou posição nada aproveita em vista do futuro. Seja suficiente conhecer o que diz a sequência das Divinas Escrituras: Deus *suspende a terra no nada*.<sup>84</sup> Não nos importa discutir se ela está suspensa no ar ou em cima da água, para que daí nasça uma controvérsia: de que modo a natureza do ar, tênue e muito mole, pode sustentar o peso da terra? Ou então, se está sobre as águas, como é que a massa das terras não cai e não afunda nelas? Ou ainda, como é que a onda do mar não se detém diante dela, sai de seu lugar e se espalha em seus flancos? Muitos disseram também que a terra está no meio do ar e permanece imóvel em sua massa, porque em movimento constante de um e outro lado, o ar a empurra de toda parte.<sup>85</sup> A este respeito, julgamos suficiente o que disse o Senhor a seu servo Jó, quando lhe falou por uma nuvem: *Onde estavas, quando Eu fundava a terra? Mostra-me, se tens conhecimento. Quem estabeleceu suas dimensões, se é que sabes? Ou quem foi que estendeu a régua sobre ela? Ou sobre quê foram fabricados seus círculos?*<sup>86</sup> E abaixo: *Eu fechei o mar com portas e disse: até aqui chegarás e não passarás além; mas em ti se quebrarão tuas vagas*.<sup>87</sup> Acaso Deus não está mostrando com clareza que a consistência de todas as coisas está na majestade dele, e não em número, peso ou medida? E nem é a criatura que institui a lei, mas recebe-a, ou segue a que recebeu. Por conseguinte, não é que a terra esteja no meio, como que suspensa num prato equilibrado de balança – mas é a majestade de Deus que a encerra na lei de sua vontade, para que ela permaneça estável sobre o instável e o vazio. Assim também atesta o



profeta Davi, dizendo: *fundou a terra sobre a firmeza dele: não se inclinará pelos séculos dos séculos.*<sup>88</sup> Sobretudo nesta passagem, Deus não é proclamado apenas como o artífice, mas como o onipotente, que não suspendeu a terra numa espécie de centro, mas sim no firmamento do seu preceito, e não permite que ela se incline. Portanto, não devemos aceitar a medida do centro, mas sim a do juízo divino, porque não é a medida da habilidade, mas é a medida do poder, a medida da justiça, a medida do conhecimento; porque nada passa diante da sabedoria de Deus como imensurável, mas tudo está submetido à medida do conhecimento dele. E quando lemos: *Eu firmei suas colunas,*<sup>89</sup> não podemos pensar que a terra esteja realmente apoiada sobre colunas, mas sim sobre aquela virtude que sustenta e mantém a sua substância. Finalmente, procura entender também que a constituição da terra está no poder de Deus, porque aqui está escrito: *é ele que olha para a terra e a faz tremer.*<sup>90</sup> E em outra passagem: *ainda uma vez Eu abalo a terra.*<sup>91</sup> Portanto, ela não permanece imóvel em seu equilíbrio, mas frequentemente é abalada pelo comando e pelo arbítrio de Deus, como diz Jó: *o Senhor abala-a desde os alicerces, e sacode suas colunas;*<sup>92</sup> e em outra passagem: *os infernos estão nus a seus olhos e não existe um véu para a morte. É ele que estende o Bóreas sobre o nada, suspende a terra no nada, prende a água nas nuvens. A uma reprimenda dele, as colunas do céu voaram e temeram. Com sua virtude, ele acalmou o mar, com sua disciplina submeteu o monstro marinho, e as portas do céu o temem.*<sup>93</sup> Portanto, é pela vontade de Deus que a terra permanece imóvel e firme pelos séculos,<sup>94</sup> conforme diz o Eclesiastes, e é na vontade de Deus que ela se move e oscila. Por conseguinte, não é em seus próprios alicerces que ela fica apoiada, nem em seus próprios suportes que ela permanece estável, mas é o Senhor que a coloca e encerra no firmamento de sua vontade, porque *em sua mão estão todos os confins da terra.*<sup>95</sup> E esta simplicidade da fé ultrapassa todos os argumentos. Que outros se admirem de que a terra não caia em parte alguma, porque segundo a natureza ela tem seu lugar no meio do céu e, portanto, é forçoso que permaneça em sua posição e não se incline para outro lado; que outros celebrem a excelência do divino artífice e do eterno construtor, quando a terra não se move contra a natureza, mas conforme a natureza. Com efeito, qual dos artífices não aprende com ele? Ou *quem deu às mulheres a habilidade de tecer e a percepção das diferenças?*<sup>96</sup> Eu, porém, que não posso compreender a profundidade da majestade de Deus e a excelência de sua arte, não me associo aos que argumentam com pesos e medidas, mas penso que tudo repousa na vontade dele, porque a vontade dele é o fundamento de todas as coisas e é por causa dele que o mundo ainda permanece aqui. E isto também se pode provar com o exemplo da autoridade dos apóstolos, pois está escrito: *a criação foi submetida à vaidade, não por sua vontade, mas por causa daquele que a submeteu na esperança.*<sup>97</sup> A própria criação, por sua vez, será libertada da escravidão da corrupção, quando brilhar a graça da recompensa divina.

23. Quanto à natureza e qualidade da substância do céu, por que eu haveria de enumerar tudo quanto urdiram os filósofos em suas disputas? Uns afirmam que o céu é composto dos quatro elementos. Outros induzem para a sua constituição uma espécie de quinta natureza de corpo novo,<sup>98</sup> ajuntando que se trata de um corpo etéreo, ao qual não estão misturados nem fogo, nem ar, nem água, nem terra. Pois os elementos deste mundo têm como que seu curso, uso e movimento naturais, de modo que os mais pesados afundam e são levados para baixo, os vazios e mais leves se elevam às partes superiores (cada um tem seu próprio movimento) – no circuito da esfera, porém, esses elementos se misturam e perdem a força de seu curso, porque a esfera gira em seu círculo e os elementos de cima vêm para

baixo e os de baixo vão para cima. Ora, se os movimentos destes elementos mudam segundo a natureza, dizem que forçosamente deverão mudar as qualidades de suas substâncias. Então, por que sustentamos que o céu é um corpo etéreo, para que assim pareça infenso à corrupção? Pois aquilo que é composto de elementos corruptíveis, é forçoso que se desagregue. Assim, pelo próprio fato de os elementos já referidos serem de natureza diferente, não podem ter um movimento simples e inviolável, já que o movimento de um elemento agride o movimento oposto. De fato, um único movimento não pode ser adequado a todos os elementos e convir a elementos diferentes: o movimento apropriado aos elementos leves torna-se impróprio aos mais pesados. Deste modo, sendo necessário um movimento para as partes superiores do céu, tal movimento torna-se penoso para os elementos terrenos; sendo exigida uma descida às partes inferiores, atrai-se violentamente o vigor do fogo,<sup>99</sup> pois ele é forçado para baixo, contra o uso de sua própria natureza. Ora, tudo que é forçado na direção contrária, servindo não à natureza mas à necessidade, em breve se desagrega, dividindo-se naqueles elementos de que é composto, que voltam cada um para seu próprio lugar. Por isso, outros, considerando que tais elementos não podem ser estáveis, julgaram ser etéreo o corpo do céu e das estrelas, introduzindo uma espécie de quinta natureza de corpo, pelo qual julgavam que permaneceria estável a natureza do céu. (24) Entretanto, esta opinião não pode contrariar a palavra profética que a divina majestade do Senhor Jesus Cristo nosso Deus confirmou também no Evangelho. Com efeito, disse Davi: *no princípio tu fundaste a terra, ó Senhor, e os céus são obra de tuas mãos. Eles perecerão; tu, porém, permaneces: todas as coisas envelhecem como uma veste; assim como tu trocas teu manto, elas também mudarão; tu, porém, és o mesmo e teus anos não cessarão.*<sup>100</sup> Tanto o Senhor aprovou estas palavras, que disse no Evangelho: *o céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não passarão.*<sup>101</sup> Portanto, nada fazem os que julgaram necessário introduzir um quinto corpo etéreo para afirmar a perpetuidade do céu, porque veem que, juntando-se igualmente a um corpo um único membro, diferente dos outros, a tendência desta porção é levar o corpo à queda.<sup>102</sup> Ao mesmo tempo, observa o seguinte: o profeta Davi, quando nomeou a terra em primeiro lugar e depois o céu, acreditou que devia manifestar a obra do Senhor. Se, pois, *ele disse e foram feitos*,<sup>103</sup> não interessa absolutamente o que expresses em primeiro lugar, já que um e outro foram feitos ao mesmo tempo; ao mesmo tempo, para que pelo menos nisto não pareça adjudicada ao céu a prerrogativa de substância divina, e ele não seja considerado de maior valor pelo privilégio de ser criatura primogênita. E assim, deixemos com suas contendas aqueles que se refutam mutuamente em suas disputas: basta para a nossa salvação não a controvérsia das disputas, mas a verdade dos preceitos, não a astúcia da argumentação, mas a fé do espírito, para que sirvamos mais ao criador do que à criatura, ao Deus que é bendito pelos séculos.<sup>104</sup>

7,25.<sup>105</sup> *A terra, porém, estava invisível e em desordem.*<sup>106</sup> O bom artífice põe primeiro o alicerce; depois de colocar o alicerce, separa as partes do edifício e acrescenta o ornamento. Assim, colocado o alicerce da terra e confirmada a substância do céu – pois estas duas criaturas são como que os pontos cardeais de todas as coisas –, Moisés prosseguiu: *a terra, porém, estava invisível e em desordem.*<sup>107</sup> O que significa *estava*? Com certeza é para que não levem até o infinito o “sem princípio” de sua opinião – e não venham a dizer que a matéria, a <sup>≡</sup> lh dos filósofos, não teve início até mesmo segundo a Divina Escritura. Em verdade, aos que assim disseram, tu responderás que está escrito: *Caim, porém, era lavrador da terra.*<sup>108</sup> E a respeito daquele que foi chamado Jubal, diz a Escritura: *este era o pai, que mostrou o saltério e a cítara.*<sup>109</sup> E ainda: *havia na região de Ausítide um homem chamado Jó.*<sup>110</sup>

Desse modo, eles desistem de questionar a respeito de uma palavra, sobretudo porque Moisés já havia anunciado que *Deus fez o céu e a terra*.<sup>111</sup> Ora, a terra “estava”, pelo fato de ter sido feita. Pois se eles dizem que a terra era sem princípio, afirmando que não só o Senhor, mas também a <sup>≡</sup> lh era sem princípio, que delimitem então onde ela estava. Se estava em algum lugar, fica assegurado, por conseguinte, que igualmente não teve princípio o lugar onde estava a matéria das coisas, já que esta não tinha princípio. Se parece absurdo crer tal coisa a respeito do lugar, cuidai para que não venhamos a considerar alada a terra, pois, não tendo alicerce, ela ficaria suspensa pelos movimentos das asas.<sup>112</sup> De onde vem que possamos admitir-lhe asas? A não ser talvez que aqui mudemos a interpretação da palavra profética: *ouvimos prodígios acerca das penas da terra*,<sup>113</sup> ou daquela outra: *ai da terra das naus de pena*.<sup>114</sup> Admitamos esta interpretação; mas em que ar a terra voava? Pois, sem ar, ela não poderia voar, mas o ar ainda não podia existir, porque, sem a matéria das coisas, não teria sido feita a distinção dos elementos, uma vez que os próprios elementos ainda não tinham sido feitos.<sup>115</sup> Onde estava, então, esta matéria sustentada pelos movimentos das asas? No ar não estava, porque o ar é um corpo do mundo; ser o ar um corpo, é o que ensina o texto seguinte: *lançada para o alvo a flecha distendida pelo arqueiro, o ar imediatamente foi cortado e abriu-se em si mesmo*.<sup>116</sup> Onde, pois, estava a <sup>≡</sup> lh? A não ser talvez que se diga, quase por insensatez, que estava em Deus... Assim sendo, Deus, de natureza invisível e inviolável, que *habita numa luz inacessível*,<sup>117</sup> espírito incompreensível e puríssimo, seria o lugar da matéria do mundo e em Deus estaria uma parte do mundo... quando, na verdade, o espírito de seus servos não é deste mundo, conforme está escrito: *não são deste mundo, assim como também Eu não sou do mundo*.<sup>118</sup>

26. Como, então, as coisas invisíveis poderiam estar unidas às visíveis, e as coisas desorganizadas àquele que deu ordem e beleza a tudo? A não ser que, por ter dito Moisés: *a terra, porém, estava invisível*,<sup>119</sup> eles acreditassem que ela era invisível por sua substância – e não certamente porque, coberta pelas águas, não podia ser visível aos olhos do corpo; de fato, a maior parte dela jazia no fundo das águas, escapando à visão e à percepção dos olhos. Não se pensa, pois, em algo invisível para Deus, mas numa criatura do mundo, na opinião de outra criatura. A terra estava invisível também, porque ainda não existia a luz que iluminaria o mundo, ainda não existia o sol; de fato, os luminares do céu foram feitos depois. E a propósito, se um raio de sol normalmente ilumina até aquilo que está coberto pelas águas e revela o que está imerso no fundo, com o esplendor de sua luz, será que alguém duvidaria que aquelas coisas que estão no fundo das águas podem ser invisíveis para Deus? A não ser que entendamos assim a invisibilidade da terra: ela ainda não fora visitada pela palavra e pela proteção de Deus, porque não tinha o homem, por cuja causa o Senhor olharia para a terra, conforme está escrito: *o Senhor olhou sobre os filhos dos homens, para ver se havia alguém que reconhecesse ou procurasse a Deus*.<sup>120</sup> E a Escritura diz em outra parte: *do céu foi lançado um julgamento: a terra tremeu e ficou quieta*.<sup>121</sup> E com razão ela era invisível, porque estava *em desordem*, pois ainda não recebera do próprio criador uma configuração e um aspecto convenientes. (27) Mas talvez digam: Se Deus disse e tudo foi feito,<sup>122</sup> por que então não deu ornamentos adequados aos elementos, ao mesmo tempo em que iam surgindo, como se o céu não pudesse refulgir no clarão das estrelas, tão logo fosse criado, e a terra não pudesse vestir-se de flores e frutos? Certamente podiam; contudo, primeiro se declara que foram feitos e depois que foram organizados, para que verdadeiramente não se acredite que sejam incriados e sem princípio, caso a beleza das coisas parecesse originada desde o início e não

acrescentada posteriormente. Os mesmos filósofos que honram a Deus com o privilégio da eternidade, dizem que a terra estava em desordem; o que teriam dito, se desde o início florescesse a beleza dela? Ela é descrita por eles como submersa nas águas ou abandonada numa espécie de naufrágio dos seus princípios, e ainda não se acredita que tenha sido feita por alguém; o que teriam dito se ela reivindicasse uma beleza primogênita? Acontece que Deus quis que nós fôssemos seus imitadores, que primeiro façamos as coisas e depois as ornamentemos, para não acontecer que, começando ao mesmo tempo os dois trabalhos, não possamos completar nem um nem outro. Por outro lado, nossa fé cresce num certo grau: primeiro Deus fez e depois ornamentou, para crermos que quem enfeitou foi o mesmo que fez, e quem fez foi o mesmo que enfeitou, e para não pensarmos que um ornamentou e outro criou, mas que o mesmo efetuou as duas coisas; primeiro fez e depois organizou, de modo que uma coisa seja acreditada por meio da outra. Tens no Evangelho um testemunho evidente deste procedimento: quando ia ressuscitar Lázaro, o Senhor ordenou que os judeus removessem a pedra do sepulcro,<sup>123</sup> para que o vissem morto e depois acreditassem que ele ressuscitara. Em seguida, chamou Lázaro, que ressuscitou e saiu para fora com as mãos e os pés atados.<sup>124</sup> Acaso quem podia ressuscitar um morto não poderia remover a lápide? E quem pôde restituir a vida a um defunto não podia soltar o nó das ataduras? Se ele fez andar a quem tinha os pés atados, a este mesmo não podia romper as amarras e restituir os passos? Mas percebemos claramente que ele quis primeiro demonstrar que estava morto, para que os judeus acreditassem em seus próprios olhos; em seguida, ressuscitou-o; em terceiro lugar, ordenou que eles próprios soltassem as ataduras da mortalha, para que em meio a estes fatos a fé fosse penetrando nos infiéis e através de certos passos fosse nascendo a crença.

8,28. Portanto, em primeiro lugar Deus fez o céu e a terra, porém, não os fez perpétuos, mas quis que estivessem sujeitos ao conjunto da criação corruptível. Daí dizer no Livro de Isaías: *elevai vossos olhos para o céu e olhai embaixo para a terra, porque o céu tem a solidez da fumaça e a terra envelhece como uma veste.*<sup>125</sup> É esta a terra que antes estava em desordem. Com efeito, os mares ainda não estavam contidos em seus limites e, por isso, a terra era inundada por ondas errantes e por um turbilhão de águas profundas. Podes observar ainda agora que, nos lugares onde transborda a água derramada sobre o solo, a terra costuma estar cheia da umidade dos pântanos e não resiste à relha do arado.<sup>126</sup> Assim, a terra estava em desordem, visto que não fora cultivada por um hábil agricultor, faltava ainda quem a cultivasse. Estava em desordem, porque estava despida de plantas,<sup>127</sup> sem a relva das ribanceiras,<sup>128</sup> sem a espessura dos bosques, sem a alegria dos campos,<sup>129</sup> sem o perfume das flores, sem a graça das vinhas. Com razão estava em desordem, pois carecia de ornamentos, faltavam-lhe as preciosas coroas das vinhas. Deus quis assim mostrar que o próprio mundo não teria graça, se o trabalhador não o ornasse com um cultivo variado. O próprio céu coberto de nuvens costuma provocar horror aos olhos e tristeza às almas; a terra molhada de chuva é um tédio; e os mares conturbados pelas tempestades, a quem não causam medo? É belíssimo o aspecto das coisas: mas o que seria sem a luz, sem a temperatura, sem o ajuntamento das águas nas quais estavam antes submersos os primórdios deste mundo? Tira das terras o sol, tira do céu os globos das estrelas: tudo se eriça de trevas.<sup>130</sup> Assim era, antes que o Senhor infundisse a luz neste mundo. É por isso que diz a Escritura: *as trevas estavam sobre o abismo.*<sup>131</sup> Havia trevas, porque faltava o esplendor da luz; havia trevas, porque o próprio ar é tenebroso. A própria água abaixo das nuvens é tenebrosa, porque é tenebrosa a água nas nuvens do ar.<sup>132</sup> Havia, pois, trevas sobre os abismos das águas. Mas não penso



que se devam entender as trevas como potestades más, cuja maldade teria sido criada pelo Senhor, sobretudo porque a maldade que se afasta da bondade da natureza não é substancial, mas accidental. (29) Descarte-se, pois, a conjectura de maldade durante a formação do mundo; não pareça que misturamos as coisas corrompidas com o agir divino e com a maravilha da criação, principalmente quando a Escritura prossegue: *e um vento de Deus pairava sobre as águas*.<sup>133</sup> Este vento, este sopro de brisa vital que respiramos e fruímos, alguns o interpretam como o ar, outros como o vento;<sup>134</sup> nós, contudo, em consonância com o pensamento dos santos e dos fiéis, entendemos que é o Espírito Santo – de forma que, na formação do mundo, reluz a ação da Trindade. Com efeito, foi dito que *no princípio Deus fez o céu e a terra*,<sup>135</sup> isto é, Deus fez em Cristo, ou então, Deus fez como Filho de Deus; ou então, Deus fez por meio do Filho, porque *tudo foi feito por ele e sem ele nada foi feito*.<sup>136</sup> Mas a plenitude da obra subsistia no Espírito, conforme está escrito: *pela palavra do Senhor foram firmados os céus e pelo sopro de sua boca toda a virtude deles*.<sup>137</sup> E assim como neste salmo tomamos conhecimento da ação da palavra, que é a palavra de Deus, e da virtude, que foi dada pelo Espírito Santo, assim também neste mesmo salmo ressoa o oráculo profético de que “Deus disse e Deus fez”. Um vento de Deus pairava também sobre as águas. Com efeito, sendo preciso ornamentar o mundo, um vento do céu pairava agradavelmente sobre as terras que deviam germinar, e por meio dele elas recebiam as sementes de novos rebentos, para germinarem conforme o que disse o Profeta: *envia o teu sopro, e tudo será criado, e renovarás a face da terra*.<sup>138</sup> Enfim, o Siríaco, que é próximo do Hebraico, e quase sempre se harmoniza e concorda com este sermão, diz assim: *e um vento de Deus aquecia as águas*,<sup>139</sup> isto é, vivificava-as, para reuni-las em novas criaturas e animá-las para a vida com seu calor. Lemos ainda que o Espírito Santo é criador, quando Jó diz: *o Espírito Divino, que me fez*.<sup>140</sup> Portanto, era o Espírito Santo que pairava sobre as águas, e sobre elas não podiam permanecer as trevas das forças contrárias, ali, onde uma graça tão grande reivindicava lugar para si. Ou então, como querem alguns, que se interprete “vento” como “ar”, e se responda por que razão o Siríaco teria dito “um vento de Deus”, quando bastaria dizer “um vento”. (30) Ora, afirmam estes que quatro elementos foram gerados pelo Senhor nosso Deus em primeiro lugar, isto é, o céu, a terra, o mar e o ar, e por isso as causas de todas as coisas são o fogo e o ar, a terra e a água, dos quais são constituídos a forma e o aspecto do mundo. Onde, pois, poderiam ter lugar as trevas dos vícios espirituais, quando o mundo vestia a beleza desta magnífica configuração? Teria Deus criado ao mesmo tempo a maldade? Mas ela, nascida de nós e não feita pelo Deus criador, é gerada pela frivolidade dos costumes e não tem absolutamente prerrogativa de criatura, nem autoridade de substância natural, mas o vício da inconstância e o erro da queda. Deus quer erradicá-la de todos os espíritos: como Ele mesmo poderia tê-la gerado? Clama o profeta: *abandonai vossas iniquidades*,<sup>141</sup> e particularmente o santo Davi: *abandona o mal e faze o bem*,<sup>142</sup> como podemos atribuir ao Senhor o início do mal? Mas esta é a funesta opinião daqueles que pensaram em conturbar a Igreja. Foi daqui que os Marcionitas<sup>143</sup>, os Valentinianos<sup>144</sup> e aquela peste dos Maniqueus<sup>145</sup> tentaram levar desastrosas influências para as mentes dos santos. Por que procurarmos para nós mesmos as trevas da morte na luz da vida?<sup>146</sup> A Sagrada Escritura produz a salvação, exala o perfume da vida, para que tu a leias e recebas a suavidade, e não te precipites perigosamente no abismo. Lê simplesmente, ó homem, não caves um buraco para ti mesmo, sendo um mau intérprete. É uma palavra simples: *Deus fez o céu e a terra*; fez o que não existia, não o que existia. E *a terra estava invisível*: desde que foi feita, a terra

existia, e estava invisível, porque a água a inundava e cobria; e havia trevas espalhadas sobre ela, porque ainda não existia a luz do dia, não existia o raio de sol, que costuma iluminar até o que se esconde sob as águas. Como, pois, podem dizer que Deus criou o mal, se é absolutamente impossível que os contrários e opostos gerem coisas contrárias a si mesmos? De fato, nem a vida gera a morte, nem a luz gera as trevas. A sucessão das gerações não é inconstante como os afetos. Estes se transformam em seus contrários, desviando-se de seu propósito. Aquelas, porém, não se mudam para seus contrários; mas, criadas por autores ou causas da mesma espécie, remetem à semelhança de seu autor.

31. O que diremos, então? Se o mal não é sem princípio, como se fosse incriado, nem foi feito por Deus, de onde o recebe a natureza? Pois nenhum sábio negou a existência de coisas más neste mundo, visto que neste mundo é tão frequente a queda para a morte. Porém, a partir do que já dissemos, podemos compreender que o mal não é uma substância viva, mas uma depravação da mente e do espírito, um desvio do caminho da virtude, que se insinua frequentemente nos espíritos dos negligentes. Portanto, para nós, o perigo que vem de fora não é maior do que aquele que vem de nós mesmos. Está dentro o adversário, está dentro o autor do erro; dentro, digo eu, fechado dentro de nós mesmos. Vigia o teu propósito, examina a disposição de tua mente, contrapõe uma sentinela aos pensamentos de tua mente e aos desejos de teu espírito. Tu mesmo és a causa de tua perversidade, tu mesmo és o guia de tuas infâmias e o instigador de teus crimes. Que outra natureza podes avocar para escusar tuas quedas? Oxalá não empurrasses a ti mesmo, oxalá não caíesses, oxalá não te envolvesse em paixões desregradas, nem em vilezas, nem em ambições, que nos mantêm presos como que em redes. E certamente, assim como está em nós moderar as paixões, coibir a ira, reprimir a cobiça, em nós está também ter complacência com a luxúria, aquecer as paixões, inflamar a ira ou dar ouvido a quem inflama, crescer em soberba e sucumbir à violência, mais do que refrear-se na humildade e amar a mansidão. Por que acusas a natureza, ó homem? Ela tem certas dificuldades, como a velhice e a fraqueza. Mas em nós a própria velhice é mais suave nos costumes, mais útil nos conselhos, mais preparada para a constante aproximação da morte, mais forte para reprimir as paixões. A fraqueza do corpo, por sua vez, é a sobriedade do espírito. Daí dizer o Apóstolo: *quando sou mais fraco, então é que sou forte*.<sup>147</sup> Assim, ele não se gloriava nas virtudes, mas nas fraquezas. Brilhou igualmente uma resposta divina no oráculo salutar: *é na fraqueza que a virtude se consoma*.<sup>148</sup> É preciso que nos acautelemos contra aquilo que provém de nossa vontade: os delitos da juventude e as paixões irracionais do corpo. Em suma, não procuremos no exterior os princípios das coisas cujos senhores somos nós, nem os imputemos aos outros, mas procuremos conhecer aquilo que é próprio de nós. Pois, se quisermos, podemos deixar de fazer determinada coisa; então devemos imputar a escolha deste mal muito mais a nós do que aos outros. Assim também, nos julgamentos deste mundo, a culpa submete e a pena condena os réus que agem livremente, não os que são impelidos por uma fatalidade. Com efeito, se alguém mata um inocente por loucura, não está sujeito à morte. E mais ainda: pelo próprio oráculo da lei divina, se alguém mata por imprudência, tem esperança de impunidade e possibilidade de asilo, podendo, pois, fugir.<sup>149</sup> Portanto, diga-se o mesmo a respeito daquilo que é visto propriamente como um mal: não são males, a não ser que na acusação esteja envolvida a mente e ligada a consciência. Quanto ao mais, pobreza, origem obscura, doença, morte, nenhum sábio diria que sejam males, nem enumeraria na classe dos males, porque os seus contrários não estão considerados entre os bens maiores; alguns destes parecem sobrevir-nos por natureza, outros por oportunidade. (32) Não foi ociosamente que avançamos por esta digressão; provamos assim que as trevas e o abismo devem ser entendidos com simplicidade. As trevas vinham da obscuridade do céu, porque todo corpo

faz uma sombra, pela qual obscurece os corpos mais próximos ou inferiores, sobretudo aqueles que parecem cobertos e fechados por ele. É o polo do céu que se fecha, porque o céu se estende como uma abóbada, conforme demonstramos acima. Portanto, não havia originalmente uma substância tenebrosa, mas a escuridão das trevas acompanhou o corpo do mundo como se fosse uma sombra. E assim, num momento da divina prescrição, o mundo que surgia fechou dentro de si a sombra, como se alguém, no meio de um campo iluminado pelo sol do meio-dia, fechasse de repente um lugar e o cobrisse com densas ramagens; porventura, quanto mais brilhante for a luz do lado de fora deste lugar, visto de cima, na parte erizada de sombras, este caramanchão interior não se torna mais escuro? Ou por que chamariam de “antro” a um lugar como este, fechado de todos os lados, a não ser por estar coberto de escuridão e cheio de trevas? Eram estas, pois, as trevas que estavam sobre os abismos das águas. Com efeito, a lição do Evangelho ensina que “abismo” significa a multidão e a profundidade das águas, na passagem em que os demônios pediam ao Salvador que não os mandasse ir para o abismo.<sup>150</sup> Mas aquele que ensinava que não se devem fazer as vontades dos demônios, ordenou-lhes que entrassem nos porcos; os porcos, por sua vez, precipitaram-se nas águas do lago, de modo que os demônios se recusavam a sair, mas foram submergidos pelo precipício que mereciam. Portanto, era esta a aparência e a forma desordenada do mundo.

9,33. *E, diz a Escritura, um vento de Deus pairava sobre as águas. E Deus disse: faça-se a luz.*<sup>151</sup> Com razão, pois, foi enviado o sopro de Deus onde devia começar a ação divina. *Faça-se a luz*, diz a Escritura. De onde deveria começar a palavra de Deus na divina Escritura, senão da luz? De onde deveria partir o ornamento do mundo, senão da luz? Seria vão, se não se pudesse ver. O próprio Deus estava certamente na luz, porque ele habita numa luz inacessível,<sup>152</sup> e era a luz verdadeira, que ilumina todo homem que vem a este mundo:<sup>153</sup> mas ele quis que esta luz fosse feita, para que fosse percebida pelos olhos do corpo. Quem deseja construir uma casa digna para a habitação de um pai de família, antes de colocar o alicerce, verifica de onde fará entrar nela a luz. E esta é a primeira graça, sem a qual toda a casa se ergue em feio abandono. É a luz que valoriza os demais ornamentos da casa. *Faça-se a luz*, diz a Escritura. A voz forte não significa o preparo para a disposição da luz, mas resplandece com o efeito da obra. O autor da natureza disse “luz” e criou-a. A palavra de Deus é vontade, a obra de Deus é a natureza: criou a luz, iluminou as trevas. *E Deus disse: faça-se a luz. E a luz foi feita.*<sup>154</sup> Não é que ele “disse” para que se seguisse a obra, mas pelo dizer levou a obra ao cumprimento. Daí as belas palavras de Davi: *Disse e as coisas foram feitas*,<sup>155</sup> porque Deus encheu a palavra de efeito. Portanto, o autor da luz é Deus, o lugar e a causa das trevas é o mundo. Mas o bom autor disse “luz”, de tal forma que abriu o próprio mundo pela infusão da luz e embelezou-lhe o aspecto. Assim, subitamente o ar reluziu e as trevas tremeram pela claridade da nova luz; o fulgor da luz infusa deteve-as e como que as afundou repentinamente nos abismos, pelo mundo inteiro. Assim, a Escritura disse com beleza e propriedade: *a luz foi feita*. Pois, assim como rapidamente a luz ilumina o céu, a terra e os mares, e num instante do tempo, sem que ninguém entenda, ela se difunde diante de nosso olhar nas regiões desveladas pelo esplendor do dia nascente, assim também, com a mesma rapidez, deve ser explicado o seu nascimento. Por que nos admirarmos de que Deus tenha dito “luz” e a luz tenha brilhado no mundo tenebroso? Quando alguém se afunda nas águas e solta óleo pela boca, não torna mais brilhantes as coisas escondidas no oculto das profundezas? Deus não “disse” para que pelos órgãos da voz saísse como que um som de palavra, nem para que o movimento da língua formasse uma alocação celeste e como que um ruído de palavras vergastasse esse ar, mas sim para revelar o conhecimento de sua vontade pela realização da obra. (34) *E separou a luz das trevas e Deus*

viu que a luz era boa.<sup>156</sup> Ele “disse”, e ninguém ouviu o som de sua voz; “separou”, e ninguém surpreendeu os esforços da obra; “viu”, e ninguém percebeu a atenção de seus olhos. *E Deus viu que a luz era boa*,<sup>157</sup> diz a Escritura. Nem ele viu o que ignorava, nem aprovou o que antes desconhecia ou ainda não tinha visto, mas é próprio das boas obras prescindirem de recomendação externa, e darem elas próprias testemunho de sua graça, quando vistas. Vale mais o que é testemunhado pelo olhar do que aquilo que é louvado pela palavra. Deus usou, pois, seu próprio testemunho, não a aprovação alheia. Se os nossos olhos emitem um juízo ao perceberem simultaneamente a graça da beleza e a natureza das coisas, quanto mais Deus vê tudo o que aprova e aprova tudo o que vê, segundo o que está escrito: *os olhos do Senhor estão sobre os justos*.<sup>158</sup> A natureza da luz é esta: que toda a sua graça esteja em ser percebida pelo olhar, e não no número, medida ou peso, como as outras coisas. E assim a Escritura expressou com palavras próprias a natureza da luz, que se compraz em ver, porque ela mesma fornece a função de ver. Não é sem razão que ela pôde encontrar para si mesma tão grande arauto, pelo qual foi merecidamente louvada em primeiro lugar, porque ela própria fez com que as demais partes do mundo também fossem dignas de louvores. Portanto, Deus viu a luz, ela iluminou com seu aspecto, e Deus viu que ela era boa. Este não é só um juízo de Deus, mas uma opinião geral. Assim, não é só no esplendor, mas em toda utilidade que se aprova a graça da luz. Vem daí também fazer-se a separação entre a luz e as trevas, para que, separadas as naturezas da luz e das trevas, a luz não pareça ter dentro de si nada misturado. (35) *E Deus chamou à luz dia e às trevas chamou noite*,<sup>159</sup> para distinguir até pelo próprio nome o dia e a noite. Assim notamos que o nascimento da luz, antes que o do sol, parece abrir o dia; com efeito, os princípios do dia interceptam a marcha da noite e parece que foi prescrito um fim de tempo e um limite constante para o dia e para a noite. O sol clareia o dia, a luz o faz. Frequentemente o céu se cobre de nuvens, de modo que o sol se esconde e não aparece nenhum de seus raios; entretanto, a luz mostra o dia e esconde as trevas.

**10,36.** *E foi feita a tarde, e foi feita a manhã, um dia*.<sup>160</sup> Como a Escritura mencionou primeiro a tarde e depois a manhã, alguns perguntam se ela não parece dar a entender que a noite é anterior ao dia. Em primeiro lugar, não observam que a Escritura anunciou antes o dia, ao dizer: *e Deus chamou à luz dia e às trevas chamou noite*;<sup>161</sup> e depois, que a tarde é o fim do dia, e a manhã é o fim da noite. Portanto, para dar também ao dia a prerrogativa de ter nascido em primeiro lugar, indicou primeiro o fim do dia, depois do qual se seguiria a noite, e finalmente juntou o término da noite. Até este ponto, pois, a Escritura não colocou a noite antes do dia, e encerrou os períodos do dia e da noite na designação “dia”, reivindicando-a em virtude da autoridade do nome principal. E que seja este o uso da Escritura, isto é, preferir a designação principal, podemos provar com muitos exemplos, como quando Jacó disse: *os dias de minha vida são mesquinhos e maus*.<sup>162</sup> E novamente: *todos os dias de minha vida*.<sup>163</sup> Davi também usou: *os dias de meus anos*;<sup>164</sup> não disse “e as noites”. Deste fato, compreendemos que aquilo que hoje é narrado na forma de história estatuiu força de lei para o futuro. Portanto, o princípio do dia é a palavra de Deus: *Faça-se a luz. E a luz foi feita*.<sup>165</sup> O fim do dia é a tarde. Ao fim da noite já sucede o dia seguinte. E a palavra de Deus é evidente, porque primeiro chamou à luz dia e em segundo lugar chamou às trevas noite. (37) Também disse claramente “um dia”, não “primeiro dia”. Pois, como deveriam seguir-se o segundo e o terceiro dia e em seguida os demais, poderia dizer “primeiro” – e pareceria número de ordem – mas estatuiu uma lei, pela qual vinte e quatro horas diurnas e noturnas sejam definidas apenas pelo nome “dia”, como se dissesse: a medida de vinte e quatro horas é o tempo de um dia. Com efeito, assim como se conta a geração dos



homens e se entende também a das mulheres, porque o que vem em segundo lugar está ligado ao que tem precedência, assim também são enumerados os dias e consideram-se juntas as noites. Um dia é, pois, como um círculo. Muitos também dizem que uma semana é um dia, pois é como se ela voltasse sobre si mesma, para um determinado dia; é como se voltasse sobre si mesma sete vezes. E é esta a figura do círculo: começar de si e voltar a si. Por isso, a Escritura também diz às vezes “um século” – pois, quando em outros lugares diz “os séculos”, mais parece indicar as diversidades das situações ou negócios públicos, do que definir algumas sucessões de séculos. Porque *o dia do Senhor é grande e luminoso*; <sup>166</sup> em outro lugar diz: *o que significa para vós perguntar pelo dia do Senhor?* <sup>167</sup> Este será trevas e não luz; está claro, pois, que aquele dia é tenebroso para os de má consciência e indignos, porque nele refulgirá a inocência e será atormentada a mente criminosa. De resto, a Escritura nos ensina que aquele dia perpétuo da recompensa eterna não deverá ter a interrupção das noites e a sucessão das trevas. <sup>168</sup> (38) E para dizer bem que os dois turnos são um só dia, fechou o dia com o limite da manhã, ensinando que o dia começa da luz e termina na luz. Pois o tempo do dia e da noite não está inteiro, enquanto não se completa. Por isso, *andemos sempre honestamente, como que durante o dia*, <sup>169</sup> e *abandonemos as obras das trevas*. <sup>170</sup> Sabemos que a noite foi dada para o repouso do corpo, não para exercer algum cargo ou trabalho, pois que ela transcorre no sono e no esquecimento. Não estejam entre nós *a orgia e a embriaguez, o leito de impureza*; <sup>171</sup> não digamos: *as trevas e as paredes nos escondem*, <sup>172</sup> e quem pode saber se o Altíssimo nos verá? Mas estejam entre nós o amor da luz e o zelo da honestidade; assim, caminhando como que de dia, desejemos que as nossas obras brilhem diante de Deus, a quem seja a honra, o louvor, a glória e o poder, com nosso Senhor Jesus Cristo e o Espírito Santo, desde os séculos, agora e sempre, e por todos os séculos dos séculos. Amém.

<sup>1</sup> Cf. Basílio, *Hexaem.* 1. Indicamos, ao início de cada homilia, sua correspondente na obra homônima de Basílio.

<sup>2</sup> Isto é, um modelo.

<sup>3</sup> *Matéria*, termo usado por Aristóteles em oposição a “forma” (cf. *Met.* 6,10,4). Acerca das fontes de Ambrósio, vejam-se J. PÉPIN, *Théologie Cosmique et théologie chrétienne*, Paris, 1964 e G. MADEC, *Saint Ambroise et la philosophie*, Paris, 1974.

<sup>4</sup> Cf. Cícero, *Acad.* II,55 e *De nat. deor.* I,120.

<sup>5</sup> Cf. Cícero, *Acad.* II e *De nat. deor.* I. Mas, segundo E. PASTERIS, *Sant’Ambrogio. L’Esamerone*, Società Editrice Internazionale, 1937 [Corona Patrum 4], p. 6, n. 1, Ambrósio tinha sob mira também o Perípteron de Orígenes.

<sup>6</sup> Cf. Cícero, *De nat. deor.* II,46.

<sup>7</sup> Desde Tertuliano (cf. *Adv. Herm.* 19,1), Moisés é considerado autor do Pentateuco pelos Padres, seguindo possivelmente uma tradição judaica.

<sup>8</sup> Gn 1,1. Ambrósio talvez se lembrasse de um determinado texto a partir de distintas versões da *Vetus Latina* ou de textos gregos distintos do da *Septuaginta*, por isso, muitas vezes as citações não conferem, exatamente, já que preferimos mantê-las conformes ao texto latino de Ambrósio, com as que o leitor encontrará no texto da Bíblia em suas versões atuais. Tais distinções são encontradas inclusive quando o bispo de Milão faz referimento a um mesmo texto das Escrituras em ocasiões diferentes do *Examerão*. Ambrósio conhecia diversos códices e deles fazia uso. Diga-se ainda que, além dos textos em grego, que conhecia bem, e em latim, parece que dispunha, ademais, de um texto – pelo menos – em língua siríaca (cf. 1,8,29), ou a este teve acesso. O recurso a várias versões mostra a preocupação metodológico-exegética do bispo de Milão, ainda que sua versão mais comumente usada fosse a Ítala (ou Itálica; cf. E. PASTERIS, *op. cit.*, pp. 194-195, n. 3).

<sup>9</sup> Jo 8,25.

<sup>10</sup> Jo 8,25, conforme ao texto da *Vulgata*. Acerca do referido texto, e sua tradução, veja-se nota respectiva na Bíblia de Jerusalém.

<sup>11</sup> Ex 2,5ss.

<sup>12</sup> Cf. Ex 2,10.

<sup>13</sup> Cf. Ex 2,15; texto que, no entanto, diz que Moisés retirou-se para Madiã. Ou Ambrósio tem presente a Etiópia, por ter-se lembrado do matrimônio de Moisés com uma etíope (cf. Nm 12,1), ou repete a informação dada por Basílio (cf. *Hexaem.* 1,1), o que nos parece mais plausível, dado o grande influxo da obra basiliiana sobre a homônima de Ambrósio.

<sup>14</sup> Dt 34,10.

<sup>15</sup> Cf. Num 12,6-8.

<sup>16</sup> Ex 4,12.

<sup>17</sup> É possível que Ambrósio tenha presente, aqui, a inspiração e o poder do Espírito Santo; cf. 1Cor 2,4.

<sup>18</sup> Gn 1,1.

[19](#) Cf. Cícero, *De fin.* 1,17.

[20](#) Cf. Basílio, *Hexaem.* 1,2.

[21](#) Sl 104,24.

[22](#) *Sem começo.*

[23](#) Sl 33,9; 148,5.

[24](#) Gn 17,4.

[25](#) Gn 14,19.

[26](#) Gn 14,22.

[27](#) Cf. Hb 7,1-3.

[28](#) Is 40,12-13.

[29](#) Is 40,22.

[30](#) Jr 10,11-13.

[31](#) Jr 10,14.

[32](#) 1Cor 7,31.

[33](#) Mt 24,35.

[34](#) Mt 28,20.

[35](#) C. Basílio, *Hexaem.* 1,3.

[36](#) Gn 1,1.

[37](#) Cf. Pr 16,5; Sb 14,12.

[38](#) Pr 8,27.

[39](#) Pr 8,29-30.

[40](#) Sl 111,10; Pr 1,7; 9,10.

[41](#) Ex 12,2.

[42](#) Gn 1,11, pouco distinto do texto da *Septuaginta*. Na versão de que dispõe Ambrósio, quem produz é a terra, enquanto no referido texto grego, é a erva.

[43](#) Cf. Virgílio, *Georg.* II,316-318 e 330-331; Lucrécio, *De rer. nat.* IV,652-653.

[44](#) Ex 12,2.

[45](#) *Regeneração*, para os Padres, é termo indicador do batismo e *regenerados*, que comparece em seguida, dos batizados.

[46](#) Cf. 1Cor 10,1-2.

[47](#) Cf. 1Cor 5,8.

[48](#) Ex 12,2.

[49](#) Cf. Jo 14,30.

[50](#) A renúncia ao demônio era parte integrante do rito do batismo, celebrado na vigília pascal, quando também se fazia a leitura do texto de Ex 12,2, sobre o qual Ambrósio, no *Examerão*, volta-se não poucas vezes. Acerca do batismo na tradição patrística, vejamos V. SAXER, *Les rites de l'initiation chrétienne du II<sup>e</sup> au VI<sup>e</sup> siècle*, Spoleto, 1988; A. HAMMAN, *Le baptême d'après les Pères*, Paris, 1995. Quanto ao *faraó espiritual*, observe-se que sua associação ao texto sacro que segue à expressão faz ver que Ambrósio lê *faraó*, neste contexto, alegórica e não literalmente, isto é, como símbolo do demônio.

[51](#) Nm 24,20.

[52](#) Cf. Jo 14,30.

[53](#) Cf. Sl 37,28.

[54](#) Jo 8,44.

[55](#) Ap 22,13.

[56](#) Jo 8,25, conforme à *Vulgata*. Acerca do referido texto, e sua tradução, veja-se nota respectiva na Bíblia de Jerusalém.

[57](#) Jo 1,3.

[58](#) Cl 1,17.

[59](#) Cl 1,15.

[60](#) Ex 4,22.

[61](#) Rm 8,20.

[62](#) Gn 1,1.

[63](#) Na *cabeça*, tradução literal de *en kephalaíōi*. A expressão, porém, pode significar também re-epílogo, sumário, síntese. Corresponde ao  $\alpha\upsilon\tau\omicron\iota\varsigma$  (no princípio) de Gn 1,1 conforme a tradução de Áquila, que constava na *Hêxapla* de Orígenes (cf. S. GIET, em Basile de Césarée, *Homélie sur l'Hexaéméron*, Cerf, 1968, pp. 112-113, n. 2 [Sources Chrétiennes 26bis]). Independentemente de Ambrósio tê-la ou não conhecido, é provável que, nisto, o bispo milanês siga Basílio (cf. *Hexaem.* 1,7).

[64](#) Cf. Hb 11,1.

[65](#) Sl 19,2.

[66](#) Rm 1,20.

[67](#) Cf. Basílio, *Hexaem.* 1,4-6.

[68](#) Sl 104,24.

[69](#) Gn 1,1. Cf. Basílio, *Hexaem.* 1,7.

[70](#) Col 1,15.

[71](#) Cf. Hb 1,3.

[72](#) Gn 1,1.

[73](#) Cf. Jo 1,1.

[74](#) Cl 1,16.

[75](#) Sl 2,8.

[76](#) Rm 11,36.

[77](#) Cf. 1Cor 8,6.

[78](#) É provável que Ambrósio tenha sob mira o arianismo, que professava dessemelhança e heterogeneidade do Filho em relação ao Pai. O bispo de Milão, depois de indicada a temporalidade da criação e sua natureza diversa da divina (questão a que voltará em seguida), enfatiza a coeternidade e consubstancialidade do Pai e do Filho.

[79](#) Cf. Basílio, *Hexaem.* 1,7.

[80](#) Is 51,6.

[81](#) Is 40,22; conforme à *Septuaginta*. Cf. Basílio, *Hexaem.* 1,8.

[82](#) Is 40,22.

[83](#) Lc 10,20.

[84](#) Jó 26,7.

[85](#) Cf. Hipólito, *Elenchos*, 6,3.

[86](#) Jó 38,4-6.

[87](#) Jó 38,8.11.

[88](#) Sl 104,5.

[89](#) Sl 75,4.

[90](#) Sl 104,32.

[91](#) Ag 2,7.

[92](#) Jó 9,6.

[93](#) Jó 26,6-8.11-13.

[94](#) Ecl 1,4.

[95](#) Sl 95,4.

[96](#) Jó 38,36, conforme à *Septuaginta*.

[97](#) Rm 8,20.

[98](#) Trata-se de Aristóteles, para quem os elementos celestes eram incorruptíveis graças a um quinto elemento, o *éter*, não presente nos demais – e corruptíveis – corpos (cf. Cícero, *De nat. deor.* I,33). Para o bispo de Milão, ver-se-á em seguida, que os elementos celestes sejam incorruptíveis é contrário às Escrituras e a referida opinião aristotélica corre o risco de atribuir a elementos da criação o que é próprio do Criador.

[99](#) Cf. Virgílio, *Enéadas*, VI,730.

[100](#) Sl 102,26-28.

[101](#) Mt 24,35.

[102](#) Isto é, acrescentar a um corpo um membro de uma natureza distinta da deste referido corpo, ser-lhe-ia prejudicial; o mesmo aconteceria ao universo, se lhe fosse acrescentado um quinto elemento (cf. G. BANTERLE, *Sant’Ambrogio. Opere esegetiche I. I sei giorni della creazione*, Città Nuova Editrice, 1979, p. 55, n. 13).

[103](#) Sl 33,9; 148,5.

[104](#) Conclui-se a primeira homilia, tida na manhã do primeiro dia da Semana Santa de 387 ou 388. E. PASTERIS, *op. cit.*, pp. 58-59, n. 1, observou que Ambrósio parece preferir, nas conclusões das homilias matinais, afirmar verdades de fé, enquanto nas da tarde, exortações morais.

[105](#) Cf. Basílio, *Hexaem.*, 2. Aqui começa o *Sermo* (homilia) *II*, proferido na tarde do mesmo dia.

[106](#) Gn 1,2.

[107](#) Gn 1,2.

[108](#) Gn 4,2.

[109](#) Gn 4,21.

[110](#) Jó 1,1. Ambrósio translitera o grego Α ὕ σ τίδι (de Α ὕ σ τή τι\*), enquanto a *Vulgata* traz *Hus*.

[111](#) Gn 1,1.

[112](#) Cf. Virgílio, *Enéadas*, I,301; IV,19.

[113](#) Is 24,16, conforme à *Septuaginta*.

[114](#) Is 18,1, conforme à *Spetuaginta*.

[115](#) Indício da improvisação da homilia. De fato, Ambrósio dissera que os elementos foram criados com o céu e a terra (cf. *Exam.* 6,20), o que lhe passou despercebido, mesmo ao revisar o texto – admitindo-se que o tenha feito –, como era costume.

[116](#) Sb 5,12.

[117](#) 1Tm 6,16.

[118](#) Jo 17,14.

[119](#) Gn 1,2.

[120](#) Sl 14,2; 53,3.

[121](#) Sl 76,9.

[122](#) Sl 33,9; 148,5.

[123](#) Cf. Jo 11,39.

[124](#) Cf. Jo 11,43-44.

[125](#) Is 51,6.

[126](#) Cf. Virgílio, *Georg.*, II,223.

[127](#) Cf. Salústio, *De bello Iug.*, 79,6.

[128](#) Cf. Virgílio, *Enéadas*, VI,674.

[129](#) Cf. Virgílio, *Georg.*, I,1.

[130](#) Cf. Virgílio, *Enéadas*, V,11.

[131](#) Gn 1,2.

[132](#) Cf. Sl 18,12, não muito diverso do texto latino (da *Vulgata*).

[133](#) Gn 1,2.

[134](#) Cf. Virgílio, *Enéadas*, I, 387-388. O termo *spiritus*, de fato, presta-se perfeitamente a qualquer dos significados oferecidos por Ambrósio, isto é, vento, ar, sopro vital, Espírito.

[135](#) Gn 1,1.

[136](#) Jo 1,3; Cl 1,16.

[137](#) Sl 33,6.

[138](#) Sl 104,30.

[139](#) Gn 1,2.

[140](#) Jó 33,4.

[141](#) Is 1,16.

[142](#) Sl 34,15.

[143](#) O heresiarca gnóstico Marcião distinguia o Deus bom, Deus de amor de Jesus Cristo, do Deus criador, vingativo do Antigo Testamento. Ao receber deste um corpo material, o homem sucumbiu ao mal. Mas o Deus bom do Novo Testamento (cuja versão de Marcião é reduzida a textos de Lucas e Paulo) fez-se conhecer ao enviar Jesus em um corpo aparente, não real, para viver entre os homens e ensinar-lhes a redenção. Como, para os cristãos, Deus é um só, seja no Antigo seja no Novo Testamento, seja criando seja redimindo, Ambrósio entende que Marcião tenha relacionado a origem do mal a Deus mesmo. Acerca de Marcião, mas também de Valentino e Mani, nas notas seguintes, veja-se ALTANER, B. / STUIBER, A., *Patrologia*, São Paulo: Paulus, 2004.

[144](#) Ireneu de Lião detalhadamente narra sobre o complexo sistema do gnosticismo dos valentinianos, de Valentino (séc. II), que situam a origem do mal no Pleroma (dimensão celeste) divino, mas que se materializa no mundo; cf. *Contra as heresias*, I,1,1-22-2, São Paulo: Paulus, 2001 [Patristica 4].

[145](#) Segundo os maniqueus, de Mani (Babilônia, séc. III), o bem (a luz, o espiritual) e o mal (as trevas, o material) eram dois sistemas opostos, justapostos e existentes desde a eternidade.

[146](#) Cf. Jo 8,12.

[147](#) 2Cor 12,10.

[148](#) 2Cor 12,9.

[149](#) Cf. Dt 19,4.

[150](#) Cf. Lc 8,31ss.

[151](#) Gn 1,2-3.

[152](#) 1Tm 6,16.

[153](#) Jo 1,9.

[154](#) Gn 1,3.

[155](#) Sl 33,9; 148,5.

[156](#) Gn 1,4.

[157](#) Gn 1,4.

[158](#) Sl 34,16.

[159](#) Gn 1,5.

[160](#) Gn 1,5.

[161](#) Gn 1,5.

[162](#) Gn 47,9.

[163](#) Sl 23,6.

[164](#) Sl 90,10.

[165](#) Gn 1,3.

[166](#) Jl 2,11; At 2,20.

[167](#) Am 5,18.

[168](#) Cf. Is 60,19ss.

[169](#) Rm 13,13.

[170](#) Rm 13,12.

[171](#) Rm 13,13.



## SEGUNDO DIA

1,1.<sup>1</sup> O primeiro dia, ou melhor, o dia um – mantenha-se para ele a prerrogativa de palavra profética –, nós o concluímos como pudemos. Neste dia, sabemos que foi feito o céu, foi criada a terra, a profusão das águas, foi espalhado o ar, foi feita a separação entre a luz e as trevas, por obra do Deus onipotente e do Senhor Jesus, bem como do Espírito Santo. Ora, quem não se admira de que de membros dessemelhantes surja em um só corpo um mundo ímpar? E de que, sendo estes membros tão diferentes entre si, juntem-se em sociedade e união, por uma lei irrevogável de concórdia e caridade? E, assim sendo, elementos diferentes por natureza se unam em vínculo de unidade e paz, como que por uma atração irresistível? Ou, vendo isto, quem buscaria tal poder de inteligência em uma mente débil? Todas estas coisas, foi a força divina, incompreensível para as mentes humanas e inefável para as nossas palavras, que entrelaçou pela autoridade de sua vontade. (2) Portanto, foi como autor que Deus fez o céu e a terra e prescreveu que passassem a existir; não foi como inventor de uma configuração, mas como artífice da natureza. Pois, como pode haver compatibilidade entre a virtude eficaz do Deus impassível e a natureza passível da matéria, como se uma tomasse emprestado da outra aquilo de que precisa? Ora, se a matéria é incriada, parece que faltou a Deus o poder de criá-la e que ele tirou dela as substâncias preexistentes à obra. Mas se a matéria estava desorganizada, é simplesmente espantoso que, sendo coeterna de Deus, ela não tenha podido conferir beleza a si própria, já que não precisou receber substância do criador, pois a possuía antes dos tempos. Portanto, o criador de todas as coisas mais inventou do que ajuntou: inventou a matéria, na qual pudesse operar, ajuntou a configuração, para conferir beleza às coisas inventadas. Daí ser necessário destacar o dia um dos restantes, e não reuni-lo aos demais como primeiro dia, pois nele começaram a ser estabelecidos os fundamentos e as causas de todas as coisas, que sustentariam a substância deste mundo e de toda criatura visível. Assim, continuemos este sermão, para admirarmos as obras do segundo dia, cuja excelência não deve ser narrada segundo a possibilidade de nossa homilia, mas segundo a Escritura, para louvor do criador. (3) Peço-vos, pois, que vos digneis considerar com naturalidade as coisas que nós dizemos com probabilidade, e apreciá-las com espírito simples e mente zelosa; não as aprecieis segundo as tradições da filosofia e a vã sedução da retórica persuasiva, que reúnem dados verossímeis – mas segundo a regra da verdade, expressa pelos oráculos da palavra divina e infundida nos corações dos fiéis pela contemplação de tão grande majestade, porque está escrito: *confirma-me em tuas palavras:*<sup>2</sup> *os ímpios narraram-me suas práticas, mas não como narra tua lei, Senhor. Todos os teus preceitos são verdade.*<sup>3</sup> Portanto, consideremos o que foi feito e questionemos a possibilidade da natureza, não segundo as naturezas dos elementos, mas segundo Cristo, que fez o que quis, repleto da plenitude de sua divindade.<sup>4</sup> Com efeito, no evangelho, quando ele curou o leproso e restituiu a vista aos cegos, o povo que estava presente e viu esses prodígios não identificou a classe dos médicos, mas admirou o poder do Senhor; conforme está escrito, *deu louvor a Deus.*<sup>5</sup> Nem foi segundo os números dos egípcios, os cursos dos astros e as medidas dos elementos que Moisés estendeu sua mão para dividir o Mar Vermelho – mas obedecendo ao comando do poder divino. Daí ele próprio dizer: *tua mão direita, ó Senhor, foi glorificada em virtude; tua mão direita, ó Senhor, destruiu os inimigos.*<sup>6</sup> Eleva, pois, para ele a tua mente, ó povo santo, e aplica-lhe todo o teu espírito. Deus não vê como o homem. Deus

vê no coração, o homem vê na aparência. Nem o homem, pois, vê como Deus. Tu ouves dizer que Deus viu e louvou. Portanto, não julgues segundo teus olhos as coisas que foram feitas, nem tires conclusões segundo conjecturas; não julgues que devam ser reconsideradas as coisas que Deus viu e aprovou.

2,4. E Deus disse: *Faça-se um firmamento no meio da água e que ele seja o divisor no meio da água. E assim foi feito.*<sup>7</sup> Escuta as palavras de Deus: *faça-se*, diz ele. É de quem manda, não de quem avalia; dá ordem à natureza, não obedece à possibilidade, não mede, não pesa. A vontade dele é a medida das coisas, a palavra dele é o fim da obra. *Faça-se um firmamento no meio da água*, diz ele. Tudo o que Deus estabeleceu é firme. E com muita propriedade anunciou primeiro *faça-se um firmamento*, antes de acrescentar *no meio da água*, para que tu creias que o firmamento foi feito pelo preceito de Deus, antes de duvidares por causa da qualidade fluida das águas. Se considerares a natureza dos elementos, como é que o firmamento pôde ser consolidado entre as águas? Elas fluem, ele é sólido; elas correm, ele permanece. *E que ele seja o divisor no meio da água*, diz a Escritura. Mas a água costuma fundir-se, e não dividir-se. Como é que ele ordena algo que sabe ser contrário à natureza dos elementos? Porém, uma vez que a palavra dele é a origem da natureza, é justo que quem deu origem à natureza se arrogue o direito de dar-lhe a lei. (5) Mas consideremos primeiro o que é o firmamento, se é aquilo que anteriormente Deus chamou céu, e se há dois ou mais céus. Com efeito, dizem alguns que há um único céu: desde que a <sup>≡</sup> lh é uma só, como eles mesmos afirmam, não podia haver substância suficiente para fazer outro céu, porque toda ela já fora utilizada para o céu superior e não sobrou nada que servisse para fazer um segundo ou terceiro céu. Outros, porém, afirmam haver inúmeros céus e mundos;<sup>8</sup> são ridicularizados por seus próprios adeptos (a disputa deles conosco não é maior do que a deles entre si), os quais pretendem provar com números e exigências geométricas que não poderia haver outro céu, que nem a natureza poderia comportar a existência de um segundo ou terceiro céu, nem a competente virtude do artífice seria suficiente para fazer muitos céus. Quem não riria desta sua artificiosa eloquência? Embora não neguem que os homens possam fazer muitas coisas do mesmo gênero a partir de uma mesma e única causa, duvidam que o criador de todas as coisas pudesse ter feito muitos céus... o criador, de quem foi escrito: *o Senhor fez os céus.*<sup>9</sup> E em outro lugar: *Ele fez tudo o que quis.*<sup>10</sup> Ora, o que pode ser difícil para ele, para quem o querer é fazer? Por conseguinte, quando eles discutem a respeito de Deus, seu argumento não tem consistência; a ele verdadeiramente se diz: *nada é impossível para ti.*<sup>11</sup> (6) Assim sendo, nós não podemos negar a existência de um segundo e até de um terceiro céu, quando o Apóstolo confirma pelo testemunho de seus próprios escritos que foi arrebatado ao terceiro céu.<sup>12</sup> Davi também colocou os *céus dos céus*<sup>13</sup> no coro dos que louvam a Deus. Imitando-o, os filósofos introduziram um movimento harmonioso de cinco esferas, das estrelas, do sol e da lua, a cujos orbes, ou melhor, esferas, dizem que estão presas todas as coisas. Julgam que estas esferas se encontram interligadas, como que inseridas umas nas outras, e que são impulsionadas por movimentos opostos entre si; este impulso e o movimento dos próprios orbes produzem certo som doce, cheio de suavidade, de arte e de harmonia agradabilíssima, porque o ar, ao ser cortado por movimento tão harmonioso, combinando agudos e graves, executa regularmente concertos tão variados, que superam toda a suavidade de um poema musical.<sup>14</sup> (7) Se procuras uma resposta e exiges que seja comprovada a veracidade deste fato pelo sentido da audição, eles ficam hesitantes. Ora, se fosse verdade, tão grande movimento dos orbes faria muito barulho: o orbe celeste, ao qual a seu ver estão fixos os cursos das estrelas que giram sem parar, tem uma revolução mais



rápida e provoca um som agudo; por sua vez, o orbe da lua produz um som muito grave. Como é que nós não ouviríamos, se estamos acostumados a ouvir sons mais leves? Ora, ao exigirmos que a veracidade desta disputa seja confirmada pelo testemunho de nosso sentido da audição, eles dizem que nossos ouvidos se ensurdecaram e nosso sentido da audição se tornou mais fraco por causa do hábito de receber sons desde o principio de nossa geração. E apresentam o exemplo do Nilo,<sup>15</sup> o maior dos rios: na região em que se precipita em Catadupa, de montes altíssimos, ele obstrui os ouvidos das populações vizinhas, pela intensidade de seu fragor, e por isso se diz que elas não têm o sentido da audição. Mas a própria realidade lhes responde facilmente: se nós ouvimos os trovões produzidos pela colisão das nuvens, não ouviríamos as revoluções de orbes tão grandes, que eles dizem que são impulsionados por um movimento maior e assim deveriam produzir sons mais fortes? Acrescentam, ademais, que este som não chega às terras exatamente para que os homens não sejam arrebatados pela sua suavidade e pelo encantamento que aquele movimento rapidíssimo dos céus produz; caso contrário, do nascente ao poente, abandonariam seus negócios e trabalhos, e todas as coisas aqui ficariam ociosas, como que por um êxtase da mente humana voltada para os sons celestes. Mas deixemos aos de fora aquilo que é alheio à nossa preocupação e à sequência do divino ensinamento: quanto a nós, prendamo-nos ao magistério das Escrituras celestes.

3,8. Assim, foi-nos proposto que Deus disse: *faça-se um firmamento no meio da água e seja o divisor entre a água e a água.*<sup>16</sup> E a partir daí se discute se a Escritura chama firmamento àquilo que Deus já fizera antes,<sup>17</sup> sobre o qual está escrito: *no princípio Deus fez o céu e a terra.*<sup>18</sup> Não faltam os que antes de nós entenderam assim; por isso, na passagem anterior, a Escritura expressou que o céu foi criado e feito tendo Deus como autor, e aqui nesta passagem ela ampliou a narração da obra da criação; assim sendo, na passagem anterior foi como que brevemente compreendida a totalidade da obra, e aqui foi classificada a qualidade da obra, segundo o aspecto dos próprios elementos que nela concorrem. Contudo, o que nos impressiona é que seja dado outro nome, que seja distinguido o aspecto mais sólido e sua causa, e seja acrescentada a figura do cooperador. Pois assim está escrito: *e Deus fez uma separação entre a água que estava sob o firmamento, e a que estava sobre o firmamento.*<sup>19</sup> (9) Em primeiro lugar, eles querem destruir aquilo que foi enraizado e impresso em nossas mentes pelo repetido ensinamento das Escrituras, dizendo que não pode haver águas acima dos céus, uma vez que o orbe do céu é redondo e no meio dele está a terra; a água não pode deter-se naquele círculo, porque ela necessariamente flui e cai, já que seu curso é de cima para baixo. Como, pois, pode a água deter-se sobre o orbe, dizem eles, se o próprio orbe gira? Isto é artifício de dialética. Permite-me responder-te. Se não me permitires, não direi nenhuma palavra. Eles pedem que nós admitamos que o eixo do céu gira em movimento rápido, enquanto o orbe da terra é imóvel, e desta forma afirmam que não pode haver águas acima dos céus, porque o eixo, ao girar, derramaria a totalidade delas. Na verdade, se nós admitirmos o que postulam e se eu lhes responder conforme o que pensam, é como se eles pudessem negar que naquela altura e profundidade existam comprimento e largura, o que ninguém pode compreender, a não ser aquele que está repleto de toda a plenitude de Deus,<sup>20</sup> como diz o Apóstolo. Com efeito, quem poderia facilmente ser censor da obra divina? Existe, sim, largura na própria altura do céu. E, para dizermos o que podemos saber a este respeito, existem também muitas construções redondas por fora e quadradas por dentro, e quadradas por fora e redondas por dentro, cujas partes superiores são planas e podem reter água. Dizemos isto, para eles perceberem que suas opiniões podem ser vencidas por opiniões mais semelhantes à verdade, e deixarem de medir tão grande obra de Deus pela contemplação da obra humana e da nossa possibilidade. (10) Nós,



contudo, acompanhamos a sequência e a ordem das Escrituras e avaliamos a obra pela contemplação do autor, o que foi dito, quem disse e para quem disse. *Faça-se um firmamento no meio da água e seja o divisor entre as águas,*<sup>21</sup> diz a Escritura. Eu ouço dizer que o firmamento foi feito por uma ordem, que por ele foi dividida a água e a superior foi separada da inferior. O que pode ser mais claro do que isto? Aquele que ordenou que a água fosse separada pela interposição do firmamento, providenciou para que ela pudesse permanecer dividida e separada. A palavra de Deus é a virtude da natureza e a duração da substância; é ela que estabelece até quando quer que a substância permaneça, conforme está escrito: *estabeleceu estas coisas pelos séculos e pelos séculos dos séculos; pôs um preceito e não passará.*<sup>22</sup> E para saberes que isto foi dito a respeito destas águas que tu negas que possa haver nas partes superiores do céu, escuta o seguinte: *Louvai-o, céus dos céus, e as águas que estão acima dos céus louvem o nome do Senhor.*<sup>23</sup> Porventura não foi dito a quem te contesta: *porque ele mesmo disse e foram feitas, ele mandou e foram criadas: estabeleceu estas coisas pelos séculos e pelos séculos dos séculos; pôs um preceito e não passará?*<sup>24</sup> Não te parece idôneo o autor que dá uma lei a sua obra? Quem diz é Deus, venerável por natureza, inestimável em grandeza, infinito em recompensas, incompreensível em suas obras; quem pode perscrutar a altura de sua sabedoria? Mas ele diz ao Filho, isto é, a seu braço, diz à sua virtude, diz à sua sabedoria, diz à justiça. E o Filho faz como poderoso, faz como virtude de Deus, faz como sabedoria de Deus, faz como justiça divina. Quando escutas isto, por que te admiras de que a água possa estar retida acima do firmamento do céu, por obra de tão grande majestade?

11. Aprendei isto acerca de outros fatos que são vistos pelos olhos humanos, a saber: de que modo a água se dividiu à passagem dos judeus. Não costuma ser natural que a água se separe da água e nas profundezas a profusão das águas da terra se divida pelo meio. *As ondas gelaram,* diz a Escritura, *e numa espécie de barreira detiveram seu curso em limite insólito.*<sup>25</sup> Porventura ele não poderia também libertar o povo hebreu de outra maneira? Mas quis que tu visses, a fim de que, com este prodígio, tu penses que deves acreditar também nas coisas que não viste. O rio Jordão também, revertendo a corrente, voltou para sua nascente.<sup>26</sup> É extraordinário a água parar quando está correndo, e é impossível voltar para cima sem nenhuma barreira: mas o que é impossível para aquele que deu poder aos fracos, de modo que o fraco diga: *tudo posso naquele que me conforta?*<sup>27</sup> Que digam com exatidão de que forma o ar se condensa em nuvem<sup>28</sup> e se a chuva é produzida pelas nuvens, ou se está comprimida no centro das nuvens. Vemos muitas vezes as nuvens saírem dos montes. Pergunto: é a água que sobe das terras ou a que está acima dos céus que desce em grande aguaceiro? Se a água sobe, é certamente contra a natureza que ela sobe para o alto, porque é mais pesada e é transportada pelo ar, que é mais tênue. Ou então, se a água é tirada de cima pelo movimento de todo o orbe em velocidade, assim como ela é tirada da profundidade do orbe, assim também é derramada da altura do orbe. Se ela não para de ser derramada, como eles querem, certamente não para de ser tirada, porque, se o eixo do céu sempre se move, a água também é sempre tirada. Então, se a água desce, é porque tem de onde descer; portanto, ela mana sem cessar acima dos céus. Enfim, o que os impede de admitir que a água esteja suspensa acima dos céus? Em que termos eles afirmam que a terra está suspensa no meio e permanece imóvel, embora ela seja seguramente mais pesada do que a água? Pela mesma razão eles podem dizer que a água de cima dos céus não é precipitada pela revolução do orbe celeste: assim como a terra está suspensa no vazio e permanece imóvel devido ao equilíbrio de peso em toda parte,<sup>29</sup> assim também a água é equilibrada com a terra por pesos superiores ou iguais ao seu. Por isso o mar

não se espalha facilmente sobre as terras, a não ser quando recebe ordem de sair. (12) Depois, se eles próprios dizem que o orbe do céu gira, refulgente de estrelas brilhantes, será que a divina providência necessariamente não previu que a água transbordasse dentro do orbe do céu e acima do orbe do céu, para moderar o calor do eixo incandescente? Exatamente porque o fogo se espalha e queima, a água também se espalhou nas terras, para que o ardor do sol nascente e das estrelas brilhantes não as queimasse e um excessivo vapor não danificasse os tenros princípios das coisas.<sup>30</sup> Quantas fontes, rios, lagos irrigam as terras, porque um fogo interior as esquentam! Como, pois, as árvores poderiam germinar, como os grãos ou as plantas poderiam brotar, como os frutos poderiam ser cozidos, se um fogo interior não animasse tudo isso? Este fogo também é frequentemente extraído das pedras<sup>31</sup> e muitas vezes salta fora da própria madeira, quando é cortada. Portanto, assim como o fogo é uma criatura necessária, para que permaneça o que foi disposto e ordenado e a clemência do céu modere o rigor das águas, assim também a abundância das águas não é supérflua, para que um elemento não seja consumido pelo outro. Pois, a não ser que seja harmoniosa a medida de ambos, assim como o fogo seca a água, assim também a água apaga o fogo. Por isso Deus equilibrou todas as coisas com peso e medida: para ele estão contados até os pingos das chuvas,<sup>32</sup> conforme lemos no livro de Jó. Sabendo que seria fácil ou o desaparecimento ou a desagregação de todas as coisas, se um elemento superasse o outro, ele balanceou com um os danos do outro; assim, nem o fogo queima, nem a água inunda mais do que o necessário para um contrabalançar a diminuição do outro, eliminando o supérfluo e salvando o necessário. Por esta razão, torrentes caudalosas de enormes rios irrompem das terras... O Nilo inunda o Egito com sua grande massa de água; o Danúbio, vindo das regiões ocidentais, separa os Romanos dos bárbaros, até desaparecer no Mar Negro; o Reno dirige seu curso do cimo dos Alpes até o fundo do oceano, memorável muralha do Império Romano contra povos ferozes; o Pó, fiel condutor dos comboios marítimos até as reservas italianas; o Ródano veloz, com seu rápido curso, divide as águas do mar Tirreno, com grande perigo para a navegação, quando as ondas do mar e as correntes do rio se entrecrocavam; também o Fásis, vindo da região setentrional, descendo com muitos outros das montanhas do Cáucaso, precipita-se no Ponto Euxino... Seria muito longo acompanhar um por um os nomes de todos os rios que derivam para o nosso mar ou desaparecem no oceano. Entretanto, embora haja tanta abundância de água, a terra da região meridional geralmente queima em ardores e, gretada pelo calor, desagrega-se em pó com o trabalho do mísero agricultor, de modo que muitas vezes falta o elemento vital para beber nos poços esgotados pela garganta seca. E assim será, quando Deus disser ao oceano: *ficarás deserto, e secarei todos os teus rios*,<sup>33</sup> conforme anunciou que aconteceria, através de Isaías. Porém, enquanto não chegar aquele dia preestabelecido pelo divino arbítrio, a própria natureza dos elementos se encarrega de combater um com o outro. Por isso, este mundo é frequentemente abalado por inundações, ou atormentado por um calor intenso e pela aridez.

13. Não julgues incrível a profusão das águas, mas olha para a força do calor e não serás incrédulo. Há uma grande quantidade de água consumida pelo fogo, ou que deve manifestar-se para nós através dele. Quando os médicos prendem ao corpo uns vasos de boca estreita, planos por cima, côncavos por dentro, com uma lamparina acesa, o calor não absorve em si todos os humores? Assim, quem duvida de que o éter, ardendo e fervendo em grande vapor, inflamaria e queimaria tudo, sem que os rios, os lagos e os próprios mares pudessem extinguir sua força, a não ser que ele fosse detido por determinada lei de seu criador? É por isso que a água de cima desce com ímpeto e muitas vezes rompe em chuvas tão fortes, os rios e lagos ficam repentinamente cheios, e os próprios mares transbordam. Daí vemos frequentemente até o sol úmido e orvalhado.<sup>34</sup> Neste fato ele dá um indício evidente de que incorpora

a si o elemento das águas, para seu próprio equilíbrio. (14) Ora, eles têm tanto empenho em impugnar a verdade, que negam que o próprio sol seja de natureza quente, pelo fato de ser claro e não vermelho ou avermelhado, à semelhança do fogo. Por isso dizem que o sol não é quente por natureza e, se tem algum calor, é o que lhe vem de um forte movimento de revolução. Pensam que devem dizer isto, para parecer que o sol não consome nada líquido, uma vez que não tem calor natural para diminuir ou mesmo extinguir o elemento líquido. Mas de nada vale inventar tudo isso, porque absolutamente não importa que alguém tenha calor por natureza, por paixão ou por outro motivo, já que todo fogo consome líquido ou qualquer substância que a chama possa queimar. Com efeito, se o fogo expelido provém de ramos que não foram nem parcialmente queimados, mas cujas folhas foram atritadas entre si,<sup>35</sup> a chama também esquenta, como se tu acendesses uma tocha no fogo; por outro lado, se acenderes uma tocha numa labareda de fogo, será a mesma a aparência e a natureza da chama, como se ela não fosse acesa por um fogo natural, mas gerada por uma causa accidental. Pois bem, a partir de agora, que eles ao menos atentem para o calor do sol: relativamente a seu curso, Deus fixou para o sol lugares e tempos opostos, pois, se ele sempre se detivesse nos mesmos lugares, ele os incendiaria com o calor quotidiano. Eles mesmos dizem que o próprio mar tem água salgada e amarga, porque a água que corre dos rios para suas ondas é absorvida pelo calor, e quanto mais água é transportada diariamente pelos diferentes cursos dos rios, tanto mais é consumida pelo calor do dia. Dizem que acontece assim por uma espécie de discriminação do sol, que pega para si o que é puro e leve e deixa o que é pesado e terreno; assim sendo, aquilo que não tem uso nem qualidade para se beber continua salgado e árido.

4,15. Mas voltemos ao nosso assunto. *Faça-se um firmamento no meio da água.*<sup>36</sup> Não cause espanto, como eu já disse, que anteriormente a Escritura tenha dito céu e aqui *firmamento*, porque também Davi diz: *os céus narram a glória de Deus e o firmamento anuncia as obras de suas mãos.*<sup>37</sup> Isto é: a obra do mundo, como se vê, louva seu próprio autor, pois a invisível majestade dele torna-se conhecida através das coisas que se veem. E parece-me que o nome dos céus é geral, porque a Escritura atesta inúmeros céus; por sua vez, o nome firmamento é particular, como está aqui também: *chamou firmamento ao céu.*<sup>38</sup> Deste modo, percebe-se que acima a Escritura disse de maneira geral que o céu foi feito no princípio, para abarcar a totalidade da criação da criatura celeste – e aqui, porém, fala da firmeza específica deste firmamento exterior, que se chama firmamento do céu, conforme lemos no hino do profeta: *Bendito és tu no firmamento do céu.*<sup>39</sup> O céu, pois, que em grego se diz οὐρανός, em latim tanto se chama *caelatum* (ornado, cinzelado), como *argentum* (prata, prataria); *caelatum*, porque tem as luzes das estrelas impressas como sinais; *argentum*, porque refulge nos sinais eminentes; nós dizemos *caelatum*, mas chama-se οὐρανός porque se enxerga. Portanto, οὐρανός (por oposição) à terra, que é mais escura, chama-se οὐρανός, porque é luminoso, visível, por assim dizer. Por isso eu penso que também foi dito: *as aves do céu sempre veem a face de meu Pai que está nos céus,*<sup>41</sup> e *os anjos em volta do firmamento do céu,*<sup>42</sup> pelo fato de que as potestades que estão naquele lugar visível contemplam todas essas coisas e as mantêm debaixo de suas vistas. (16) Enfim foi dito que nos tempos de Elias o céu estava fechado, quando reinava a perfídia, com Acab e Jesabel;<sup>43</sup> quando o povo se consagrou ao sacrilégio real, e por isso ninguém elevava os olhos ao céu, ninguém venerava o criador do céu, mas adoravam paus e pedras. De onde tiramos isto? É que também nas maldições ao povo de Israel Deus disse: *o céu será de bronze para ti, sobre tua cabeça, e tua terra será de ferro;*<sup>44</sup> o povo judeu, pagando o preço da

perfidia, era então punido pela intempérie do céu e pela infecundidade da terra, pois é do céu que vem a fertilidade. Finalmente, também Moisés, em suas bênçãos, deu à tribo de José *desde os confins do céu e do orvalho das fontes do abismo subterrâneo e, quanto ao tempo, desde o curso do sol e desde os meses convenientes, e desde o cume dos montes e das colinas eternas*,<sup>45</sup> porque a fecundidade das terras é nutrida pela temperança do céu. Portanto, é de ferro o céu que não verte nenhum líquido, quando nenhuma chuva irrompe das nuvens.<sup>46</sup> Céu de ferro é também o ar obscurecido, pesado, nebuloso, cor de ferrugem, quando a terra é confrangida pelo rigor do frio. Vê-se então uma espécie de líquido suspenso sobre nossas cabeças, pendendo por alguns instantes. Muitas vezes também as águas, enrijecidas pelos sopros glaciais dos ventos, solidificam-se em neve, que cai, rompendo o ar. Ora, este firmamento não pode ser rompido sem algum barulho. É por isso também que se chama firmamento, porque não é fraco nem mole. Daí também dizer a Escritura a respeito dos trovões que ressoam com grande fragor, quando o vento formado no seio das nuvens se despedaça violentamente ao sair: *firmando pelo trovão*.<sup>47</sup> Portanto, o firmamento é assim chamado pela sua firmeza, ou por ter sido firmado pela virtude divina, como nos ensina também a Escritura, ao dizer: *louvai-o no firmamento de sua virtude*.<sup>48</sup> (17) E não faltam alguns que relacionaram os céus dos céus<sup>49</sup> com as virtudes inteligíveis, e o firmamento com as operatórias. E por isso interpretam que os céus louvam ou narram a glória de Deus, e o firmamento anuncia, por assim dizer, não as obras espirituais, mas as obras do mundo, conforme dissemos acima. Outros ainda interpretaram as águas que estão acima dos céus como virtudes purificadoras. Aceitamos estas interpretações pela beleza da narração; entretanto, não nos parece estranho nem absurdo entendermos as águas como águas verdadeiras, em vista do que já dissemos. Com efeito, o orvalho, o gelo, o frio e o calor bendizem ao Senhor, segundo o hino do profeta; a terra também bendiz e as estrelas igualmente;<sup>50</sup> e não incluímos as estrelas entre as naturezas inteligíveis, mas entre as realidades concretas. Os monstros marinhos também louvam o Senhor,<sup>51</sup> porque sua natureza e aparência, como podemos ver, não apresentam a mínima beleza nem demonstram possuir o mínimo de razão.

5,18. *E Deus viu que era bom*.<sup>52</sup> O Filho faz o que o Pai quer, e o Pai louva o que o Filho faz. Não existe nada de natureza inferior naquele cuja obra não deturpa a vontade do Pai. Deus viu certamente: não teve em mira os olhos do corpo, mas estabeleceu que a obra convinha à plenitude da graça, para que seu desígnio se tornasse conhecido para mim; pois nós também costumamos discutir a respeito das coisas divinas. E por que nos admirarmos de que eles voltem a debater a respeito da obra, se colocam dúvidas até sobre a geração do próprio autor? Chamam-no a juízo, pretendem afirmar que ele é dessemelhante e inferior ao Pai. Por isso lê-se que “Deus disse”<sup>53</sup> e “Deus fez”;<sup>54</sup> o Pai e o Filho são honrados pelo mesmo nome de majestade. *E Deus viu que era bom*.<sup>55</sup> Disse a quem sabia tudo o que o Pai queria; viu tudo o que o Filho fazia com sabedoria, sustentando e fazendo ele também, em ação conjunta. (19) *Viu que era bom*. Certamente ele não tomou conhecimento do que não sabia, mas aprovou o que lhe agradava. Não lhe agradou, por assim dizer, uma obra desconhecida, porque não é desconhecido o pai que se compraz no filho, conforme está escrito: *Este é meu filho muito amado, em quem eu me comprazo*.<sup>56</sup> Ora, o Filho sempre conhece a vontade do Pai, e o Pai a do Filho; o Filho sempre ouve o Pai e o Pai ao Filho, por unidade de natureza, vontade e substância. Enfim, é isto que o Filho testemunha em seu evangelho, quando diz ao Pai: *eu sabia que sempre me ouves*.<sup>57</sup> O Filho é, com efeito, *a imagem do Deus invisível*.<sup>58</sup> Tudo ele representa como imagem do Pai, tudo ele ilumina

e manifesta para nós como *esplendor da glória do Pai*.<sup>59</sup> O Filho vê a obra do Pai, assim como o Pai vê a do Filho, conforme o próprio Senhor declarou: *O Filho não pode fazer coisa alguma por si mesmo, a não ser aquilo que viu o Pai fazer*.<sup>60</sup> Portanto, o Filho vê o Pai fazer, vê pelo mistério de sua natureza invisível, e igualmente ouve. Finalmente diz o Filho: *Assim como eu ouço, também julgo*,<sup>61</sup> e *o meu julgamento é verdadeiro, porque não estou só, mas sou eu e o Pai que me enviou*.<sup>62</sup> (20) O que acabamos de dizer é místico, o que diremos a seguir é moral. Viu para mim, aprovou para mim. Para que tu não consideres repreensível aquilo que Deus aprovou, ao te lembrares do que foi escrito para ti: *não chames de profano aquilo que Deus purificou*.<sup>63</sup> Portanto, que ninguém blasfeme contra o bom Deus. E se o firmamento é bom, quanto melhor é o seu criador, ainda que não queiram os Arianos<sup>64</sup> e protestem os Eunomianos,<sup>65</sup> fruto deteriorado de raiz degenerada. (21) *Deus viu que era bom*,<sup>66</sup> diz a Escritura. Os artífices costumam fazer primeiro as partes, uma a uma, e depois juntá-las com habilidade; assim, os que tiram do mármore os rostos ou os corpos dos homens, ou modelam em bronze,<sup>67</sup> ou moldam em cera, não sabem como cada membro poderá juntar-se aos outros e que beleza produzirá o conjunto final. E por isso ou não ousam louvar, ou então louvam o todo pelas partes; Deus, porém, sendo juiz de tudo, prevendo que as coisas que passariam a existir seriam perfeitas, já louva aquelas que estão no começo da primeira obra, antecipando o fim da obra por seu conhecimento. O que há para admirar, se em Deus a perfeição das coisas não está na consumação da obra, mas na predestinação de sua vontade? Louva uma por uma, como que em adequação com as futuras, louva a plenitude formada pela beleza de cada uma. Com efeito, a verdadeira beleza é esta: aquilo que agrada deve estar tanto em cada um dos membros como no todo, de modo que em cada um deles seja louvada a graça, e no conjunto, a plenitude da forma resultante. (22) Mas encerremos de uma vez este segundo dia. Não aconteça que, enquanto nós edificamos a obra do firmamento, tornemos menos firmes aqueles que nos escutam, devido à prolixidade da narração; nem suceda que, enquanto nosso sermão avança pela noite – que não tem ainda a luz da lua e das estrelas, visto que ainda não foram criados os luminares do céu –, possa levar escuridão aos que voltam para casa. Além disso, é preciso também cuidar dos corpos com comida e bebida, para que a fragilidade da carne não se queixe deste jejum noturno aos espíritos que se banqueteiam.

<sup>1</sup> Cf. Basílio, *Hexaem.* 3. Aqui começa o *Sermo III*, pronunciado na tarde do segundo dia da Semana Santa de 387 ou 388.

<sup>2</sup> Sl 119,28.

<sup>3</sup> Sl 119,85-86.

<sup>4</sup> Cf. Col 2,9.

<sup>5</sup> Lc 18,43.

<sup>6</sup> Ex 15,6.

<sup>7</sup> Gn 1,6.

<sup>8</sup> Trata-se, provavelmente, de Demócrito; cf. Cícero, *Acad.*, II,55.

<sup>9</sup> Sl 96,5.

<sup>10</sup> Sl 115,3.

<sup>11</sup> Mc 14,36.

<sup>12</sup> Cf. 2Cor 12,2.

<sup>13</sup> Sl 148,4.

<sup>14</sup> Cf. Cícero, *De rep.*, VI,17-18. Ambrósio, porém, parece não depender diretamente do grande *rhetor* romano, mas de Macróbio, que comentou a referida obra ciceroniana. A esse respeito, veja-se P. COURCELLE, “Nouveaux aspects du platonisme chez saint Ambroise”, *Revue des Études Latines* 34 (1956), pp. 232-239.

<sup>15</sup> Acerca das descrições das quedas de água do Rio Nilo, veja-se Plínio, *Nat. hist.* V,54; VI,181.

<sup>16</sup> Gn 1,6.

<sup>17</sup> Cf. Filon de Alexandria, *De opif. mundi*, 10.

<sup>18</sup> Gn 1,1.

<sup>19</sup> Gn 1,7.



[20](#) Cf. Ef 3,18-19.

[21](#) Gn 1,6.

[22](#) Sl 148,6.

[23](#) Sl 148,4.

[24](#) Sl 148,5-6.

[25](#) Ex 15,8, pouco distinto tanto da *Septuaginta* quanto da *Vulgata*.

[26](#) Cf. Sl 114,3.

[27](#) Fl 4,13.

[28](#) Cf. Virgílio, *Enéadas*, V,20.

[29](#) Cf. Ovídio, *Metam.*, I,12-13.

[30](#) Cf. Virgílio, *Eclog.*, VI,33-34.

[31](#) Cf. Virgílio, *Enéadas*, I,174.

[32](#) Cf. Jó 36,27.

[33](#) Is 44,27.

[34](#) Cf. Suetônio, *De nat. rer.*, 128.

[35](#) Cf. Virgílio, *Enéadas*, I,174-176.

[36](#) Gn 1,6.

[37](#) Sl 19,2.

[38](#) Gn 1,8.

[39](#) Dn 3,56.

[40](#) Isto é, algo como *céu a ver-se*, ou *céu para ser visto*. Mas a etimologia de Ambrósio, aqui, é dúbia.

[41](#) Mt 18,10, que, porém, tanto na *Septuaginta* quanto na *Vulgata*, refere-se aos anjos, não às aves. É possível que Ambrósio tenha se confundido ao citar também Gn 1,20 (cf. nota seguinte).

[42](#) Gn 1,20. Aqui, a situação dá-se ao contrário: o texto refere-se aos pássaros, mas Ambrósio lê-o referido aos anjos, as *potências* celestes.

[43](#) 1 Re 17,1ss.

[44](#) Dt 28,23.

[45](#) Dt 33,13-15.

[46](#) Cf. Virgílio, *Enéadas*, XI,548.

[47](#) Am 4,13, conforme à *Septuaginta*.

[48](#) Sl 150,1.

[49](#) Sl 148,4.

[50](#) Cf. Dn 3,63-68.

[51](#) Sl 148,7.

[52](#) Gn 1,9.

[53](#) Gn 1,6.

[54](#) Gn 1,7.

[55](#) Gn 1,9.

[56](#) Mt 3,17.

[57](#) Jo 11,42.

[58](#) Cl 1,15.

[59](#) Hb 1,3.

[60](#) Jo 5,19.

[61](#) Jo 5,30.

[62](#) Jo 5,30; 8,16.

[63](#) At 10,15; 11,9.

[64](#) Cf. p. 32, n. 78, relativa a *Exam.* 1,6,20.

[65](#) De Eunômio (Capadócia, séc. IV), que radicalizou a doutrina de Ário. Cf., abaixo, n. 81, p. 99, referente a *Exam.* 3,7,32. A respeito do arianismo, expoentes e tonalidades distintas no mesmo, veja-se M. SIMONETTI, *La crisi ariana nel IV secolo*, Roma: Augustinianum, 1975.

[66](#) Gn 1,9.

[67](#) Cf. Virgílio, *Enéadas*, VI,847-848.

## TERCEIRO DIA

1,1<sup>1</sup>. O terceiro dia que surgiu na leitura da Escritura nasce hoje para nós no sermão; dia notável, que livrou a terra do naufrágio, quando Deus disse: *que a água que há sob o céu se reúna em um só ajuntamento.*<sup>2</sup> A este respeito, quero fazer um preâmbulo. *Que a água se reúna*, foi dito, e ela se reuniu: e muitas vezes se diz “reúna-se o povo”, e o povo não se reúne. Muito me envergonha que os elementos insensíveis se submetam à ordem de Deus e os homens, a quem o próprio criador conferiu sensibilidade, não lhe obedeçam. Oxalá esta vergonha fizesse hoje muitos de vós vos reunirdes, para não parecer que naquele dia a água se tenha reunido num só ajuntamento – e hoje absolutamente não parecer que o povo esteja reunido na igreja do Senhor. (2) E não temos apenas este exemplo de obediência da água, pois em outro lugar está escrito também: *as águas te viram, Deus. Viram-te e temeram.*<sup>3</sup> Ora, parece inverossímil o que foi dito sobre as águas em outra passagem, onde o profeta diz também: *o mar viu e fugiu, o Jordão voltou para trás.*<sup>4</sup> Na verdade, quem ignora o fato de que o mar fugiu à passagem dos hebreus? Quando a onda se dividiu, o povo passou a pé enxuto, acreditando que o mar desaparecera, e as ondas tinham fugido. Em seguida, o Egípcio também acreditou e entrou: mas voltou sobre ele a onda que fugira. Portanto, a água soube não só reunir-se, mas também temer e fugir, quando Deus mandou. Imitemos esta água, e conheceremos o único ajuntamento do Senhor, a única Igreja.

3. Reuniu-se aqui outrora a água de todo vale, de todo pântano, de todo lago. O vale é a heresia, o vale é a gentilidade, porque Deus é dos montes, não dos vales.<sup>5</sup> Afinal, na Igreja está a exultação, na heresia e na gentilidade estão o choro e a tristeza. Daí dizer a Escritura: *colocou o choro no vale.*<sup>6</sup> Portanto, o povo católico foi reunido de todo vale. Já não existem muitos ajuntamentos, mas um só ajuntamento, uma só Igreja. Aqui também foi dito: reúna-se a água de todo vale, e foi feito um ajuntamento espiritual, foi feito um único povo. A Igreja foi preenchida com hereges e gentios. O vale é a arena, o vale é o circo, onde o cavalo enganador corre para salvar-se, onde o combate é vil e abjecto, onde a disputa é uma horrível infâmia. Pois a partir destes que costumavam estar ligados ao circo cresceu a fé da Igreja e aumenta diariamente a assembleia. (4) O pântano é a luxúria, o pântano é a intemperança, o pântano é a incontinência; ali estão os lamaçais dos desejos, os rugidos das feras, os esconderijos das paixões; ali todos os que caem, mergulham e não emergem; ali escorregam as plantas dos pés e vacilam os passos de cada um; ali as gaivotas se sujam ao se lavarem; em cima dali são aflitivos os gemidos das pombas; ali a tartaruga lenta fica parada no abismo lamacento; enfim, o javali fica no pântano, o cervo vai às fontes.<sup>7</sup> Assim, pois, de todo pântano, onde por assim dizer as rãs entoavam uma velha lamentação,<sup>8</sup> foi reunida a fé, foi reunida a pureza do espírito e a simplicidade da mente.

5. A água se reuniu de todo lago e de toda cova, para que ninguém prepare para seu irmão uma cova para ele cair<sup>9</sup> – mas para que todos se amem uns aos outros, todos se ajudem uns aos outros, como membros diferentes entre si que sustentam um único corpo. A estes não agradam as mórbidas cantigas dos atores de teatro, que amolecem o espírito para os amores – mas sim os concertos da Igreja, a voz

harmoniosa do povo em louvores a Deus, e uma vida piedosa. Estes não se deleitam em contemplar tapetes de púrpura e cortinas preciosas – mas sim esta belíssima obra do mundo, esta união de elementos distantes entre si: o céu estendido como uma abóbada<sup>10</sup> para cobrir os que habitam neste mundo; a terra dada para o trabalho; o ar esparzido; os mares fechados; este povo, instrumento do agir divino, no qual ecoa a cadência do oráculo divino e no meio do qual opera o Espírito de Deus; esse templo, sacrário da Trindade, morada da santidade; igreja santa, onde refulgem as cortinas celestes, das quais foi dito: *dilata o lugar dos teus tabernáculos e de tuas cortinas, fixa-o, não faças economia, alonga tuas cordas e reforça tuas estacas, estende-te para a direita e para a esquerda: e as nações possuirão tua semente como herança, e habitarás cidades abandonadas.*<sup>11</sup> Ela tem, pois, cortinas, com as quais exalta uma boa vida, cobre os pecados, oculta a culpa. (6) Esta é a Igreja, que foi *fundada sobre os mares e preparada sobre os rios.*<sup>12</sup> De fato, ela foi confirmada e preparada sobre vós, que da fonte pura do mundo para ela desceis como rios, dos quais foi dito: *elevaram os rios, ó Senhor, elevaram os rios suas vozes, mais que a voz das grandes águas.*<sup>13</sup> E o salmista acrescentou: *são admiráveis as alturas do mar, é admirável o Senhor nas alturas.*<sup>14</sup> Bons rios; hauristes daquela fonte perene e cheia, da qual jorrais, e que vos diz: *aquele que crê em mim, como diz a Escritura, de seu seio jorrarão rios de água viva. Jesus dizia isto a respeito do Espírito que começavam a receber aqueles que acreditavam nele.*<sup>15</sup> Mas agora, como as correntezas do bom Jordão,<sup>16</sup> voltaí comigo à origem.

2,7. *Reúna-se a água que está debaixo do céu em um só ajuntamento, e apareça a que é seca,*<sup>17</sup> diz a Escritura. E assim foi feito. Talvez alguém não tenha dado muito crédito a nossas palavras anteriores, quando dissemos que a terra estava invisível, porque estava escondida, coberta pelas águas, de modo que não podia ser vista pelos olhos do corpo. Sem dúvida, o profeta refere-se a si mesmo, isto é, à nossa condição, e não à majestade da natureza divina, que certamente vê tudo. Porém, para perceberdes que não foi para satisfazer nossa inteligência que nos demos ao trabalho da pregação, mas foi em vista da vossa instrução, comprovamos que a sequência da leitura da Escritura concorda conosco; com efeito, ela afirma abertamente que, depois que a água que estava sobre a terra se reuniu e derivou para os mares, apareceu aquela que é seca. Portanto, que desistam de criar-nos obstáculos com disputas dialéticas aqueles que dizem: como a terra poderia estar invisível, se todo corpo tem por natureza aspecto e cor, e toda cor está submetida à visão? A voz de Deus clama: *reúna-se a água e apareça a que é seca.*<sup>18</sup> E a Escritura diz pela segunda vez: *reuniu-se a água em um só ajuntamento e apareceu a que é seca.*<sup>19</sup> Que necessidade haveria de repetir, se o profeta não julgasse que deveria obstar a estas questões? Será que ele não está dizendo: eu não disse “invisível” segundo a natureza, mas segundo a sobreposição das águas? Finalmente ele acrescentou que, levantada a cobertura, apareceu aquela que é seca, e que antes não se via. (8) Novamente, eles levantam outras dúvidas, dizendo: se a água estava em ajuntamentos diferentes, e se aqueles ajuntamentos estavam nas partes mais altas, como é que a água não descia até o lugar para onde derivou depois da ordem do Senhor? – pois a natureza das águas espontaneamente desliza para baixo – mas se, pelo contrário, aqueles ajuntamentos estavam nas partes mais baixas, como é que a água subiu para as mais altas, contra sua própria natureza? Assim sendo, ou o curso natural não tinha necessidade de uma ordem, ou não podia avançar, por uma ordem contrária à sua natureza. Responderei facilmente a esta questão, se eles próprios me responderem antes: era esta a natureza das águas, de deslizar, de fluir, antes do preceito do Senhor? Com efeito, ela não tem esta propriedade por influência dos outros elementos; é algo



específico e próprio dela; não lhe vem como que de uma disposição natural, mas principalmente da vontade a do agir do Deus Altíssimo. As águas escutam o que Deus ordenou, e a voz de Deus é eficaz por natureza. A realização da obra encheu esta voz. A água começou a correr e a confluir para um só ajuntamento, ela que antes estava espalhada pelas terras e estava contida em numerosos reservatórios. Qual era o seu curso anterior eu não li, qual era o seu movimento anterior eu não aprendi, nem meu olho viu, nem meu ouvido escudou. A água estava parada em vários lugares: à voz de Deus ela se moveu. Não parece, pois, que foi a voz de Deus que fez assim a natureza dela? A criatura seguiu o preceito e fez seu costume a partir da lei; com efeito, a lei da primeira organização relegou a forma para mais tarde. Em suma, Deus fez uma só vez o dia e a noite. A partir de então se estabeleceu a sucessão e a renovação quotidiana de ambos. A água também recebeu a ordem de correr para um ajuntamento: a partir de então ela passou a correr; as fontes se escoam em rios, os rios correm para os mares,<sup>20</sup> os lagos derivam para os mares, a própria água precede, impele e segue a si mesma. Um só é o aqueduto, um só é o corpo. E embora a profundidade da água seja diversa, a superfície de seu dorso é indivisa. É por isso que eu penso que o mar foi chamado de *aequor*, porque sua superfície é igual.<sup>21</sup>

(9) Eu respondi à proposta deles; que eles agora respondam para mim: nunca viram as fontes saltarem de debaixo da terra e a água surgir do chão? Quem a reúne? De onde ela prorrompe? Como é que ela não acaba? Como pode ser que as gargantas profundas do solo vomitem água? Estas coisas acontecem segundo os segredos da misteriosa natureza. De resto, quem ignora que, muitas vezes, ao descer para as profundezas em rápido ímpeto, a água se levanta para cima e se ergue até o cume de um monte? Outras vezes também, desviada para canais pela mão de um artífice, ela não torna a subir tanto quanto desceu? Assim sendo, se a água é conduzida e elevada, contra sua própria natureza, ora por seu próprio ímpeto, ora pelo engenho do artífice, vós vos admirais de que alguma coisa contrarie o costume de sua própria natureza, por obra de um preceito divino? O que é que antes não existia em seu costume? Digam-me agora como é que Deus *reuniu as águas do mar como num odre*,<sup>22</sup> conforme está escrito, e como é que ele *tirou as águas do rochedo*?<sup>23</sup> Aquele que foi capaz de tirar do rochedo a água que não existia, não foi capaz de conduzir a água que existia? *Bateu no rochedo e fluíram as águas*, clama Davi, *e as torrentes transbordaram*.<sup>24</sup> E em outro lugar: *sobre os montes estavam paradas as águas*.<sup>25</sup> Lês no evangelho que, quando houve uma tempestade tão forte e uma agitação tão grande no mar, os apóstolos tremiam diante do perigo de um naufrágio e acordaram o Senhor Jesus que estava dormindo na popa; ele, levantando-se, ordenou ao vento e ao mar que se acalmasse a tempestade e se restabelecesse a tranquilidade.<sup>26</sup> Aquele que com uma ordem foi capaz de acalmar o mar inteiro, não foi capaz de mover as águas com uma ordem? Pois bem, é assim que entendemos o dilúvio: irromperam as fontes do abismo<sup>27</sup> e depois Deus enviou um vento e fez secar a água.<sup>28</sup> Se eles não aceitam que a natureza tenha obedecido e que o costume de um elemento tenha sido mudado por uma ordem de Deus, façam ao menos esta concessão: com o vento que foi enviado, as águas puderam correr, conforme vemos diariamente no mar, pois as águas correm do lugar de onde sopra o vento. Se num instante foi excitado para Moisés o vigoroso Austro, que fez secar o mar,<sup>29</sup> será que da mesma forma o ajuntamento das águas não pôde secar, e correr para o mar a água que depois foi dividida desde as profundezas? Pois bem, aprendam que a natureza pode ser mudada, [como] quando a rocha verteu água e o ferro flutuou sobre as águas; Eliseu certamente conseguiu fazê-lo pedindo, e não ordenando.<sup>30</sup> Portanto, se Eliseu fez o ferro elevar-se contra a natureza, será que Cristo não pôde mover as águas? Certamente que moveu, aquele que pôde dizer: *Lázaro, vem para fora*<sup>31</sup> –

ressuscitando o morto; Deus fez, pois, aquilo que ordena. Assim sendo, entende da mesma forma o que foi dito: *reúna-se a água, e a água se reuniu*.<sup>32</sup> Entretanto, ao dizer *reúna-se*, ele não só moveu a água de um lugar, como também a fixou em um lugar, para que não se escoasse, mas permanecesse.

10. Assim sendo, o maior prodígio é este: todos os ajuntamentos fluírem para um só ajuntamento, e este único ajuntamento não ficar repleto. Até a Escritura coloca isto entre os prodígios, ao dizer: *todas as torrentes vão para o mar, e o mar não fica cheio*.<sup>33</sup> Portanto, uma coisa e outra vêm do preceito de Deus: que a água flua e que não transborde. Assim, fecham-se os mares, circunscritos em um limite estabelecido, para que não se espalhem sobre as terras, inundando tudo, provocando o abandono do cultivo dos campos e tornando inviável a fecundidade da terra. Saibam eles, pois, que isto é obra do preceito divino e do agir celeste. Com efeito, entre outras coisas, o Senhor também falou a Jó, por meio de uma nuvem, sobre o fechamento do mar: *estabeleci-lhe limites, com ferrolhos e portas; disse-lhe ainda: até aqui chegarás e não passarás, mas em ti mesmo se deterão tuas vagas*.<sup>34</sup> Porventura nós mesmos não vemos frequentemente o mar tão agitado, que as ondas sobem para o alto como uma montanha de água,<sup>35</sup> e depois quebram seu ímpeto na praia, dissolvendo-se em espumas, como que rebatidas pelas barreiras da humilde areia? Pois está escrito: *ou será que não me temerás, diz o Senhor, a mim, que pus a areia como limite para o mar?*<sup>36</sup> Assim, pelo pó mais fraco de todos, pela areia vil, é detida a intempestiva força do mar; como que pelas rédeas da ordem celeste, ela é contida no limite que lhe foi fixado; a agitação violenta do mar quebra-se em si mesma e esfacela-se em longínquas enseadas.<sup>37</sup> (11) De resto, se não fosse detido pela força do estatuto celeste, o que impediria o Mar Vermelho de misturar-se ao Mar Egípcio, nas planícies do Egito? Pois o Egito se estende em grande parte por vales muito baixos e está localizado em lugares planos. Em suma, é isto que ensinam os que queriam unir entre si estes dois mares, fundindo um no outro: Sesostres Egípcio, mais antigo, e Dario Medo. Este último, com maior poder de visão, quis levar a efeito o que o egípcio tentara antes. Isto mostra que o Oceano Índico, onde se localiza o Mar Vermelho, é mais alto do que o Mar Egípcio,<sup>38</sup> que banha regiões mais baixas. E quem sabe se ambos os reis não teriam envidado esforços para que o mar mais extenso não transbordasse, precipitando-se das regiões mais altas sobre as mais baixas.

3,12. A Escritura disse: *reúna-se a água em um só ajuntamento*.<sup>39</sup> Pergunto agora: como foi que um único ajuntamento pôde receber águas espalhadas por lagos, pântanos e lagoas; águas que transbordavam sobre vales, campos e todos os lugares mais planos, correndo em fontes e rios? Como, um único ajuntamento, se hoje existem diversos mares? Com efeito, nós chamamos de mares o Tirreno, o Adriático, o Índico, o Egípcio, o Ponto, a Propôntida, o Helesponto, o Euxino, o Egeu, o Jônico, o Atlântico; muitos ainda chamam de mar o Cretense e o Cáspio setentrional. Examinemos então as palavras da Escritura, que foram pesadas em balança equilibrada. (13) Ela diz: *reúna-se a água em um único ajuntamento*.<sup>40</sup> O ajuntamento único das águas é corrente e também contínuo, mas o mar tem diversas baías, conforme diz certo escritor forense.<sup>41</sup> Assim, por exemplo, o mar Negro é uma baía amplíssima do Mar Mediterrâneo, que, com razão, em lugares diferentes tem nomes diferentes, porque as designações ligaram-se às águas a partir dos nomes das regiões; porém, é único o ajuntamento das águas, porque a água corre continuamente desde o Mar Índico até a praia do litoral de Gades; daí até o extremo do Mar Vermelho ela fecha o círculo de terras ao redor do Oceano Atlântico. No interior deste, o Mar Adriático se mistura ao Tirreno, outros mares se misturam ao Adriático,

diferentes pelos nomes, não pelas águas. Por isso lê-se com acerto que *Deus chamou de mares aos ajuntamentos das águas*.<sup>42</sup> Assim, existe um ajuntamento geral, que se chama mar, e muitos ajuntamentos, que também são chamados mares conforme as regiões. Com efeito, assim como muitas terras, como a África, a Espanha, a Trácia, a Macedônia, a Síria, a Gália e a Itália, são chamadas por designações regionais, e a terra é uma só, assim também muitos mares são designados por nomes locais, e um só é o mar, conforme diz o profeta: *teus são os céus e tua é a terra; tu fundaste o orbe das terras e a sua plenitude; tu criaste o mar e o Aquilão*.<sup>43</sup> E para Jó o próprio Senhor diz: *Eu fechei o mar com portas*.<sup>44</sup>

14. Agora, já que falamos de um único ajuntamento, ocorre-nos o seguinte: quando as águas estavam espalhadas por quase toda a terra, e em cima da terra, pelos vales dos campos, pelo côncavo dos montes e pelas planícies dos campos, será que num instante o único ajuntamento do mar pôde receber todas aquelas águas e esvaziar as terras que antes estavam completamente submersas? Ora, se todas as coisas estavam totalmente cobertas (de fato, a Escritura não diria “a terra foi vista”, se não quisesse demonstrar que esta fora descoberta em toda parte); se o dilúvio no tempo de Noé cobriu até os montes,<sup>45</sup> depois que já estava feita a separação das águas acima dos céus e abaixo do firmamento, será possível duvidar que aquela profusão de águas cobria até os cumes dos montes? Então, para onde derivou toda aquela abundância de águas? Que reservatórios tão contínuos e contíguos puderam absorvê-la? (15) A este respeito temos a nosso dispor muito sermão. Em primeiro lugar, o criador de todas as coisas e das próprias terras podia ter alongado os espaços; foi o que propuseram alguns antes de nós, confirmando-o com seu próprio pensamento. Quanto a mim, não desprezo o que ele poderia ter feito: mas aquilo que ele fez, e que não aprendi com clareza da autoridade das Escrituras, deixo de mencioná-lo como se fosse um segredo, para que eles não tenham um ponto de partida para outras interrogações. Afirmo, porém, segundo as Escrituras, que ele podia alongar os lugares baixos e os campos abertos, conforme ele próprio diz: *eu caminharei diante de ti e aplainarei os montes*.<sup>46</sup> A própria força das águas podia também produzir estas profundidades, a força que se instalara tanto no movimento das ondas quanto na agitação do elemento mais rápido, que atormenta diariamente as profundezas do mar e remexe as areias do fundo. Depois, quem pode conhecer a profundidade daquele grande mar, ainda não enfrentado por navegantes nem navegado por marinheiros, que fecha as Bretanhas numa profusão de águas e se estende a distantes lugares secretos, inacessíveis até às próprias lendas? E quem não ligaria tanta água ao Lucrino e ao Averno, na Itália, ao próprio Tiberíades na Palestina, e àquele lago que encaixa os desertos da Arábia entre a Palestina e o Egito, para formar um mar estendido por todo o orbe, com diversos portos de Augusto, Trajano e outros mais? (16) Mas ainda existem lagos e pântanos que não se fundem, cujas águas não se misturam, como o Lário e Benaco, além do Albano e outros mais: como pode ser um só o ajuntamento das águas? Mas, da mesma forma que se diz que Deus fez dois luminares, isto é, o sol e a lua, embora existam certamente as luzes das estrelas – assim também se diz um único ajuntamento, embora existam muitos; de fato, nem se podem contar os ajuntamentos que não se unem.

4,17. Mas, como se pode ver, ao falarmos sobre o mar, transbordamos muito... Voltemos ao nosso propósito e examinemos o que significa aquilo que o Senhor diz: *Reúna-se a água em um só ajuntamento e apareça a que é seca*.<sup>47</sup> – e não disse “terra”. Quem não vê o que foi colocado com tanta clareza? A terra pode, com efeito, estar também misturada com a lama, molhada pelas águas, e seu aspecto não aparece entre as águas espalhadas. *A que é seca*, por sua vez, refere-se não só à

espécie, mas também ao aspecto das terras, isto é, terra útil, seca, preparada e própria para o cultivo. Ao mesmo tempo, para não parecer que a terra foi secada mais pelo sol do que pelo preceito de Deus, foi previsto que ela foi criada seca, antes de ser criado o sol. Por isso, separando o mar e a terra, Davi também diz a respeito do Senhor Deus: *dele é o mar, pois foi ele quem o fez, e suas mãos fizeram a que é seca.*<sup>48</sup> A palavra seca designa, pois, a natureza; terra por sua vez designa simplesmente a coisa que tem em si aquela propriedade. Assim como animal é a designação de um gênero que tem alguma coisa de específico e distinto, e racional, por sua vez, é próprio só do homem – assim também, de modo geral, pode-se dizer terra quando ela está cheia de água, ou quando está deserta, impenetrável e sem água.<sup>49</sup> Portanto, naquela que tem água em abundância também está implícito que tenha secura: uma vez suprimida a água, ela começa a ser seca, conforme está escrito: *Ele pôs rios no deserto e fontes de água na sede.*<sup>50</sup> Isto é: da terra cheia de água fez terra seca. (18) A terra tem, pois, sua própria qualidade, assim como acontece com cada um dos elementos: o ar tem qualidade úmida, a água tem qualidade fria e o fogo, qualidade quente. Esta é a propriedade principal de cada elemento, que percebemos pela razão. Se quisermos, porém, perceber com os sentidos e com o corpo, encontraremos estas propriedades, por assim dizer, juntas e acopladas: a terra é seca e fria; a água, fria e úmida; o ar, quente e úmido; o fogo, quente e seco. E desta forma, os elementos se misturam entre si, por meio das qualidades que têm em comum. Assim, a terra, que tem qualidade seca e fria, une-se à água pela afinidade da qualidade fria, e por meio da água une-se ao ar, porque o ar é úmido. Portanto, é como se a água tivesse dois braços, um frio, outro úmido, e abraçasse a terra com um e o ar com o outro: a terra com o frio, o ar com o úmido. O ar, por sua vez, que está no meio de dois elementos incompatíveis por natureza, isto é, entre a água e o fogo, concilia consigo um e outro, porque se une às águas pela umidade e ao fogo pelo calor. E o fogo, sendo quente e seco por natureza, une-se ao ar pelo calor, e pela secura se funde em comunhão e sociedade com a terra. E assim, por meio deste circuito e de uma espécie de coro de concórdia e sociedade, os elementos unem-se entre si. Daí em grego designar-se por *stoiche* a aquilo que em latim chamamos de *elementa*, porque os elementos se unem e se juntam uns aos outros. (19) Mas aqui nós fomos mais longe, porque a Escritura diz que Deus chamou terra àquela que é seca – isto é: a Escritura designou pela propriedade da natureza a coisa mais importante em que está presente esta propriedade. Com efeito, a secura é a propriedade natural das terras; esta prerrogativa lhes foi reservada. Portanto, sua propriedade principal é a secura. Depois vem a qualidade fria, mas as propriedades segundas não têm precedência sobre as primeiras. Ser úmida, por outro lado, lhe vem da proximidade das águas. Portanto, a primeira propriedade é sua, a segunda é alheia: sua qualidade própria é ser seca; ser úmida é qualidade alheia. Assim, o criador da natureza manteve aquilo que lhe concedeu primeiro, porque a primeira propriedade lhe vem da natureza, e a outra, de uma causa. Portanto, foi pelas qualidades principais e não pelas acidentais que se definiu a propriedade da terra – de modo que nosso conhecimento seja formado segundo a prerrogativa da qualidade dela.

5,20. *E Deus viu que era bom.*<sup>51</sup> Não ignoramos que alguns julgam que não esteja no Hebraico nem em outras interpretações que *a água foi reunida em seus ajuntamentos e apareceu a que é seca. E Deus chamou terra à que é seca e aos ajuntamentos das águas chamou mares.*<sup>52</sup> Com efeito, já que Deus disse que *assim foi feito*,<sup>53</sup> julgam ser suficiente a palavra do criador como sinal da obra citada. Mas como em outras criaturas a Escritura traz não só a definição do preceito, mas também a repetição do sinal ou do efeito da obra, por isso nós não julgamos absurdo o que é citado como adição, ainda que outros intérpretes ensinem que é suficiente a verdade, ou a autoridade; assim sendo, entendemos que



não foi por acaso que os Setenta acrescentaram e uniram muitas coisas ao Hebraico. (21) Portanto, Deus viu que o mar era bom. Realmente, a aparência deste elemento é bela, quer quando embranquece em altas elevações e nos vértices das ondas, orvalhando de neve os rochedos<sup>54</sup> – quer quando sua superfície, crispada por brisas muito amenas, mansa, serenamente tranquila, reveste-se de cor púrpura, estendendo-se à distancia diante dos que o contemplam, até quebrar nas praias vizinhas, não em ondas violentas, mas como que envolvendo-as e saudando-as em ternos abraços; que doce som, que fragor agradável, que repercussão grata e harmoniosa! Apesar disso, eu não penso que o mar foi considerado belo por olhos de criatura, mas sim porque a razão da obra condiz com o juízo do autor e corresponde ao que foi determinado. (22) Portanto, o mar é bom, primeiro porque provê as terras da necessária umidade, e fornece-lhes ocultamente, como que através de veias, certa seiva útil; bom mar, receptáculo dos rios, fonte das chuvas, escoamento das enchentes, caminho das provisões; o mar aproxima os povos distantes entre si, afasta o perigo das batalhas, detém a fúria dos bárbaros; é socorro nas necessidades, refúgio nos perigos, graça nos prazeres, saúde na doença, união dos separados, caminho mais curto, refúgio dos que labutam, ajuda nos rendimentos, sustento na privação. A partir dele a chuva se espalha nas terras, pois a água é haurida do mar pelos raios solares, que dela retiram o que é tênue. Em seguida, quanto mais alto ela sobe, tanto mais se resfia em nuvens escuras, transformando-se na chuva, que não só modera a secura da terra, mas também fertiliza os campos infecundos.

23. Por que enumerar as ilhas, colares que o mar contorna, onde aqueles que renunciam às seduções da intemperança terrena por firme propósito de continência decidem esconder-se do mundo e afastar-se das curvas incertas desta vida? O mar é, pois, o segredo da temperança, o exercício da continência, o retiro da seriedade, o porto da segurança, a tranquilidade deste século, a sobriedade deste mundo; o mar é de tal forma incentivo da devoção para os homens fiéis e devotos, que, quando os cantos dos salmistas rivalizam com o som das ondas que fluem docemente, as ilhas aplaudem o tranquilo coro destas águas santas, que ressoam nos hinos dos santos. Como eu poderia abarcar toda a beleza que o criador viu no mar? E o que mais? Que outra coisa é essa harmonia das ondas, senão uma espécie de harmonia do povo? Por isso a igreja é, com razão, muitas vezes comparada ao mar, pois ela expele por todas as partes as ondas do povo que marcha na vanguarda; depois ribomba, como em ondas refluentes,<sup>55</sup> na oração de todo o povo, quando o canto harmonioso de homens, mulheres, virgens e crianças ressoa como o fragor das ondas. Ora, seria necessário dizer que a onda lava o pecado,<sup>56</sup> e a brisa salutar que sopra é o Espírito Santo? (24) Que o Senhor nos conceda correr em rápido barco, ao sopro dos anos; parar em porto seguro; desconhecer as tentações da indolência espiritual maiores do que podemos suportar; ignorar os naufrágios da fé; ter uma paz profunda e, se houver algo que provoque em nós as violentas ondas deste mundo, ter como piloto vigiando por nós o Senhor Jesus, que dê uma ordem com sua palavra, acalme a tempestade e restabeleça a tranquilidade do mar.<sup>57</sup> A ele a honra, a glória, o louvor, a eternidade, pelos séculos, agora e sempre, e por todos os séculos dos séculos. Amém.

6,25.<sup>58</sup> Dividida a água, era preciso dar à terra aparência e beleza, para que deixasse de ser invisível e desorganizada. Com efeito, muitos dizem que é invisível aquilo que não tem aparência e, assim, entendem que a terra estava invisível, não porque não pudesse ser vista pelo sumo Deus e seus anjos – pois os homens ainda não tinham sido criados, nem os animais –, mas porque não tinha aparência. Ora, a aparência da terra é a germinação e a verdura do campo. Por isso, para torná-la visível e organizada, Deus diz: *que a terra produza a erva do feno, que a semente germine segundo sua espécie*

*e a árvore frutífera produza, segundo sua espécie, o fruto que tem em si sua semente.*<sup>59</sup> (26) Ouçamos as palavras da verdade, cuja sequência é a salvação dos que as escutam. Com efeito, a primeira palavra de Deus dirigida a cada criatura capaz de gerar é a lei da natureza, que sempre permaneceu nas terras e que dará o modelo da futura sucessão, de modo que se desenvolva no futuro a faculdade de gerar ou de produzir frutos. Assim, a germinação começa quando as plantas nascentes parecem irromper; depois, surge e cresce um renovo, aparecendo a erva; a erva, por sua vez, crescendo um pouco, torna-se feno. Que palavra útil, que palavra veemente: *germine a terra a erva do feno*,<sup>60</sup> isto é, que a própria terra germine por si mesma, que não busque auxílio de outra criatura, que não precise da ajuda do que quer que seja. (27) De fato, muitos costumam dizer: se o calor benfazejo do sol não esquentasse o solo, e se de alguma forma seus raios não o aquecessem, a terra não poderia germinar. É por isso que os povos conferem honra divina ao sol, porque com a virtude do seu calor ele penetra nos buracos do solo, aquece as sementes espalhadas e dilata os veios das árvores enrijecidas pelo gelo. Escuta então Deus como que pronunciando estas palavras: cale-se o inepto sermão dos homens, o qual virá depois, afaste-se a vã opinião. Antes que seja feito o luzeiro do sol, que nasça a erva; que a prerrogativa dela seja mais antiga que a do sol. Para que não cresça o erro dos homens, que a terra germine antes de receber o calor do sol. Saibam todos que o sol não é o autor das plantas nascentes. A clemência de Deus dilata o solo, a indulgência de Deus faz prorromperem os frutos. Como o sol poderia ministrar a capacidade de viver às plantas que nasceriam, se estas vieram ao mundo pela ação vivificadora de Deus, antes que o sol chegasse à vida? Ele é mais novo do que as ervas, mais novo do que o feno.<sup>61</sup>

7, 28. E talvez alguém se admire de que a forragem para o gado tenha sido criada antes do alimento para o homem. Neste fato devemos atentar primeiro para a profundidade de Deus, que não negligencia nem as mínimas coisas, conforme diz no evangelho a sabedoria de Deus:<sup>62</sup> *olhai as aves do céu, porque não semeiam nem colhem, nem ajuntam nos celeiros, e o vosso Pai celeste as alimenta: porventura vós não sois mais do que elas?*<sup>63</sup> Ora, uma vez que elas são alimentadas pela graça de Deus, ninguém deve gloriar-se de seu esforço e virtude. Depois, ele quis dar precedência ao alimento simples e natural sobre os demais alimentos. Com efeito, este é o alimento da sobriedade, os restantes são dos prazeres e da luxúria; este é o alimento comum a todos os animais, aquele é o alimento de poucos. E assim, o exemplo da frugalidade, o magistério da economia é que todos se contentem com o alimento da erva simples, dos legumes humildes ou dos frutos – alimento que a natureza lhes proporcionou, que a liberalidade de Deus lhes deu primeiro. Alimento saudável, útil, que afasta as doenças, que evita a indigestão, cuja produção não exige dos homens esforço algum, porque é prodigalizado pelo favor divino; cereais sem semente, fruto sem semente, tão doce e agradável que mesmo os que já estão satisfeitos o consomem com prazer. Em suma, dado em vista das primeiras refeições, permaneceu para as seguintes.

29. Ora, como eu poderia esboçar a maravilha desta criação e apresentar a prova da sabedoria criadora? Pois na aparência destes rebentos e na serventia daquela erva verdejante está a imagem da vida e da natureza humana, e se vê e se manifesta como num espelho o sinal de nossa condição. A erva e a flor do feno são a figura da carne humana, conforme o bom intérprete da divindade expressou com o órgão de sua voz, dizendo: *clama. O que clamarei? Toda a carne é como o feno e toda a glória do homem é como a flor do feno. O feno secou e a flor caiu, mas a palavra do Senhor permanece para sempre.*<sup>64</sup> A voz humana é o pensamento de Deus. Deus diz: *clama*,<sup>65</sup> mas no próprio Isaías é ele que fala. O profeta responde: *o que clamarei?*<sup>66</sup> E tão logo ouviu o que deveria falar, acrescentou: *toda a*



*carne é feno.*<sup>67</sup> Em verdade; pois a glória do homem floresce na carne como o feno e, embora pareça ser sublime, é fraca como a erva. Prematura como a flor, perecível como o feno, germina o verdor na aparência e não a solidez no fruto; como uma flor, promete os prazeres de uma vida alegre, mas em breve cairá por terra, como a erva do feno, que seca antes de ser arrancada.<sup>68</sup> Com efeito, que firmeza pode haver na carne, que saúde pode ser duradoura? (30) Hoje podes ver um jovem saudável na flor dos verdes anos da adolescência, de aparência agradável e bela cor: no dia seguinte ele se apresenta diante de ti mudado no aspecto e no semblante;<sup>69</sup> então, aquele que na véspera te pareceu cheio de glória graças à bela aparência, no outro dia aparece digno de compaixão, debilitado pela fraqueza de uma doença qualquer. A muitos é o trabalho que abate, ou a penúria que consome, a indigestão que maltrata, os vinhos que corrompem, a velhice que debilita, os prazeres que efeminam, a luxúria que empalidece. Não é verdade que o feno secou e a flor caiu? Outro, nobre pelos avós e antepassados<sup>70</sup> e honrado pelos galões dos ancestrais, ilustre pelas insígnias de uma família antiga,<sup>71</sup> cheio de amigos, rodeado de protegidos, resguardado de todos os lados, conduzindo e reconduzindo uma família numerosa – repentinamente acabrunhado pelo peso de uma eventual provação, é abandonado por todos, desprezado pelos companheiros, atacado pelos parentes. Eis como é verdade que a vida do homem é semelhante ao feno: seca antes de ser colhida.<sup>72</sup> Existe também quem desfrute no momento de abundância de recursos e voe de boca em boca<sup>73</sup> pela fama de liberalidade, ilustre pelas honrarias, preeminente pelos poderes, importante nos tribunais, elevado em autoridade, considerado feliz pelo povo, enquanto é escoltado pelo pregão dos aduladores; subitamente, por uma mudança nos acontecimentos, é arrastado ao mesmo cárcere em que ele próprio precipitara outras pessoas, e chora as aflições de um castigo iminente, no meio de seus antigos réus. Quantas pessoas um dia são tiradas de casa pela caterva dos aduladores e pelo cortejo invejoso da população: e uma única noite destrói o esplendor da gloriosa aventura, e uma súbita pleurite mistura aos pródigos prazeres uma lúgubre sucessão de pesada tristeza. Assim, pois, a glória do homem é semelhante à flor do feno, pois ela também nada acrescenta às obras depois de subtraída; nela não se obtém nenhum fruto; ao ser perdida, desaparece, abandonando repentina e completamente a vida do homem, que ela recobria por cima,<sup>74</sup> e animava por dentro. (31) Mas oxalá imitássemos esta erva, sobre a qual diz o Senhor: *que a terra produza a erva do feno, germinando a semente conforme a sua espécie e semelhança.*<sup>75</sup> Semeemos, pois, a semente conforme a sua espécie. Queres saber qual a espécie? Escuta o Senhor, que diz que devemos procurar a semente divina, se é que de alguma forma podemos apresentá-la ou encontrá-la, *embora não esteja longe de cada um de nós. Pois nela vivemos, nela somos e nos movemos, assim como alguns dentre nós disseram: também somos desta espécie.*<sup>76</sup> Semeemos a semente segundo esta espécie, não na carne, mas no espírito. Assim, pois, não devemos semear sementes carnis, mas espirituais,<sup>77</sup> nós que queremos chegar á vida eterna. E tu não ignoras qual seja a semelhança, tu que foste feito à imagem e semelhança de Deus. A erva corresponde à sua espécie: tu não correspondeste à tua espécie. O grão de trigo espalhado dá à terra a graça de sua espécie: e tu a degeneras. Os cereais não adulteram a pureza de sua semente: tu adulteras a pureza da alma, o vigor da mente, a castidade do corpo. (32) Não sabes que és uma obra de Cristo? Com suas mãos ele te formou, conforme lemos: e tu, Maniqueu, arrogas para ti outro criador.<sup>78</sup> Deus Pai diz ao Filho: *Façamos o homem a nossa imagem e semelhança:*<sup>79</sup> e tu, Fotiniano, dizes que na constituição do mundo ainda não existia Cristo;<sup>80</sup> e tu, Eunomiano, dizes que o Filho é diferente do Pai.<sup>81</sup> Pois se é a imagem, certamente não

é diferente, mas revela totalmente o Pai, pois o Pai o marcou com a unidade de sua substância. O Pai diz *façamos*: e tu negas o cooperador. Aquilo que o Pai disse, o Filho fez: e tu negas que seja igual ao Pai aquele em quem o Pai se compraz.

**8,33.** *Que a terra produza a erva do feno, segundo sua espécie,*<sup>82</sup> diz a Escritura. Em todas as plantas consideradas nativas da terra existe um primeiro germe. Quando uma pequena quantidade se mantém, aparece a erva, depois o feno, e daí o fruto. São nativas as plantas germinadas a partir de uma raiz, assim como as árvores que não foram semeadas nascem da raiz de outras árvores. Na extremidade de um caniço, vemos como se forma, de lado, uma espécie de nó e a partir daí nasce outro caniço. Portanto, existe na raiz como que uma força germinativa. Os enxertos, por sua vez, germinam nas partes superiores. Portanto, para algumas plantas é a partir da raiz, para outras é de outro modo que se estabelece a cadeia da sucessão. Assim sendo, em cada planta nativa existe ou uma semente ou alguma virtude germinativa, e esta conforme a espécie, de modo que aquilo que dela nasce é semelhante ao que foi semeado, ou ao que germina de sua raiz: do trigo vem o trigo, do milho vem o milho; da pereira surge a pereira de alvas flores, o castanheiro por sua vez surge da raiz do castanheiro.

**34.** *Que a terra produza a erva do feno segundo sua espécie,*<sup>83</sup> diz a Escritura. E, parindo continuamente, a terra se abriu em novos rebentos, revestindo-se de um manto verdejante; obteve a graça da fecundidade e, enfeitada de múltiplas sementes, recebeu os ornatos que lhe são próprios. Ficamos admirados da rapidez com que ela germinou; muito maiores, porém, são as maravilhas, se olhas cada uma das plantas: apenas lançadas por terra, as sementes se desagregam; a não ser que estejam mortas e não produzam fruto algum, se elas de fato se desagregam, como que morrendo para si mesmas, ressurgem em frutos ubérrimos. Assim, a terra desagregada recebe o grão de trigo, a gradagem mantém o grão semeado, e a terra, como um seio materno, aquece-o e comprime-o. Depois, quando aquele grão se desagrega, a própria espécie agradecida já produz a erva verde correspondente, a qual por sua vez logo confirma a espécie, pela semelhança com o que foi semeado, de modo que nos primeiros rebentos da raiz tu possas reconhecer a espécie da erva – e nas ervas apareça o fruto: aos poucos ela cresce como o feno e, desenvolvendo-se, endireita-se e levanta-se em um caule. A seguir, quando uma espiga cheia de nós já é capaz de sustentar-se, preparam-se para o futuro cereal como que uns invólucros, dentro dos quais se forma o grão, para que seus tenros primórdios não sejam danificados pelo frio, nem ressecados pelo calor do sol, nem sacudidos pela inclemência dos ventos ou pela força selvagem das chuvas. Sucedem-se algumas séries de espigas formadas com arte admirável, agradáveis para serem vistas ou servirem de abrigo, ligadas entre si por uma espécie de laço de união natural que a divina providência formou. E para que a sustentação dos caules não fique, por assim dizer, abalada pelo peso do cereal abundante, o próprio caule é fechado em uma espécie de invólucro; desta forma, pode sustentar com forças redobradas um cereal grande, sem curvar-se para a terra por incapacidade de sustentar o peso. Depois, sobre a própria espiga se forma uma paliçada de barbas, mais ou menos como se garante uma fortaleza, para que a espiga não seja lesada pelas bicadas das aves menores, ou despojada de seus frutos, ou esmagada por pisadas.<sup>84</sup> (35) O que mais posso dizer da clemência de Deus, que vela pelos interesses do homem? A terra devolve o que recebeu emprestado, multiplicado pelo juro máximo. Os homens muitas vezes decepcionam e defraudam no próprio capital a quem lhes empresta a juros. A terra permanece fiel e se alguma vez não pagou, se por acaso lhe foi obstáculo a inclemência do frio, ou uma grande seca ou a imensa força das chuvas, no ano seguinte ela compensa os prejuízos do ano que passou. E assim, quando a produção frustra a esperança do agricultor, a terra não lhe falta em nada; e quando a terra lhe sorri,<sup>85</sup> uma fertilidade de mãe fecunda

se expande em rebentos, de modo que ela nunca inflige prejuízo algum a seu credor.

36. Que maravilha os campos férteis, que perfume, que beleza, que alegria para os agricultores: como poderíamos expressar-nos com dignidade, se usássemos apenas nossas próprias palavras? Mas temos os testemunhos da Escritura, nos quais encontramos a beleza do campo comparada à bênção e à graça dos santos, quando o santo Isaac diz: *o perfume do meu filho é o perfume de um campo farto*.<sup>86</sup> Como, pois, eu poderia descrever as violetas purpúreas, os lírios brancos, as rosas rutilantes; os campos coloridos de flores ora douradas, ora matizadas, ora amarelas, nos quais não consegues saber se é mais agradável a beleza das flores ou a intensidade do perfume?<sup>87</sup> Os olhos se regalam com espetáculo tão belo; ao longe e vastamente se esparge o perfume, cuja suavidade nos envolve. Por isso diz solenemente o Senhor: *até a beleza do campo está comigo*.<sup>88</sup> Com ele está, pois, a beleza que ele próprio formou; que outro artífice poderia, então, expressar a graça tão grande de cada coisa? *Olhai os lírios do campo*,<sup>89</sup> quanta brancura em suas folhas; suas pétalas apertadas parecem erguer-se de baixo para cima e lembram a forma de um vaso, em cujo interior parece refulgir o esplendor do ouro, que, cercado por uma paliçada dentro da flor, é inacessível a qualquer dano. Se alguém colher esta flor e separar suas pétalas, que mão de artista será capaz de refazer a beleza do lírio? Quem poderá imitar a natureza, presumindo ser capaz de recompor esta flor, à qual o Senhor conferiu testemunho tão importante, que disse: *nem Salomão em toda a sua glória se vestia como um destes*?<sup>90</sup> O rei mais rico e mais sábio é considerado inferior à beleza desta flor. (37) Como poderei enumerar as seivas de ervas boas para a saúde, os remédios de galhos e folhas? Um cervo doente mastiga ramos de oliveira e fica curado. As folhas da oliveira mordidas também livram os gafanhotos da doença. As folhas da amoreira que caem sobre a serpente matam-na.<sup>91</sup> Os mosquitos não te tocarão, se cozinhares a erva do absinto com óleo e com este te untares.<sup>92</sup>

9,38. Mas talvez digam alguns: o que pensar quando plantas mortíferas e perniciosas são geradas junto com as úteis? Junto com o trigo nasce a cicuta, que, entre os alimentos, sabes que é nociva à vida e, se passar despercebida, pode prejudicar a saúde. Entre outros nutrimentos da vida surpreende-se também o heléboro. Os acônitos também frequentemente iludem e enganam quem os colhe.<sup>93</sup> Mas, ainda que censure a terra, isto acontece porque nem todos os homens são bons. E o que é mais, tens de admitir que nem tudo são bons anjos no céu. O próprio sol, pelo excesso de calor, torra as espigas e queima os tenros rebentos das plantas nascentes.<sup>94</sup> A lua, pelo contrário, ilumina o caminho para os viandantes, revelando as emboscadas dos ladrões. Então, será justo que, negligentes em confessar a graça do criador nos alimentos úteis, nós invalidemos sua providência por causa de alguns que são nocivos, como se todos os alimentos devessem ser criados por causa da gula, ou como se fossem poucos aqueles que a divina misericórdia concedeu ao nosso ventre? Foram definidos por nós e são conhecidos de todos os alimentos que produzem não só o prazer, mas também a saúde do corpo. (39) Cada alimento que nasce das terras tem alguma razão especial e, na parte que lhe cabe, completa o desenvolvimento de toda a criação. Portanto, uns nascem para serem comidos, outros para uso diferente. Nada existe de ocioso, a terra nada germina em vão. O que julgas inútil para ti, é útil para outros, ou melhor, muitas vezes é útil para ti mesmo, usado de outra forma. Aquilo que não serve para comer, serve como remédio, e muitas vezes as mesmas plantas que são nocivas para ti, fornecem alimento inofensivo às aves e animais selvagens. Afinal, os estorninhos comem cicuta, e não é por engano, porque por uma propriedade de seu corpo eles neutralizam o veneno da seiva mortífera.<sup>95</sup>

Existe, de fato, uma força fria na raiz da cicuta que eles vedam aos finos poros que conduzem a seu coração, antes que ela afete suas forças vitais, por meio de uma digestão precoce. Os conhecedores dizem também que o heléboro é alimento nutritivo das codornizes,<sup>96</sup> porque por alguma disposição de seu corpo elas evitam a força desta planta nociva. Assim sendo, se com razão a maioria dos remédios está preparada também para a saúde do corpo humano, embora pareça ser-lhe adversa – com maior razão, pela propriedade da natureza, serve também para a alimentação aquilo que é transformado em saúde pela mão que cura. Por meio da mandrágora, frequentemente chega o sono aos doentes atormentados pelo incômodo das vigílias.<sup>97</sup> E o que dizer do ópio, que também se tornou nosso conhecido por uso quase cotidiano, porque por meio dele muitas vezes são sedadas dores fortíssimas das vísceras internas?<sup>98</sup> E não se pode esquecer que muitas vezes, por meio da cicuta, se acalmaram as loucuras dos prazeres<sup>99</sup> e por meio do heléboro, são expulsas velhas doenças do corpo.<sup>100</sup>

40. Por isso, nestas plantas não existe nenhuma censura ao Criador, mas sim um incentivo a dar-lhe graças, pois aquilo que tu poderias pensar que nasceu para o perigo foi feito para remédio de tua saúde. De fato, a providência afasta o que causa perigo, e a arte não deixa perder-se o que dá saúde. Porventura as ovelhas e as cabras aprenderam a evitar as plantas que lhes são nocivas? Embora sejam desprovidas de razão, elas conhecem, contudo, a razão de fugir do perigo e proteger a saúde; por algum mistério da natureza, sabem distinguir só pelo cheiro as plantas nocivas das úteis. Assim, muitas vezes, quando são atingidas por setas envenenadas, conta-se que procuram ervas conhecidas e com elas aplicam um remédio à ferida.<sup>101</sup> Portanto, para elas o alimento é remédio e podes ver as flechas saltarem da ferida, os venenos saírem e não se espalharem. Finalmente, para os cervos o veneno é alimento: a cobra foge do cervo e mata o leão. O dragão encanta o elefante,<sup>102</sup> e a queda deste causa a morte do vencedor; por isso um combate o outro com toda a força: o dragão enrola-se na pata do elefante, para que a queda do animal enlaçado não lhe possa causar dano; o elefante luta para não ser apanhado na pata traseira ou em um caminho estreito, onde não possa voltar para trás e esmagar o dragão com uma forte pisada, nem obter ajuda de outro elefante. (41) Portanto, se os animais irracionais conhecem as ervas com que podem medicar-se, ou os recursos que podem ajudá-los, será que o homem, que tem senso racional inato, não conhece? Ou está tão afastado da verdade, que não percebe nem ao menos o que serve para cada caso? Ou é tão ingrato para com os bens da natureza, que, por lhe ser mortífero engolir sangue de touro, julga que este laborioso animal não deveria ter nascido ou deveria ter sido gerado sem sangue?<sup>103</sup> Ora, a virtude do touro é útil para o cultivo dos campos, hábil para o uso das carroças, agradável como alimento; sustenta de diversas formas os agricultores, aos quais, se reconhecerem os dons divinos,<sup>104</sup> Deus deu tudo, ao dizer: *que a terra produza a erva do feno, germinando a semente segundo sua espécie.*<sup>105</sup> Não compreende apenas o alimento natural, que está nas ervas e raízes e nos demais frutos das árvores, mas também o que é preparado pela arte e obtido pelo cultivo do trabalho agrícola. (42) Mas que maravilha ele não ter logo ordenado que as terras produzissem a semente e os frutos, e ter estabelecido primeiro que os campos germinassem, em seguida nascesse a erva e depois crescesse a semente, segundo a propriedade de cada espécie. Deste modo nunca falta graça aos campos, que primeiramente verdejam com grande beleza e depois produzem frutos úteis.

10,43. Mas talvez alguém diga: como pode a terra produzir sementes segundo a espécie, se as sementes lançadas geralmente degeneram e, embora tenha sido semeado bom trigo, o que nasce tem

cor alterada e forma inferior? Entretanto, quando isto acontece, não deve ser imputado à degradação da espécie, mas a alguma doença ou anomalia da semente. De fato, o trigo não deixa de ser trigo, se é chamuscado pelo frio<sup>106</sup> ou encharcado pela chuva; pela cor e definhamento, muda mais no aspecto do que na espécie. Enfim, os grãos encharcados frequentemente retomam o aspecto de sua espécie se são aquecidos pelo sol ou pelos relâmpagos, ou se os esforços dos agricultores diligentes são favorecidos pela amenidade da atmosfera e pela fecundidade de terras férteis. E assim, o que tinha degenerado no pai é reparado no filho. Por isso não corremos o risco de que o preceito de Deus, no qual se enraíza o uso da natureza, seja suprimido pelo vício no resto da sucessão, porque até hoje está preservada a integridade das sementes de cada espécie. (44) De fato, sabemos que o joio e as demais sementes corrompidas, que muitas vezes se misturam aos cereais, são chamadas de cizânia pela leitura do Evangelho. Mas elas têm uma espécie própria, não transferem sua natureza degenerada da semente do trigo para outra espécie de semente, alteradas por uma transformação. Ora, assim ensina o Senhor, ao dizer: *o reino dos céus é semelhante a um homem que semeou a boa semente em seu campo: quando, porém, seus homens dormiram, veio seu inimigo e semeou a cizânia no meio do trigo.*<sup>107</sup> Percebemos certamente que a cizânia e o trigo parecem distinguir-se tanto pelos nomes quanto pela espécie. E os servos também disseram ao pai de família: *Senhor, não semeaste boa semente em teu campo? De onde vem então a cizânia? E disse-lhes o Senhor: um inimigo é que fez isto.*<sup>108</sup> De fato, uma semente é do diabo, a outra semente é de Cristo, e foi semeada para a justiça. Enfim, uma foi o filho do homem que semeou, outra foi o diabo. É tão diferente a natureza de uma e outra semente, que os respectivos semeadores são opostos. Aquilo que Cristo semeia é o reino de Deus, aquilo que o diabo semeia é o pecado. Como, pois, podem ser de uma única espécie o reino e o pecado? *Assim é o reino de Deus,* diz o Senhor, *como se um homem lançasse a semente sobre a terra.*<sup>109</sup>

45. Existe também o homem que semeia a palavra, sobre o qual está escrito: *aquele que semeia, semeia a palavra.*<sup>110</sup> Este homem semeou a palavra sobre a terra, quando disse: *que a terra produza a erva:*<sup>111</sup> e subitamente pulularam sementes das terras e resplandeceram plantas de aspectos variados. Aqui, a graça verdejante dos prados forneceu fartura de pastagem, ali a espiga amarela dos campos expressou a imagem do mar flutuante, pelo movimento da seara fértil. Por si mesma a terra produziu todos os frutos. Embora não pudesse ser arada sem o cultivador – pois ainda não fora criado o agricultor – embora não arada, transbordava em messes fecundas e sem dúvida de melhor produção, pois a preguiça do cultivador ainda não conseguira lesar a fecundidade das terras. Agora, pois, que se pode ver o cultivo dos campos, cada agricultor consegue fertilidade mercê do trabalho, e a negligência ou os maus tratos são punidos por aguaceiros diluvianos, pela aridez das terras, por chuvas de granizo ou por qualquer outra intempérie que esterilize solo fértil. Assim, então, por produção natural, a terra levava frutos a todos os lugares, porque aquele que prescrevera é a plenitude de todas as coisas. Com feito, a palavra de Deus frutificava nas terras, e a terra não fora ainda condenada por nenhuma maldição. Pois os princípios do mundo que nascia são mais antigos do que nossos pecados, e é mais recente a culpa que nos condenou a comer o pão com o suor de nosso rosto,<sup>112</sup> e a não obter sem suor os alimentos. (46) Enfim, ainda hoje a fecundidade da terra produz a abundância primitiva, mercê da fertilidade natural. Com efeito, quantas são as plantas ainda hoje geradas espontaneamente! Entretanto, até nas próprias plantas que obtemos por nossas mãos permanece grande parte dos favores divinos, pois os próprios grãos de trigo são produzidos por agricultores que dormem. É o que ensina o exemplo proposto pela leitura, quando o Senhor diz que *o reino de Deus é como alguém que lança a*



*semente sobre a terra e vai dormir; levanta-se de noite e de dia, diz o Evangelho, e a semente germina e cresce sem que ele saiba. A terra produz por si mesma em primeiro lugar a erva, depois a espiga, depois o trigo abundante na espiga. E tendo produzido o fruto, imediatamente se lhe lança a foice, porque chega a colheita.*<sup>113</sup> Assim, ó homem, enquanto tu dormes e não percebes, a terra por si mesma produz seus frutos. Tu dormes e levantas, e admiras o crescimento do trigo durante a noite.

**11,47.** Já falamos sobre a erva do feno; falemos agora sobre a árvore frutífera que produz fruto segundo a espécie, *que tem em si mesma sua semente.*<sup>114</sup> Deus disse e foi feito. E subitamente, assim como antes a terra se vestira de flores e de ervas verdejantes – da mesma forma aqui ela se vestiu de bosques. Afluíram as árvores, surgiram as florestas, repentinamente os cumes dos montes cobriram-se de folhas. Aqui o pinheiro, ali o cipreste elevaram suas altas pontas; ajuntaram-se os cedros e os abetos negros. Veio então o abeto, não para prender-se às raízes terrenas, mas para enfrentar os perigos marítimos com sua ponta comprida, remo seguro pelejando não só contra os ventos, mas também contra as ondas. E surgiu também o loureiro, que sempre espargiu seu perfume ao ser desfolhado. As frondosas azinheiras também exibiram as pontas, e preservam a folhagem eriçada até durante o inverno. A natureza manteve, pois, para o resto do tempo, em todas as plantas, o privilégio que cada uma recebeu ao pulsar do mundo nascente. Por isso perdura para as azinheiras, perdura para os ciprestes a prerrogativa que lhes é própria, isto é, que nenhum vento os despoje da folhagem que os veste. (48) Surgira antes, misturada com as flores terrenas, uma rosa sem espinhos, e esta belíssima flor crescia isenta de qualquer agravo; depois o espinho passou a proteger a beleza da flor, refletindo como um espelho a vida humana, que muitas vezes fere a suavidade de seu próprio decurso com as picadas análogas das inquietações. Com efeito, a retidão de nossa vida é defendida e protegida por algumas inquietações, de forma que a tristeza esteja unida à alegria. Por isso, quando alguém se gloria da sutileza de sua inteligência ou do sucesso de sua próspera carreira, convém que se lembre da culpa, pela qual a nós, que florescíamos na amenidade do paraíso, foram adscritos os espinhos da morte e as sarças do espírito, por um juízo de condenação. Assim, ó homem, tu podes envergonhar-te no esplendor da nobreza, ou no auge do poder, ou no fulgor da virtude; o espinho está sempre próximo de ti, a sarça sempre está perto; olha sempre para baixo de ti. Tu germinas sobre espinhos, e tua alegria não dura muito. Todo homem fenece em tempo breve, na flor da idade.

**12,49.** Em verdade, assim como aprendeste que tuas debilidades são semelhantes às flores, assim também tuas alegrias são semelhantes às videiras, das quais vem *o vinho, que alegra o coração do homem.*<sup>115</sup> E oxalá, ó homem, imitasses o exemplo desta espécie, e produzisses para ti mesmo frutos de alegria e beleza! Em ti mesmo está o encanto de tua graça; emana de ti, permanece em ti, está dentro de ti; em ti mesmo deve ser procurada a beleza de tua consciência. Por isso diz a Escritura: *bebe a água de teus vasos e das fontes de teus poços.*<sup>116</sup> Primeiro de tudo, nada é mais agradável do que o perfume da videira florida, pois que o suco que se espreme de seus cachos produz uma espécie de bebida, que serve para o prazer e para a saúde. Depois, quem não se admira de que de uma semente de uva<sup>117</sup> irrompa até o mais alto de uma árvore uma videira, que aquece esta árvore como que num abraço, cerca-a com seus braços, circunda-a com seus músculos, veste-a com seus ramos, coroa-a com grinaldas de uvas? Esta, à semelhança de nossa vida, fixa primeiramente uma raiz viva; em seguida, sendo por natureza flexível e decídua, como se tivesse braços, aperta com suas gavinhas todo tronco que agarra, endireitando-se e erguendo-se com ele. (50) A ela se assemelha o povo da igreja, que é como que plantado pela raiz da fé e retido pela mergulhia da humildade; a seu respeito diz muito bem o profeta: *transplantaste do Egito esta vinha e fixaste suas raízes, e a terra ficou repleta. Sua sombra*



*cobriu os montes e suas ramagens os cedros de Deus. Estendeu seus sarmentos até o mar e até o rio os seus rebentos.*<sup>118</sup> E através de Isaías, o próprio Senhor fala, dizendo: *meu amigo plantou uma vinha numa colina, num lugar fértil. Cerquei-a com uma muralha, cavei um fosso em volta desta vinha de escol e construí uma torre no meio dela.*<sup>119</sup> O Senhor cercou-a, pois, com um fosso, isto é, com a proteção dos preceitos celestes e dos anjos. Com efeito, *o anjo do Senhor acampa em torno dos que o temem.*<sup>120</sup> Pôs na Igreja como que uma torre de apóstolos, profetas e doutores, que estão sempre na vanguarda, em defesa da paz da Igreja. Cavou um fosso em volta dela, quando a libertou do embaraço dos cuidados terrenos, pois nada oprime mais a mente do que a inquietação deste mundo e o desejo de riqueza ou de poder. É o que te diz o evangelho, quando lêes que aquela mulher, que tinha o espírito enfermo, estava encurvada e não podia olhar para cima.<sup>121</sup> De fato, sua alma estava curvada, pois estava inclinada para os interesses terrenos e não via a graça celeste. Jesus voltou-se para ela e chamou-a,<sup>122</sup> e imediatamente a mulher depôs os fardos terrenos. Jesus mostrou que também estavam oprimidos por estes desejos aqueles a quem diz: *vinde a mim todos vós que trabalhais e estais oprimidos, e eu vos aliviarei.*<sup>123</sup> Portanto, a alma daquela mulher oprimida cobrou alento e ergueu-se.

51. Mas a videira também, quando cavada em volta, é amarrada e erguida para não vergar por terra. Alguns sarmentos são cortados, outros replantados por mergulhia: é cortada uma grande quantidade que nada produz, são replantados os que o bom agricultor julgar frutíferos. Como eu poderia descrever os arranjos das estacas<sup>124</sup> e a graça do emparreiramento, que verdadeira e manifestamente ensinam que na igreja deve ser preservada a igualdade, para que ninguém se eleve por ser rico e honrado, ninguém se rebaixe por ser pobre, ou se desespere por não ser nobre? Deve existir para todos na Igreja uma igual e única liberdade, devem ser partilhadas por todos a justiça comum e a graça. Por isso a torre está no meio, para propagar o exemplo daqueles agricultores, daqueles pregadores, que conseguiram sustentar a cidadela das virtudes. Pelo exemplo deles, nosso sentimento deve alçar-se e não jazer por terra, vil e desprezível; a mente de cada um deve elevar-se até as coisas do alto, ousando dizer: *nossa morada está nos céus.*<sup>125</sup> Por isso, para não ser abatida pelas procelas do mundo nem levada pela tempestade, a Igreja aperta com gavinhas e amarrilhos – abraços do amor – a todos os que estão perto, e repousa na sua união. É, pois, o amor que nos liga às coisas do alto e nos introduz no céu. Com efeito, *quem permanece no amor, Deus permanece nele.*<sup>126</sup> Por isso o Senhor diz também: *permanecei em mim e eu em vós. Assim como o ramo não pode produzir fruto por si mesmo, se não permanecer na videira, assim também vós, se não permanecerdes em mim. Eu sou a videira, vós sois os ramos.*<sup>127</sup> (52) Jesus indicou, pois, claramente, que o exemplo da videira deve ser invocado para a instrução de nossa vida: sabe-se que primeiro ela germina aquecida pela estação da primavera; em seguida solta o fruto dos nós de seus sarmentos; saindo deles, forma-se o cacho de uvas que, crescendo pouco a pouco, retém a acidez do fruto verde e não pode ficar doce se ainda não estiver bem maduro. Entrementes, a vinha veste-se de renovação verdejantes, que lhe fornecem não pequena ajuda contra o frio e toda adversidade, e a defendem do ardor do sol.<sup>128</sup> O que pode ser mais belo do que este espetáculo, ou mais doce do que este fruto: ver as guirlandas pendentes como se fossem colares enfeitando o campo, colher as uvas reluzentes, da cor do ouro ou da púrpura? Talvez saibas que brilham os jacintos e as demais pedras preciosas, que refulge o anil, que cintila a graça das pérolas, mas não percebes que tudo isso te adverte, ó homem, para que o último dia não te encontre com frutos verdes, e que o tempo completo de tua vida não produza obras pequenas. Pois o fruto verde costuma

ser muito amargo, e só pode ser doce aquilo que atingiu a maturidade da perfeição. A este homem perfeito, nem o frio terrível da morte, nem o sol da iniquidade conseguem prejudicar, porque a graça espiritual o cobre com sua sombra, apaga todos os incêndios e afasta todos os ardores do desejo mundano e da volúpia do corpo. Que te louvem todos os que contemplam e admiram as fileiras da igreja, como se fossem as guirlandas das videiras. Que todos vejam os belos colares das almas fiéis e se comprazam com a maturidade da prudência, o esplendor da fé, a honra da confissão, a beleza da justiça, a fecundidade da misericórdia, para que te seja dito: *tua esposa é como uma videira fecunda, entre as paredes de tua casa*,<sup>129</sup> porque imitas a abundância da vinha frutífera pelo dom de uma copiosa generosidade.

**13, 53.** Mas por que me detenho apenas na videira, quando todas as espécies de árvores são úteis? Um nasceu para dar frutos, outras para serem usadas. Em verdade, aquelas que não dão frutos abundantes, têm, contudo, uma utilidade preciosa. O cedro é apropriado para levantar as cumeeiras dos telhados, porque esta espécie de madeira é suficientemente longa para os espaços e não é pesada para as paredes. O cipreste, por sua vez, serve para preparar tetos com painéis e em declive. Por isso a Igreja diz também no Cântico dos Cânticos: *as vigas de nossas casas são de cedro, nossos telhados de cipreste*,<sup>130</sup> significando que nestas madeiras estão os belos ornatos de seu teto; com sua virtude, elas sustentam a cúpula da igreja como se fossem vigas e embelezam o seu teto. O louro e a palmeira são o emblema da vitória: com o louro são coroadas as cabeças dos vencedores, a palmeira é o ornato das tropas vitoriosas. Por isso a Igreja diz também: *eu disse, subirei à palmeira, habitarei suas alturas*.<sup>131</sup> Contemplando a eminência da palavra e esperando poder ascender à sua altura e à culminância da sabedoria, ela diz: *subirei à palmeira*, deixando tudo o que é inferior para atingir o que é superior, o prêmio de Cristo, e colher e degustar seus suaves frutos, pois suave é o fruto da virtude. Também o choupo, árvore frondosa para as coroas da vitória, e o salgueiro flexível,<sup>132</sup> próprio para ligar as videiras, misticamente não significam outra coisa senão os bons vínculos de Cristo, que não costumam prejudicar, vínculos da graça, vínculos do amor, para que cada um se glorie de seus vínculos, como Paulo também se gloriava, dizendo: *Paulo, prisioneiro por Jesus Cristo*.<sup>133</sup> Ligado por estes vínculos, ele dizia: *quem nos separará do amor de Cristo?*<sup>134</sup> Vínculos da continência, vínculos da caridade. Ligado por estes vínculos, Davi também diz: *nos salgueiros, na Babilônia, penduramos nossos instrumentos*.<sup>135</sup> O buxo também, apropriado para gravar as letras do alfabeto, com sua madeira leve, presta-se ao uso da mão das crianças; daí dizer a Escritura: *escreve na tabuinha de buxo*,<sup>136</sup> admoestando-te com a própria madeira, que é sempre verdejante e nunca perde as folhas, para que nunca fiques indefeso por dissimulares tua esperança, mas pela fé sempre germine para ti a esperança da salvação. (54) Como eu poderia narrar quão grande é a variedade das árvores, quão variada e bela é a aparência de cada uma; como são amplas as faias;<sup>137</sup> como são altos os abetos; como são comosos os pinheiros; como são frondosas as azinheiras;<sup>138</sup> como são bicolores os choupos;<sup>139</sup> como é copado e redivivo o castanheiro, que tão logo é cortado, faz pulular a seiva de seus rebentos; como nas próprias árvores se surpreende a idade senil ou juvenil, pois nas mais novas os ramos são mais finos, nas mais antigas os braços são mais fortes e nodosos; naquelas as folhas são lisas e esparsas, nestas são mais cerradas e ásperas. Há também árvores que, uma vez abatidas, não podem preservar sua sucessão a partir da raiz senil e morta; para outras, nas quais ou verdeja a juventude ou a natureza é mais fértil, o corte é mais lucro do que prejuízo, e são renovadas em sua

sucessão rediviva, através de muitos herdeiros.

55. E para que te admires, existe sexo nas próprias árvores frutíferas. Assim, podes ver a palmeira que dá tâmaras, baixando e levantando muitas vezes seus ramos, sugerindo uma imagem de concupiscência e carícia para com aquela árvore que os filhos dos agricultores chamam de palmeira-macho. Portanto, a primeira é uma palmeira-fêmea, e revela seu sexo no aspecto submisso. Por isso os que cultivam os bosques lançam para seus ramos sementes de tâmaras ou de sarmentos masculinos, e aquela árvore feminina é como que invadida por um sentimento de amor a eles, oferecendo-se para o desejado acasalamento. Gratificada com esta função, ela se endireita novamente, levanta seus ramos e outra vez eleva sua ramagem ao estado primitivo. Sobre a figueira também existe a mesma opinião; por isso conta-se que muitos enxertam ao lado da figueira doméstica e frutífera uma figueira agreste, porque dizem que os frutos da figueira fecunda e doméstica caem logo por terra, atacados pelo vento ou pelo calor. Por isso os conhecedores deste recurso de ligar os figos selvagens da figueira agreste à árvore fértil, remedeiam a fragilidade desta, e assim ela pode preservar seus frutos, que logo cairiam, se faltassem os enxertos.<sup>140</sup> Isto nos aconselha, como que por uma alegoria da natureza, a não desprezar os que estão separados de nossa fé e de nosso convívio, porque também o gentio que se juntar a nós, quanto mais ferrenho defensor do erro tenha sido, tanto mais veemente defensor da fé poderá tornar-se. E se algum dos hereges se converte, na verdade está ratificando a parte da doutrina à qual voltou ao mudar de opinião, sobretudo se por natureza ele não faz rodeios e tem um pensamento vigoroso, e se tiver o apoio da sobriedade e a observância da castidade. Portanto, prodigaliza teu zelo para com ele, para que, à semelhança daquela figueira frutífera, possas robustecer a tua virtude pela presença e pela ligação com aquela árvore agreste. Desta forma, tua aplicação não será perdida, e será preservado o fruto do zelo e da graça. (56) Quantas coisas ensinam que a dureza natural pode ser moderada pelo zelo da diligência! O cultivo do campo é um exemplo delas, pois muitas vezes as romãzeiras florescem logo e não podem dar fruto, a não ser que sejam bem cultivadas, com recursos convenientes; outras vezes sua seiva interior se esvai e por fora sua aparência continua bela. Não é sem razão que é comparada à Igreja, conforme se lê no Cântico dos Cânticos, que fala à Igreja: *tuas faces são como pele de romã*,<sup>141</sup> e abaixo: *...se a vinha está em flor, se floresceram as romãzeiras*.<sup>142</sup> De fato, a igreja, bela pelo sangue de tantos mártires e, o que é mais, dotada do sangue derramado por Cristo, ostenta o bom fulgor da fé e da confissão, conservando unidos no seu interior muitos frutos dentro de uma única muralha, como faz a romã, e abarcando muitas ações virtuosas. Com efeito, *com a sabedoria do Espírito, ela esconde suas atividades*.<sup>143</sup> Diz-se também que os agricultores, para tornarem doces os frutos amargos da amendoeira, tratam-na desta forma: escavam a raiz desta árvore e no meio introduzem um enxerto da árvore que os gregos chamam de  $\pi\epsilon\kappa\epsilon\iota$  ken (pinheiro) e nós de *piceam* (pinheiro selvagem); feito isto, o amargor da seiva desaparece. Portanto, se a agricultura transforma a natureza das plantas, será que o zelo pela doutrina e a aplicação da disciplina não poderiam diminuir os amargores das paixões, quaisquer que sejam eles? Portanto, que ninguém que esteja no terreno escorregadio da mocidade e da intemperança desespere de sua conversão. As árvores muitas vezes são transformadas para serem melhor usadas: os corações dos homens não podem transformar-se? (57) Sabemos não só que entre as árvores de diferentes espécies existem diversidades de frutos, mas também que, muitas vezes, na mesma espécie de árvores os frutos se antagonizam. Com efeito, uma espécie é de frutos masculinos, outra de femininos, conforme já dissemos acima acerca das tâmaras. Mas quem poderia abarcar a variedade, o aspecto e a beleza dos frutos, e ainda mais a utilidade de cada fruto, a propriedade de cada seiva, que remédio pode servir para cada caso, de que modo alguns frutos amargos curam as vísceras doentes dos homens e moderam o inchaço e a

acidez interiores, de que forma os acres humores do corpo são moderados por alguns frutos doces? Enfim, esta é a medicina mais antiga, que costuma curar com ervas e seivas e nenhuma saúde é mais firme do que aquela que é restaurada com alimentos salutareis. Assim, aprendemos com a natureza que só o alimento já é remédio para nós. As feridas abertas fecham-se com erva, certamente; as feridas internas curam-se com as ervas; por isso é necessário que os médicos conheçam o poder das ervas, do qual se desenvolveu o seu uso medicinal.

**14,58.** Mas, voltando aos frutos simples, existem alguns que são aquecidos pelo sol, outros que se desenvolvem dentro de cascas e invólucros. As maçãs, as peras e também todas as espécies de uvas são nuas, expostas ao sol; entretanto, frutos como a noz, a noz pequena e a amêndoa são recobertos por uma casca e se nutrem de seu invólucro; este, por sua vez, se alimenta do calor do sol, e quanto mais a amêndoa fica escondida na espessura da pinha, tanto mais é nutrida pelo calor do sol. (59) Depois, é tão grande a providência do Senhor, que onde o fruto é mais mole, aí a espessura da folha forma um invólucro mais eficiente para protegê-lo, conforme vemos no fruto da figueira. Assim, pois, as coisas mais delicadas devem ser protegidas pelas mais fortes, conforme o próprio Senhor ensina através de Jeremias, dizendo: *assim como destes figos bons, eu me lembrarei dos exilados de Judá, que mandei deste lugar para a terra dos Caldeus, para o seu bem, e fixarei meus olhos sobre eles, para o seu bem.*<sup>144</sup> De fato, quanto mais delicados os frutos, tanto mais o Senhor os envolveu como que pela veste mais forte de sua misericórdia, para que os frutos tenros não morressem prematuramente. Enfim, a respeito deles o Senhor também disse mais à frente: *meus pequeninos andaram por caminhos difíceis;*<sup>145</sup> em seguida lhes fala: *sede perseverantes, meus filhos, e clamai ao Senhor.*<sup>146</sup> Assim, esta única e inviolável proteção contra todas as tempestades e danos é uma barreira impenetrável. Portanto, onde os frutos são tenros, aí são mais espessas as coberturas e as barreiras das folhas; por outro lado, onde os frutos são mais fortes, aí as folhas são mais tenras, conforme ensina a árvore da macieira. De fato, o fruto mais forte não precisa muito do auxílio de uma proteção, pois a própria sombra de uma proteção mais espessa poderia prejudicar o fruto. (60) Enfim, que o broto da videira nos ensine a beleza da natureza e os mistérios escondidos da divina sabedoria. Vemos, com efeito, que ele se parte e divide, parecendo apresentar o aspecto de três folhas; a parte do meio é distinta e, se não estivesse presa às de baixo, pareceria separada a quem a vê. Contudo, a natureza parece manter este procedimento para deixar passar mais facilmente o sol e impedir a sombra.<sup>147</sup> Finalmente, a parte do meio da folha é mais comprida e mais fina na ponta, proporcionando mais beleza do que abrigo. Na verdade, parece ter a aparência de um troféu, significando que a uva tem primazia sobre os demais frutos pendentes; como que por uma decisão tácita da natureza, mas por um sinal evidente, são-lhe inatos o aspecto e a prerrogativa da vitória. Assim, ela tem em si mesma seu prêmio, que lhe fornece proteção contra os danos do ar e a violência das chuvas, e não a impede de receber o calor do sol; aquecida por ele, nutre-se, toma cor e cresce. A folha da figueira também, à semelhança do broto da videira, fende-se em quádrupla divisão; vê-se isto tanto mais claramente quanto maior for a folha, a qual tem as bordas e a parte superior ásperas, diferentemente, é claro, do broto da videira. Com efeito, assim como na folha da figueira é maior a espessura, assim no broto da videira é mais elegante a aparência. Em suma, a espessura da folha da figueira serve para repelir o agravo de uma tempestade, a divisão para aquecer os belos frutos. Enfim, esta espécie de fruto não é facilmente afetada pelo granizo, e atinge logo a maturidade, porque parece ao mesmo tempo proteger-se contra os agravos e expor-se para tornar-se mais bela. (61) Como eu poderia descrever as variedades de folhas? Umas são redondas, outras são mais longas; umas flexíveis, outras mais rijas; umas não caem facilmente com os ventos, outras são derrubadas por um leve movimento das brisas.

**15,62.** É impossível querer descobrir as propriedades de todas as coisas, distinguir suas variedades por um sinal evidente, ou desvendar suas causas latentes e ocultas com argumentos inesgotáveis. Sem dúvida, uma só e a mesma é a água e geralmente assume aparências diferentes: amarela entre as areias, espumante entre os rochedos, mais esverdeada entre os bosques, variegada entre as flores, mais luminosa entre os lírios, mais brilhante entre as rosas, mais límpida na relva, mais turva no pântano, mais agitada nas fontes, mais escura no mar, tomando a cor dos lugares por onde corre. Pela mesma razão, muda também de temperatura: ferve com o calor, esfria na sombra, esquentase com as reverberações do sol, embranquece como um líquido glacial quando trazida pela neve. Por outro lado, como é variável seu próprio sabor: ora mais ácido, ora mais amargo, ora mais intenso, ora mais azedo, ora mais doce, varia conforme a qualidade dos ingredientes em que estiver espalhada. Fica ácida nos sucos prematuros, na casca esmagada e nas folhas trituradas da noqueira; torna-se amarga no absinto; tem sabor mais intenso no vinho, mais azedo em outras bebidas, gosto ruim no veneno, doce no mel. E se lhe for misturado o lentisco,<sup>148</sup> o fruto do terebinto, ou ainda a amêndoa da noz, ela facilmente se infiltra na natureza mole do óleo. Como é ela a nutriz de todos os rebentos, propicia a cada um uma utilidade diferente. Quer banhe as raízes ou caia vertida pelas nuvens, dá a tudo forças especiais: intumesce a raiz, ergue o tronco, espalha os ramos, faz as folhas verdejarem, alimenta as sementes dos frutos, faz o fruto crescer. Portanto, embora a mesma água seja a nutriz de todas, algumas espécies de árvores produzem seiva mais amarga, outras mais doce, umas tardia, outras precocemente. Seus próprios perfumes também se distinguem entre si. Um é o perfume da videira, outro da oliveira, outro das cerejeiras, outro da figueira, diferente da macieira, ímpar na tamareira. (63) A própria consistência da água ora é macia, ora mais áspera, algumas vezes mais viscosa. Seu peso também varia muito, assim como sua aparência; em muitos lugares é mais pesada, em outros mais leve. Portanto, já que ela própria em si mesma se diferencia, não é de admirar que as resinas das árvores sejam diferentes entre si, pois são geradas pelo derramamento da mesma água. E embora seja uma só a causa de todas as resinas, é diferente a utilidade e a natureza de cada uma. Uma é a força da resina da cerejeira,<sup>149</sup> outra a do lentisco. Conta-se também que as madeiras odoríferas do Oriente destilam gotas de um bálsamo peculiar, e que as ramagens das férulas, no Egito e na Líbia, gotejam uma espécie diferente de resina, como que por uma força de natureza secreta. Por outro lado, como te direi – convém que o sermão seja ameno – que o âmbar é a resina de um rebento e se solidifica em matéria tão dura? O que comprova isto não são testemunhos desprezíveis, visto que folhas, ou minúsculas partes de ramos, ou certas espécies de animais pequenos são muitas vezes encontradas no âmbar; parece que ele os absorveu quando era ainda uma resina mais mole, e os conservou ao solidificar-se.<sup>150</sup>

64. Mas como posso, com um simples sermão, debater com a elevada e preciosa razão da natureza, se este sermão é alimentado pela inteligência humana, e a natureza de todas as coisas foi formada pela divina providência? Por isso o transbordamento das palavras deve ser como que contido por certas rédeas, para não parecer que estamos expondo de forma abusiva as diferenças entre as árvores, as virtudes das raízes, e tudo o mais que é oculto e imprevisível – pois esta sabedoria parece ter sido especialmente confiada como encargo a Salomão, por inspiração divina, conforme está escrito.<sup>151</sup> Mas nem mesmo ele transmitiu as coisas reveladas;<sup>152</sup> assim, parece-me que ele pôde discorrer sobre as espécies de rebentos, mas não pôde explicar as razões de toda a criação.

**16,65.** Assim, pois, se os campos em geral são mais alegres quando irrigados pelas águas,<sup>153</sup> se as



favas são verdes, se surge e ressurge a multiforme beleza dos jardins, se a margem dos rios caudalosos é adornada por plantas verdejantes<sup>154</sup> – com maior razão ainda, pela palavra do Senhor, que é mais transbordante do que todos os cursos d’água, num instante floresceu toda a criação dos rebentos! Apressaram-se os campos em produzir grãos que não lhes foram semeados; os jardins em germinar espécies desconhecidas de legumes e prodígios de flores; as margens dos rios em vestir-se de mirto; as árvores apressaram-se em erguer-se rapidamente, em cobrir-se logo de flores,<sup>155</sup> em fornecer alimento aos homens e forragem aos rebanhos. O fruto é comum a todos, o proveito também foi dado a todos. As árvores germinaram um e outro ao mesmo tempo, o primeiro para nos alimentar, o segundo para proteger-nos do sol, com a frescura da sombra. O alimento está no fruto, a amenidade é proporcionada pelas folhas; contudo, uma vez que a providência do criador já antevia que a avidez dos homens reivindicaria o fruto unicamente para si, previu dar aos demais seres vivos um alimento especial. Assim, eles encontram nas folhas e nos córtices silvestres um alimento não desprezível; além disso, foram-lhes igualmente dados nutrientes que podem ter uso medicinal, como os sucos da resina dos ramos. Desta forma, aqueles nutrientes cuja utilidade nós só viemos a reconhecer depois de experimentar pelo uso – o criador, que os adequara para tal finalidade, pela majestade de sua presciência ordenou desde o princípio que saíssem das terras. (66) O Senhor ordenou *que a terra germinasse a erva do feno, e a árvore frutífera produzisse segundo a sua espécie fruto que tem em si a sua semente.*<sup>156</sup> Por isso, se alguém acaso disser que em muitas árvores não se vê nem fruto nem semente, e julgar que o preceito divino vacilou em alguns casos, pondo em dúvida a verdade, que atente para o seguinte: não pode acontecer de modo algum que alguma planta deixe de utilizar sementes, ou não tenha algo que pareça adequado à virtude das sementes; se alguém atentar bem para este fato, poderá entendê-lo como uma prova evidente do preceito divino. Os salgueiros não parecem ter semente alguma, mas têm na folhagem uma espécie de grão que possui virtude de semente; ele cai na terra, e do ramo que foi semeado surge uma árvore, da mesma forma que se ergueria de uma semente. Assim, naquele grão se desenvolve a primeira raiz do salgueiro; desta raiz e também das raízes das outras árvores semelhantes a esta espécie irrompe a floresta.<sup>157</sup> Portanto, a reprodução da raiz também possui a virtude da semente; por isso, muitos aumentaram o crescimento de seus bosques com este tipo de semeadura.

67. A grande virtude de Deus está em cada coisa. Nem admire a alguns ter eu dito que nos rebentos está a grande virtude de Deus, pois ele próprio disse que sua grande virtude estava nos gafanhotos e no saltão,<sup>158</sup> porque pagaram a grande ofensa à divina majestade, causando esterilidade e penúria para os judeus. Com efeito, grande virtude é a paciência, grande virtude é a providência. Os que ofenderam o criador das terras eram, pois, indignos de gozar da fecundidade das terras. E é realmente grande aquele que pune com a miséria da fome um crime tão ímpio. Assim sendo, se pela grande virtude de Deus a terra gerou o gafanhoto estéril, quanto mais pela mesma virtude ela produz o que é fecundo! (68) Vendo uma pinha, quem não fica extasiado com tamanha arte desenvolvida e impressa na natureza pelo preceito divino? Como pode ela formar-se de seu próprio centro, com dimensões distintas, a partir de uma espécie de goma, com a qual aquece seus próprios frutos? E assim se mantêm ciclicamente a mesma espécie e a mesma ordem; transborda em cada região uma sementeira de caroços e voltam à terra o fruto e a beleza. Por isso, nesta pinha a natureza parece expressar a sua própria imagem, pois desde o princípio ela guarda os privilégios recebidos daquele divino e celeste mandamento e renova seus rebentos na sucessão e ordem dos anos, até que se complete a consumação do tempo. (69) Mas assim como neste fruto a natureza mostra seu belo aspecto, assim também nos



tamarindos, isto é, nos menores rebentos, ela expressa a figura da astúcia perversa. Com efeito, assim como em toda parte estão disponíveis homens de coração duplo, que aparentam graça e simplicidade perto dos bons e ligam-se aos mais corruptos, assim também, paradoxalmente, estes rebentos nascem tanto nos lugares úmidos quanto nos desertos. Daí Jeremias ter comparado os costumes dúbios e falsos aos tamarindos.<sup>159</sup>

17,70. *Germine a terra*, disse, e imediatamente toda a terra ficou repleta de rebentos que surgiram. E ao homem foi dito: *ama o Senhor teu Deus*,<sup>160</sup> e o amor de Deus não foi derramado no coração de todos.<sup>161</sup> Os corações dos homens são mais surdos do que as pedras duras. A terra fornece-nos frutos que não lhe são próprios quando obedece ao criador: nós recusamos o encargo que nos é próprio quando não veneramos o criador. (71) Contempla nos pequenos rebentos a providência de Deus e, já que não podes compreender, admira como a uns ela conserva sempre florescentes, a outros ela balança para terem variações de desnudamento e floração. No meio da brancura da neve e dos rigores do inverno,<sup>162</sup> os campos se conservam verdes, e quando eles próprios estão cobertos de gelo, ainda assim suas sementes escondem um verdor não desprezível. E nas próprias espécies de árvores que se cobrem de folhagem permanente, também não é menor a diferença. A oliveira e o pinheiro sempre conservam a folhagem, mas trocam as folhas muitas vezes; não estendem folhas propriamente permanentes, mas sucessivas, para embelezar sua árvore, ao mesmo tempo em que, na integridade de sua cobertura, dão o turno de sombra que lhes compete. A palmeira verdejante, por sua vez, tem folhas permanentes, sem mudança. Com efeito, as primeiras folhas que ela germina se mantêm, sem que haja nenhuma substituição. Portanto, imita-a, ó homem, para que também te seja dito: *teu talhe foi feito semelhante ao da palmeira*.<sup>163</sup> Conserva o verdor de tua infância e daquela inocência natural, que recebeste desde o princípio; desta forma, *semeado ao longo das correntes de águas*,<sup>164</sup> terás teu fruto preparado no teu tempo, e tuas folhas não cairão. Sempre em busca deste verdor da graça que floresce em Cristo, a Igreja diz: *à sua sombra eu quis sentar-me*.<sup>165</sup> Esta prerrogativa do dom verdejante foi dada aos apóstolos, cujas folhas nunca puderam cair, de tal forma que até a sombra deles curava os doentes;<sup>166</sup> de fato, a fé do espírito e os florescentes méritos das virtudes ensombravam as doenças do corpo. Portanto, permanece semeado na casa do Senhor, para que floresças nos seus átrios como a palmeira,<sup>167</sup> e cresça em ti a beleza da Igreja, e *o perfume de tuas narinas seja como a macieira, e tua boca seja como o melhor vinho*,<sup>168</sup> para que te inebries em Cristo. (72) Com razão este versículo nos adverte a retomarmos o que quase interrompemos, quando dissemos que, pelo preceito do Senhor, a videira também se cobriu de rebentos; ora, nós sabemos que ela foi plantada depois, por Noé, após o dilúvio. De fato, assim tens: *Noé era agricultor da terra; plantou a videira, bebeu do seu vinho e dormiu*.<sup>169</sup> Portanto, Noé não é o criador da videira, mas da sua sementeira. Se ele não a tivesse encontrado gerada anteriormente, não poderia plantá-la. Ele é, portanto, o cultivador, não o criador das videiras. Deus, porém, que sabia que o vinho bebido com sobriedade daria saúde e aumentaria a prudência, mas consumido sem moderação daria motivo aos vícios<sup>170</sup> – forneceu-o à criatura e reservou ao arbítrio do homem a fartura de sua produção. Desta forma, a parcimônia da natureza é o magistério da sobriedade, e a condição humana subscreve a si mesma os danos da abundância e as quedas da embriaguez. Afinal, o próprio Noé também ficou embriagado e caiu no sono, adormecido pelo vinho. E assim, pelo vinho, ficou exposto à vergonha aquele que pelo dilúvio se elevou até a glória. Mas o Senhor preservou também aí a graça de sua criação, convertendo o fruto da videira em

nossa salvação, de modo que por ele nos viesse a remissão dos pecados. Por isso disse piedosamente Isaac: *o odor de Jacó é o odor do campo farto*,<sup>171</sup> isto é, um odor natural. Pois o que é mais suave do que um campo farto, o que é mais agradável do que o perfume da vinha, o que é mais belo do que a flor da fava? Por isso, embora alguém tivesse dito engenhosamente antes de nós: “o patriarca não tinha cheiro de videira, de figueira ou de cereais, mas exalava a graça das virtudes”<sup>172</sup> – eu, contudo, entendo que o próprio odor da terra seja puro e simples pela graça da bênção; nenhuma fraude entrou em sua composição, mas foi a verdade da indulgência celeste que o infundiu. Enfim, conta-se esta entre as bênçãos mais sagradas: que o Senhor nos conceda pelo orvalho do céu a força do vinho, do óleo e do trigo.<sup>173</sup> A ele a honra, o louvor, a glória, a eternidade pelos séculos, agora e sempre, por todos os séculos dos séculos. Amém.

<sup>1</sup> Cf. Basílio, *Hexaem.* 4. Aqui começa o *Sermo IV*. Proferido, provavelmente, na manhã do terceiro dia da Semana Santa.

<sup>2</sup> Gn 1,9.

<sup>3</sup> Sl 77,17.

<sup>4</sup> Sl 114,3.

<sup>5</sup> Cf. 1Re 20,28.

<sup>6</sup> Sl 84,7. Distinto do texto da *Septuaginta*.

<sup>7</sup> Cf. Sl 42,2.

<sup>8</sup> Cf. Virgílio, *Georg.*, I, 378.

<sup>9</sup> Cf. Pr 26,27; Ecl 10,8; Eccl 27,29.

<sup>10</sup> Cf. Is 40,22, conforme ao texto grego.

<sup>11</sup> Is 54,2-3.

<sup>12</sup> Sl 24,2.

<sup>13</sup> Sl 93,3-4.

<sup>14</sup> Sl 93,4.

<sup>15</sup> Jo 7,38-39.

<sup>16</sup> Cf. Sl 114,3.

<sup>17</sup> Gn 1,9, conforme ao texto grego.

<sup>18</sup> Gn 1,9.

<sup>19</sup> Gn 1,9. Ambrósio explica o *aparecimento da que é seca*, que consta no texto da *Septuaginta*, mas não no texto hebraico. A este respeito, veja-se, abaixo, n. 52, p. 91, relativa a 3,5,20.

<sup>20</sup> Cf. Virgílio, *Enéadas*, I,607.

<sup>21</sup> *Aequor... aequalis* é assonância, de difícil tradução, que o bispo de Milão lê com raiz etmológica em *aequus* (uniforme).

<sup>22</sup> Sl 33,7.

<sup>23</sup> Sl 78,16.

<sup>24</sup> Sl 78,20.

<sup>25</sup> Sl 104,6.

<sup>26</sup> Cf. Mt 8,23-27.

<sup>27</sup> Cf. Gn 7,11.

<sup>28</sup> Cf. Gn 8,1.

<sup>29</sup> Cf. Ex 14,21.

<sup>30</sup> Cf. 2Rs 6,6.

<sup>31</sup> Jo 11,43.

<sup>32</sup> Gn 1,9.

<sup>33</sup> Ecl 1,17.

<sup>34</sup> Jó 38,10-11.

<sup>35</sup> Cf. Virgílio, *Enéadas*, I,105.

<sup>36</sup> Jr 5,22.

<sup>37</sup> Cf. Virgílio, *Enéadas*, I,161.

<sup>38</sup> Cf. Aristóteles, *Meteor.*, I,14,27. Mas é provável que Ambrósio tenha tido em mente a referida citação aristotélica feita também por Basílio (cf. *Hexaem.* 4,3).

<sup>39</sup> Gn 1,9.

<sup>40</sup> Gn 1,9.

<sup>41</sup> Pelo fato de ter sido bastante conhecido e citado pelos Padres, Cícero é o autor que primeiramente vem à mente. O referimento dado por Ambrósio, porém, parece não provir do grande *rhetor* romano. G. BANTERLE, *op. cit.*, p. 125, n. 1, diz que o termo *forensis* pode advir de *foris* (de fora). Neste caso, poderia indicar simplesmente um autor não cristão, o que não permite sua identificação. G. BANTERLE, *loc. cit.*, no entanto, pergunta-se se Ambrósio referir-se-ia a Platão (cf. *Tim.* 24-25).

[42](#) Gn 1,10.

[43](#) Sl 89,12-13.

[44](#) Jó 38,10.

[45](#) Gn 7,20.

[46](#) Is 45,2.

[47](#) Gn 1,9.

[48](#) Sl 95,5.

[49](#) Sl 63,3.

[50](#) Sl 107,33.

[51](#) Gn 1,10.

[52](#) Gn 1,9-10. É justificada a digressão de *crítica textual* escriturística de Ambrósio, admitindo-se seu conhecimento direto do texto hebraico. Neste caso, o bispo de Milão não ignora que a referida passagem não se encontra no mencionado texto escriturístico. Encontra-se, porém, na *Septuaginta*, que ele, como os Padres, considera texto inspirado por excelência. No entanto, é provável que tivesse presente a mesma, e brevíssima, digressão de *crítica textual* precedentemente feita por Basílio (cf. *Hexaem.* 4,5), que poderia ter se referido a Áquila, Símaco e Teodosião (cf. S. GIET, *op. cit.*, p. 264, n. 1). Parece ser, contudo, que nem Basílio nem Ambrósio conhecessem o hebraico, mas reafirmassem a opinião de terceiros (cf. S. GIET, *op. cit.*, p. 264, n. 2 e G. Banterle, *op. cit.*, p. 131, n. 1).

[53](#) Gn 1,9.

[54](#) Cf. Virgílio, *Enéadas*, III,534.

[55](#) Cf. Virgílio, *Georg.*, II,462.

[56](#) Refere-se à água do batismo.

[57](#) Cf. Mt 8,26; Lc 8,24.

[58](#) Cf. Basílio, *Hexaem.*, 5. Aqui começa o *Sermo V.*, pronunciado, provavelmente, na tarde do terceiro dia da Semana Santa.

[59](#) Gn 1,11.

[60](#) Gn 1,11.

[61](#) O parágrafo parece ter sob mira o culto de Mitra, deus da luz que fertiliza o mundo, que, no século IV, identificava-se no culto ao sol.

[62](#) Cf. 1Cor 1,30.

[63](#) Mt 6,26.

[64](#) Is 40,6-8.

[65](#) Is 40,6.

[66](#) Is 40,6.

[67](#) Is 40,6.

[68](#) Cf. Sl 129,6.

[69](#) Cf. Virgílio, *Eclog.*, 2,17; *Enéadas*, I,658; textos citados também por Basílio (cf. *Hexaem.*, 5, 2). Ambrósio, porém, parece reelaborá-los como quem tem conhecimento direto dos mesmos.

[70](#) Cf. Virgílio, *Enéadas*, VII,56.

[71](#) Cf. Salústio, *De bello Iug.*, 85,10.

[72](#) Cf. Sl 129,6.

[73](#) Cf. Cícero, *Disput. Tusc.*, I,34.

[74](#) Cf. Virgílio, *Enéadas*, I,165.

[75](#) Gn 1,11.

[76](#) At 17,27-28.

[77](#) Cf. 1Cor 9,11.

[78](#) Veja-se, a este respeito, n. 145, p. 47, relativa a *Exam.* 1,8,30.

[79](#) Gn 1,26.

[80](#) De Fotino (séc. IV), bispo de Sírmio, que concebia o *Logos* como uma potência do Pai e somente se tornava Filho ao tomar carne no homem Jesus. Para os fotinianos, considerar o *Logos* pessoa preexistente à encarnação do Verbo seria afirmar um diteísmo. Por isso, Jesus Cristo seria, para eles, um homem par aos demais, dos quais se distingue somente por seu nascimento miraculoso e por suas virtudes.

[81](#) De Eunômio (Capadócia, séc. IV), que levava a extremos as afirmações de Ário, para quem o Filho não era da mesma natureza do Pai, afirmando, entre outras coisas, a impossibilidade de se fazer distinção, em Deus, entre natureza e pessoa. Ainda sobre Eunômio, consulte-se bibliografia indicada à n. 65, relativa a *Exam.* 2,5,20. Acerca do arianismo, veja-se n. 78, referente a *Exam.* 1,6,20.

[82](#) Gn 1,11.

[83](#) Gn 1,11.

[84](#) A viva descrição ambrosiana supera a brevidade da basiliiana (cf. *Hexaem.*, 5,3) sobre o mesmo tema, a partir de modelos clássicos (cf. Cícero, *De senec.*, 51-52; Virgílio, *Georg.*, I,44 e 92-92).

[85](#) Cf. Lucrécio, *De rer. nat.*, II,32.

[86](#) Gn 27,27.

[87](#) Cf. Virgílio, *Enéadas*, IV,132.

[88](#) Sl 50,11.

[89](#) Mt 6,28.

[90](#) Mt 6,29.

[91](#) Cf. Plínio, *Nat. hist.*, XXIV,117.

[92](#) Cf. Plínio, *Nat. hist.*, XXVII,52.

[93](#) Cf. Virgílio, *Georg.*, II,152.

[94](#) Cf. Virgílio, *Eclog.*, VI,33.

[95](#) Basílio, *Hexaem.*, 5,4.

[96](#) Cf. Plínio, *Nat. hist.*, X,197. Mas é possível que a fonte de Ambrósio, não obstante conhecesse o texto de Plínio e deste se recordasse, seja Basílio, que também cita-o; cf. *Hexaem.*, 5,4.

[97](#) Cf. Plínio, *Nat. hist.*, XXV,150; Basílio, *Hexaem.*, 5,4.

[98](#) Cf. Plínio, *Nat. hist.*, XX,201; Basílio, *Hexaem.*, 5,4.

[99](#) Cf. Plínio, *Nat. hist.*, XXV,154; Basílio, *Hexaem.*, 5,4.

[100](#) Plínio, *Nat. hist.*, XXV,54.

[101](#) Cf. Plínio, *Nat. hist.*, XXV,92.

[102](#) Cf. Plínio, *Nat. hist.*, VIII,118. Ambrósio, porém, substitui a serpente do texto de Plínio pelo dragão (*draco*, no latim).

[103](#) Basílio, *Hexaem.*, 5,4.

[104](#) Cf. Virgílio, *Georg.*, II,458-459.

[105](#) Gn 1,11.

[106](#) Cf. Virgílio, *Georg.*, I,94.

[107](#) Mt 13,24-25.

[108](#) Mt 13,27-28.

[109](#) Mc 4,26.

[110](#) Mc 4,14.

[111](#) Gn 1,11.

[112](#) Cf. Gn 3,19.

[113](#) Mc 4,26-29.

[114](#) Gn 1,11.

[115](#) Sl 104,15.

[116](#) Pr 5,15.

[117](#) Cf. Cícero, *De senec.*, 52.

[118](#) Sl 80,9-12.

[119](#) Is 5,2.

[120](#) Sl 34,8.

[121](#) Cf. Lc 13,11ss.

[122](#) Cf. Lc 13,11ss.

[123](#) Mt 11,28.

[124](#) Cf. Cícero, *De senec.*, 53.

[125](#) Fl 3,20.

[126](#) 1Jo 4,16.

[127](#) Jo 15,4-5.

[128](#) Cf. Cícero, *De senec.*, 53.

[129](#) Sl 128,3.

[130](#) Ct 1,17.

[131](#) Ct 7,8.

[132](#) Cf. Virgílio, *Eclog.*, III,83.

[133](#) Ef 3,1; Fl 1,1.

[134](#) Rm 8,35.

[135](#) Sl 137,1-2.

[136](#) Is 30,8. As tábuas de buxo, cobertas com uma camada de cera, sobre a qual se escrevia com um estilo, eram usadas como os cadernos atuais.

[137](#) Cf. Virgílio, *Eclog.*, I,1.

[138](#) Cf. Virgílio, *Geog.*, III, 334; *Enéadas*, XI,851.

[139](#) Cf. Virgílio, *Enéadas*, VIII,276.

[140](#) Basílio, *Hexaem.*, 5,7.

[141](#) Ct 4,3; 6,7.

[142](#) Ct 6,11; 7,13.

[143](#) Cf. Pr 11,13; distinto do texto da *Septuaginta*.

[144](#) Jr 24,5-6.

- [145](#) Br 4,26.
- [146](#) Br 4,27.
- [147](#) Cf. Virgílio, *Enéadas*, XI,611.
- [148](#) Cf. Varrão, *De rer. rust.*, I,60; Plínio, *Nat. hist.*, XV,6,21.
- [149](#) Cf. Plínio, *Nat. hist.*, XIII,66; Basílio, *Hexaem.*, 5,7.
- [150](#) Cf. Plínio, *Nat. hist.*, XXXVII, 43,46; Basílio, *Hexaem.*, 5,7.
- [151](#) Cf. Sb 7,20-21.
- [152](#) Cf. 1Re 4,33.
- [153](#) Cf. Virgílio, *Georg.*, I, 1.
- [154](#) Cf. Virgílio, *Enéadas*, VI,674.
- [155](#) Cf. Virgílio, *Georg.*, I,187-188.
- [156](#) Gn 1,11.
- [157](#) Cf. Basílio, *Hexaem.*, 5,6.
- [158](#) Cf. Sl 105,34; Jl 1,4.
- [159](#) Cf. Jr. 17,6.
- [160](#) Dt 6,5; Mt 22,37; Rm 5,5.
- [161](#) Dt 6,5; Mt 22,37; Rm 5,5.
- [162](#) Cf. Virgílio, *Georg.*, II,376.
- [163](#) Ct 7,8.
- [164](#) Cf. Sl 1,3.
- [165](#) Ct 2,3.
- [166](#) Cf. At 5,15.
- [167](#) Cf. Sl 92,13-14.
- [168](#) Ct 7,9-10.
- [169](#) Gn 9,20-21.
- [170](#) Cf. Ecl 31,27ss.
- [171](#) Gn 27,27.
- [172](#) Cf. Filon, *Quaest. in Gn*, IV,214.
- [173](#) Cf. Gn 27,28.

## QUARTO DIA

1,1.<sup>1</sup> Quem faz a vindima costuma primeiro limpar as talhas em que verte o vinho, para que nenhuma pedrinha altere o sabor do vinho.<sup>2</sup> Pois, que adianta pôr a videira em ordem,<sup>3</sup> cavá-la todo ano, ou fazer-lhe sulcos com a charrua, podá-la, erguê-la, prendê-la aos olmeiros,<sup>4</sup> ligando-a a eles como que por um conúbio, se depois de tanto trabalho os vinhos refinados azedam na talha? Da mesma forma, se alguém deseja ver o nascer do sol matutino, limpa os olhos, para que nenhuma poeira, nenhuma sujeira se deposite em seus olhos e enfraqueça seu olhar de observador, nem alguma névoa escura escureça sua visão. É preciso que na leitura da Escritura nasça para nós o sol, que antes não existia. Já passamos o primeiro dia sem o sol, terminamos o segundo dia sem o sol, levamos a cabo o terceiro dia sem o sol. No quarto dia Deus ordena que sejam feitos os luminares: o sol, a lua e as estrelas. Nasce o sol. Limpa os olhos da mente, ó homem, limpa o olhar interior da alma, para que nenhum cisco de pecado<sup>5</sup> enfraqueça a penetração de tua inteligência e turve a vista de teu puro coração. Limpa teu ouvido, para que recebas as águas límpidas da divina Escritura em vaso puro, e elas não sejam atingidas por nenhum contágio. O sol avança, enchendo o mundo de grande luz, emitindo calor. Acautela-te, ó homem, de apreciar unicamente a grandeza dele, para que seu fulgor excessivo não cegue a visão de tua mente: quem estende os olhos para seus raios em linha reta, com a reverberação da luz, súbito perde totalmente a visão e, se não voltar o rosto e os olhos para outras direções, pensa que nada vê e está privado da faculdade de enxergar; porém, se abaixa os olhos, esta sua faculdade continua íntegra. Acautela-te, pois, de que seus raios nascentes não confundam também a tua visão. Por isso, olha primeiro o firmamento do céu, que foi feito antes do sol; olha a terra, que antes do sol avançar já começara a ser visível e organizada; olha seus germens, que são anteriores à luz do sol. O caruncho é anterior ao sol, a erva é mais antiga do que a lua.<sup>6</sup> Não creias, pois, que o sol seja um deus, pois vês que os encargos de Deus são superiores aos do sol. Passaram-se três dias: ninguém perguntou pelo sol, mas abundou a claridade da luz. Com efeito, o dia também tem sua luz, que é predecessora do sol. (2) Portanto, não fiques tão deslumbrado com o esplendor tão grande do sol – pois ele é o olho do mundo,<sup>7</sup> a alegria do dia, a beleza do céu, a graça da natureza, a superioridade da criação –, mas quando o vires, pensa no seu autor; quando o admirares, louva o seu criador. Se o sol é um consorte e companheiro das criaturas tão encantador – tanto melhor é o *sol de justiça*!<sup>8</sup> Se o primeiro é tão veloz, que em seu rápido curso ilumina todas as coisas de dia e de noite, quanto mais este último, que está sempre em toda parte e enche todas as coisas com sua majestade!<sup>9</sup> Se é admirável aquele que recebe a ordem de sair, acima de qualquer admiração está aquele que *fala ao sol e o sol não se levanta*,<sup>10</sup> conforme lemos! Se é grande aquele que, na sucessão das horas, todo dia se aproxima ou se afasta de algum lugar, que dizer daquele que, embora se esvaziasse<sup>11</sup> para que pudéssemos vê-lo, era *a luz verdadeira que ilumina todo homem que vem a este mundo*!<sup>12</sup> Se é eminentíssimo aquele que pelo obstáculo da terra muitas vezes sofre eclipses, quanta majestade naquele que diz: *ainda uma vez eu moverei a terra*!<sup>13</sup> A terra esconde o sol; ao movimento daquele que a move, ela não pode resistir, a não ser que esteja amparada na substância da vontade dele. Se para o cego é um prejuízo não ver a



beleza deste sol, é prejuízo muito maior para o pecador suportar as trevas da noite perpétua, privado da graça da verdadeira luz!

3. Portanto, quando vires o sol, observa a terra, que foi fundada antes, observa a erva do feno, que vem na frente, pelo privilégio da ordem, observa as árvores, que batem palmas, porque começaram a existir antes dos luminares do céu. Será que os méritos do feno são maiores que os do sol, ou será que a prerrogativa da árvore lhe é superior? Longe de nós pôr as coisas insensíveis à frente de um ministro de tão importante função. Por que então a altura da sabedoria e da ciência de Deus<sup>14</sup> previu que as árvores comessem a existir antes dos dois luminares do mundo e como que dos olhos do celeste firmamento, senão para que todos soubessem, pelo testemunho do ensinamento divino, que a terra podia ser fecunda sem o sol? Com efeito, aquela que pôde produzir sem o sol as primeiras sementes das coisas, pode certamente nutrir as sementes plantadas e, por seu próprio calor, dá-las à luz. (4) Por isso, a natureza grita, por assim dizer, pela voz de seus encargos: o sol é certamente bom, mas para o serviço, não para o mando; bom auxiliar de minha fecundidade, mas não criador; bom nutridor de meus frutos, mas não autor. Entretanto, ele também queima meus produtos, frequentemente ele próprio me causa prejuízo, e em muitos lugares me deixa sem ornamentos. Não sou ingrata a meu companheiro de servidão, ele foi dado para meu uso, comigo ele foi entregue ao trabalho, comigo ele foi sujeitado à vaidade, comigo ele foi submetido à servidão da corrupção. Comigo ele geme, comigo sofre as dores do parto, para que venha a adoção dos filhos e a redenção do gênero humano, a fim de que possamos nós também ser libertados da servidão.<sup>15</sup> De pé junto comigo ele louva o criador, comigo ele canta um hino ao Senhor nosso Deus. Onde é maior a sua beleza, aí tem ele comum consórcio comigo. Onde bendiz o sol, aí bendiz a terra, bendizem as árvores frutíferas, bendizem as aves junto comigo. Abandonado no mar, o marinheiro o recrimina e me deseja; nos montes, o pastor se afasta dele e se apressa rumo a meus rebentos, rumo a minhas árvores, que lhe dão sombra quando sente calor e corre sedento e cansado para minhas fontes.

2,5. Mas para que não te pareça pouco o testemunho dos olhos, limpa o ouvido, aproxima-o dos oráculos celestes; com efeito, toda palavra firma-se em duas ou três testemunhas.<sup>16</sup> Ouve aquele que diz: *façam-se luminares no firmamento para a iluminação da terra.*<sup>17</sup> E a quem diz, senão ao Filho? Portanto, Deus Pai diz: “faça-se o sol”, e o Filho fez o sol, pois era justo que o *sol da justiça*<sup>18</sup> fizesse o sol do mundo. Portanto, o sol foi feito; por isso ele também é servo, porque foi dito: *fundaste a terra e ela permanece; por tua ordem permanece o dia, porque todas as coisas te servem.*<sup>19</sup> Assim, se o dia é servo, como não o será o sol, que foi feito para o poder do dia? Como não serão servas a lua e as estrelas, que foram feitas para o poder da noite?<sup>20</sup> Com efeito, grande graça lhes deu o criador: com a claridade do sol, o ar resplende mais do que o normal, o dia reluz mais serenamente; as trevas da noite são iluminadas pelo fulgor da lua e das estrelas, o céu, como que corado de flores, cintila com luminares tão brilhantes, que chegas a pensar que ele fulgura ornado de colares vivos de rosas perfumadas, como um jardim florido; portanto, quanto mais beleza eles parecem ter recebido, tanto mais devedores são, pois quem mais recebe, mais deve.<sup>21</sup> E por isso muitos o chamaram, com razão, de ornamento do céu, porque há um colar precioso de estrelas. (6) E para que saibamos que a fertilidade da terra não está adscrita ao calor do sol, mas é imputada à clemência divina, diz o profeta: *todas as coisas esperam em ti, que lhes dês o alimento no tempo; quando tu lhes dás, juntam para si, quando tu abres tua mão, todas as coisas se enchem de bondade.*<sup>22</sup> E abaixo: *envia teu Espírito, e*

tudo será criado, e renovarás a face da terra.<sup>23</sup> E no Evangelho: *olhai as aves do céu, porque não semeiam nem colhem, e vosso Pai celeste as alimenta.*<sup>24</sup> Portanto, nem o sol nem a lua são autores da fecundidade, mas foi Deus Pai que, pelo Senhor Jesus, concedeu a todos a graça da fecundidade.

7. O próprio profeta nos explicou muito bem o que significa dizer que *Deus fez o sol para o poder do dia e a lua para o poder da noite.*<sup>25</sup> No próprio Salmo 103, do qual falamos acima, ele escreveu: *fez a lua para os tempos, o sol conheceu o seu ocaso.*<sup>26</sup> Assim, quando o dia completa suas horas, o sol conhece o devido ocaso. Está, pois, o sol em poder do dia e a lua em poder da noite; a lua, por sua vez, tem de obedecer à sucessão dos tempos, ora enchendo-se de luz, ora esvaziando-se. Por isso, muitos parecem entender misticamente esta passagem, com relação a Cristo e à Igreja, porque Cristo experimentou a paixão de seu próprio corpo, e disse: *Pai, chegou a hora; glorifica teu Filho.*<sup>27</sup> Assim, em seu ocaso, Ele deu a vida eterna a todos os que estavam oprimidos pelo ocaso da morte perpétua, e a Igreja tem seus tempos, isto é, tempos de perseguição e de paz. Realmente, ela parece desaparecer, como a lua, mas não desaparece. Pode ser obscurecida, mas não desaparecer: fica certamente diminuída nas perseguições, pelo afastamento de alguns, mas fica cheia nas confissões dos mártires e, glorificada pela vitória do sangue derramado por Cristo, espalha sobre todo o mundo a luz maior de sua devoção e fé. De fato, a lua tem uma diminuição da luz, não do corpo, quando no decurso do mês ela parece renunciar à sua luz para entregá-la ao sol; isto se pode perceber facilmente no ar puro e transparente, quando não se espalha nenhum nevoeiro para obscurecê-la. O orbe da lua permanece, pois, intocado, embora o todo não brilhe como uma de suas partes, e tal como costuma ser visto quando está cheio de luz, tal é em grandeza; ele apenas aparece privado de sua luz por uma espécie de sombra. E por isso são os chifres da Igreja que refulgem, porque seu corpo está espalhado pelo mundo e como que penetrado de uma luz proporcionalmente deficiente.

3,8. Mas Deus pode produzir o que diz: *façam-se os luminares para a claridade sobre a terra, os quais separem o dia da noite,*<sup>28</sup> porque já dissera antes, ao fazer a luz: *Deus separou a luz das trevas. E foi feita a tarde e foi feita a manhã, dia um.*<sup>29</sup> Mas consideremos que uma é a luz do dia, outra é a luz do sol, da lua e das estrelas, pois o próprio sol, com seus raios, parece aumentar o fulgor da luz do dia, e tanto seu nascer quanto seu ocaso podem servir ao dia. De fato, o dia certamente reluz antes do sol, mas não refulge, porque seu resplendor é maior com o sol do meio-dia. É o que mostra o profeta ao dizer: *e ele elevará como uma luz a tua justiça e o teu julgamento como o meio-dia.*<sup>30</sup> De fato, comparou a justiça do Santo não só com a luz, mas também com a luz do meio-dia. (9) Além disso, ele quis que houvesse não apenas um, mas dois sinais de separação entre o dia e a noite, de forma que esta separação seja feita pela luz e pelo nascer do sol e, reciprocamente, o desaparecimento da luz e o aparecimento das estrelas façam a distinção entre o ocaso do dia e o começo da noite. Pois quando o sol se põe, permanecem ainda, contudo, alguns vestígios do dia, até que as trevas cubram a terra, e então nasçam a lua e as estrelas. Quanto à noite, patenteia-se com evidência que a claridade da lua e das estrelas testificam o decurso da noite, já que durante o dia o sol nascente oculta o brilho da lua e de todas as estrelas. Quanto ao dia, o próprio ardor do sol pode ensinar-nos que a natureza da luz do dia é diferente da natureza da luz do sol, e o próprio aspecto de ambas é diferente. De fato, o aspecto da luz é simples: ela dá claridade; o sol, porém, não tem apenas a virtude de iluminar, mas também a de esquentar, pois ele é de fogo, e o fogo, por sua vez, ilumina e queima. Por isso Deus, querendo mostrar a Moisés a maravilha de seu agir, para incitá-lo ao zelo pela obediência e inflamar de fé seu sentimento, revelou-se em fogo, na sarça, e a sarça não se queimava, mas parecia apenas brilhar na

aparência do fogo.<sup>31</sup> Assim, uma parte da função do fogo estava ausente, outra parte estava operante. Estava ausente a força da combustão, operava a força da iluminação. Por isso Moisés ficava estupefato, porque, contra sua própria natureza, o fogo, que costuma queimar até madeira mais dura, não queimava a sarça. No entanto, o fogo do Senhor costuma iluminar e não queimar. (10) Mas talvez digas: como é que foi escrito: *Eu sou um fogo que consome?*<sup>32</sup> Observaste bem: ele costuma consumir tão somente os pecados. Nas retribuições aos merecimentos percebemos também a natureza do fogo divino: ilumina a uns, queima a outros, ilumina os justos, queima os ímpios. Não queima os mesmos que ilumina, e não ilumina os mesmos que queima, mas sua claridade inextinguível existe para o aperfeiçoamento dos bons, e sua combustão violenta, para o suplício dos pecadores.

11.<sup>33</sup> Mas voltemos à separação do dia e da noite. Surgindo a luz do dia, a noite se afasta; afastando-se o dia, a noite se derrama. Não existe, pois, nenhuma sociedade entre a luz e as trevas, pois pela lei natural o Senhor assim o decretou no princípio de seu agir. Com efeito, quando fez a luz, fez também a separação entre a luz e as trevas. Enfim, durante o dia, quando o sol já se derrama<sup>34</sup> sobre as terras, vemos que a sombra de um homem ou de um galho se separa da luz para alinhar-se desde a manhã até o ocaso: à tarde, ela se volta para o oriente, ao meio-dia, inclina-se para o norte; entretanto, não se confunde, nem se mistura com a luz, mas cede e recua. A noite, igualmente, também parece ceder ao dia e declinar sob a luz dele; ela é, de fato, como demonstraram os mais entendidos, que nos precederam na idade ou no cargo, a sombra da terra. Com efeito, a sombra adere e une-se naturalmente ao corpo, a ponto de até os pintores se esforçarem para expressar as sombras dos corpos que pintam, afirmando que é próprio da arte não desprezar a força da natureza; é tido quase como traidor do direito natural aquele cuja pintura não expresse sua sombra também. Portanto, assim como durante o dia, quando algum corpo avança a partir da zona do sol, daquela parte que reflete a luz, a sombra deste corpo persiste – assim também quando, ao cair do dia, a barreira da terra avança a partir da zona da luz do dia ou do sol, o ar ensombra-se. Por isso, não resta dúvida de que a sombra da terra faz a noite. 4,12. Portanto, Deus fez o sol, a lua e as estrelas e prescreveu-lhes medidas de tempo, ao sol as do dia, à lua e às estrelas as da noite, de modo que o sol aumente a graça do dia, e a lua e as estrelas iluminem a sombra e as trevas e *sejam sinais para os tempos, para os dias e os anos.*<sup>35</sup> O sol e a lua com as estrelas têm tempos distintos e a mesma duração em vista da sucessão dos meses, e são sinais. Não posso negar que do sol e da lua advêm outros sinais, pois o Senhor disse também: *e haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas;*<sup>36</sup> e quando os apóstolos perguntaram pelo sinal de sua vinda, ele respondeu: *o sol se escurecerá, a lua não dará a sua luz e as estrelas cairão do céu.*<sup>37</sup> Disse que estes seriam os sinais do fim que virá, mas ajuntou que não devemos relaxar a nossa vigilância.

13. Depois alguns tentaram deduzir destes sinais as qualidades de nascença: como deverá ser cada um que nasceu; isto, porém, é não apenas ilusório, mas também inútil para os que indagam, e impossível para os que pressagiam. Ora, existe algo mais inútil do que alguém se persuadir de que é como nasceu? Sendo assim, ninguém deve mudar de vida, estado e costumes, sem esforçar-se para tornar-se melhor, mas permanecer naquela crença, e não podes nem louvar o virtuoso nem condenar o ímpio, porque parecem responder a uma necessidade de nascença. Mas como é que o Senhor estabeleceu prêmios para os bons ou castigos para os ímpios, se é a fatalidade que dita as regras e o curso das estrelas que determina os acontecimentos? Que significa isto, senão o homem desfazer-se da qualidade de homem, já que não pode abandonar nenhum costume, nenhuma conduta, nenhuma preocupação?<sup>38</sup> Quantas pessoas vemos tiradas de crimes e pecados, e convertidas a um estado melhor! Os apóstolos com certeza não foram redimidos e congregados dentre os pecadores na hora de

seu nascimento, mas foi a vinda de Cristo que os santificou e a hora da paixão do Senhor que os remiu da morte. O ladrão condenado, que foi crucificado com o Senhor, não passou à eternidade do paraíso pelo mérito de seu nascimento, mas por sua confissão de fé;<sup>39</sup> Jonas não foi lançado ao mar por força de seu nascimento, mas pelo agravo de ter negligenciado a divina predição; uma baleia o recolheu, vomitando-o após três dias, como sinal do futuro mistério,<sup>40</sup> e salvou-o merecidamente, em vista do dom da profecia.<sup>41</sup> A Pedro, que seria fatalmente destruído pela morte, foi um anjo de Cristo que livrou do cárcere,<sup>42</sup> não o alinhamento das estrelas. Paulo foi convertido à graça pela cegueira;<sup>43</sup> atacado por uma víbora e abatido por um naufrágio,<sup>44</sup> não foram os remédios do seu nascimento que o salvaram, mas os méritos da devoção. Que podemos dizer daqueles que, embora mortos, ressuscitaram pelas orações destes apóstolos?<sup>45</sup> Foi o seu nascimento ou a graça dos apóstolos que os trouxe de volta? Que necessidade haveria de se exporem a jejuns e perigos, se pudessem chegar aonde queriam graças ao nascimento? Se assim acreditassem, enquanto esperavam a fatalidade dos oráculos, nunca atingiriam graça tão grande. Portanto, esta ciência é inútil. (14) E o que diremos de sua impossibilidade? Tomemos algo da disputa deles, para responder, não para provar: eles dizem que é grande a força do nascimento e que é preciso colhê-la em alguns instantes rápidos e precisos e, se não for colhida com precisão, haverá uma enorme diferença; com efeito, um átimo e um instante exíguo separam o nascimento do pobre e do poderoso, do necessitado e do rico, do inocente e do criminoso; muitas vezes na mesma hora é concebido aquele que se destina à longevidade e aquele que deverá morrer na tenra idade da infância, se o restante for diferente, distinto em algum ponto. Que eles expliquem como podem apreender isto. Considera o parto de uma mulher; a parteira é certamente a primeira que o assiste, assegura-se do choro, pelo qual se percebe a vida da criança, observa se é do sexo masculino ou feminino. Quantos momentos de força não passam entre estas delongas? Põe um matemático de prontidão. Mas será que um homem pode assistir a um parto? Então, a parteira informa, o astrólogo escuta, faz o horóscopo, os fados do recém-nascido já migraram para o destino de outra pessoa; indaga-se a respeito de uma pessoa e é proposto o horóscopo de outra. Mesmo que admitas como verdadeira a opinião deles sobre o fatalismo dos nascimentos, não pode ser exata a sua delimitação. Os instantes passam, o tempo foge irreparavelmente.<sup>46</sup> Sou levado a crer que não há dúvida de que haja tempo num átimo, em um piscar de olhos, porque todos nós ressuscitaremos num átimo, num piscar de olhos, conforme atesta o Apóstolo, dizendo: *eis que digo um mistério. Todos certamente ressurgiremos, mas nem todos seremos transformados. Num átimo, num piscar de olhos, na última trombeta, os mortos ressurgirão incorruptos e nós seremos transformados.*<sup>47</sup> Entre a saída da criança, o ato de pegá-la e depô-la, seu vagido e a notícia – quantos átimos passaram! E isto, para simplificar as coisas. Porque eles ainda dividem o famoso círculo vital dos doze signos em doze partes e, como o sol percorre em trinta dias a duodécima parte desta inefável esfera, para completar uma volta no decurso de um ano, eles repartem cada uma daquelas doze partes em trinta pequenas porções, que os gregos chamam de *mo<sup>z</sup> rai* (partes), e ainda reduzem cada porção a sessenta partes. Novamente cortam sessenta vezes cada uma destas últimas sessenta partes. É inacreditável que fixem o momento exato do nascimento em um sexagésimo da sexagésima parte da porção, e o movimento ou o aspecto de cada um dos signos no nascimento de uma criança! Por isso, como é impossível apreender parcelas de tempo tão diminutas, qualquer pequena mudança leva a um erro total, e todo esse trabalho está repleto de vaidade. Os argumentadores deles desconhecem seus próprios fados, como então poderão conhecer os alheios? Ignoram o que está para acontecer consigo mesmos: poderão anunciar o que acontecerá com os outros? Crer nisso é ridículo, porque, se eles pudessem, seriam mais

providentes para consigo mesmos.

15. Por outro lado, que tolíce alguém dizer que nasceu no signo do carneiro e ser considerado ótimo conselheiro, por influência da utilidade deste animal, porque o carneiro sobressai no rebanho, ou melhor, é mais rendoso; pelo fato de o carneiro ter uma veste natural e proporcionar todo ano o lucro da lã, parece que tal homem terá familiaridade com os ganhos em dinheiro. Argumentam de modo semelhante sobre os signos de touro e peixes, julgando que os movimentos do céu e os poderes dos signos devem ser interpretados a partir da natureza de animais vulgares. Desta forma, aquilo que comemos é que estabelece normas de vida para nós, e nossos alimentos, isto é, o carneiro, o touro e o peixe é que estabelecem a disciplina de nossos costumes. Como, pois, fazem provir do céu para nós as causas dos acontecimentos e a substância desta vida, se eles discernem as causas do movimento dos próprios signos celestes a partir das qualidades de um alimento vulgar? Dizem que é generoso quem nasce no signo do carneiro, porque o carneiro entrega espontaneamente sua lã, e optam por imputar esta virtude à natureza de um animal vulgar e não ao céu, de onde brilha para nós a serenidade e constantemente cai a chuva; dizem que são escravos laboriosos e pacientes os que nascem no signo do touro, porque este animal laborioso entrega espontaneamente o pescoço à servidão, para submeter-se ao jugo; dizem ainda que aquele que ao nascer foi abrangido pela zona do escorpião é assassino e vomita venenos de maldade, porque o escorpião é venenoso. Como, pois, pretendes dar uma norma de vida pela dignidade dos signos celestes e tiras de certas bagatelas o argumento de tuas afirmações? Pois se as propriedades destes costumes recebidos dos animais são inscritas em nós pelos movimentos do céu, até o próprio céu parece estar sujeito ao poder da natureza bestial, da qual recebe as causas da substância vital que reparte com os homens. Pois se isto repugna à verdade, é ainda mais ridículo que eles, abandonando o esteio da verdade, façam provir destas coisas a credibilidade de suas afirmações.

(16) Consideremos agora o seguinte: eles chamam planetas a estes signos, por cujos movimentos afirmam serem determinados os imperativos de nossa existência. Estes planetas, como já diz o nome, estão sempre vagando,<sup>48</sup> ou então, como eles próprios dizem, mudam constantemente de aspecto, devido a suas inúmeras rotações, porque são impelidos por um movimento rápido, dez mil vezes por dia, embora pareça inacreditável; assim, carece de fé que por seu curso tão inconstante e por seu movimento tão rápido eles determinem a substância e a sorte fixas e imutáveis de nossa existência. Eles dizem, contudo, que os movimentos de todos eles não são iguais, e as rotações de uns são mais rápidas, de outros são mais lentas, de modo que na mesma hora muitas vezes eles se defrontam e muitas vezes se escondem, quando um passa outro para trás.

17. Dizem, por outro lado, que o mais importante é se são os signos benéficos ou os maléficos e nocivos que olham o nascimento de uma família, e é neste fato que reside a diferença dos nascimentos, porque o olhar de um signo benéfico é muito benfazejo, o de um maléfico e nocivo é muito prejudicial. É assim que eles costumam referir-se aos mesmos signos que reverenciam... Julgo, pois, necessário usar as palavras daqueles cujas afirmações eu utilizo, para que não digam que seus argumentos são mais ignorados do que contestados e vencidos. E assim, por não conseguirem captar um movimento tão inconstante e rápido, acontece muitas vezes que, pela insignificância de um ponto e de um instante inapreensível, os signos benéficos fecham os olhos – e então ocorre a desventura de um signo penoso e malfazejo. E por que admirar-se de que os homens se tornem ridículos, quando ofendem os signos inofensivos? Se se acredita que os signos são nocivos por sua própria natureza, então o Deus supremo é acusado de ter feito o que é mau e de ter sido autor da improbidade: acredita-se, na verdade, que os signos voluntariamente tomaram sobre si aquilo que prejudica os inocentes, os que ainda não têm consciência de nenhum crime perverso, e a quem a pena é prescrita antes da culpa.



Ora, o que pode ser mais irracional, e até ultrapassar a selvageria dos animais irracionais, do que não imputar a prática do vício ou da virtude aos méritos dos homens, mas atribuí-la aos movimentos dos signos? Aquele homem não fez nada de mau, dizem eles; foi uma estrela maléfica que olhou para ele. A constelação de Saturno veio-lhe ao encontro: virou-se um pouquinho e absolveu-o da pena, perdoou-lhe o crime. (18) Mas a sabedoria deles é comparável a uma teia de aranha: se um mosquito ou uma mosca caem nela, não conseguem safar-se; mas se é alguma espécie de animal mais forte que cai, atravessa-a, rompendo-lhe os fios fracos e destruindo-lhe os laços inúteis. Tais são as redes dos astrólogos: prendem os mais fracos, mas não podem causar dano aos mais sensatos. Assim também vós, que sois mais sensatos, quando virdes os matemáticos, dizei: tecem uma teia de aranha. Ela não pode ser usada contra ti, nem prender-te, se não caíres nela como um mosquito ou uma mosca, por um deslize de tua fraqueza, mas, como um pássaro ou uma pomba, romperes sua malhas débeis com a celeridade do voo alado.<sup>49</sup> Enfim, que homem prudente acreditaria que os movimentos dos signos, que mudam muitas vezes por dia e frequentemente voltam sobre si mesmos, revelam os sinais do poder? Pois se assim fosse, quantas imagens de nascimentos reais deveriam ser esboçadas por dia! Portanto, todo dia nasceriam reis, e a sucessão real não seria transmitida aos filhos, mas os que tivessem direito ao poder imperial sempre nasceriam de uma posição diferente dos signos. Mas qual é o rei que consulta o horóscopo de seu filho, para saber se lhe caberá o império, em vez de transmitir aos seus a sucessão da realeza por sua própria decisão? Com certeza lemos que *Abias gerou Asa, Asa gerou Josafá, Josafá gerou Jorão, Jorão gerou Ozias*,<sup>50</sup> e que toda a sucessão restante até o cativo foi conduzida por reis de nascimento e de honra. Por serem reis, podiam porventura ordenar aos signos celestes os movimentos que deviam realizar? Que homem, então, pode ter domínio sobre eles? (19) Depois, se nossos atos e realizações são imputados ao fatalismo do nascimento e não às instituições dos costumes,<sup>51</sup> por que foram propostas as leis e promulgados os julgamentos, pelos quais se prescreve castigo aos ímpios e se garante segurança aos inocentes? Por que não se perdoa aos réus, se, conforme dizem os astrólogos, na verdade eles não delinquiram por vontade própria, mas por fatalismo? Por que o agricultor, em vez de trabalhar, não aguarda para armazenar nos celeiros frutos que não cultivou, em virtude do privilégio de seu nascimento? Se ele nasceu de modo tal que as riquezas deveriam afluir a ele sem esforço, certamente estaria coberto delas; a terra lhe produziria frutos espontaneamente, sem semente alguma, ele não precisaria arar os campos, não poria as mãos na foice curva,<sup>52</sup> não arcaria com os gastos da colheita da vindima – mas pelo contrário: vinhos abundantes seriam vertidos em todas as suas talhas, e a azeitona da oliveira silvestre, não enxertada em caule algum, espontaneamente destilaria óleo para ele. Nem o mercador zeloso poria em perigo a própria vida, atravessando o imenso mar, pois, como dizem eles, por uma espécie de sorte congênita, um tesouro de riquezas afluiria para ele sem que se esforçasse. Mas não é esta a opinião geral. Enfim, o lavrador infatigável fende a terra,<sup>53</sup> sulcando-a com o arado; nu ele ara, nu ele semeia,<sup>54</sup> nu debaixo de um sol ardente ele tritura na eira os grãos secados pelo calor;<sup>55</sup> e o negociante impaciente muitas vezes sulca o mar em navio inseguro, ao sopro dos ventos.<sup>56</sup> Por isso, condenando a obstinação e a temeridade destes dois últimos, o profeta diz: *Enrubesce, Sidônia, disse o mar*,<sup>57</sup> isto é: se os perigos não vos movem, que pelo menos vos detenha o pudor, confunda-vos a vergonha. *Enrubesce, Sidônia*,<sup>58</sup> em ti não há lugar algum para a virtude, cuidado algum com a saúde, juventude alguma devotada à guerra e exercitada nos combates para sentinela da pátria, – mas sim toda a solicitude pelo lucro, todo o zelo pelos negócios. *A semente dos mercadores, diz o profeta, é como a colheita*.<sup>59</sup> Ora,

que recompensa merece o homem cristão, se não conforma seus cuidados e obras à vontade, mas ao fatalismo? Pois, onde foi decretado o fatalismo, o esforço é desprezado. (5,20) Dissemos muitas coisas, e mais não queremos dizer, para que ninguém pense que as afirmações deles, que usurpamos para refutar, nós as tenhamos tomado para conhecê-las. Com efeito, quem de nós pode evocar na velhice aquilo que nos agradava quando crianças? Mas agora direcionemos a pena para aquilo que está faltando, segundo a leitura da Escritura.

21. *Haja, diz a Escritura, luminares como sinais, tanto para as estações como para os dias e os anos.*<sup>60</sup> Falamos dos sinais; e as estações não são apenas o suceder das mudanças, inverno, primavera, verão e outono? Nestas estações, o curso do sol é ora mais veloz, ora mais lento, pois umas ele apenas roça com seus raios, outras ele inflama de calor. Assim, quando o sol se demora nas regiões meridionais, é inverno para nós. Com efeito, quando o sol está muito afastado, a terra enrijece de gelo, encolhe-se de frio e a espessa sombra da noite cobre as terras, de modo que o decurso da noite é muito mais longo que o do dia. Daí vem que, com os ventos do inverno, as neves e as chuvas caem com força excessiva. Mas quando o sol deixa as regiões meridionais e volta a brilhar sobre a terra, o decurso da noite se iguala ao do dia; então, quanto mais ele demora em seu curso, tanto mais, paulatinamente, faz voltar o equilíbrio do ar e traz de volta a clemência das brisas; aquecendo a estas, ele obriga todas as plantas a renovados partos; assim, a terra germina e revivem as sementes lançadas aos sulcos, as árvores verdejam, e propaga-se para sempre, em partos anuais, a sucessão que conserva a espécie das plantas que estão nas terras e das que preferem as águas. Por outro lado, quando o sol sobe para o norte, para as mudanças do verão, prolonga o espaço dos dias, e diminui e comprime as noites. E assim, quanto mais assiduamente ele se une e se mistura à atmosfera, tanto mais ele aquece o próprio ar e faz secar a umidade das terras, faz as sementes crescerem e os frutos silvestres amadurecerem em sucos revigorantes. Então, como é mais brilhante, faz sombras menores no sul, porque ilumina do alto este lugar. (22) Por isso, a sinagoga diz também no Cântico dos Cânticos: *Conta-me, tu que foste amado de minha alma, onde apascentas, onde descansas ao meio-dia, para que eu não fique perdida entre os rebanhos de teus companheiros;*<sup>61</sup> isto é: conta-me, Cristo, que foste amado de minha alma. Por que não “que és amado”? Porque ele foi amado pela sinagoga, e é amado pela Igreja, que não muda nunca seu afeto para com Cristo. *Onde apascentas, diz a Escritura, onde descansas ao meio-dia.*<sup>62</sup> Desejo seguir-te como discípula, eu que antes te retinha como que amarrada; desejo procurar teus rebanhos, porque perdi os meus. Apascentas ao meio-dia, onde está a Igreja, onde resplende a justiça, onde refulge o juízo como o meio-dia,<sup>63</sup> onde não se vê sombra, onde os dias são maiores, porque para eles, como nos meses de verão, não desaparece o sol da justiça. Enfim, o dia do Senhor não é breve, mas grande, porque está escrito: *até que venha o grande dia do Senhor.*<sup>64</sup> Por isso, Jacó também diz: *todos os dias de minha vida que eu passo são breves e maus;*<sup>65</sup> existe, pois, uma maligna luz dúbia. Assim, os dias breves são de luz dúbia e sombrios. Os dias grandes são sem sombra, como muitos aprenderam pela experiência e pelo exemplo, em alguns lugares muito quentes. Assim também a sinagoga, nos dias breves e maus, cujo tipo muitas vezes Jacó expressou em sua própria pessoa, ou na figura de seu povo, tinha muita sombra, porque não via o sol da justiça,<sup>66</sup> não o enxergava vindo do alto sobre a sua cabeça, mas iluminando do sul, quando era inverno para ela. À Igreja, porém, se diz: *o inverno passou, já se foi: as flores apareceram na terra, o tempo da messe chegou.*<sup>67</sup> Antes da vinda de Cristo era inverno, depois da vinda de Cristo há flores de primavera e messe de outono. Portanto, vendo-o iluminar a partir do sul e da conversão das nações, a sinagoga permanece na

sombra. Mas o povo das nações, que era da confusão, os gentios, que viviam nas trevas, viram uma grande luz; para os que viviam na região da sombra da morte, nasceu-lhes uma luz,<sup>68</sup> a grande luz da divindade, à qual nenhuma sombra de morte se mistura. Por isso ela ilumina do alto, porque também foi escrito, quando Zacarias disse: *...nas quais nos visitou o sol que vem do alto, para iluminar aqueles que jazem nas trevas e na sombra da morte.*<sup>69</sup> Na verdade, existe também uma outra sombra, de salvação, não de morte, como aquela: *sob a sombra das tuas asas me proteges;*<sup>70</sup> sombra real, porque é de um corpo; sombra, porque é da cruz; mas sombra de salvação, porque nela estava o perdão dos pecados e a ressurreição dos mortos.

23. Podemos, portanto, tomar como modelo o fato de que os dias do inverno são breves, mas têm sombras maiores, e os dias do verão são maiores, mas têm sombras menores. Ao meio-dia, também a sombra é menor do que no começo ou no fim do dia, e isto ocorre conosco, no ocidente. Mas na região meridional, há indivíduos que ficam sem sombra dois dias por ano, porque, tendo o sol sobre o seu vértice, são iluminados em círculo por toda parte; por isso são chamados *áscios* (sem sombra) em grego. Muitos dizem também que o sol vem da região do alto; tanto é assim que, através dos buracos estreitos dos poços, veem brilhar a água que está no fundo. Conta-se ainda que no sul existem indivíduos que se chamam *anfíscios*, porque projetam sombra de ambos os lados.<sup>71</sup> Com efeito, para os que vêm da região do sol, a sombra está atrás; sendo assim, imagina que caminhas em sentido contrário ao oriente nas horas matutinas, que vais em direção contrária ao sul ao meio dia, e ao ocidente, no fim do dia. Portanto, o sol chega a ti de três partes do oriente, do sul e do ocidente. De manhã e à tarde, ele está nas tuas costas; ao meio-dia, está do teu lado; porém, do norte o sol não vem nunca; por isso, se caminhas em direção contrária ao norte, de manhã, à tarde, ou ao meio-dia, a sombra não pode estar atrás de ti. Os anfíscios são, pois, os únicos instalados neste orbe das terras habitadas por nós, que por volta do meio-dia projetam sombra para o sul. Conta-se que isto acontece no auge do calor, quando o sol se orienta para o Aquilão. Depois, o outono nos surpreende, moderando a intensidade do verão; em pouco tempo, amenizando e afastando o calor com sua temperatura intermediária, ele nos entrega sem nenhum dano ou prejuízo aos ventos invernais. (24) Que os luminares sejam para os dias, diz alguém, de modo que eles não criem os dias, mas tenham neles a primazia: que o sol ilumine com maior força o nascer do dia, que durante o dia todo seus movimentos tenham como encargo o poder de marcar o dia. É assim que alguns entendem o que diz o profeta: *o sol para o poder do dia, a lua e as estrelas para o poder da noite,*<sup>72</sup> visto que espalham a luz. O sol e a lua também foram ordenados para os anos: a lua, completando doze vezes seu percurso de trinta dias, perfaz um ano; ajuntam-se mais alguns dias segundo os Hebreus, ou celebra-se o ano bissexto segundo os Romanos, com o acréscimo de um dia de quatro em quatro anos. O ano é também solar, porque o sol, tendo completado durante o ano sua passagem por todos os signos, volta para o lugar onde começou seu curso; diz-se, pois, que é anual a realização de seu circuito completo.

6,25. Portanto, Deus fez estes dois grandes luminares... (podemos entender *grandes* não tanto por comparação com os outros, mas por sua função, assim como é grande o céu e grande o mar; com efeito, é grande o sol, porque enche o orbe das terras com seu calor, é grande a lua, porque enche com sua luz não só as terras, mas também o ar, o mar e a face do céu)... grandes luminares, porque seja qual for a parte do céu em que estejam, iluminam tudo e são igualmente vistos por todos, de modo que cada povo como que acredita que eles permanecem apenas em suas fronteiras e lá estão, brilhando apenas para ele – quando eles brilham da mesma forma para todos os povos, para que nenhum pense que algum outro esteja mais perto deles do que ele próprio está. Um exemplo evidente da grandeza

deles é que o mesmo orbe da lua seja visto por todos os homens. De fato, ainda que de tempos em tempos sua luz cresça ou diminua, a mesma lua aparece à noite para mim, tal e qual para todos. Pois se ela parece menor aos que ficam longe, refulge maior para os que estão mais perto, servindo para sinalizar caminhos estreitos e exíguos. Com efeito, estando longe, julgamos menores as outras coisas; observando mais de perto, acreditamos que sejam maiores. Quanto mais próximo tu estiveres, tanto mais para ti aumenta a grandeza daquilo que vês. Um raio de sol não está nem mais perto nem mais longe de ninguém; da mesma forma, o globo da lua é igual para todos. O sol parece semelhante para os Hindus e para os Britânicos, no momento em que nasce; quando mergulha no ocaso não parece menor para os orientais do que para os ocidentais, e quando nasce, não é considerado mais baixo pelos ocidentais do que pelos orientais. *Como está longe o oriente do ocidente!*<sup>73</sup> diz o Salmo 26. Estes estão distantes entre si, mas o sol não está distante de ninguém, de ninguém está mais perto ou mais longe. (26) Nem te admires de que o orbe do sol te pareça ter a altura de um côvado,<sup>74</sup> quando ele nasce, mas considera que existe uma grande distância entre o sol e as terras, e a fraqueza do nosso olhar não pode transpô-la sem grande prejuízo para si. Nosso olhar se obscurece: será que o sol se obscurece, ou a lua? Nossa visão é estreita: será que por isso ela torna mais estreitas as coisas que são vistas? É a aparência que diminui, não a grandeza. E não devemos subordinar a fraqueza de nossa paixão à paixão dos luminares. Nosso olhar mente; portanto, não consideres fiel o juízo dele, porque é a aparência visível dos corpos celestes que é menor, não a forma deles. Se queres olhar com teus olhos, do mais alto cume dos montes, um campo localizado em baixo e os rebanhos que pastam ali, não julgarás os animais semelhantes às formigas? Observa o mar, de alguma elevação do litoral; os maiores navios, velas brancas no meio das refulgentes ondas azuis, não te parecem talvez desenhar a figura de pombas que voam no alto mar? E as próprias ilhas que dividem o mar, esparramando as planuras das terras? Parecem fechadas num limite tão estreito! Parecem planícies redondas e cerradas, quando vistas dos rochedos isolados. Portanto, pesa estas fraquezas de tua visão, e como justo juiz tirarás de ti mesmo a fé em nossa argumentação. (27) Mas queres avaliar a grandeza do sol não só com o olho da mente, mas também com o do corpo? Considera quantos globos de estrelas podes ver, bordando a abóbada celeste e assinalando-a com tantas luzes; contudo, não são capazes de varrer as trevas da noite e as nuvens do céu. Logo que o sol nascente manda seus sinais, desaparecem os clarões de todas as estrelas sob o fulgor de um único luminar, limpa-se o ar e a face do céu é inundada de um rubor purpúreo. Ele apenas começa a viver e já brilha com rapidez instantânea o esplendor da plena luz, e sopra a doce brisa que precede ao nascer do sol. Dize-me, eu te peço, se o sol não fosse um grande círculo, como poderia iluminar o grande círculo das terras? (28) Que poderia eu dizer de tão grande equilíbrio e governo do Criador? Com efeito, ele estabeleceu tal medida para o encargo do sol, que vemos o seguinte: nem a infiltração de seu vapor ígneo seca os veios da terra e a beleza das coisas, nem, em contrapartida, seu resfriamento em tantas partes do mundo deixa de implantar nas terras algum princípio de calor, ficando elas estéreis, sem frutos, sem o aquecimento da graça da fertilidade.

7,29. Da parte da lua vêm serviços semelhantes aos que lembramos a respeito de seu consorte e irmão, pois ela se investe da função de seu irmão: iluminar as trevas, aquecer as sementes, fazer crescer os frutos. Há também muitas diferenças entre ela e seu irmão: o orvalho da noite repõe em pouco tempo a mesma umidade que o calor da terra faz secar durante o dia, pois a própria lua é abundantemente orvalhada. Enfim, quando a noite está mais clara e a lua permanece a noite toda, diz-se que um orvalho mais abundante se espalha sobre os campos. E muitas pessoas que descansam ao ar livre, quanto mais embaixo estiverem da luz da lua, tanto maior umidade sentem juntar-se sobre sua cabeça.



Por isso Cristo diz à Igreja no Cântico dos Cânticos: *porque minha cabeça está coberta de orvalho e os meus cabelos das gotas da noite.*<sup>75</sup> Depois, então, a lua diminui e cresce: é menor ao surgir como lua nova, mas diminui para crescer. E nisto há um grande mistério.<sup>76</sup> Com efeito, os elementos compartilham do eclipse dela, e com o crescimento dela as coisas que se esvaziaram tornam a encher-se, como por exemplo o cérebro dos seres vivos e as águas do mar, pois dizem que se encontram as maiores ostras e outros moluscos quando o globo da lua cresce.<sup>77</sup> Dizem o mesmo também sobre o interior das árvores aqueles que descobriram isto com sua própria experiência. Portanto, vemos que o nascimento da lua e seu ocaso têm razão de ser, não são uma imperfeição. Pois a lua nunca provocaria tão grande mudança nas coisas, se não tivesse a virtude superior e a graça conferida pelo Criador. (30) Alguns varões sábios e cristãos alegaram também que a própria atmosfera costuma mudar com o nascer da lua, e que se a mudança de lua ocorresse bruscamente, o nascimento dela cobriria de nuvens o céu para todos, e as chuvas cairiam. Enfim, como no dia anterior falamos sobre a chuva, e dissemos que ela seria útil, diz alguém: eis que a lua nova trará a chuva. Embora estivéssemos ansiosos pelas chuvas, eu não gostaria de que afirmações deste tipo fossem verdadeiras. Afinal, alegrei-me porque não caiu chuva alguma, até ser provocada pelas preces da Igreja; ficou claro então que não devemos esperá-la dos auspícios da lua, mas da providência e da misericórdia do Criador. De fato, embora os rios transbordem em toda parte de acordo com as outras fases da lua e esparramem as águas recebidas – ou melhor, embora as águas sejam impelidas por grande ímpeto, elas permanecem plácidas no nascer da lua, enquanto a lua está sem luz; porém, quando a sucessão dos dias vai recortando a lua,<sup>78</sup> as águas retornam a seus cursos refluentes. Diz-se também que há um refluxo no mar; dizem que, embora nos outros dias este refluxo observe sua ordem, no nascer da lua ele dá um sinal evidente de variação; assim, o próprio mar ocidental, onde se pode ver o refluxo, costuma avançar e recuar mais amplamente, impelido por força maior; é como se fosse puxado para trás por emanções da lua e, novamente empurrado e puxado por estas, revertisse à sua medida habitual.

**8,31.** Por isso, se te admiras de que a lua sofra eclipse, embora seja tão grande a força de sua mudança, pensa que nisso há também um grande mistério,<sup>79</sup> que podes conhecer pelo exemplo dela: ó homem, não pode haver nada de humano e nenhuma criatura do mundo que não desapareça um dia. Pois se até a lua, a quem o Senhor confiou o serviço tão importante de iluminar o orbe das terras, ora cresce, ora desaparece – assim também desaparecem todas as coisas que, nascidas do nada, atingiram a perfeição, e uma vez perfeitas, diminuem; com efeito, *o céu e a terra passarão:*<sup>80</sup> por que não adquirimos um equilíbrio tal, que nem nos momentos adversos fiquemos de ânimo abatido? Pois aquele que fez todas as coisas do nada também tem poder para te elevar facilmente às coisas mais altas e perfeitas. E depois, não nos exaltemos na prosperidade, nem nos jactemos de poder algum ou de riquezas, nem nos gloriemos nas forças do corpo ou na beleza que facilmente se corrompe e muda ininterruptamente, mas busquemos a beleza do espírito, que permanece até o futuro. Pois se ficas contristado com o ocaso da lua, que sempre se recupera e refaz, deves contristar-te muito mais se a alma, já preenchida pela perfeição da virtude, é depois desviada de seu propósito pela inconstância da mente e pela negligência, e muda muitas vezes seus cuidados; isto é próprio da tolice e da ignorância. Daí dizer também a Escritura: *o tolo muda como a lua.*<sup>81</sup> Por isso o sábio não muda com a lua, mas *permanecerá com o sol.*<sup>82</sup> Por conseguinte, não é a lua que tem parte com a tolice, porque não é a lua que muda como o tolo, mas é o tolo que muda como a lua. Finalmente, a semente do justo, como *a lua perfeita, permanece eternamente e é testemunha fiel no céu;*<sup>83</sup> com efeito, uma coisa é desempenhar uma



função, outra coisa é ser movido pela inspiração e não ter um pensamento firme, pela fraqueza do sentimento. A lua trabalha em teu favor e é submissa por causa da vontade de Deus; *a criação foi submetida à vaidade não por sua vontade, mas por causa daquele que a submeteu, na esperança...*<sup>84</sup> Portanto, a lua não muda por sua própria vontade, tu mudas por tua vontade. Ela *geme e sofre as dores do parto*<sup>85</sup> em suas mudanças, tu não entendes e frequentemente te regozijas. Ela espera pacientemente a tua redenção para ser libertada da servidão comum de toda criatura, tu pões impedimento à tua redenção e à libertação dela. Portanto, a tolice é tua, não dela, porque enquanto tu esperas e não te convertes, nem tardiamente, ela continua mudando.

32. Assim sendo, não julgues a lua com o olho de teu corpo, mas com a vivacidade de tua mente. A lua diminui para encher os elementos. Este é, pois, um grande mistério.<sup>86</sup> Concedeu-o à lua aquele que a todos concedeu a graça. Esvaziou-a para enchê-la aquele que se esvaziou a si mesmo<sup>87</sup> para encher a todos; com efeito, ele se esvaziou a fim de descer para nós, desceu para nós, a fim de subir para todos; *subiu*, pois, diz a Escritura, *aos céus, para encher todas as coisas.*<sup>88</sup> E assim aquele que se esvaziara encheu os apóstolos de sua plenitude. Por isso um deles diz: *pois todos nós recebemos da plenitude dele.*<sup>89</sup> Portanto, a lua anunciou o mistério de Cristo. Não é medíocre aquela em quem Cristo colocou seu sinal, não é medíocre aquela que tem a figura da amada Igreja; é o que anuncia o profeta, ao dizer: *que nos dias dele nasça justiça e abundância de paz, até que a lua se afaste.*<sup>90</sup> E no Cântico dos Cânticos o Senhor assim fala sobre sua esposa: *quem é esta que olha como a aurora, bela como a lua, esplêndida como o sol?*<sup>91</sup> É com razão que a Igreja é como a lua, pois refulgiu para todo mundo e, iluminando as trevas deste mundo, diz: *a noite avançou, o dia se aproximou.*<sup>92</sup> Diz bem o Senhor *que olha*, como que olhando os seus de cima, conforme lê: *o Senhor olhou do céu para os filhos dos homens.*<sup>93</sup> *Esta que olha*, isto é, a Igreja, tem, como a lua, frequentes declínios e ressurgimentos, mas cresceu em seus declínios e mereceu ser ampliada por eles; enquanto diminuía nas perseguições, era coroada pelo martírio dos confessores. Esta é a verdadeira lua, que da luz perpétua de seu irmão toma para si a luz da imortalidade e da graça. De fato, a Igreja brilha não por sua própria luz, mas pela luz de Cristo, e tira seu esplendor do sol da justiça, de modo que diz: *eu vivo, mas já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim.*<sup>94</sup> És plenamente feliz, tu que mereceste tão grande sinal! É por isso que eu te considero feliz, não por tuas luas novas, mas por seres figura da Igreja; com efeito, nas luas novas, tu és serva; como figura da Igreja, tu és amada. (33) Como é ridículo os homens crerem muitas vezes que te podem fazer descer com cantos mágicos! Isto são fábulas de mulher velha e credices do povo. Pois quem acredita que uma obra de Deus investida de tão importante função possa ser seduzida pelas superstições dos astrólogos? Que caia aquele que se transfigura em anjo de luz<sup>95</sup> e desceu por sua própria vontade, não pelo poder de cantos mágicos. Sem dúvida, também nisto, ó Igreja, julgam de certa forma que te podem fazer descer de teu lugar e de tua posição. Muitos tentam seduzir a Igreja, mas os cantos mágicos da arte divinatória não podem prejudicá-la. Nada valem os encantadores, onde se canta diariamente o cântico de Cristo. A Igreja tem seu próprio encantador, o Senhor Jesus, pelo qual ela esvaziou os cantos dos magos encantadores e o veneno das serpentes:<sup>96</sup> ela própria, como a serpente que foi levantada,<sup>97</sup> devora as cobras, e embora sussurre o canto fúnebre dos Egípcios,<sup>98</sup> é enfraquecida em nome de Cristo. Assim também Paulo cegou o mago Elimas,<sup>99</sup> não só pelo enfraquecimento de sua arte divinatória, mas também pela perda dos olhos. Assim Pedro, anulando o

poder dos cantos mágicos, abateu e aniquilou Simão, que pretendia alcançar as coisas altas do céu pelo voo mágico.<sup>[100](#)</sup>

**9,34.** O quarto dia terminou muito bem, conforme penso. Como então muitos costumam evitar o quatro e julgam inútil começar alguma coisa com este número, no qual o mundo inteiro brilhou com uma nova luz? Porventura o sol começou com maus presságios? Por outro lado, como pode o sol indicar bons presságios para alguém que não pôde escolher para si o dia de seu próprio nascimento? Ou então, como aprovam os sinais dele, se não aprovam o seu nascimento? E o que dizer da lua, que também começou no quarto dia e no décimo quarto indica o dia da salvação? Porventura desagrade o número em que é celebrado o mistério da redenção? Por isso os demônios tentam convencer que se deve evitar este número, pelo qual foi destruída a maldade deles. Por isso os gentios afirmam que não se deve começar nada neste dia, porque sabem que foi então que suas artes começaram a esvaziar-se e os povos pagãos começaram a entrar na Igreja. Pensam que o quarto dia da lua nova, se ela estiver clara e seus cornos não estiverem obscurecidos, dá aos dias restantes até o fim do mês um indício de serenidade.<sup>[101](#)</sup> Portanto, não querem começar nada nos mesmos princípios em que começa a serenidade. Mas nós já precisamos acautelar-nos, para que o quarto dia não decline durante o nosso sermão; pois já descem dos montes as sombras maiores,<sup>[102](#)</sup> diminui a luz, aumenta a sombra.

<sup>[1](#)</sup> Começa aqui o *Sermo VI*, pronunciado na tarde do quarto dia da Semana Santa. O correspondente basiliano a este sermão encontra-se em *Hexaem.*, 6.

<sup>[2](#)</sup> Cf. Lucrécio, *De rer. nat.*, VI,17-23; Orácio, *Epist.*, I,2,54.

<sup>[3](#)</sup> Cf. Virgílio, *Eclog.*, I,73.

<sup>[4](#)</sup> Cf. Virgílio, *Georg.*, I,2.

<sup>[5](#)</sup> Cf. Mt 7,3.

<sup>[6](#)</sup> Outro indício da improvisação do sermão. De fato, seguindo o texto bíblico, os seres vivos não tinham, ainda, sido criados.

<sup>[7](#)</sup> Cf. Ovídio, *Met.*, IV, 228.

<sup>[8](#)</sup> Mt 4,2.

<sup>[9](#)</sup> Cf. Sl 72,19.

<sup>[10](#)</sup> Jó 9,7.

<sup>[11](#)</sup> Cf. Fl 2,7.

<sup>[12](#)</sup> Jo 1,9.

<sup>[13](#)</sup> Ag 2,6.

<sup>[14](#)</sup> Cf. Rm 11,33.

<sup>[15](#)</sup> Cf. Rm 8,20-23.

<sup>[16](#)</sup> Cf. Dt 19,15; 2Cor 13,1.

<sup>[17](#)</sup> Gn 1,14.

<sup>[18](#)</sup> Mt 3,20.

<sup>[19](#)</sup> Sl 119,90-91.

<sup>[20](#)</sup> Cf. Sl 136,8-9.

<sup>[21](#)</sup> Cf. Lc 12,48.

<sup>[22](#)</sup> Sl 104,27-28.

<sup>[23](#)</sup> Sl 104,30.

<sup>[24](#)</sup> Mt 6,26.

<sup>[25](#)</sup> Sl 136,8-9.

<sup>[26](#)</sup> Sl 104(103),19. A divisão dos salmos variou, na Antiguidade, nas versões hebraica, grega e da *Vulgata*. A referida variação é indicada nas edições modernas e o leitor pode encontrar sua explicação em qualquer boa introdução ao livro dos Salmos. A esse respeito, indicamos a da *Bíblia de Jerusalém*, Paulus, 2006, p. 858.

<sup>[27](#)</sup> Jo 17,1.

<sup>[28](#)</sup> Gn 1,14.

<sup>[29](#)</sup> Gn 1,4-5.

<sup>[30](#)</sup> Sl 37,6.

<sup>[31](#)</sup> Cf. Ex 3,1ss.

<sup>[32](#)</sup> Dt 4,24.

<sup>[33](#)</sup> Cf. Basílio, *Hexaem.*, 6,3.

<sup>[34](#)</sup> Cf. Virgílio, *Enéadas*, IX,461.

[35](#) Gn 1,14.  
[36](#) Lc 21,25.  
[37](#) Mt 24,29; Mc 13,24-25.  
[38](#) Cf. Cícero, *De fin.*, V,35; Fílon, *De prov.*, I,88.  
[39](#) Cf. Lc 23,42-43.  
[40](#) A ressurreição de Cristo, prefigurada no episódio de Jonas no ventre da baleia.  
[41](#) Cf. Jn 1,2-3.15; 2,1.11.  
[42](#) Cf. At 12,7ss.  
[43](#) Cf. At 9,8-18.  
[44](#) Cf. At 28,3-6.  
[45](#) Cf. At 9,36-41; 20,9-12.  
[46](#) Cf. Virgílio, *Georg.*, III,284.  
[47](#) 1Cor 15,51-52.  
[48](#) Etimologia correta. O termo *planeta*, de fato, é oriundo do grego *plan* πλᾱν, cuja definição é dada pelo próprio Ambrósio.  
[49](#) Cf. Sl 124,7  
[50](#) Mt 1,7-8.  
[51](#) Cf. Fílon, *De prov.*, I,80ss.  
[52](#) Cf. Virgílio, *Georg.*, I,508.  
[53](#) Cf. Virgílio, *Georg.*, I,45.  
[54](#) Cf. Virgílio, *Georg.*, I,299.  
[55](#) Cf. Virgílio, *Georg.*, I,298.  
[56](#) Cf. Horácio, *Carm.*, I,1,15-18.  
[57](#) Is 23,4.  
[58](#) Is 23,4.  
[59](#) Is 23,3.  
[60](#) Gn 1,14.  
[61](#) Ct 1,7.  
[62](#) Ct 1,7.  
[63](#) Cf. Sl 37,6.  
[64](#) Jl 2,31.  
[65](#) Gn 47,9.  
[66](#) Ml 3,20.  
[67](#) Ct 2,11-12.  
[68](#) Cf. Mt 4,16.  
[69](#) Lc 1,78-79.  
[70](#) Sl 17,8.  
[71](#) Cf. Basílio, *Hexaem.*, 6,8.  
[72](#) Gn 1,16; Sl 136,8-9.  
[73](#) Sl 103,12.  
[74](#) Cf. Cícero, *Acad.*, II,82; *De fin.*, I,20.  
[75](#) Cf. Ct 5,2.  
[76](#) Isto é, um grande ensinamento simbólico.  
[77](#) Cf. Plínio, *Nat. hist.*, II,221.  
[78](#) Cf. Ovídio, *Met.*, VII,531.  
[79](#) Ou seja, ensinamento simbólico.  
[80](#) Mt 24,35.  
[81](#) Eclo 27,12.  
[82](#) Cf. Sl 72,5.  
[83](#) Sl 89,38.  
[84](#) Rm 8,20.  
[85](#) Rm 8,22.  
[86](#) O ensinamento, ora, concentra-se em seu significado cristológico, como é explicitado a seguir.  
[87](#) Cf. Fl 2,7.  
[88](#) Ef 4,10.  
[89](#) Jo 1,16.  
[90](#) Sl 72,7.  
[91](#) Ct 6,10.  
[92](#) Rm 13,12.  
[93](#) Sl 14,2; 33,13; 53,3.  
[94](#) Gal 2,20.

[95](#) Isto é, Satanás; cf. 2Cor 11,14.

[96](#) Cf. Sl 58,6.

[97](#) Cf. Nm 21,6-9; Jo 3,14.

[98](#) Cf. Ex 7,12.

[99](#) Cf. At 13,6-11.

[100](#) Nas Escrituras, o episódio de Pedro e Simão, o mago, é narrado em At 8,9-24, mas Ambrósio parece ter tido acesso ao mesmo como narrado nas *Const. Apost.*, VI,9.

[101](#) Cf. Virgílio, *Georg.*, I,431-435.

[102](#) Cf. Virgílio, *Eclog.*, I,83.

## QUINTO DIA

1,1.<sup>1</sup> Toda a terra verdejava, vestida de diversas plantas; o céu também brilhava na beleza do seu aspecto, iluminado pelos gêmeos sol e lua e pelas luzes das estrelas. Restava o terceiro elemento, isto é, o mar, para receber também ele, pelo dom divino, a graça da vivificação. Efetivamente, todos os rebentos da terra são animados pelo sopro celeste;<sup>2</sup> a própria terra, dissolvendo as sementes, vivifica a todas elas, e sobretudo por ter sido a primeira a receber da palavra de Deus a ordem de verdejar, pululava em seu encargo de vivificação: a água estava vaga e parecia em descanso, por benefício da obra divina. Mas o criador tem algo a conferir-lhe, que possa contrabalançar as funções das terras; reservava-lhe algo, para que ela própria o reivindicasse para si, como uma prerrogativa própria e especial do encargo já conferido. A terra vivificou primeiro, mas apenas criaturas que não tinham alma vivente: à água foi dada a ordem de produzir criaturas que apresentassem o vigor e a dignidade de uma alma vivente, e recebessem o sentimento de zelar pela vida e fugir da morte. (2) Assim disse Deus: *produzam as águas répteis de alma vivente segundo sua espécie e aves que voem seguindo o firmamento do céu.*<sup>3</sup> Veio a ordem e imediatamente a água se abriu nos partos que lhe foram ordenados; os rios começaram a gerar, os lagos começaram a produzir a vida, o próprio mar começou a parir diversas espécies de répteis e a multiplicar segundo a espécie tudo quanto tinha produzido. Não ficaram vazios nem os abismos estreitos nem os pântanos lamacentos que arrogavam a si o poder concedido para criar de tudo. Os peixes saltavam para fora dos rios, os golfinhos brincavam nas ondas, as conchas grudavam nos rochedos e as ostras nas locas do fundo, os ouriços do mar cresciam. Ai de mim! Antes do homem começou a tentação, mãe da nossa luxúria; antes do homem começaram as delícias. Portanto, a tentação dos homens é anterior à sua criação. Mas a natureza não errou em nada: deu os elementos, não prescreveu os vícios. Deu estes alimentos para todos, para que não reclamasses alguns como particulares a ti. A terra produz seus frutos para ti; para ti as águas geram sardinhas, peixes e outros rebentos, e não satisfeito com estes, provaste alimentos que te eram proibidos. Todos se juntam à tua inveja, para agravar a prevaricação de tua cobiça.

3. Mas não somos capazes de enumerar quantas espécies e nomes receberam uma alma no momento da ordem divina. Ao mesmo tempo em que se formava o corpo, também era produzida a alma, formava-se a força vital, algo da virtude. A terra estava cheia de plantas, o mar repleto de seres vivos. Ali pululam as criaturas insensíveis, aqui se multiplicam as sensíveis. Até nas terras, as águas reclamam para si suas partes. Os peixes das águas lambem a terra à procura de uma presa, os mosquitos e as rãzinhas fazem ruído em volta dos pântanos fecundos; e as águas ouviram a ordem do Senhor, que dizia: *Produzam as águas répteis de almas viventes.*<sup>4</sup> (4) Sabemos que os répteis significam as espécies de serpentes, porque rastejam sobre a terra, mas todo ser vivo que sabe nadar tem muito mais o aspecto e a natureza de réptil. Pois embora todos eles mergulhem no fundo e pareçam cortar a água, entretanto, quando flutuam na superfície, rastejam com o corpo todo, como que arrastando-se sobre o dorso das águas. Daí dizer também Davi: *Eis o mar grande e espaçoso, onde existem répteis impossíveis de enumerar.*<sup>5</sup> E há mais: muitos têm pés e podem andar, sendo, por isso, anfíbios, pois vivem na água ou na terra; é o caso das focas, dos crocodilos, dos cavalos fluviais, chamados hipopótamos, por serem gerados no Rio Nilo. Entretanto, quando estão no fundo das águas,



não andam, mas nadam; não usam a sola dos pés para caminhar, mas como remos para arrastar-se, pois um navio também desliza impelido pelos remos e sulca as águas com a quilha.<sup>6</sup>

2,5. *Que as águas produzam répteis*,<sup>7</sup> disse o Senhor. Palavra breve, mas veemente e muito clara, que infundiu uma natureza comum aos répteis menores e maiores. É criada a baleia no mesmo instante em que nasce a rã, pela força da mesma ação. Deus não capricha nos maiores, e enfastia-se nos menores. E a natureza não sofre ao parir os golfinhos, assim como não sofreu, quando produziu os pequenos moluscos e caracóis. Observa, ó homem, que existem muito mais habitantes no mar do que na terra. Enumera, se puderes, todas as espécies de peixes, dos menores aos maiores, as sépias, os pólipos, as ostras, as lagostas, os caranguejos com suas espécies incontáveis. O que direi das espécies de serpentes, dos dragões, moreias, enguias? E não omitirei os escorpiões, as rãs, as tartarugas, até as doninhas e os cães marinhos, os vitelos marinhos, as baleias enormes,<sup>8</sup> os golfinhos, as focas, os leões. O que direi ainda dos melros, tordos, até dos pavões, cujas cores vemos representadas nas aves, como por exemplo: melros negros, pavões de dorso e pescoço furta-cor, tordos matizados no ventre, e outros, cujas formas e nomes foram reivindicados pelas terras? Ora, eles começaram primeiro no mar e em diversos rios, pois a água foi a primeira a produzir répteis de alma vivente, obedecendo à vontade divina. (6) Acrescenta esta graça: as criaturas que tememos na terra, amamos nas águas. Com efeito, as que são nocivas na terra, na água são inofensivas e as próprias serpentes não têm veneno. O leão é terrível na terra, doce nas águas. A moreia, que dizem ter algum veneno,<sup>9</sup> é um alimento excelente. A rã que salta nos pântanos, ornamento das águas, é um alimento superior a quase todos. Se alguém quiser conhecer outros mais, pergunte aos diversos pescadores locais; pois ninguém consegue abranger todos. Usa de sabedoria e acautela-te dos cães até no mar; na Igreja também eles são molestos e devem ser evitados, ensina o Apóstolo, dizendo: *Acautelai-vos dos cães, acautelai-vos dos maus operários*.<sup>10</sup> O cheiro da doninha na terra é forte, nas águas é suave.<sup>11</sup> Ela sabe defender-se na terra, soltando seu mau cheiro, e sendo capturada não tem menos beleza do que quando livre. E não te deixarei desprezado em nossa sequência, ó peixe timalo, cujo nome brotou de uma flor.<sup>12</sup> Quer seja a água do Rio Ticino que te criou, quer seja a do ameno Ádige, és uma flor. A melhor prova é o dito gracioso acerca de quem exala um perfume agradável: ou cheira a peixe ou a flor; desta forma ficou claro que o cheiro do peixe é o mesmo da flor. O que é mais belo do que teu aspecto, mais agradável do que tua suavidade, mais perfumado do que teu cheiro? Teu corpo exala perfume de hidromel.<sup>13</sup> O que direi da delicadeza dos corvos, e até dos lobos?<sup>14</sup> O cordeiro não teme estes lobos. Tão grande é a graça das águas, de cujas focas até os leões fogem, que a elas se ajusta com justiça esta palavra profética sobre a santidade da Igreja: *então os lobos e os carneiros pastarão juntos, o leão e o boi juntos comerão palha*.<sup>15</sup> E não há de que admirar-se, visto que também na Igreja as águas fazem essa obra: purificada a maldade dos ladrões, podem ser igualados aos inocentes. O que direi ainda dos múrices, que adornam os festins reais, tingindo os mantos? Pertence às águas, pois, o que se adora nos reis, pertence às águas aquele aspecto refulgente. Acrescenta os porcos do mar,<sup>16</sup> agradáveis até aos judeus, porque nada existe em comum com a terra que a água não purifique – e assim os judeus não podem julgar estes porcos iguais aos que são produzidos na terra.

3,7. Tão inumeráveis os costumes, tão inumeráveis as espécies dos peixes. Alguns põem ovos, como vários peixes grandes, chamados atuns, e confiam-nos às águas para serem aquecidos. Portanto, a água dá vida e faz crescer, cumprindo até hoje o encargo daquele primeiro mandamento, qual mãe

carinhosa dos seres animados. Outros peixes, de seu próprio corpo dão à luz filhotes vivos, como por exemplo as doninhas, os cães do mar, as enormes baleias, os golfinhos, as focas e outros cetáceos semelhantes. Estes, quando dão à luz seus filhotes, se por acaso pressentem alguma armadilha ou perigo perto deles tentando agarrar algum, para proteger os mais pequenos, escondem-nos do perigo com afeto materno: conta-se que abrem a boca, pegam seus filhotes sem feri-los com os dentes, recolhem-nos dentro de seu corpo, ocultando-os no ventre em que os geraram. Que afeto humano é capaz de imitar esta piedade dos peixes? Nós temos boca para saciar-nos; eles não se satisfazem em abrir as entranhas e receber os filhotes: fazem-nos voltar intactos, dão-lhes a vida novamente, aquecem-nos com seu calor, alentam-nos com sua respiração; vivem dois em um só corpo, enquanto oferecem segurança ou defendem os filhotes dos perigos, fazendo seu próprio corpo de barreira. Vendo isto, quem não recua diante de tão grande piedade dos peixes, ainda que possa apanhá-los? Quem não fica pasmado de admiração, de que a natureza preserve nos peixes aquilo que não preserva nos homens? Muitos homens são suspeitos de terem matado seus próprios filhos, por exigência do ódio das madrastas; algumas mulheres, com fome, conforme lemos, comeram seus próprios filhos recém-nascidos.<sup>17</sup> Para os filhos humanos a mãe tornou-se um sepulcro;<sup>18</sup> para a prole dos peixes, o útero da mãe, qual muralha, preserva os filhos ilesos como que dentro do baluarte de suas entranhas mais profundas. (8) Em suma, diferentes espécies de peixes têm diferentes costumes; uns põem ovos, outros dão à luz filhotes vivos e formados. E os que põem ovos não constroem ninhos como as aves, não têm o trabalho de aquecê-los diariamente, nem o peso de alimentá-los. Caído o ovo, a água o recebe qual nutriz carinhosa no seio de sua natureza, e com seu rápido aquecimento, devolve um animal. Com efeito, animado pelo toque contínuo da mãe, o ovo cai e sai o peixe. (9) Depois, em seguida, que sucessão mais pura e inviolável! Nenhuma espécie se mistura com outra, mas consigo mesma: timalo com timalo, lobo com lobo! Até o escorpião do mar<sup>19</sup> preserva a castidade do acasalamento imaculado de sua espécie. Assim, ele tem o pudor de sua espécie, mas não tem o veneno de sua espécie; de fato, o escorpião do mar não fere, mas reconforta.<sup>20</sup> Em suma, eles não praticam acasalamentos adulterinos com companheiros de outra espécie, tais como os que são consumados pelos homens com todo cuidado, ao juntarem entre si as espécies do jumento e da égua, ou vice-versa, quando as jumentas se misturam aos cavalos; trata-se realmente de acasalamentos de natureza adulterina; ora, é muito pior o que se faz para corromper a natureza, do que para ofender uma pessoa. E tu, ó homem, ocupas-te com tais coisas, como agenciador do adultério do jumento, e julgas mais valioso o animal adulterino do que o verdadeiro. Tu mesmo juntas espécies diversas e misturas sementes diferentes: muitas vezes forças os animais a acasalamentos proibidos, contra a vontade deles, e chamas a isto de habilidade. E como não podes fazer isto usando homens, a saber, a mistura com uma espécie diferente que exclua os fetos – mutilas o homem porque nasceu homem, e o despojas da virilidade; cortando-lhe uma parte do corpo, tiras-lhe o sexo, fazes um eunuco, de modo que a audácia realize nos homens aquilo que a natureza negou.<sup>21</sup>

4,10. Por outra parte, considera também neste aspecto como a água é boa mãe. Tu, ó homem, ensinaste os pais a deserdar os filhos, ensinaste as separações, os ódios, as ofensas: aprende quais são as obrigações do pai e dos filhos. Os peixes não podem viver sem água; não podem separar-se da companhia de sua mãe, nem ser privados da função de sua nutriz, e isto foi feito assim pela natureza, de sorte que, tirados da água, eles imediatamente morrem. Com efeito, eles não vivem como todos os seres que respiram este ar, porque por natureza não dispõem de fôlego para inspirar e expirar. Por outro lado, os seres que não captam a infusão do ar não podem viver sempre debaixo d'água. O que

para nós é o ar, para eles é a água. Assim como para nós é o ar que proporciona a substância da vida, para eles é a água. Uma vez fechada a passagem do ar, como nós não podemos nem por um breve instante estar privados do sopro vital, imediatamente morremos; os peixes também, tirados da água, não podem existir sem sua substância vital. (11) E a causa é evidente, porque em nós o pulmão recebe o ar pela parte mais aberta do interior do tórax, e como o próprio pulmão é muito poroso, refrigera o calor interno pela infusão do ar. Então, assim como o tórax recebe os alimentos, assim também separa sua parte supérflua dos sucos salutares e do sangue: o pulmão torna-se a via pela qual a aspiração do ar pode chegar ao tórax com maior facilidade. Os peixes, por outro lado, têm guelras, que eles ora apertam e fecham, ora distendem e abrem. E assim, neste ato de fechar e abrir, enquanto a água recebida e engolida penetra, parece realizar-se a função respiratória. Portanto, a natureza dos peixes é peculiar e não é comum aos outros seres viventes; seus costumes são particulares e a substância de sua vida é como que separada e distinta da dos demais. Por isso não se alimentam nem se comprazem, como os animais terrestres, com o toque da mão humana ou com algum engodo, mesmo quando vivem confinados em viveiros.

5,12. Além disso, o que poderei dizer sobre a espessura de seus dentes? Com efeito, eles não têm dentes de uma só fileira, como as ovelhas e os bois, mas têm duas fileiras de dentes, porque estão na água e, se mastigarem por muito tempo o alimento e não o engolirem logo, este pode ser tirado de seus dentes e diluir-se na aluvião das águas. Por isso, têm dentes grossos e pontiagudos, para cortarem logo o alimento, logo o triturarem e facilmente o deglutirem, sem nenhuma demora ou delonga. Finalmente, os peixes não ruminam; conta-se que dentre eles só o sargo rumina, conforme dizem aqueles que tiram proveito ou têm hábito ou interesse em entender coisas deste tipo. (13) Mas, na verdade, nem os próprios peixes escaparam do poder da força de seus semelhantes e em toda parte os mais fracos estão sujeitos à cobiça dos mais fortes. Quanto mais fraco é cada um, tanto mais está exposto à pilhagem. É verdade que muitos se alimentam de ervas e de pequenos vermes; mas existem alguns que se entredevoram e se alimentam de sua própria carne. Entre eles, o menor é o alimento do maior; novamente o maior é atacado por um mais forte, e o predador de um torna-se alimento de outro. Assim, costuma acontecer que, quando um devora outro, é devorado por um terceiro, e ambos se encontram no mesmo ventre, o devorado e o próprio devorador, ocorrendo ao mesmo tempo, na mesma víscera, o encontro da presa com o seu flagelo. Talvez esta injustiça tenha-se desenvolvido entre eles deliberadamente, assim como entre nós ela não começou pela lei natural, mas pela cobiça. Ou então, já que foram dados para o uso dos homens, os peixes tornaram-se também um sinal para nós, para que enxergássemos neles os vícios dos nossos costumes e nos acautelássemos com o seu exemplo; para que o homem mais forte não atacasse o mais fraco e não viesse a dar a um outro mais forte do que ele um exemplo de dano contra sua própria pessoa. E assim, quem prejudica o outro prepara para si mesmo um laço, no qual ele próprio cai.

14. E tu és o peixe que invades as vísceras alheias, que afundas o fraco, que persegues até o fundo o que foge. Cuidado para que, na perseguição, não pegues um peixe mais forte, que se livre de tuas ciladas, levando-te para ciladas alheias – e quem temia sua própria perdição, enquanto tu o perseguias, seja o primeiro a contemplar a tua. Qual é a diferença entre um rico avaro e iníquo, que engole no estômago o patrimônio dos fracos – e um siluro com a barriga cheia das vísceras dos peixes menores?<sup>22</sup> O rico morreu e de nada lhe valeu seu espólio;<sup>23</sup> muito pelo contrário, a infâmia de seus roubos o fez ainda mais detestável. O siluro foi capturado e sua presa inútil foi descoberta. Quantos devoraram os outros e foram descobertos! E tu, rico, tens em teu ventre o predador de outrem, o qual detinha os recursos do pobre que pilhara. Oprimindo-o, tu acrescentaste dois patrimônios às tuas

posses. Ainda não ficas saciado com lucro tão grande e dizes que estás defendendo outras pessoas, quando cometes o mesmo crime que condenas, mais injusto do que o injusto, mais iníquo do que o iníquo, mais avaro do que o avaro. Cuidado para que não encontres o mesmo fim daquele peixe; cuidado com o anzol e as redes. Mas tu pensas que ninguém pode resistir a teu poder: o siluro também presumia que ninguém lhe arremessaria o anzol; que ninguém lhe estenderia as redes e, se nelas ele caísse, romperia todas: entretanto não se livrou do forçado e caiu nos laços de cadeia mais resistente, dos quais não pode soltar-se. Sem dúvida também, quanto mais graves faltas comete a maldade dos homens, tanto menos segura poderá estar, em sua perversidade, de poder destruir um dia aquilo que é difícil conseguir evitar como salário dos crimes.

6,15. Portanto, ó homem, és peixe. Escuta por que és peixe: *o reino dos céus é semelhante a uma rede lançada ao mar, que juntou peixes de toda espécie. Quando estava cheia, levaram-na para a praia, sentaram-se, recolheram os melhores em seus cestos e jogaram fora os maus. Assim será na consumação dos tempos. Virão os anjos e separarão os maus do meio dos justos e os enviarão para a fornalha ardente.*<sup>24</sup> Existem, pois, peixes bons e maus. Os bons são preservados para o prêmio, os maus imediatamente ardem. Ao bom peixe, as redes não envolvem, mas elevam, o anzol não mata e destrói, mas cobre com o sangue de uma ferida preciosa; na confissão de sua boca é encontrada a boa moeda, com a qual o tributo dos apóstolos e o imposto de Cristo podem ser pagos.<sup>25</sup> Com efeito, assim foi escrito quando o Senhor disse: *Os reis da terra, de quem recebem o tributo ou o imposto? De seus filhos ou dos alheios? E ao responder Pedro “dos alheios”, disse o Senhor: vai ao mar, lança o anzol e pega o primeiro peixe que subir; abrindo-lhe a boca, aí encontrarás um estáter; pega-o e entrega-o por mim e por ti.*<sup>26</sup> (16) Não temas, pois, ó bom peixe, o anzol de Pedro; ele não mata, mas consagra. Não te consideres como desprezível, porque vês teu corpo enfraquecido.<sup>27</sup> Em tua boca tens o que oferecer por Pedro e por Cristo. Não temas as redes de Pedro, a quem diz Jesus: *joga para o alto e lança as redes;*<sup>28</sup> ele não lançou à esquerda, mas à direita, conforme Cristo lhe ordenara<sup>29</sup>. Não temas as dobras de seu manto, porque lhe foi dito: *a partir de agora serás vivificador de homens.*<sup>30</sup> Por isso ele lançou as redes e enlaçou Estêvão, o primeiro peixe que subiu do Evangelho, tendo em sua boca o estáter da justiça. Por isso, em firme confissão, clamou dizendo: *Eis que vejo os céus abertos e o filho do homem de pé à direita de Deus.*<sup>31</sup> Por causa deste peixe estava de pé o Senhor Jesus; pois sabia que na boca dele estava o preço do seu imposto. Enfim, confessor inabalável, Estêvão completou com glorioso martírio o juízo e doutrina de Pedro e a graça de Cristo.

7,17. Nem te admires de que eu tenha aplicado o evangelho ao mar. É um evangelho em que Cristo andou; é um evangelho em que Pedro, embora tivesse vacilado ao negar, encontrou na mão direita de Cristo o sustento da fé, a graça de ficar de pé;<sup>32</sup> é um evangelho do qual ele subiu como testemunha; é um evangelho o mar, no qual os apóstolos pescam, ao qual é lançada a rede, que é semelhante ao reino dos céus;<sup>33</sup> é um evangelho o mar, no qual estão figurados os mistérios de Cristo; é um evangelho o mar, no qual o Hebreu escapou e o Egípcio desapareceu<sup>34</sup>; é um evangelho o mar, porque a Igreja, esposa de Cristo e plenitude da divina graça, foi fundada sobre os mares, conforme disse o profeta: *eu próprio a fundei sobre os mares.*<sup>35</sup> Salta sobre as ondas, ó homem, porque és peixe. Não te oprimam as ondas deste mundo. Se há uma tempestade, procura o mar alto e profundo; se há serenidade, brinca nas ondas; se há procela, cuidado com a praia cheia de rochedos, para que o furor das vagas não te despedace contra as pedras. Com efeito, está escrito: *Sede astutos como as serpentes.*<sup>36</sup> (18) E já que

foi proposto o exemplo da astúcia das serpentes, sejamos astutos em procurar e preservar os casamentos, tenhamos zelo pelas comunidades que nos foram confiadas. Quanto àqueles que, por ocasião de seu nascimento, estavam separados em regiões longínquas, se vierem a unir-se e se o homem for para terras estrangeiras, nenhuma distância, nenhuma abstinência diminua o amor mútuo. A mesma lei une os presentes e os ausentes, o mesmo vínculo natural liga os direitos do amor conjugal entre os distantes e os próximos, o mesmo jugo da bênção une o pescoço de ambos, ainda que um deles se afaste para longas separações em regiões distantes, porque os cônjuges não receberam o jugo da graça na cerviz do corpo, mas do espírito. A víbora, a mais perversa espécie de fera e a mais astuta de todas as serpentes, quando quer satisfazer o desejo de copular, procura a conhecida união com a moreia marítima,<sup>37</sup> ou melhor dizendo, prepara nova união: avança para o litoral e, anunciando sua presença com um assovio, chama-a para o amplexo conjugal; a moreia, uma vez solicitada, não falta e partilha seus desejos conjugais com a serpente venenosa. O que significa isto que estou dizendo, senão que é preciso suportar os costumes conjugais e, se um está ausente, é preciso aguardar sua presença? Ainda que ele seja áspero, pérfido, grosseiro, lascivo, ébrio: o que é pior do que o veneno, e a moreia não o evita em seu cônjuge? Quando é chamada, não falta e abraça com amor zeloso o corpo escorregadio da serpente. Ele carrega tuas maldades e a fraqueza da inconstância feminina, e tu, mulher, não podes suportar teu marido? Adão foi enganado por Eva, não Eva por Adão.<sup>38</sup> Aquele que foi chamado à culpa pela mulher, é justo que assuma o encargo de timoneiro, para não cair novamente, por causa da fraqueza da mulher. Mas ele é rude e grosseiro: só me agradou uma vez. Por acaso o marido deve ser escolhido muitas vezes? O boi sente falta e o cavalo ama seu companheiro; se um deles é trocado, o outro companheiro não consegue puxar o jugo, sentindo que não está completo: mas tu repudias teu marido e pensas que deve ser trocado muitas vezes; se ele se ausenta um único dia, tu contrais novas núpcias com um rival e imediatamente, como se tivesse sido já instruído um processo que não o foi, cometes um atentado ao pudor. A víbora procura o ausente. Chama o ausente com um assovio carinhoso e, quando sente que seu companheiro se aproxima, vomita o veneno, em consideração ao marido, em respeito pela graça nupcial: tu, mulher, repeles com injúrias teu marido que está chegando de longe. A víbora olha para o mar, observa o caminho do cônjuge: tu obstruis o caminho para teu marido com insultos, tu lhe moves os venenos dos processos, em vez de cuspi-los; tu soltas pelas têmporas um veneno terrível para o amplexo conjugal e não respeitas as núpcias nem tens consideração por teu marido.

19. Mas tu também, ó homem – podemos também entender assim –, abandona a arrogância do coração, a rudeza dos costumes, quando tua esposa solícita vem ao teu encontro; afasta de ti a irritação, quando tua esposa carinhosa te convida ao amor. Não és senhor, mas marido; não ganhaste uma escrava, mas uma esposa. Deus quis que tu fosses timoneiro do sexo mais frágil, não o todo-poderoso. Retribui ao zelo com a reciprocidade, retribui ao amor com a gratidão. A víbora expele seu veneno: tu não podes abandonar tua dureza de coração? É certo que tens uma rudeza natural: mas deves moderá-la pela contemplação de tua esposa e deixar de lado a grosseria do espírito em respeito à união conjugal. É possível também entender assim: não procureis, ó homens, outro leite, não fiquéis à espreita de outra esposa. O adultério é grave, é uma ofensa à natureza. Deus fez primeiramente dois, Adão e Eva, isto é, o marido e a mulher, e fez a mulher tirada do marido, isto é, da costela de Adão, e mandou que ambos se tornassem um único corpo<sup>39</sup> e vivessem em um único espírito. Por que partes um corpo único, por que divides um espírito único? É um adultério contra a natureza. É o que ensina o ardente abraço da moreia e da víbora, não pelo direito da raça, mas pelo ardor do desejo. Aprendei, ó maridos: aquele que deseja manchar a honra da esposa de outrem, quer adotar para si o concubinato



com uma serpente e deve ser ele próprio também comparado a uma serpente. O marido corre para a víbora, a qual se aninha em seu regaço não pelo caminho reto da verdade, mas pela senda escorregadia do amor infiel. Corre para aquela que recobra seu veneno como uma víbora, de quem se diz que, uma vez concluída a união conjugal, torna a engolir o veneno que vomitara; efetivamente, a adúltera é uma víbora. Por isso Salomão também diz que, se alguém está embriagado, quando ferve de luxúria por causa do vinho, é como que derrubado pelo bote de uma cobra<sup>40</sup> e parece que uma arraia espalha veneno nele. E para saberes que falou sobre a mulher adúltera, acrescentou: *Quando teus olhos veem a mulher alheia, tua boca diz perversidades.*<sup>41</sup> (20) E ninguém creia que nós tenhamos caído em contradição ao usarmos este exemplo da víbora tanto para o bem quanto para o mal, porque ambos os usos são úteis à instrução: nós nos envergonhamos ou por não darmos prova de fidelidade ao amado, como dá a serpente, ou por desprezarmos os santos laços conjugais, preferindo os amores lascivos e nocivos aos salutareis, como faz quem se une a uma serpente.

**8,21.** E já que começamos a tecer considerações sobre a astúcia com que cada um se esmera em assediar e enganar seu irmão, engendrando inusitadas fraudes para envolver com um engano e cobrir com uma espécie de disfarce artificioso a quem não possa apanhar pela força, não deixarei de falar sobre a arte de enganar que tem o polvo: encontrando uma pedra em litoral pouco profundo, nela se fixa, absorvendo-lhe a cor.<sup>42</sup> Com sua arte de fingir, revestindo seu dorso de uma aparência semelhante à da pedra, prende nas redes de sua arte manhosa e fecha nas dobras de sua carne a muitos peixes que deslizam por ele, sem suspeitar de nenhum engano, desatentos aos sinais, pensando tratar-se de alguma pedra. Assim, a presa vem a ele espontaneamente e é apanhada por artifícios comparáveis aos daqueles que mudam muitas vezes seu modo de pensar e põem em ação diversas artimanhas maléficas, a fim de tentar as mentes e os sentimentos de cada um. Entre os castos, eles pregam a continência; no convívio com os intemperantes, desviam-se do zelo pela castidade e mergulham nos lamaçais da libertinagem; assim sendo, aqueles que os ouvem ou veem entregam-se a eles com incauta facilidade e caem muito depressa em seu engano; não sabem abster-se nem acautelar-se daquilo que causa dano, embora a improbidade disfarçada pelo véu da benignidade seja mais grave e mais nociva. Assim, pois, cuidado com aqueles que espalham ao longe e ao largo os pés e os braços de sua fraude e vestem-se de multiforme aparência. Efetivamente, estes são polvos que têm muitos braços e pés de astuciosas artimanhas, com os quais podem prender qualquer coisa que caia nos rochedos de sua fraude. (22) O caranguejo também nos ensina alguns artifícios para conseguir alimento. O fato é que ele gosta de ostra e quer banquetear-se com esta carne. Contudo, quando é apanhada, a ostra é um alimento, mas bem observada, é um perigo, pois caçá-la é tão difícil quanto perigoso. É difícil, porque a parte comestível está fechada no interior de certas cascas muito resistentes; com estas cascas, a natureza, intérprete do preceito imperial, protegeu uma carne mole como a do rato, nutrindo-a e aquecendo-a no meio delas, numa espécie de seio côncavo, como que derramando-a num vale; por isso, todas as invectivas do caranguejo são infrutíferas, porque ele não tem força para abrir a ostra fechada. É também perigoso caçá-la, porque ela pode prender-lhe a ponta das patas. Então ele recorre a uns artifícios, maquinando armadilhas para enganá-la. Assim, como todas as espécies gostam de ser acariciadas, ele observa que algumas vezes a ostra se abre em duas partes para expor-se aos raios do sol, em lugares bem protegidos do vento, e franqueia a entrada das cascas, para suas entranhas sentirem algum prazer ao ar livre; então, lançando-lhe furtivamente uma pedrinha, o caranguejo impede que a ostra se feche; encontrando aberto o esconderijo, enfia-lhe a pata em segurança e devora-lhe as vísceras internas. (23) Também há homens que se insinuam no espaço alheio, conforme o costume do caranguejo, e alimentam a fraqueza de sua própria virtude com uma

certa astúcia; urdem uma fraude para o irmão e senutrem da desgraça alheia: tu, porém, contenta-te com o que te é próprio e os malefícios alheios não te consumirão. Bom alimento é a simplicidade da inocência. Quem possui seus próprios bens não fica à espreita dos alheios, nem se abrasa com o fogo da avareza; considera todo lucro como prejuízo para a virtude, incêndio para a cobiça. Por isso, se souber valorizar seus bens, a pobreza com a verdade<sup>43</sup> é bem aventurada; deve ser preferida a todos os tesouros, porque é melhor o pouco recebido com temor de Deus do que os maiores tesouros sem este temor.<sup>44</sup> Com efeito, quanto é preciso para alimentar o homem? Ou, se queres saber, aquilo que chega a transbordar para agradar os outros, também não é muito: efetivamente, é melhor a hospitalidade com legumes, com a graça, do que o preparo de gordos vitelos com discórdia.<sup>45</sup> Usemos, pois, a inteligência para procurar a graça e defender a salvação, e não para iludir a inocência alheia. Podemos usar o exemplo das criaturas do mar para o proveito de nossa salvação, e não para o perigo da salvação alheia.

9,24. O ouriço, animal pequeno, comum e desprezível – estou falando do ouriço do mar – costuma ser ora indício de tempestade vindoura, ora anúncio de tranquilidade para os navegantes. Ora, quando ele pressente uma tempestade de ventos, pega uma pedra pesada, leva-a como contrapeso e arrasta-a como uma âncora, para não ser sacudido pelas ondas. E assim, não se liberta com suas próprias forças, mas afirma-se e deixa-se conduzir pelo peso alheio. Os marinheiros entendem este indício como sinal de futura perturbação e tomam precauções para não serem pegos desprevenidos por uma tormenta imprevista.<sup>46</sup> Que matemático, que astrólogo, que Caldeu pode compreender assim os cursos dos astros, os movimentos e os sinais do céu? Com que inteligência o ouriço entendeu estas coisas, com que mestre ele as aprendeu? Quem lhe serviu de intérprete de tão grande augúrio? Os homens veem a perturbação da atmosfera e frequentemente se enganam, porque muitas vezes o vento perturba a atmosfera sem tempestade: o ouriço do mar não se engana, os sinais da tormenta não lhe escapam de forma nenhuma. (25) De onde vem para tão pequeno animal tão grande sabedoria, que lhe permite prever o futuro? Quanto maior sua insignificância, tanto maior sua prudência; por isso podes crer que foi pela indulgência do Senhor de todas as coisas que também ele recebeu o dom desta presciência. Com efeito, se Deus veste assim o feno, para nossa admiração; se Deus alimenta os pássaros;<sup>47</sup> se preparou alimento para o corvo,<sup>48</sup> pois *os seus filhotes clamam ao Senhor*;<sup>49</sup> se deu às mulheres a arte de tecer;<sup>50</sup> se não privou de sabedoria a aranha, que tão sutil e sabiamente pendura suas teias nas portas;<sup>51</sup> se ele próprio deu força ao cavalo e tirou o medo de seu pescoço, para que se alegre no campo e se divirta correndo para os reis, reconheça o cheiro de guerra e seja incitado pelo som da tuba;<sup>52</sup> se a estes animais irracionais e a muitas outras coisas insensíveis, como o feno, como os lírios,<sup>53</sup> ele encheu com a disposição de sua sabedoria – por que duvidarmos de que também ao ouriço do mar ele tivesse conferido a graça desta presciência? Com efeito, ele nada deixou inexplorado, nada escondido. Quem alimenta todas as coisas, quem fez todas as coisas com sabedoria, enche de sabedoria todas as coisas, conforme está escrito.<sup>54</sup> Por isso, se Deus não deixou excluído de sua manifestação o ouriço do mar, se dá atenção a ele e informa-lhe os indícios das coisas futuras, não dará atenção a ti? Muito pelo contrário, ele cuida de ti, conforme atesta sua sabedoria, que diz: *Se ele cuida das aves, se as alimenta, porventura vós não sois mais do que elas? Com efeito, se Deus veste assim o feno do campo, que existe hoje e amanhã é lançado ao fogo, quanto mais a vós, homens de pouquíssima fé?*<sup>55</sup>

**10,26.** Será que pensamos que é sem uma certa dádiva da natureza que também para os peixes permanece a graça de cada espécie ter um domicílio preestabelecido para si, o qual nenhum deles ultrapassa, nem é invadido por uma espécie diferente? Que geômetra fez a divisão destas moradas, que não serão violadas em tempo algum? De geômetra nós já ouvimos falar, mas de oceanômetra<sup>56</sup> nunca ouvimos; no entanto, os peixes conhecem seus limites, os quais não são prescritos pelas muralhas e portas das cidades, nem pela edificação das casas, nem determinados pelas divisas dos campos; são os limites que lhes convêm, suficientes para cada espécie, na medida em que satisfaçam ao uso de cada uma, não na medida em que favoreçam uma cobiça imoderada. Existe uma certa lei natural, de procurar obter apenas o que seja suficiente para a subsistência e considerar a parte dos alimentos como a de um patrimônio. Uma espécie de peixes alimenta-se e nasce num golfo do mar, outra espécie em outro. Finalmente, não encontrarás espécies de peixes misturadas, mas aquela que é abundante aqui, não aparece ali. Um golfo do mar nutre peixes chamados cabeçudos, outro os peixes lobos, outro os peixes saxícolas, outro as lagostas. O direito de vaguear não é livre, embora os cardumes não estejam cercados por montes, nem tenham a passagem impedida por rios que deslizam no meio deles: é como que um costume gravado em sua natureza, que cada um se detenha nos limites de sua região, sendo surpreendente que algum avance além dos companheiros. (27) Mas longe de nós um pensamento diferente! Trocar a pátria pelo exílio, ser objeto de desprezo dos habitantes, granjear o favor dos estrangeiros, transferir os limites perpétuos que nossos pais possuíram, juntar campo a campo, casa a casa.<sup>57</sup> Falta terra para os homens, e os mares se dilatam;<sup>58</sup> a terra é dividida e redividida por causa da cobiça de cada um, o mar se derrama, e assim cada um faz sua ilha, tomando posse das ondas. Reivindicam para si judicialmente os espaços do mar e o direito de propriedade sobre os peixes, evocando que lhes estão sujeitos, numa condição de servidão, como a dos escravos nascidos na casa. Este golfo do mar é meu, diz alguém, aquele é de outrem: dividem os elementos, poderosos a seus próprios olhos. Uns criam ostras nas águas, outros fecham peixes em viveiros. O mar não satisfaz sua cobiça, se não tiverem viveiros de ostras. Assim, contam-nas por idade e constroem reservatórios de peixes, temendo que o mar não possa encher a mesa do rico. Com efeito, o nome do vizinho! Com que orelhas o escutam, com que olhos lhe contemplam as posses! Como excogitam dia e noite para tirar algo dos mais próximos! *Porventura sereis os únicos habitantes sobre a terra?*<sup>59</sup> clama o profeta. O Senhor sabe disto e reserva para si a vingança.

28. Quão estranha aos peixes é a rapina da cobiça! Eles captam os segredos da natureza e conhecem o mar além dos confins do orbe das terras, onde não se interpola nenhuma ilha, nem terra alguma se interpõe ou é estabelecida posteriormente. Lá, então, onde o mar se estende largamente, barrando todos os olhares, toda audácia de navegar por interesse, conta-se que se escondem as baleias, aquelas imensas espécies de peixes, de corpos iguais a montanhas, conforme nos disseram os que puderam ver. Lá levam vida tranquila, afastadas das ilhas, e têm suas regiões e domicílios bem distribuídos, isoladas de qualquer contato com as cidades marítimas. Lá permanecem, sem perturbar os limites dos vizinhos; não procuram mudar de lugar, com movimentações inconstantes, mas amam suas moradas como o solo pátrio e julgam agradável permanecer nelas. Por isso as escolheram, para poderem levar uma vida solitária, livres das interpelações dos observadores. (29) Existem, contudo, outras espécies de peixes que mudam de lugar não pela inconstância de sua natureza, mas pela necessidade de aquecer os filhotes; ocupando-se disso no tempo legítimo e oportuno, reúnem-se de muitos lugares ou de um diverso golfo do mar, como que por uma decisão comum; procuram o sopro do Aquilão como uma tropa reunida e marcham para o mar das regiões setentrionais, por uma espécie de lei da natureza. Tu

dirias, se os visses subindo, que se trata da maré,<sup>60</sup> de tal forma eles se precipitam, cortando as ondas da Propôntida,<sup>61</sup> em direção ao Ponto Euxino,<sup>62</sup> e correndo com ímpeto violento. Quem indica aos peixes estes lugares, quem lhes prescreve os tempos? Quem lhes confere a disposição de viajar, a ordem de seguir juntos, de reverter as metas e os tempos? Os homens sem dúvida têm um imperador, de quem se espera o comando, de quem procedem as ordens, que propõe editos aos provincianos para que se reúnam, que manda cartas aos tribunos militares, que marca os dias: e muitos não podem apresentar-se nos dias estabelecidos. Que imperador deu este preceito aos peixes, que mestre lhes prescreveu esta disciplina, que batedores lhes abrem caminhos, que comandantes lhes dirigem o percurso, para que não encontrem nenhum obstáculo? Mas eu sei quem é este imperador; por uma ordem divina ele infunde seu comando nos sentidos de todos, confere secretamente aos animais brutos a ordem da disciplina natural, que penetra não só nos grandes, mas infunde-se também em cada um dos menores. O peixe submete-se à lei divina e os homens a contradizem. O peixe obedece solenemente aos mandamentos celestes e os homens tornam nulos os preceitos de Deus. Porventura o peixe te parece desprezível, por ser bruto e desprovido de razão? Cuida, porém, de não te tornares mais desprezível para ti mesmo, se te surpreenderem mais irracional do que um irracional. Pois o que pode ser mais racional do que esta movimentação dos peixes, cuja razão eles certamente não explicam com palavras, mas dizem com fatos? Com efeito, no tempo do verão eles avançam até as ondas do Ponto Euxino, porque este golfo é mais ameno do que o restante do mar. De fato, o sol não se detém nestas águas tanto quanto nas demais, e esta é a causa de não esgotar toda a água, que é doce e potável. E quem não sabe que os animais marinhos são também muitas vezes atraídos pelas águas doces?<sup>63</sup> Afinal, quando eles seguem os rios e sobem muito, é comum pegar nos rios peixes de espécie diferente. Quando o sopro constante do Aquilão ali ameniza os calores, esta circunstância torna o Ponto Euxino mais agradável para eles; então os peixes o consideram mais favorável do que os outros lugares; podem ali gerar e alimentar seus próprios filhotes, uma vez que os peixinhos recém-nascidos dificilmente poderiam suportar as dificuldades de outra região, e ali são aquecidos pela suave clemência do clima. E assim, cumprida a missão, voltam todos juntos no batalhão em que vieram.

30. Consideremos qual seja a razão deste fato. O golfo do Ponto Euxino está exposto aos sopros violentíssimos do Bóreas e de outros ventos; por isso, se ali se desencadeia uma forte tormenta, vêm as tempestades, de tal forma que a areia do fundo se revolve; serve como indício deste fenômeno uma água arenosa, que, subindo muito alto pelo impulso dos ventos, torna-se então, sem dúvida, não só penosa para os navegantes mas também intolerável para os próprios animais marítimos. Isto acontece porque correntes de água mais numerosas e maiores se imiscuem no Ponto; então, no tempo do inverno, o próprio golfo é mais frio e congela-se quando as correntes escoam. Por isso, os peixes, como senhores dos rios, estão acostumados a captar a clemência da brisa que sopra ali no verão; tendo desfrutado até o fim de sua amenidade, procuram, em troca, distanciar-se dos rigores do inverno; fugindo das intempéries da região setentrional, confluem para os golfos restantes, onde os ventos sejam mais brandos e o calor do sol possa trazer a primavera. Portanto, o peixe conhece o tempo de parir, o que a sabedoria de Salomão considera como um grande mistério;<sup>64</sup> conhece o tempo de ir e voltar, conhece o tempo do trabalho e da jactância e sabe que não pode enganar-se, porque não se serve do discernimento da razão e do argumento da discussão, mas da inspiração da natureza, que é a verdadeira mestra da piedade. Enfim, todos os viventes têm tempos preestabelecidos para reproduzirem-se,<sup>65</sup> só o homem os têm indistintos e confusos. As outras espécies procuram a clemência do tempo, só as mulheres dão à luz seus filhos com tempo inclemente; assim, pois, a

luxúria inconstante e imoderada resulta na inconstância do tempo de gerar. O peixe atravessa mares enormes à procura de alguma vantagem para a sua espécie; nós também atravessamos extensos mares; mas quão mais honesto é o que se obtém por amor da sucessão da espécie do que pela cobiça de riquezas! Enfim, eles imputam a travessia à piedade, nós aos lucros. Eles consideram a prole mais preciosa do que todos os lucros; nós, cada vez, obtemos um ganho muito inferior ao perigo, pelo mísero desejo de lucro. E assim, eles voltam à pátria, nós a abandonamos: nadando, eles incentivam o desenvolvimento da espécie; navegando, nós o diminuimos. (31) Quem, então, poderia negar que neles foi divinamente infundida tal inteligência e força, ao ver uns formarem com vivaz inteligência uma peregrinação tão regular ao Aquilão,<sup>66</sup> para irem ao encontro da fecundidade, e outros assumirem no pequeno corpo tanta força, que conseguem deter no meio das ondas os maiores navios que correm a toda vela? Por exemplo, conta-se que um peixinho chamado ouriço-do-mar detém com tanta facilidade um grande navio, que podes vê-lo parado e imóvel, como que enraizado no mar; de fato, ele o mantém imóvel por algum tempo.<sup>67</sup> Porventura pensas que este peixinho também poderia dispor de tanta força sem o benefício do Criador? O que direi dos peixes-espada, ou dos peixes-serra, ou dos cães marinhos, ou das baleias, ou dos peixes-martelo; o que direi ainda do ferrão da rola marinha,<sup>68</sup> mesmo morta? Com efeito, dizem que, se alguém pisar na boca ainda fresca de uma víbora, o dano não é menos grave do que o veneno, e serpeia uma ferida incurável;<sup>69</sup> da mesma forma, dizem também que com seu ferrão a rola morta traz maior perigo do que quando viva. Até a lebre, que na terra é um animalzinho tímido, no mar é terrível, provoca uma decomposição rápida, que não pode ser facilmente detida.<sup>70</sup> Portanto, quis o teu Criador que nem no mar tu estivesses completamente livre de ciladas; assim, por causa de alguns poucos perigos, como se estivesses de sentinela, apoiado nas armas da fé e cingido pelo escudo da devoção, é do teu criador que deves esperar o socorro da salvação.

**11,32.** Passemos ao Oceano Atlântico. Como são enormes ali, de grandeza infinita, as baleias! Quando elas nadam sobre as ondas, pensas que são ilhas que andam,<sup>71</sup> montes altíssimos que sobem até o céu com seus cumes elevados! Dizem que elas não são vistas na praia nem nos litorais, mas no alto Atlântico, para que, à vista delas, os marinheiros sejam dissuadidos da presunção de navegar naqueles lugares e não ousem afrontar os segredos dos elementos, sem o supremo terror da morte.

33. Quanto a nós, do fundo do mar venhamos à tona; que nosso sermão possa emergir bastante e erguer-se para o alto. Contemplemos as coisas a que estamos muito acostumados, mas que são cheias de graça: de que modo a água se transforma em grãos de sal, para serem cortados com ferro; assim, não há nada de extraordinário com os sais britânicos, resplendentes como o mármore sólido, de brilho claro como o desta pedra, saudáveis para alimentar o corpo e muito agradáveis na bebida. Contemplemos também de que modo no mar a planta coral não é uma pedra feia e, se for trazida para o ar, solidifica-se como uma pedra dura. Vejamos também de onde a natureza tirou para as ostras uma pérola preciosíssima, de que forma a água do mar a solidificou numa carne tão mole. Coisas que dificilmente se encontram junto aos reis jazem em todas as partes nas praias, como se fossem desprezíveis, amontoando-se em ásperos penedos e rochas. A água também nutre o velo de ouro<sup>72</sup> e os litorais produzem uma lã com a aparência do famoso metal, cuja cor nenhum dos que tingem os velos com púrpuras diversas pôde ainda imitar. A arte humana ainda não pôde superar a graça da natureza do mar. Sabemos com que solícitude são tratados os velos menos valiosos das ovelhas; por melhores que sejam, esta coloração jamais lhes é inata. Esta cor é natural e nenhuma púrpura ainda a



igualou. Este velo é também um peixe. E os próprios múrices, que dão as insígnias reais, são marítimos. (34) E qual graça das campinas ou beleza dos jardins pode igualar-se à cor azul do mar? É certo que as flores brilham como ouro nas campinas, mas a lã também resplende no mar com o fulgor do ouro; as flores logo murcham, e a lã conserva-se muito tempo. Os lírios nos jardins brilham à distância, as velas brilham nos navios; aqui sopra o perfume, ali o vento. Qual a utilidade da flor? Nos navios, quantas mercadorias! Os lírios levam perfume às narinas; as velas, a salvação dos homens. Acrescenta os peixes que saltam, os golfinhos que brincam; acrescenta as ondas que ressoam com um murmúrio rouco, ajunta os navios que correm para os litorais ou que deles partem. E quando as quadrigas saem de seus compartimentos,<sup>73</sup> quanto zelo e gosto têm pelo certame os que a ele assistem! Contudo, o cavalo corre em vão,<sup>74</sup> ao contrário dos navios: o cavalo corre em vão, porque está vazio; os navios correm para nossa utilidade, porque estão cheios de trigo. E esta corrida é mais grata nos navios, que não são movidos a chicote, mas pelo sopro dos ventos; nela ninguém é adversário, mas todos colaboradores; nela não há vencedor, seja qual for o primeiro a chegar, mas são coroados todos os navios que tiverem participado; nela a palma é a recompensa da salvação, a vitória é o prêmio do regresso. Com efeito, quanta diferença existe entre os caminhos retos e os curvos! Aqueles se perpetuam, estes se desfazem. Junta aos remadores os litorais que se prolongam, onde o sinal de partida é a brisa que vem do céu. Assim, os aurigas obtêm um aplauso inútil; os remadores pagam as promessas por voltarem a salvo. (35) O que posso dizer que seja digno de Jonas, que uma baleia acolheu para a vida e devolveu para a graça da profecia?<sup>75</sup> A água corrigiu quem fora desviado pelas coisas terrenas. Quem se lamentava na terra, salmodiava no ventre da baleia e, para que a redenção não preterisse nenhum dos dois elementos, a salvação das terras passou antes pelo mar, porque o sinal do filho do homem é o sinal de Jonas.<sup>76</sup> Assim como Jonas esteve no ventre da baleia, assim esteve Jesus no coração da terra. Em ambos os elementos há um remédio; contudo, no mar é maior o exemplo de piedade, porque os peixes acolheram quem foi recusado pelos homens e os peixes salvaram quem foi crucificado pelos homens.<sup>77</sup> Até Pedro vacila no mar, mas não cai; tendo confessado nas ondas,<sup>78</sup> negou, contudo, nas terras.<sup>79</sup> E assim ali, como um devoto, é agarrado pela mão;<sup>80</sup> aqui, como um esquecido, é encontrado por um olhar de censura.<sup>81</sup> Mas roguemos agora ao Senhor para que nosso sermão, como Jonas, seja lançado à terra, para não flutuar muito tempo no mar. E com razão cresceu também uma cabaceira, para nos abrigar de nossos males. Mas até ela, ressecada pelo sol<sup>82</sup> que avança, aconselha ao descanso, para que nossa mente não comece a arder na terra e até as palavras nos faltem. Certamente, mais para nós do que para os ninivitas foi dada nas águas a remissão dos pecados.

12,36.<sup>83</sup> Tendo se calado um momento, retomou novamente a palavra e disse:<sup>84</sup> Escapara-nos, irmãos muito amados, a necessária exposição sobre a natureza das aves, e este assunto evoluiu-se de nós como as próprias aves.<sup>85</sup> Com efeito, a natureza é feita de tal forma, que aqueles que examinam alguma coisa ou querem falar a seu respeito, assumem a qualidade daquilo que observam ou explicam; assim sendo, nós nos demoramos mais com as coisas mais lentas e com as velozes somos arrebatados por um olhar rápido; utilizamos igualmente um estilo ora mais lento ora mais rápido. Assim, como eu não queria que passassem despercebidas as criaturas submersas no mar e que me escapassem aquelas que as águas cobrem, fugiu-me tudo o que voa, porque, enquanto eu estava inclinado explorando os profundos abismos das águas, não vi os voos no ar e nem ao menos me demoveu a sombra de alguma ave voando, que pudesse reluzir nas águas. Entretanto, quando julguei que a tarefa já fora totalmente

cumprida, acreditando estar desimpedido e pensando estar consumado o quinto dia, vieram-me à mente as aves, que, quando vão dormir, como que alegres pelo dever cumprido, têm o hábito de acariciar os ares com o seu canto.<sup>86</sup> É o que elas costumam fazer ordinariamente, ao surgir e ao declinar do dia, de modo que, de dia ou de noite, pelo tempo decorrido ou em curso, elevam louvores a seu criador. Assim, pois, eu estava perdendo um grande incentivo para estimular a nossa devoção. Com efeito, quem, tendo sentimentos humanos, não se envergonharia de encerrar o dia sem a celebração dos salmos, quando até mesmo as aves mais pequeninas acompanham o nascer dos dias e das noites com solene devoção e doce canto? (37) Venha-nos, então, o sermão sobre as aves, que quase fugira de nossos olhos, levando seus voos às nuvens em busca das alturas, como a águia. Mas, lavados pela água, quando elevamos os olhos do abismo para o céu e contemplamos o vazio do ar agitado pelos voos, julgamos que devíamos trazê-lo de volta à exigência da escrita. Vós, que sois passarinhos da palavra, é que julgareis se ele deve voar na reflexão ou se é mais vantajoso que caia em vossas redes. E não temo que o fastio se insinue em nossa investigação sobre os voos, porque não se insinuou ao perscrutarmos os abismos; nem temo que algum de nós durma durante a narração, porque pode ser despertado pelo canto das aves. Mas duvido muito que quem esteve vigilante em meio aos peixes mudos vá sentir sono em meio às aves canoras, quando tal graça o exorta à vigilância. Nem se pode considerar como algo vil e preterível, pois trata-se da terceira parte da criação dos seres animados. Com efeito, não há dúvida de que há três espécies de seres animados: terrestre, aérea e aquática. Enfim, está escrito: *produzam as águas répteis de alma vivente segundo a espécie e aves que voem sobre a terra, ao longo do firmamento do céu, segundo a espécie.*<sup>87</sup>

38. Somos chamados de volta às alturas, como viandantes esquecidos, que, por terem irrefletidamente passado adiante, voltam sobre seus passos, recebendo o castigo de seu descaso pela repetição do trabalho de caminhar. Mas há também o bom viandante, que compensa o desperdício do regresso com uma vantajosa rapidez no caminho restante, conforme penso que devo fazer, sobretudo quando o sermão trata das aves, que costumam roçar os olhos dos homens com seu voo rápido. Com efeito, qual a vantagem de demorar-me nelas, que se comprazem na rapidez? Assim, pois, pioneiro e inusitado em tal gênero de escrita, que nosso sermão ressoe e ecoe como as aves canoras.<sup>88</sup> (39) Mas de onde me vem o canto dos cisnes, que deleita até sob o imenso terror de uma morte iminente? De onde me vêm as modulações naturais deste canto, pelas quais até os juncos sonoros entoam suavemente canções dulcíssimas? De onde me vêm os sons do papagaio e as doçuras dos melros? Oxalá cante ao menos o rouxinol, para acordar do sono aquele que dorme, pois esta ave costuma anunciar o nascimento do dia que se levanta e trazer grande alegria à aurora.<sup>89</sup> Contudo, se falta o suave canto destas aves, existem as rolas que gemem, as pombas ruidosas<sup>90</sup> e até a gralha, que chama a chuva a plena voz.<sup>91</sup> Por isso, continuemos como podemos o sermão rural sobre as aves, com os ensinamentos que nos foram transmitidos pelos camponeses.

13,40. E como estávamos falando dos répteis aquáticos, é difícil que nosso sermão suba repentinamente até as aves do céu. Por isso, falemos em primeiro lugar das aves que vivem perto das águas do mar e dos rios, com as quais podemos emergir. Começemos, pois, o sermão pela alcione. É uma ave marítima que costuma tirar seus filhotes na praia; põe seus ovos na areia, quase no meio do inverno.<sup>92</sup> Com efeito, tem este tempo determinado para chocar os filhotes, quando o mar sobe mais e as ondas batem com mais força na praia, para que brilhe com mais solenidade a graça da inesperada mansidão desta ave. Na verdade, se o mar está encapelado, acalma-se subitamente quando ela põe os

ovos; param todas as chuvas e ventos, abrandam-se o sopro das brisas e o mar permanece tranquilo, sem vento,<sup>93</sup> até que a alcione choque seus ovos. Ela os choca durante sete dias, decorridos os quais tira os filhotes e solta os recém-nascidos. Ela permanece ainda outros sete dias no mesmo lugar para alimentar seus filhos, até que comecem a crescer. E não te admires de que o tempo de nutri-los seja tão exíguo, ainda que a saída dos fetos seja tão recente. À pequenina ave foi divinamente concedida tão grande graça, que os marinheiros têm sempre em vista estes catorze dias de presumida serenidade, chamados de calmaria das alciones, durante os quais não temem a agitação de nenhuma procelosa tempestade. (41) *Porventura não sois vós mais do que os pássaros?*<sup>94</sup> diz o Senhor. Se, pois, em consideração a uma ave minúscula, o mar se levanta e de repente se abaixa; se no rigor do inverno, em meio a perigosas procelas e tempestades de vento, uma tranquilidade subitamente derramada em todos os elementos limpa as nuvens do céu e acalma as ondas, quanta confiança deves ter, ó homem, feito à imagem de Deus, se imitares a fé desta avezinha pelo zelo da devoção! Quando vê levantarem-se as tempestades e enraivecerem-se os ventos em meio aos rigores do inverno, ela não retrocede nem se desvia, mas põe-se em movimento. Enfim, põe seus ovos na praia, onde os recebe a areia ainda molhada pelo refluxo das ondas, e não tem medo das ondas ameaçadoras, cujo barulho e aproximação ela percebe. (42) E não julgues que ela parece desprezar os ovos. Em seguida, no lugar onde pôs os ovos, faz um ninho e aquece os filhotes com seu corpo; não teme pela própria saúde, por causa da aluvião da praia, mas certa da graça de Deus, expõe-se aos ventos e às ondas. E isto ainda é pouco. Acrescentando outros tantos dias para nutri-los, não tem medo de que durante tanto tempo seja interrompida a tranquilidade do mar inconstante e dá provas de seu merecimento, já solenemente estabelecido pela natureza. Ela não oculta seus tenros filhotes em alguns esconderijos ou abrigos, nem os fecha em cavernas, mas reúne-os no solo nu e duro; nem os defende do frio, mas julga que eles estarão mais protegidos pelo calor divino e por isso despreza tudo mais. Quem de nós não cobre seus filhos com vestes, não os esconde em abrigos; quem não os encerra em quartos fechados, quem não fecha cuidadosamente todas as janelas, para que não possa entrar nem a mais suave brisa? Na verdade, aqueles que tão sollicitamente vestimos e aquecemos, nós os despimos do invólucro da clemência celeste; aqueles, porém, que a alcione deixa nus, ela os cobre com a veste divina.

43. E não vos preterirei, ó mergulhões,<sup>95</sup> que recebestes este nome pela constância em mergulhar. Sempre mergulhando, como é que percebeis os sinais das brisas e, prevendo a tempestade futura, depressa voais do meio do mar e vos dirigis com clamor para os litorais seguros? Como é que também vós, gaivotas, que vos divertis em alto mar, recuais ao pressentir alguma perturbação no mar e ides brincar na areia?<sup>96</sup> A própria garça real, que costuma permanecer nos pântanos, abandona os lugares conhecidos e, temendo as chuvas, voa acima das nuvens, e assim não pode ressentir-se das procelas das nuvens.<sup>97</sup> Consideremos as diferentes aves marítimas: ante o movimento iminente dos ventos, dirigem-se para lugares mais seguros e depois para os lagos mais agradáveis da estação, e, no seio oculto das terras, procuram para si alimentos que conhecem. (44) Por outro lado, quem não admira as sentinelas noturnas dos gansos, os quais também comprovam suas vigílias com a constância do canto? Afinal, foi com este canto que defenderam o Capitólio Romano do inimigo Gaulês. Com razão lhes deves, ó Roma, teu reinado. Teus deuses dormiam e os gansos vigiavam. Por isso, nesta data, sacrificas ao ganso e não a Júpiter; assim, vossos deuses cedem lugar aos gansos, pelos quais sabem que foram defendidos, e por isso não foram pegos pelos inimigos.<sup>98</sup>

14,45. Após a descrição dos peixes, vem bem a propósito o sermão sobre as aves que estão

acostumadas às águas, porque também elas se alegram por saberem e gostarem de nadar. Daí parece vir um primeiro parentesco destas aves com os peixes, porque ambas as espécies parecem compartilhar a capacidade de nadar. O segundo parentesco entre as aves e os peixes está no fato de que o procedimento de quem voa é uma imagem de quem nada. Com efeito, assim como o peixe corta a água ao nadar, assim também a ave corta o ar com seu voo célere. E ambas as espécies têm igualmente à disposição o remo da cauda e das asas: usando as nadadeiras como asas, os peixes sobem para os lugares mais próximos, e avançam para os mais distantes com o leme da cauda, ou se viram facilmente para onde querem, ou dão um impulso e se movem em linha reta. As aves, por sua vez, com seu voo, nadam no ar como nas águas, como se estendessem braços; com a cauda, ou sobem para os lugares mais altos, ou mergulham nos mais baixos. Então, como alguns peixes e aves têm o mesmo costume e aparência, por esta razão, segundo o preceito divino, o nascimento de ambas as espécies veio das águas. Pois Deus disse: *produzam as águas répteis de alma vivente segundo sua espécie e aves que voem ao longo do firmamento do céu, segundo sua espécie.*<sup>99</sup> Não é sem razão, portanto, que as duas espécies disponham da capacidade de nadar, já que ambas foram tiradas das águas. (46) Sem dúvida, embora a cobra escorregadia e todas as serpentes não tenham pés – o nome serpente está bem empregado, porque elas não podem andar, mas arrastar-se – e embora também a maior parte dos dragões igualmente não os tenha, à semelhança dos peixes, nenhuma espécie de aves deixa de usufruir do serviço dos pés; como todas elas tiram seu alimento da terra sustentadas pelos pés, precisam do serviço deles para procurar alimento. Assim também algumas aves são dotadas de unhas para agarrar, como por exemplo os falcões e as águias, e praticam a caça de rapina; outras servem-se desta capacidade e função para andar ou preparar seu próprio alimento.

47. É um só o nome de aves, mas há diversas espécies. Quem poderia abarcá-las com a memória ou com o conhecimento? Assim, há aves que se alimentam de carne. Por isso têm unhas duras, bico pontiagudo e curvo, voo rápido, porque vivem da rapina; desta forma podem agarrar facilmente a presa que perseguem, despedaçando-a rapidamente com o bico ou com as unhas. Existem também aves que comem a semente que encontram, outras comem alimento diverso e fortuito. Existe ainda uma variedade de uniões, de cujo benefício carecem as aves de rapina. Com efeito, devido à avidez da pilhagem ou às ciladas da espionagem, não lhes convém unirem-se nem mesmo entre si, e por isso evitam unir-se – com efeito, a avareza impede a união de muitos –; depois, o ajuntamento de muitas delas facilmente por si mesmo as denuncia. Para estas aves, portanto, nada serve para unir, a não ser o jugo conjugal. É este o modo de vida das águias e falcões, ao contrário das pombas, grous, estorninhos, corvos e gralhas; os tordos também alegram-se muito com a união. (48) Algumas espécies de aves são locais e permanecem sempre em suas regiões; outras são migratórias, partem para regiões diferentes e voltam depois do inverno. Existem ainda outras que voltam no inverno, e no verão peregrinam, afastando-se de nós, seja porque algumas se juntam em lugares mais quentes no tempo do inverno, seja porque muitas voltam a passar o verão nos lugares que sabem ser mais amenos. Enfim, os tordos voltam no fim do outono, nas proximidades do inverno, como se fosse pleno verão. E nós lhes preparamos armadilhas com inospitaleira crueldade, de diversos modos: ora nos esforçamos para atraí-los com um abrigo traiçoeiro, ora para enganá-los com um assobio, ora para capturá-los em laços.<sup>100</sup> A volta da cegonha ergue a bandeira da primavera. Os grous, que procuram os lugares altos, gostam de peregrinar com frequência. (49) Algumas aves vêm para baixo de nossa mão, estão acostumadas à mesa<sup>101</sup> e se comprazem quando acariciadas, outras têm medo. Umas gostam das mesmas moradas que os homens, outras preferem a vida oculta nos lugares desertos e compensam a dificuldade de encontrar alimento com o amor à liberdade. Umas produzem ruídos estridentes, outras

nos deleitam com um canto melodioso e suave. Umas por natureza, outras por aprendizagem, sabem distinguir os diversos intervalos vocais,<sup>102</sup> de sorte que pensas ser um homem que está falando, quando é uma ave. Como é doce a voz dos melros, como é expressiva a voz do papagaio! Há também aves simples como as pombas,<sup>103</sup> outras astutas como as perdizes; o galo é mais vaidoso, o pavão mais bonito. Existem ainda diferenças na vida e no modo de agir das aves: umas gostam de tomar decisões em comum e, unindo as forças, constituem uma espécie de república, como que vivendo sob o governo de um rei; outras preferem cada uma cuidar de si mesma, recusam o mando e, se são apanhadas, querem libertar-se da indignidade da escravidão.<sup>104</sup>

**15,50.** Começamos, então, pelas coisas que elas nos deram para imitar em nossos costumes. Entre as aves há certa organização política e militar natural, entre nós forçada e servil. Com que disposição espontânea e voluntária os groux exercem cuidadosa guarda durante a noite! Verás sentinelas em boa ordem e, enquanto os companheiros de sua espécie descansam, alguns circulam e vigiam, para que não lhes sejam preparadas armadilhas de nenhuma parte, e cumprem sua guarda com vigor infatigável. Depois, completado o tempo de vigia, cumprida a tarefa, cada um se prepara para dormir, soltando um grito para acordar do sono a ave a quem deverá ser entregue o encargo do próximo turno. E esta aceita de bom grado a sorte que lhe cabe; não renuncia ao sono de má vontade e com preguiça, como é nosso costume, mas sai rapidamente de seu leito, toma seu posto e leva adiante a graça recebida com o mesmo cuidado e fidelidade. Assim, não há deserções, porque a devoção é natural; assim, a proteção é segura, porque a vontade é livre. (51) Também quando voam servem a esta ordem e aliviam todo o trabalho com esta regulamentação, cumprindo por turnos o encargo de dirigir o voo. Com efeito, uma precede às demais durante o tempo que lhe é estabelecido e, por assim dizer, vai na frente das insígnias; depois vem para trás e cede à seguinte a vez de conduzir o batalhão. O que pode ser mais belo do que isto: não só o trabalho, mas também a honra é comum a todas e o poder não é atribuído a poucas, mas passa por todas, numa espécie de partilha espontânea? (52) Esta é uma função da antiga república e equivale à cidadania livre. Foi assim que, desde o princípio, os homens começaram a exercer a atividade política que aprenderam da natureza, pelo exemplo das aves: o trabalho era comum, a dignidade era comum, todos aprendiam a dividir os encargos por turnos, repartiam a obediência e o mando, ninguém ficava excluído da honra, ninguém estava isento do trabalho. Este estado de coisas era belíssimo; ninguém se jactava de poder perpétuo, nem se submetia à servidão permanente, porque a promoção na ordem de um cargo e no governo de um período era conferida sem inveja e parecia mais aceitável, visto que revezava a posição de vanguardeiro. Ninguém ousava submeter um outro à servidão, porque este haveria de suceder-lhe em honra e o desprezo a suportar seria recíproco; o trabalho não era pesado para ninguém, porque era aliviado por uma dignidade subsequente. Mas, depois que o desejo de domínio começou a reivindicar poderes adquiridos e a não querer depor os recebidos; depois que o serviço militar deixou de ser um direito comum para tornar-se uma servidão; depois que não mais se pôs em prática a ordem para exercer o poder, mas o empenho em reivindicá-lo, a própria execução do trabalho começou a ser suportada a duras penas e, como já não era voluntário, logo deu lugar à negligência. Quanto mais a contragosto os homens cumprem os turnos das vigílias, com maior má vontade cada um monta guarda nos acampamentos militares, quando sorteado por um decreto real para proteger contra o perigo!<sup>105</sup> Prescreve-se um castigo para a indolência: no entanto, quase sempre insinua-se a negligência e não se mantém a guarda. Com efeito, a obrigação que impõe obediência a contragosto quase sempre leva ao desleixo; pois nada é tão fácil, que não tenha dificuldade, se o fazes a contragosto. Assim, o trabalho sem descanso perverte o



sentimento e o poder ininterrupto e duradouro gera a insolência. Que homem encontra que renuncie espontaneamente ao poder, deponha as insígnias de seu mando e, sendo o primeiro, voluntariamente se faça o último? Quanto a nós, não brigamos somente pelo primeiro lugar, mas muitas vezes pelo lugar do meio; reivindicamos os primeiros lugares nos banquetes<sup>106</sup> e, se uma vez isto nos for concedido, queremos que seja para sempre. Por isso, entre os grous existe equanimidade nos trabalhos, humildade nos poderes. São advertidos para exercer os turnos de guarda, não são advertidos para depor o poder, porque no primeiro caso é preciso interromper o descanso natural do sono e no segundo é preciso prestar o obséquio da solicitude voluntária.

**16,53.** Dizem que as cegonhas partem unidas em batalhão, se julgam que devem ir para algum lugar; são levadas juntas de muitos lugares para os lados do oriente e todas se movimentam de modo semelhante, como que por uma senha militar. Poderias pensar em um exército avançando com suas insígnias: é assim que todas observam a ordem de viajar, acompanhar e ir à frente. As gralhas, por sua vez, conduzem-nas e dirigem-nas; acompanham-nas como uma espécie de cortejo, de forma que se crê que elas prestem auxílio na luta contra aves inimigas e assumam guerras alheias, expondo-se elas próprias a perigos. A prova disso é que em nenhum momento se encontra alguma delas parada naqueles lugares e, quando voltam feridas, é como se falassem claramente, com a voz do sangue e com outros indícios, que suportaram o conflito de duras batalhas. Quem, pois, lhes teria imposto castigo pela deserção, quem lhes teria prescrito suplícios terríveis por abandono de tropa, para que nenhuma se negue a seguir nos esquadrões de hospitalidade, mas todas, à porfia, cumpram o encargo e o dever de escolta? (54) Que os homens aprendam a observar o direito de hospitalidade e, a partir das aves, conheçam a honra que deve ser prestada, a deferência que deve ser concedida aos hóspedes, a quem as gralhas não costumam negar nem o risco da própria vida. Portanto, nós fechamos as portas para aqueles a quem as aves entregam até suas próprias almas; aqueles que elas acompanham, compartilhando com eles o perigo, a eles nós negamos o abrigo de um teto; aqueles que elas amparam nas guerras, contra eles nós frequentemente fazemos guerra. Minto, se não foi esta a causa do castigo dos habitantes de Sodoma,<sup>107</sup> ou se a loucura do Egito, quando quis fazer guerra contra um povo que ele hospedava, não pagou o crime da inospitalidade com o afogamento do povo infiel. (55) Realmente, deve-se considerar quanto a clemência de uma ave excede a piedade e prudência dos racionais! Nenhum dos nossos conseguiu depois seguir o exemplo de alguns irracionais. Com efeito, as crias das cegonhas aquecem os membros do pai<sup>108</sup> abatido pelo peso da velhice, já privados das vestes das penas e do movimento das asas,<sup>109</sup> envolvendo-os com as suas próprias penas e – como direi? – dão-lhe de comer uma mistura de alimentos que repara até as próprias perdas naturais; assim, erguendo-o de um lado e de outro, capacitam o velho a voar, levantando-o em suas próprias asas, chamando aos primitivos costumes os já desabituaados membros do piedoso pai. Quem de nós não se aborrece de erguer o pai doente? Quem colocaria sobre os ombros um velho cansado? É algo que alguém dificilmente julgaria possível em sua própria vida.<sup>110</sup> Quem, ainda que fosse piedoso, não encarregaria os escravos deste obséquio? Mas, em verdade, para as aves, algo que está repleto de piedade não é pesado; não é oneroso algo que paga uma dívida à natureza. As aves não se negam a alimentar o pai, coisa que, mesmo por obrigação de família e temendo castigos, a maioria dos homens recusa. Não é uma lei escrita que aproxima as aves, mas uma lei inata;<sup>111</sup> preceito algum impele as aves a esta missão, mas sim os deveres da graça natural; as aves não se envergonham de sustentar os membros de um honorável ancião. É a piedade transportando, algo que, pela constância do testemunho, divulga-se até encontrar a merecida recompensa; com efeito, esta ave costuma ser

chamada piedosa pelos romanos e diz-se que este epíteto conferido somente uma vez a um único imperador<sup>112</sup> por decreto do senado, estas aves o mereceram em comum. Portanto, estas aves têm um decreto do senado como insígnia da própria clemência, pois os senadores julgaram conveniente que os filhos delas fossem os primeiros a serem chamados piedosos. Elas têm, ainda, o sufrágio universal, pois a retribuição dos benefícios chama-se *ῥῆντιπελ ἑγῖργοσι*<sup>π</sup>, e *πῆγῖργοσι*<sup>π</sup> significa cegonha. Assim, uma virtude recebeu o nome delas, porque o testemunho de reconhecimento (*ῥῆντιπελ ἑγῖργοσι*<sup>π</sup>) é um vocábulo derivado de cegonha (*πῆγῖργοσι*<sup>π</sup>).

**17,56.** Temos como exemplo da piedade filial das aves o cuidado com os pais: recebamos agora um grande testemunho do zelo materno. A andorinha, de corpo minúsculo mas excepcionalmente sublime no sentimento piedoso, carente de tudo, constrói ninhos mais preciosos que o ouro, porque os faz com muita sabedoria; de fato, o ninho da sabedoria é superior ao ouro.<sup>113</sup> O que é mais sábio do que desfrutar da liberdade de voar para onde quiser, confiando os filhotes e ninhos às casas dos homens, onde ninguém pode atacar a prole? Com efeito, isto também é belo: desde o nascimento, ela habitua seus filhotes ao convívio humano, garantindo-lhes segurança contra ciladas de aves inimigas. Então, é algo notável a graça com que ela constrói seus ninhos, sem ajuda de ninguém, como se fosse perita nesta arte. Com efeito, recolhe pequenos ramos com o bico e unta-os com barro, para poder juntá-los. Mas, como não pode carregar o barro com os pés, molha com água suas penas superiores, para que o pó grude nelas com facilidade e se transforme em barro; depois, pouco a pouco, vai recolhendo raminhos ou pequenos gravetos e os junta. Levanta a construção do ninho todo deste modo, de forma que seus filhotes vivem dentro de suas casas, quase ao rés do chão, sem serem incomodados, e ninguém enfia o pé pelas fendas das paredes, nem o frio maltrata os pequeninos. (57) Mas este trabalho de arte é mais ou menos comum a muitas aves; o que é realmente singular, onde se vê o notável cuidado da piedade, o entendimento da prudência e o sinal do conhecimento, é o seguinte: é certa perícia na arte da medicina, porque, se seus filhotes forem atingidos por uma cegueira ou forem bicados nos olhos, ela tem um tipo de tratamento com o qual podem recuperar a luz dos olhos,<sup>114</sup> cujo uso haviam perdido. Em suma, que ninguém se queixe de penúria por ter deixado a própria casa vazia de dinheiro. A andorinha é mais pobre, porque sua fartura está na arte vazia do ar; constrói sem gastos, ergue os tetos e nada tira do próximo; a indigência e a pobreza não a impelem a prejudicar os outros e não se desespera com a grande fraqueza de seus filhotes. A nós, porém, a pobreza aflige e a necessidade envergonha, e a muitos a indigência coage a ações desonrosas, impele ao crime; voltamos também a mente e o coração para as fraudes, ansiando pelo lucro, e nos sofrimentos mais duros depomos a esperança e ficamos abatidos, de ânimo quebrantado; jazemos imprevidentes e inertes, sendo que, quando falham os auxílios humanos, então é que mais devemos esperar da piedade divina.

**18,58.** Que os homens aprendam a amar seus filhos com o costume piedoso das gralhas. Elas acompanham o voo dos filhotes em zeloso cortejo, solícitas, para que os mais novos não desfaleçam; dão-lhes alimento e, por muitíssimo tempo, não desleixam o dever de nutri-los. Entretanto, as fêmeas de nossa espécie logo desmamam até aqueles que amam, ou então, se são ricas, enfadam-se de amamentar; as mais pobres rejeitam e abandonam os recém-nascidos, renegando-os ao conhecê-los. E os próprios ricos, para não dividirem seu patrimônio entre muitos filhos, renegam seus próprios fetos no útero; com sucos genocidas, dentro das próprias entranhas matam os filhos de seu ventre, e a vida é tirada antes de ser dada. Quem, senão o homem, ensinou a renegar os filhos? Quem inventou direitos paternos tão cruéis? Quem, entre as comunidades fraternas naturais, fez desiguais os irmãos? Sobre os filhos de um único rico pesam sortes diferentes. Um é inundado pela totalidade da fortuna do pai,

outro deplora uma porção exígua e pobre da herança paterna. Por acaso a natureza dividiu os méritos dos filhos? Ela distribuiu a todos por igual os meios de subsistência de que precisam para nascer e viver. Que ela própria vos ensine a não diferenciar pelo patrimônio os que igualastes pela condição de irmãos. Com efeito, aos que concedestes em comum serem o que nasceram, a estes não deveis impedir de terem em comum o que herdaram por natureza. (59) Dizem que os falcões são duros e inclementes para com seus próprios filhos, pelo seguinte: quando percebem que eles tentam os primeiros voos, fazem-nos sair de seus ninhos, expulsando-os em seguida; se eles se demoram, repelem-nos e empurram-nos com as penas, vergastam-nos com as asas, forçando-os a ousar fazer o que temem, e depois não lhes dão nenhum alimento. Porém, que há de estranho em não quererem alimentá-los, se estão habituados à rapina? Levemos em conta que eles foram gerados para isto; desta forma, o medo obriga estas aves a se protegerem e a não relaxarem aqui e ali as precauções, mas a estarem atentas aos perigos que devem ser evitados pelos ladrões. Depois, como a natureza parece ter desenvolvido nelas a tendência de roubar, é mais provável que elas estejam preparando seus filhotes, desde muito cedo, para a rapina, e não que lhes neguem alimentos por avareza. Cuidam para que não se tornem preguiçosos em tenra idade, não se deixem perverter pelos prazeres, não fiquem entorpecidos pelo ócio, não aprendam a esperar o alimento em vez de procurá-lo, não percam o vigor de sua própria natureza. Interrompem os cuidados com a nutrição para impeli-los à ousadia da rapinagem. (60) A águia também recebe muitas censuras porque abandona seus filhos; no entanto ela não rejeita a ambos, mas apenas a um dos dois filhotes. Alguns atribuíram este fato ao aborrecimento de prover alimentos em dobro.<sup>115</sup> Entretanto, não penso que se deva acreditar facilmente nisso, sobretudo porque Moisés atribuiu a esta ave tão grande testemunho de piedade para com os filhos, que chegou a dizer: *Assim como a águia protege seu ninho e impõe segurança sobre seus filhotes: abre suas asas, toma-os e ergue-os sobre seus ombros. Só o Senhor os conduzia.*<sup>116</sup> Como, pois, abre as asas, se mata um deles? Por isso julgo que não é por avareza com os alimentos que ela se torna inclemente, mas pelo discernimento da decisão. Com efeito, conta-se que ela sempre põe à prova os que gerou, a fim de que a deformidade de um rebento degenerado não desonre a posição real de sua espécie entre todas as aves. Assim sendo, diz-se que expõe seus filhotes aos raios do sol e suspende os pequeninos com a unha, no meio do ar. E se algum, enfrentando a luz do sol, conservar corajosamente a agudeza dos olhos com a força da visão inalterada, este está aprovado, porque demonstrou a verdade da natureza pela constância do olhar sincero: aquele, porém, que fica cego com um raio de sol e desvia o olhar, é rejeitado como um degenerado, indigno de tão grande mãe; nem é considerado digno de educação, porque foi indigno na provação. Portanto, não é pela crueldade de sua natureza que ela o condena, mas pela integridade de seu discernimento; não o rejeita como filho seu, mas recusa-o como se fosse alheio. (61) Entretanto, conforme pensam alguns, esta inclemência da ave real é escusada pela clemência de uma ave plebeia. Com efeito, existe uma ave, chamada gaivota, que em grego se diz *f-ānh* (águia do mar), que recebe e junta à sua prole aquele filhote de águia rejeitado ou não reconhecido e, misturando-o aos seus, alimenta-o e nutre-o com a mesma delicadeza dos cuidados maternos aos próprios filhos e igual participação nos alimentos.<sup>117</sup> Portanto, a *f-ānh* alimenta os filhos alheios: nós, porém, rejeitamos os nossos com terrível crueldade. Se a águia rejeita o filhote, não o rejeita por ser seu filho, mas não o reconhece por considerá-lo um degenerado: nós, o que é pior, rejeitamos aqueles que reconhecemos serem nossos.

**19,62.** Mas vamos à rola, que a lei de Deus como que escolheu para a função de hóstia pura. De fato, quando o Senhor foi circuncidado, ela foi oferecida, porque estava escrito na lei do Senhor<sup>118</sup> que

dessem como vítima expiatória um par de rolas ou dois filhotes de pombas.<sup>119</sup> É este, pois, o verdadeiro sacrifício de Cristo, a castidade corporal e a graça espiritual. A castidade refere-se à rola; a graça, à pomba. Conta-se, de fato, que a rola, quando perde o companheiro e fica viúva, passa a ter aversão pelo casamento e pela palavra marido, porque o primeiro amor a decepcionou; foi traída pela morte do primeiro amor,<sup>120</sup> pois ele foi infiel à perpetuidade e ingrato para a graça: gerou mais dor por sua morte, do que alegria por seu amor. E assim ela rejeita uma nova união e não renuncia ao direito ao pudor nem ao pacto com o esposo amado; reserva seu amor só para ele, só para ele guarda o nome de esposa. Aprendeis, ó mulheres, quão grande é a graça da viuvez, pois até entre as aves ela é proclamada. (63) Mas quem deu estas leis à rola? Se procuro um homem, não encontro. Nenhum homem ousaria, se nem São Paulo ousou prescrever leis para conservar a viuvez. Afinal, ele próprio diz: *Quero, pois, que as jovens viúvas se casem, criem filhos, sejam mães de família e não deem nenhuma ocasião ao adversário.*<sup>121</sup> E em outro lugar: *É bom para elas, se assim permanecem; mas, se não conseguem guardar continência, que se casem; pois é melhor casar-se do que abrasar-se.*<sup>122</sup> Paulo acha o melhor para as mulheres o que entre as rolas é o constante. E em outro lugar exorta as viúvas mais jovens a casarem-se, porque nossas mulheres dificilmente conseguem guardar a castidade das rolas. Portanto, foi Deus que infundiu este sentimento nas rolas, deu-lhes a virtude da continência, pois só ele pode prescrever o que todos devem seguir. A rola não se abrasa com a flor da juventude, não fica tentada pelos atrativos da ocasião; a rola não sabe tornar sem efeito a primeira promessa, porque sabe manter a castidade prometida na primeira união conjugal.

**20,64.** Acabamos de falar sobre a viuvez das aves e que esta virtude surgiu primeiramente delas; falemos agora da castidade, virtude que dizem existir em muitas aves, podendo ser encontrada até entre os abutres. Com efeito, dizem que os abutres não se comprazem com o acasalamento nem com os usos conjugais e não se unem em cópula nupcial, concebendo, assim, sem nenhuma semente dos machos e gerando filhos sem acasalamento;<sup>123</sup> por isso avançam muitos anos em longevidade, sua espécie se estende até cem anos de vida e não são facilmente surpreendidos pelo final de uma vida curta.<sup>124</sup> (65) O que dizem aqueles que costumam rir dos nossos mistérios,<sup>125</sup> quando ouvem dizer que uma virgem gerou e julgam impossível o parto de uma moça solteira, cujo pudor nunca foi profanado pela intimidade com um homem? Julga-se impossível na Mãe de Deus aquilo que nos abutres não se nega ser possível? A ave dá à luz sem o macho e ninguém refuta: e porque Maria, ainda noiva, deu à luz, questionam seu pudor. Será que percebemos que o Senhor enviou antes muitos exemplos da própria natureza, pelos quais estava comprovando a glória da encarnação recebida e garantindo-lhe a verdade?

**21,66.** Pois bem, considerarei agora as aves que parecem constituir uma espécie de república e passar a vida sob leis.<sup>126</sup> Decorre daí ser pertinente à república que as leis sejam comuns a todos e observadas por um comum devotamento, que todos estejam ligados por um só vínculo, que não seja direito de um o que outro reconheça não ser lícito para si próprio, mas que o que é lícito seja lícito para todos, e o que não é lícito não seja lícito para todos; que também seja comum o respeito aos senadores, cujo conselho governa a república, seja comum a todos a sede da cidade, seja comum o serviço da casa, que haja um único preceito para todos, uma única deliberação. (67) São coisas grandiosas e tanto mais belas entre as abelhas, as únicas que, em todo gênero animal, têm uma descendência comum a todas,<sup>127</sup> moram todas na mesma casa, estão encerradas no limiar de uma só

pátria. O trabalho de todas é feito em comum, é comum o alimento, a obra é comum a todas,<sup>128</sup> é comum o uso e o fruto, é comum o voo – o que mais? –, é comum a todas a geração, é também comum a todas a integridade virginal do corpo e do parto, porque não se misturam entre si por nenhum coito nem se entregam à luxúria, nem são abaladas pelas dores do parto, mas soltam inesperadamente um enorme enxame de filhotes das folhas e das ervas, tirando sua prole da boca.<sup>129</sup> (68) Elas mesmas estabelecem um rei para si,<sup>130</sup> elas mesmas criam seu povo e, embora submissas ao rei, são, contudo, livres. Com efeito, não só mantêm a prerrogativa de decisão, mas também o sentimento de devoção da fé, porque, por assim dizer, amam aquele que as representa e honram-no com o grande enxame. O rei, por sua vez, não é tirado por sorteio, porque nasce rei por acaso; não há um juízo e muitas vezes, pelo acaso irracional da sorte, o último tem preferência sobre os melhores: nem é o preferido pela aclamação popular da multidão desavisada – que não leva em consideração os méritos da virtude e não busca os interesses da utilidade pública, mas flutua na incerteza da mobilidade – nem está sentado no trono por privilégio de sucessão, pois um ignorante no trato público não poderia ser prudente e hábil. Ajunta as adulações e os prazeres que vão crescendo desde os tenros anos e costumam enfraquecer a inteligência mais perspicaz: é a educação proporcionada pelos eunucos, a maioria dos quais faz pender o ânimo do rei mais para o próprio benefício do que para utilidade pública. Entre as abelhas, porém, o rei é dotado de evidentes sinais da natureza: sobressai tanto pelo tamanho e pela aparência do corpo, quanto por aquilo que é peculiar a um rei: a mansidão dos costumes. Pois embora tenha ferrão, não o utiliza para castigar. Com efeito, há leis da natureza não escritas com letras, mas impressas nos costumes; assim, os que detêm o maior poder são os mais brandos para punir. Entretanto, aquelas que não obedecerem às leis do rei, punem a si mesmas com uma sentença de condenação, e morrem feridas pelo próprio ferrão. Dizem que o povo persa conserva este costume até hoje: para pagar o crime executam em si mesmos a sentença da própria morte. E assim, nenhum povo respeita seu rei com tão grande reverência e devoção<sup>131</sup> quanto as abelhas, nem os Persas, que têm leis pesadíssimas para os súditos, nem os Indianos, nem os Sármatas. Nenhuma das abelhas ousa sair da colmeia nem avançar para algum campo, sem que o rei saia primeiro e reivindique para si o primado do voo.

69. Este, por sua vez, avança pelos campos perfumados,<sup>132</sup> onde há jardins cheirando a flores,<sup>133</sup> onde um rio corre pela relva,<sup>134</sup> onde existe a beleza das margens: ali o folgado alegre da juventude, ali as práticas campestres, ali o repouso das preocupações. O próprio trabalho é suave. De flores, de doces ervas são postos os primeiros alicerces de suas fortalezas.<sup>135</sup> Pois o que é o favo senão uma espécie de fortaleza? Enfim, destas colmeias é tirada a própole das abelhas.<sup>136</sup> Que fortificações quadradas podem ter tanta arte e beleza quanto têm as grades dos favos,<sup>137</sup> nas quais células minúsculas e redondas se sustentam reciprocamente por suas conexões? Que arquiteto ensinou as abelhas a formarem os hexágonos destas células, perfeitamente unidos pela igualdade dos lados, e a pendurarem uma tênue camada de cera entre as grades das colmeias, a acumularem o mel e a encherem colmeias cobertas de flores com uma espécie de néctar?<sup>138</sup> Poderias ver a todas elas pleiteando um trabalho, umas aplicadas em procurar alimento,<sup>139</sup> outras vigiando atentamente suas fortalezas, outras sondando futuras chuvas e observando o ajuntamento das nuvens, outras fazendo cera das flores, outras colhendo com a boca o orvalho que cai das flores; nenhuma, porém, se aproveita do trabalho alheio e busca a vida no roubo.<sup>140</sup> E oxalá não precisassem temer as ciladas dos roubos! Têm contudo seus ferrões e vertem veneno no meio do mel, se forem importunadas, e põem a



vida na ferroada, no ardor da vingança.<sup>141</sup> Assim, nas valas internas de suas fortalezas, vai caindo pouco a pouco o líquido do orvalho, que, com o decorrer do tempo, adensa-se em mel, pois no início era líquido e, com a mistura do cheiro da cera e das flores, começa a exalar a suave fragrância do mel.<sup>142</sup> (70) É com razão que a Escritura fala da abelha como boa operária, ao dizer: *vai à abelha e vê como é trabalhadeira, vê também a obra venerável que ela comercia; reis e humildes consomem o fruto de seu trabalho para sua saúde; ela é, pois, desejável e conhecida por todos.*<sup>143</sup> Ouves o que diz o profeta? Ele certamente te manda que sigas o exemplo da abelhinha, imitando o seu trabalho. Vês quão laboriosa, quão grata é ela. Seu fruto é desejado e procurado por todos e não se diferencia de acordo com a diversidade das pessoas, mas sua graça indivisa adoça com igual suavidade para os reis e para os humildes. Não serve apenas ao prazer, mas também à saúde. Adoça a boca e cura as feridas, verte remédio também nas feridas internas. E assim, embora seja débil de força, a abelha é forte no vigor da sabedoria e no amor da virtude. (71) Enfim, elas defendem seu rei com a máxima proteção e julgam belo morrer por ele. Estando incólume o rei, não sabem mudar de decisão,<sup>144</sup> desviar o pensamento; morto o rei, abandonam totalmente a fidelidade em manter o cargo e roubam seu próprio mel, porque morreu aquele que tivera a primazia do cargo. (72) Finalmente, enquanto as outras aves dão à luz uma vez por ano um feto de cada vez, as abelhas criam gêmeos e levam sobre as outras a vantagem de uma dupla fecundidade.<sup>145</sup>

22,73. Consideremos agora o que significa o que diz a Escritura: *produzam as águas répteis de almas viventes e aves que voem sobre a terra, segundo a espécie, e ao longo do firmamento do céu.*<sup>146</sup> Que tenha dito *sobre a terra*, está certo, uma vez que tiram seu sustento da terra; como, porém, *ao longo do firmamento do céu*, se as águias voam mais longe do que as outras aves e contudo não voam ao longo do firmamento do céu? Mas é porque em grego se diz ο ἰσχυρὸν οὐρανόν o que chamamos *caelum* em latim; ο ἰσχυρὸν οὐρανόν, por sua vez, deriva de ὁρᾶν τοῦ ὁρᾶν rēsqai, isto é, de *videre* (ver); como o ar é transparente e mais puro para se ver, a Escritura está falando das espécies de seres vivos que voam no ar. Nem é de espantar que diga *ao longo do firmamento do céu*. Não colocou aqui firmamento no sentido próprio, mas metafórico; por isso, por comparação com aquele corpo etéreo, também este ar que podemos perceber com os olhos, por assim dizer espesso e mais denso, faz as vezes de firmamento. (74) Agora, já que falamos de algumas aves, de sua natureza e graça, e falamos de poucas entre muitas – pois não há tempo para descrever todas, embora sejam semelhantes e da mesma espécie –, consideremos, contudo, as aves que tenham alguma diferença entre si. Com efeito, observamos os pés da gralha, separados e divididos como que por dedos afastados; do corvo, porém, e de seus filhotes, os pés foram formados de outra maneira pela natureza; das aves que se alimentam de carne, os pés são um pouco curvos e sinuosos, como que preparados para a presa. Mas das aves que têm uso e costume de nadar, os pés são largos, com os dedos unidos e ligados entre si por uma espécie de membrana. Nisto está patente a admirável inteligência da natureza: aquelas aves são ajudadas no uso apropriado para voar e para pilhar alimentos, e estas têm a ajuda competente para nadar: para que possam melhor deslizar sobre as águas com uma espécie de remos, empurram a corrente das águas com seus pés, que ficam mais largos ao distenderem aquela membrana. (75) O cisne, por sua vez, por que tem à disposição um pescoço mais alongado? Como ele é um pouco mais lento de corpo e não pode penetrar facilmente nas águas mais profundas, é para que estique para a presa o pescoço que, como precursor do resto do corpo, pega o alimento que encontrou e tira-o do fundo. Além disso, por este pescoço alongado passa uma melodia muito suave e canora, que ecoa ao longe, purificada pelo exercício prolongado. (76) Quão doce é também a cantilena na estreita garganta das cigarras, cujos

cantos irrompem dos arbustos no meio do verão!<sup>147</sup> Com efeito, mais canoras no calor do meio dia, quanto mais puro é o ar que elas respiram durante este tempo, tanto mais brilhantes ressoam seus cantos. E as próprias abelhas não cantam uma melodia desagradável; elas têm uma graciosa suavidade no rouco murmúrio de sua voz, que parecemos imitar primeiro mais lentamente com o clangor da trombeta<sup>148</sup> – e nada é mais apropriado para incitar os ânimos à coragem do que este fragor.<sup>149</sup> Entretanto, nelas esta graça se mantém, embora se diga que seus pulmões não têm absolutamente uso nem função respiratória, mas que elas se alimentam pela aspiração do ar. Enfim, se alguém lhes derramar óleo, elas logo morrem, porque, com os poros obstruídos, não podem haurir o sopro do ar; contudo, se em seguida alguém lhes derramar vinagre, elas imediatamente revivem, porque dizem que a força do vinagre logo abre com seu líquido aqueles poros que estavam obstruídos pela condensação do óleo.

77. E já que estamos tratando de aves, não julgamos inoportuno abranger aquelas que a história conhece como o verme do Indo, ou o relato dos que puderam vê-lo. Diz-se que este verme de cornos transforma-se primeiro em uma espécie de haste e assume a natureza dela; a partir de então, por um certo processo, transforma-se em bicho-da-seda. Não conserva, porém, esta forma e aparência, mas parece que toma para si asas de folhas soltas e mais largas. Destas folhas os chineses desfiam aqueles flocos delicados<sup>150</sup> que os ricos reivindicam para o seu próprio uso. Daí dizer o Senhor: *Por que saís para o deserto? Para veres um homem coberto com vestes delicadas? Eis que aqueles que se vestem de tecidos finos estão nas casas dos reis.*<sup>151</sup> Diz-se que o camaleão também finge aparências diversas, de cor variada. Não há dúvida também – pois é fácil conhecê-las de perto – de que as lebres embranquecem no inverno e voltam depois no verão à sua própria cor. (78) Destaquei estes fatos, para que estes exemplos nos incitem a crer na transformação que há de acontecer na ressurreição, mas falamos daquela transformação tal como a entende evidentemente o Apóstolo, ao dizer: *todos certamente ressurgiremos, mas nem todos seremos transformados.*<sup>152</sup> E abaixo diz: *e os mortos ressurgirão incorruptíveis e nós seremos transformados. De fato, convém que este corpo corruptível se revista de incorruptibilidade e este corpo mortal se revista de imortalidade.*<sup>153</sup> Com efeito, a maioria, interpretando espécies e formas de transformação que não entende, nunca se abstém do abuso inconveniente de uma presunção indevida.

79. Conta-se também que a ave fênix habita em alguns lugares da Arábia e vive até uma idade avançada, alcançando quinhentos anos. Quando percebe que o fim de sua vida se aproxima, faz para si um caixão de incenso, mirra e outros perfumes; tendo completado o tempo de sua vida, entra neste caixão e morre. Do vapor de sua carne, surge um verme, que cresce pouco a pouco, e, num determinado período de tempo, veste os remos das asas e recupera a aparência e a forma de ave no céu.<sup>154</sup> Que esta ave ensine, pois, por seu exemplo, a crer na ressurreição, ela que, sem o exemplo e sem o entendimento da razão, instaura em si mesma os sinais próprios da ressurreição. E certamente as aves é que existem por causa do homem, não o homem por causa da ave. Sirva, pois, de exemplo para nós o fato de que o autor e criador das aves não suporta que seus santos morram para sempre,<sup>155</sup> ele que não suportou que uma única ave morresse e quis propagar que ela ressurgisse de sua própria semente. Quem, pois, anuncia-lhe o dia da morte, para que ela faça para si um caixão, encha-o de bons perfumes, entre nele e morra ali, onde o mau cheiro do cadáver possa ser abolido por perfumes agradáveis? (80) Faze também tu, ó homem, um caixão para ti: despojando-te do teu velho homem,

reveste-te do homem novo<sup>156</sup> com seus atos. Teu caixão, tua bainha é Cristo; que ele te proteja e esconda no dia mau. Queres saber por que o caixão é para te proteger? *Com minha aljava eu o protegi*,<sup>157</sup> diz a Escritura. Teu caixão é, pois, a fé; enche-o com os bons perfumes de tuas virtudes, isto é, da castidade, da misericórdia e da justiça, e entra completamente no mais recôndito da fé, que exala o suave perfume dos feitos notáveis. Que a saída desta vida te encontre vestido com a fé, para que teus ossos possam cobrir-se de gordura e sejam *como um jardim inebriado*,<sup>158</sup> cujas plantas logo se levantam. Conhece, pois, o dia de tua morte, como também conheceu Paulo, que disse: *Combati o bom combate, terminei a corrida, guardei a fé. Está reservada para mim a coroa da justiça*.<sup>159</sup> Ele entrou, portanto, em seu caixão como boa fênix, e encheu-o com o bom perfume do martírio.

81. Pergunto-te, responde-me: onde os abutres aprenderam a anunciar a morte dos homens, por meio de certos sinais? Em que indício são sábios e instruídos, para que, quando exércitos inimigos travam entre si uma guerra lamentável,<sup>160</sup> as citadas aves os sigam em grande batalhão, indicando com isso que uma multidão de homens cairá pela guerra como futura presa dos abutres? Parecem perceber isto, por alguma razão, a partir do aspecto da ordenação dos homens. (82) Até no gafanhoto penetrou também a graça divina; quando, com seu batalhão reunido, ele ocupa o espaço de determinada região, primeiramente descansa como em morada inofensiva e não devora os frutos em incursão inóspita, a não ser que receba o sinal de um preceito divino. Com efeito, conforme lemos no Livro do Êxodo,<sup>161</sup> ele executou a reparação da ofensa celeste, como ministro de piedosa vingança. (83) O gafanhoto, por sua vez, é devorado por uma ave chamada selêucis – esta ave tem nome grego<sup>162</sup> –, a qual foi dada como remédio dos males que o gafanhoto costuma causar, pois o criador lhe deu uma natureza devoradora insaciável, para poder destruir o campo acima citado com incontável voracidade.<sup>163</sup>

24,84. Mas o que está acontecendo, enquanto proferimos estas palavras? Eis que já estão voando ao teu redor as aves noturnas e, pelo próprio fato de estarem avisando que o discurso deve terminar, obrigam-nos também a mencioná-las. Voltam a seus viveiros diversas aves que a estrela Vésper impele a sair à noite,<sup>164</sup> e, ocultas em seus esconderijos, acompanham o ocaso do dia com um canto melodioso, para que o dia não termine sem render as graças pelas quais toda criatura louva seu criador. (85) A noite tem também suas melodias, com as quais costuma amenizar as vigílias dos homens; a coruja também tem seus cantos. O que direi da fêmea do rouxinol, sentinela que não dorme, que, enquanto aquece os ovos no seio do corpo e no regaço, alivia o labor insone da longa noite com a suavidade de uma cantilena?<sup>165</sup> Parece-me que sua intenção mais sublime é a seguinte: poder animar os ovos que aquece com sons não menos suaves que o calor do corpo. Imitou-a aquela mulher fraca, mas virtuosa: arrastando com o braço uma pedra talhada para mó,<sup>166</sup> para que não faltasse o alimento do pão a seus filhinhos,<sup>167</sup> alivia com o canto noturno o triste sentimento da pobreza e, embora não consiga imitar a suavidade da fêmea do rouxinol, imita-lhe porém o zelo da piedade. (86) Da mesma forma, a coruja, com as grandes pupilas verdes de seus olhos, não sente o obscuro terror das trevas noturnas, e quanto mais escura for a noite, com mais desembaraço voa, contrariando o costume das outras aves; porém, nascendo o dia e espalhando-se o esplendor do sol, sua visão é obscurecida e parece andar errante em meio às trevas. Com este sinal, ela indica que existem alguns que, embora tenham olhos para ver, não costumam ver e exercem apenas nas trevas o ofício de sua visão. Estou falando dos olhos do coração,<sup>168</sup> que os sábios do mundo têm, mas não veem;<sup>169</sup> nada distinguem na

luz e andam nas trevas,<sup>170</sup> enquanto exploram as coisas tenebrosas dos demônios e acreditam ver as alturas do céu. Desenham o mundo com o compasso,<sup>171</sup> tomam a medida do próprio ar, mas, desviando-se da fé, são envolvidos pelas trevas de uma perpétua cegueira; têm como próximo o dia de Cristo e, não enxergando a luz da igreja nem nada, abrem a boca como se soubessem tudo, perspicazes para as coisas vãs e obtusos para as eternas, progredindo na cegueira de sua própria ciência pelo subterfúgio de longas discussões. E assim, querendo voitar em palavras sutis, esvaíram-se na luz, como corujas. (87) O morcego [*vespertilio* em latim], animal desprezível, recebeu seu nome da palavra *vesper*, tarde. É ao mesmo tempo ave e quadrúpede,<sup>172</sup> e tem dentes, o que não costumas encontrar nas outras aves. Dá à luz como os quadrúpedes, não ovos, mas filhotes vivos. Voeja no ar, conforme o costume das aves, mas ao cair da tarde costuma estender-se. Não voa, porém, sustentado por tais ou quais penas, mas pelo remo de sua membrana; suspenso por ele, move-se em círculos, como o voo das asas, e anima-se. Este desprezível animal tem também o seguinte costume: aderem uns aos outros e, como uma espécie de cacho de uvas, pendem de algum lugar. Se o último deles se afrouxa, todos se soltam. Isto é feito como que por um dever de caridade, que dificilmente se encontra entre os homens deste mundo.

88. É também suave durante a noite o canto do galo – não apenas suave, mas também útil, porque, como bom companheiro, acorda o que dorme, adverte o que vigia e reconforta o afastado viandante noturno, cantando alto, como um sinal sonoro. Quando ele canta, o ladrão abandona suas emboscadas. Excitada por ele, até a estrela d'alva se levanta, para iluminar o céu; com o seu canto, o marinheiro inquieto abandona a tristeza, e qualquer tempestade ou procela amiúde provocada por ventos vespertinos se acalma; com o seu canto, o sentimento piedoso se eleva suplicante e inaugura o ofício das leituras; por fim, com seu canto, a própria pedra da Igreja apaga a culpa que contraíra, ao negar antes que o galo tivesse cantado.<sup>173</sup> Com o seu canto, a esperança volta a todos, o incômodo do doente é aliviado, a dor das feridas diminui, o calor das febres é mitigado, a fé volta aos que apostataram, Jesus olha para os titubeantes e corrige os errantes. Enfim, Jesus olhou para Pedro e imediatamente foi banido o erro, foi repelida a negação, seguindo-se a confissão. A lição do evangelho ensina que isto não aconteceu por acaso, mas por uma sentença do Senhor. Pois está escrito que Jesus disse a Simão: *não cantará o galo, antes de me negares três vezes*.<sup>174</sup> Pedro, bem forte durante o dia, à noite perturba-se e, antes de o galo cantar, cai, e cai três vezes, para que saibas que ele não errou por uma irrefletida efusão de palavras, mas também perturbado pela oscilação da mente. No entanto, depois do canto de o galo, o mesmo Pedro torna-se mais forte e digno, ele para quem Cristo volve o olhar; pois *os olhos do Senhor estão sobre os justos*.<sup>175</sup> Ele soube que viria o remédio, depois do qual já não poderia errar, e passando do erro para a virtude, chorou com imensa amargura, de modo que, com suas lágrimas, lavou o erro.<sup>176</sup> (89) Olha para nós também, Senhor Jesus, para que reconheçamos nossos próprios erros, expiemos a culpa com piedosas lágrimas, mereçamos a remissão dos pecados. Por isso, alongamos deliberadamente este sermão, de modo que também para nós que estamos falando o galo cantasse e ajudasse, e assim, se algum delito se tivesse insinuado na palavra, tu perdoasses a culpa, ó Cristo. Dá, eu te peço, as lágrimas de Pedro, não quero a alegria do pecador. Choraram os hebreus e foram libertados através do mar, pelas ondas que se abriram. Alegrou-se o faraó porque mantinha presos os hebreus, e morreu com o seu povo, submerso no mar. Exultou também Judas com a recompensa de sua traição, mas enforcou-se com o laço de sua própria recompensa.<sup>177</sup> Pedro chorou seu erro e mereceu abolir os erros dos outros.

90. Mas já é tempo de terminar o sermão e devemos calar-nos; tempo em que é melhor calar e chorar, tempo de celebrar o perdão dos pecados. Que cante também para nós nas coisas santas este místico galo, porque o galo de Pedro cantou em nosso sermão. Chore Pedro por nós, ele que chorou muito por si mesmo, e faça volver para nós o piedoso olhar de Cristo. Que se apresse a paixão do Senhor Jesus, que se condói de nossas faltas e opera a graça do perdão. (91) O bom Senhor não quer despedir-nos famintos, para que ninguém desfaleça no caminho. Se ele diz: *tenho piedade desta multidão, porque já são três dias que perseveram comigo e não têm alimento e não quero despedi-los com fome, para que não desfaleçam no caminho*<sup>178</sup> – embora Maria, atenta à palavra dele, negligenciasse o preparo da refeição<sup>179</sup> – quanto mais nós devemos considerar que não são muitos os que vivem da palavra de Deus<sup>180</sup> e por isso desejam a refeição do corpo. Certamente, do nosso tríduo, o dia de amanhã é o mais trabalhoso. (92) Por isso, nós que nos alegramos com as aves, cantamos com o galo, celebremos agora os mistérios do Senhor,<sup>181</sup> e junto ao corpo de Jesus reúnam-se as águias dos pecadores, em renovada purificação; com efeito, aquela grande baleia já devolveu para nós o verdadeiro Jonas, e alegremo-nos porque se fez para nós uma tarde – e faça-se uma manhã, sexto dia.

<sup>1</sup> Começa aqui o *Sermo VII*, pronunciado na tarde do quinto dia. Corresponde a Basílio, *Hexaem.*, 7-8,1.

<sup>2</sup> Cf. Virgílio, *Enéadas*, VI,724-726.

<sup>3</sup> Gn 1,20.

<sup>4</sup> Gn 1,20.

<sup>5</sup> Sl 104,25.

<sup>6</sup> Cf. Virgílio, *Enéadas*, V,158; X,197.

<sup>7</sup> Gn 1,20.

<sup>8</sup> Cf. Virgílio, *Enéadas*, V,822.

<sup>9</sup> Cf. Plínio, *Nat. hist.*, IX,76-77.

<sup>10</sup> Fl 3,2.

<sup>11</sup> Cf. Plínio, *Nat. hist.*, IX,63; XXXII,112.

<sup>12</sup> *Thimallus* é latinização do grego  $\kappa^{\epsilon}\mu\alpha\lambda\lambda\omicron$ , que provém de  $\kappa^{\epsilon}\mu\omicron$  (= de flores perfumadas); cf. Ausônio, *Mos.*, 97,115.

<sup>13</sup> Cf. Virgílio, *Georg.*, IV,169.

<sup>14</sup> Cf. Plínio, *Nat. hist.* XXXII,145.

<sup>15</sup> Is 65,25.

<sup>16</sup> Cf. Plínio, *Nat. hist.*, XXXII,18-19.

<sup>17</sup> Cf. Ex 5,10; Dt 28,56ss.; 2Re 6,28ss.; José Flavio, *De bello Iud.*, V,40.

<sup>18</sup> Cf. Cícero, *De off.*, 1,97.

<sup>19</sup> Cf. Plínio, *Nat. hist.*, XXXII,151.

<sup>20</sup> A informação reportada por Ambrósio, não justa, talvez deva-se ao fato de este escorpião marinho ser comestível.

<sup>21</sup> Possível referência à castração dos *eunucos de corte*, algo comum na corte milanesa nos tempos de Ambrósio.

<sup>22</sup> Cf. Plínio, *Nat. hist.*, IX,44-45.

<sup>23</sup> Cf. Lc 16,22.

<sup>24</sup> Mt 13,47-50.

<sup>25</sup> Cf. Mt 17,23-26.

<sup>26</sup> Mt 17,25-27.

<sup>27</sup> Cf. Mt 26,31.

<sup>28</sup> Lc 5,4.

<sup>29</sup> Cf. Jo 21,6.

<sup>30</sup> Lc 5,10.

<sup>31</sup> At 7,56.

<sup>32</sup> Cf. Mt 14,25-30.

<sup>33</sup> Cf. Mt 13,47.

<sup>34</sup> Cf. Ex 14,21-30.

<sup>35</sup> Sl 24,2.

<sup>36</sup> Mt 10,16.

<sup>37</sup> Cf. Plínio, *Nat. Hist.*, XXXII,14; Basílio, *Hexaem.*, 7,5.

<sup>38</sup> Cf. 1Tm 2,14.

<sup>39</sup> Cf. Gn 2,7.21-22.24; Mt 19,6.

<sup>40</sup> Cf. Pr 23,32.



[41](#) Pr 23,33.

[42](#) Cf. Basílio, *Hexaem.*, 7,3.

[43](#) Cf. Virgílio, *Georg.*, II,458.

[44](#) Cf. Pr 15,16.

[45](#) Cf. Pr 15,17.

[46](#) Cf. Plínio, *Nat. hist.*, IX,100; XVIII,361; Basílio, *Hexaem.*, 7,5.

[47](#) Cf. Mt 6,30; Lc 12,28.

[48](#) Cf. Mt 6,26; Lc 12,24.

[49](#) Jó 38,41.

[50](#) Cf. Jó 38,36, conforme à *Septuaginta*.

[51](#) Cf. Virgílio, *Georg.*, IV,247.

[52](#) Cf. Jó 39,19-25.

[53](#) Cf. Mt 6,28; Lc 12,27.

[54](#) Cf. Sl 104,24.

[55](#) Mt 6,26.30; Lc 12,28.

[56](#) *Thalassometra* é o termo usado por Ambrósio e, a quanto parece, cunhado por ele mesmo a partir do grego *thalassa* (mar).

[57](#) Cf. Is 5,8; Virgílio, *Georg.*, II,511.

[58](#) Cf. Horácio, *Carm.*, III,34-37.

[59](#) Is 5,8.

[60](#) Cf. Basílio, *Hexaem.*, 7,4, de quem Ambrósio translitera o grego *phthinos* e *phthinos* ma (fluxo, corrente).

[61](#) Atual Mar de Mármara.

[62](#) Atual Mar Negro.

[63](#) Cf. Plínio, *Nat. hist.*, IX,49-53.

[64](#) Cf. Ecl 3,2.

[65](#) Cf. Xenofontes, *Apomnhmoneum phthinos*, I,IV,12.

[66](#) Cf. Plínio, *Nat. hist.*, IX,51.

[67](#) Cf. Plínio, *Nat. hist.*, IX,79; XXXII, 2ss; Basílio, *Hexaem.*, 7,6.

[68](#) Cf. Plínio, *Nat. hist.*, IX,155, que a chama *trygon* e *pastinaca*. Ambrósio usa *turtur*, do tardo latim.

[69](#) Cf. Ovídio, *Met.*, I,190; X,189.

[70](#) Cf. Plínio, *Nat. hist.*, IX,155; XXXII,8-9.

[71](#) Cf. Virgílio, *Enéadas*, VIII,691-693.

[72](#) Cf. Basílio, *Hexaem.*, 7,6.

[73](#) Cf. Virgílio, *Georg.*, I,512.

[74](#) Cf. Sl 33,17.

[75](#) Cf. Jn 2,1ss.

[76](#) Cf. Mt 12,39.

[77](#) A relação peixe-Cristo / peixinhos-fiéis é antiga e bastante presente na literatura patrística e na arte figurativa paleocristã. A este respeito, vejam-se J. DANIÉLOU, *Les symboles chrétiens primitifs*, Seuil, 1961, pp. 49-63 e L. GAMBASSI, “Pesce”, in F. Bisconti (org.), *Temi di iconografia paleocristiana*, Roma, 2000, pp. 252-258.

[78](#) Cf. Mt 14,30.

[79](#) Cf. Mt 26,69-74

[80](#) Cf. Mt 14,31.

[81](#) Cf. Lc 22,61.

[82](#) Cf. Jn 4,5-11.

[83](#) Começa aqui o *Sermo VIII*, pronunciado, como evidenciado pelo que segue, na mesma tarde, depois de uma breve pausa. Seu correspondente basiliano encontra-se em *Hexaem.*, 8, 2-8.

[84](#) Nota rara de estenógrafo – é, de fato, a única nos discursos – indica a brevidade da pausa. Estenógrafo é aquele que toma notas do discurso enquanto este é pronunciado. O procedimento “padrão” entre os *Padres* era o de revisar, antes da publicação, as notas dos estenógrafos. A presença da referida nota indica que o fato passou despercebido a Ambrósio ao revisar o texto, admitindo-se que se tenha atido ao “padrão”.

[85](#) Outro indício de improvisação do sermão.

[86](#) Cf. Virgílio, *Enéadas*, VII,34.

[87](#) Gn 1,20.

[88](#) Cf. Virgílio, *Georg.*, II,328.

[89](#) Cf. Suetônio, *Anthologia Latina*, 762.

[90](#) Cf. Virgílio, *Georg.* I,57-58.

[91](#) Cf. Virgílio, *Georg.*, I,388.

[92](#) Cf. Plínio, *Nat. hist.*, X,90; XVIII,231; Basílio, *Hexaem.*, 8,5.

[93](#) Cf. Virgílio, *Eclog.*, II,26.

[94](#) Mt 6,26; Lc 12,7.

[95](#) Cf. Virgílio, *Georg.* I,360-362; Plínio, *Nat. hist.*, XVIII,362.

[96](#) Cf. Virgílio, *Georg.*, I,362-363.

[97](#) Cf. Virgílio, *Georg.*, I,363-364.

[98](#) Cf. Plínio, *Nat. hist.*, X,51.

[99](#) Gn 1,20.

[100](#) Cf. Virgílio, *Georg.*, I,139.

[101](#) Cf. Virgílio, *Enéadas*, VII,490.

[102](#) Cf. Virgílio, *Enéadas*, VI,646.

[103](#) Cf. Mt 10,16.

[104](#) Cf. Virgílio, *Eclog.*, I,40.

[105](#) Cf. Virgílio, *Enéadas* IX,174-175.

[106](#) Cf. Lc 20,46.

[107](#) Cf. Gn 19,1-11.

[108](#) Cf. Virgílio, *Enéadas*, XII,395.

[109](#) Cf. Virgílio, *Enéadas*, I,301; VI,19.

[110](#) Cf. Virgílio, *Enéadas*, II,707-708.

[111](#) Cf. Cícero, *pro Mil.*, 4,10.

[112](#) A Antonino Pio (138-161), por sua devoção para com o imperador Adriano, seu pai adotivo.

[113](#) Cf. Pr 16,16.

[114](#) Cf. Plínio, *Nat. hist.*, XXV,89.

[115](#) Cf. Basílio, *Hexaem.*, 8,6.

[116](#) Dt 32,11-12.

[117](#) Cf. Aristóteles, *De anim. hist.*, IX,36,4; Plínio, *Nat. hist.*, X,13.

[118](#) Cf. Lv 12,8.

[119](#) Cf. Lc 2,24. Ambrósio confunde-se: não se trata da circuncisão, mas da apresentação do Senhor. De fato, a lei prescrevia as pombas para a purificação depois do parto (cf. Lv 12,8).

[120](#) Cf. Virgílio, *Enéadas*, IV,16-18.

[121](#) 1Tm 5,14.

[122](#) 1Cor 7,9.

[123](#) Cf. Basílio, *Hexaem.*, 9,6.

[124](#) Cf. Virgílio, *Georg.*, IV, 206.

[125](#) *Mistérios* enquanto ensinamentos, doutrina.

[126](#) As abelhas (cf. Virgílio, *Georg.*, IV,149 e 154), das quais falará em seguida.

[127](#) Cf. Virgílio, *Georg.*, IV,153.

[128](#) Cf. Virgílio, *Georg.*, IV,155 e 184.

[129](#) Cf. Virgílio, *Georg.*, IV,197-201.

[130](#) Cf. Virgílio, *Georg.*, IV,201.

[131](#) Cf. Virgílio, *Georg.*, IV,210-212.

[132](#) Cf. Virgílio, *Georg.*, IV,169.

[133](#) Cf. Virgílio, *Georg.*, IV,109.

[134](#) Cf. Virgílio, *Georg.*, IV,19.

[135](#) Cf. Virgílio, *Georg.*, IV,161.

[136](#) Cf. Virgílio, *Georg.*, IV,168.

[137](#) Cf. Virgílio, *Georg.*, IV,214.

[138](#) Cf. Virgílio, *Georg.* IV,159-164 e 250.

[139](#) Cf. Virgílio, *Georg.*, IV,158ss.

[140](#) Cf. Virgílio, *Enéadas*, VII,749; IX,613.

[141](#) Cf. Virgílio, *Georg.*, IV,236-238.

[142](#) Cf. Virgílio, *Georg.*, IV,169.

[143](#) Cf. Pr 6,8, conforme à *Septuaginta*. Os textos hebraico e da *Vulgata*, diversamente do de Ambrósio, falam da formiga.

[144](#) Cf. Virgílio, *Georg.*, IV,212-218.

[145](#) Cf. Virgílio, *Georg.*, IV,231.

[146](#) Gn 1,20.

[147](#) Cf. Virgílio, *Georg.*, III,328.

[148](#) Cf. Virgílio, *Georg.*, IV,71-72.

[149](#) Cf. Virgílio, *Enéadas*, VI,164-165.

[150](#) Cf. Virgílio, *Georg.*, II,121; Basílio, *Hexaem.*, 8,8.

[151](#) Mt 11,8.

[152](#) 1Cor 15,51. O texto, na verdade, diz o contrário do que afirma Ambrósio. É possível que o bispo milanês, no ímpeto do discurso, não tenha se dado conta disso e, ao revisá-lo, talvez velozmente, não tenha notado a discrepância.

[153](#) 1Cor 15,52-53.

[154](#) Cf. Plínio, *Nat. hist.*, X,3-5; Clemente, *1Corint.*, 25.

[155](#) Cf. Sl 16,10; At 13,35.

[156](#) Cf. Col 3,9-10.

[157](#) Is 49,2.

[158](#) Is 58,11.

[159](#) 2Tm 4,7-8.

[160](#) Cf. Virgílio, *Enéadas*, VII,604.

[161](#) Cf. Ex 10,12.

[162](#) Cf. Basílio, *Hexaem.*, 8,7.

[163](#) Cf. Plínio, *Nat. hist.*, X,75.

[164](#) Cf. Virgílio, *Eclog.*, VIII,88; *Georg.*, III,467.

[165](#) Cf. Virgílio, *Georg.*, I,293.

[166](#) Cf. Virgílio, *Georg.*, I,274-275.

[167](#) Cf. Virgílio, *Enéadas*, VIII,411-413.

[168](#) Cf. Ef 1,18.

[169](#) Cf. Ex 12,2; Jr 5,21; Is 6,9.

[170](#) Cf. Sl 82,5.

[171](#) Cf. Virgílio, *Enéadas*, VI,850.

[172](#) Isto é, mamífero; cf. Basílio, *Hexaem.*, 8,7.

[173](#) Cf. Mt 26,30-35.69-74.

[174](#) Mt 26,34; Lc 22,34.

[175](#) Sl 34,16.

[176](#) Cf. Mt 26,75.

[177](#) Cf. Mt 26,14ss; 27,5.

[178](#) Mt 15,32; Mc 8,2-3.

[179](#) Maria, irmã de Lázaro; cf. Lc 10,39.

[180](#) Cf. Mt 4,4.

[181](#) *Mistérios do Senhor* está a indicar a eucaristia, evocada também em seguida, ao referir-se aos cristãos como águias ao redor da mesa eucarística.

## SEXTO DIA

1,1.<sup>1</sup> Eis o sexto dia, no qual termina a origem da criação do mundo, e por isso também está chegando ao fim nosso sermão, que encetamos a respeito das origens das coisas. Esta narração, embora já se alongue por cinco dias, com não pequeno esforço de nossa parte, no dia de hoje, contudo, envida maiores cuidados, porque há neste dia não só os perigos dos dias anteriores, mas também o ponto culminante de todo o certame. Com efeito, se os dias precedentes, nas cordas da lira, ou nos cantos e nas numerosas competições atléticas e nos jogos máximos, terminam sem entrega de nenhuma coroa, o último dia, contudo, tem a sorte da coroa: nele há o risco de decidir, o opróbrio de perder e o prêmio da vitória – ainda mais neste grande combate da sabedoria e neste grande juízo, não de poucos, mas de todos; por isso, hoje, quando nos aproximamos como que da coroa do certame, maior inquietação nos aflige, para não perdermos o trabalho dos dias anteriores e para podermos suportar o fardo deste que se nos apresenta. Com efeito, a condição de falar não é a mesma que a de cantar e lutar, porque nestas últimas uma derrota serve para divertir, e naquela, uma queda é mortal. Nestas últimas, se cometeres algum erro, enfadas os espectadores; naquela, causas dano aos ouvintes. (2) Assisti-me, pois, como árbitros da coroa, e entrai comigo neste grande e admirável teatro de toda a criação visível.<sup>2</sup> Com efeito, aquele que observa a chegada de forasteiros, ao conduzi-los pelo âmbito de toda a cidade, mostrando-lhes algumas das mais belas construções, proporciona-lhes uma graça valiosa. Assim também vós deveis aceitar sem enfado que, pela mão do sermão, em comunhão convosco, eu vos conduza em vossa pátria e, fazendo um recolhimento de todas as coisas, vos descreva a aparência e a espécie de cada uma – ainda mais que, para vós, o criador de todas as coisas concedeu uma graça mais abundante do que para todas as outras criaturas. Portanto, é a vós que se destina a coroa, é a vós que, por vosso próprio juízo, hoje desejo coroar. Com efeito, nós não reclamamos as coroas dos atletas, que murcham, mas o verdejante discernimento de vossa santidade, pelo qual podeis perceber que por todas as criaturas perpassa a divina providência, que o consórcio da fragilidade corpórea é comum a vós e às outras criaturas, mas que, superiores a todas elas, vós sois dotados da virtude do espírito, a única que nada tem em comum com as outras.

2,3. Agora vamos, falemos sobre a natureza dos animais e sobre a criação do homem. Ouço dizer, com efeito, que há muito tempo alguns já estão murmurando, dizendo: “Até quando vamos aprender coisas alheias e ignorar as nossas, até quando vamos receber ensinamentos sobre os outros seres vivos e ignorar a nós mesmos? Que ele diga o que serve para mim, para que eu possa conhecer-me a mim mesmo”. E é justa esta queixa, mas é preciso observar a ordem que a Escritura encerra, mesmo porque não podemos conhecer plenamente a nós mesmos sem antes conhecermos qual seja a natureza de todos os seres vivos. (4) Diz a Escritura: *produza a terra a alma vivente segundo a espécie, quadrúpedes, serpentes, animais da terra e rebanhos segundo a espécie, e todos os répteis segundo a espécie. E Deus fez os animais da terra, todos os rebanhos segundo a espécie e tudo o que se arrasta sobre a terra segundo a espécie. E Deus viu que era bom e Deus disse: Façamos o homem.*<sup>3</sup> Nesta passagem, não ignoro que alguns enumeram as espécies de animais, de gado e de répteis da terra, para relacioná-los à crueldade dos crimes, à insensatez do pecado, à imoralidade do pensamento: eu, porém, aí vejo apenas a natureza de cada espécie. (5) E não temo que alguém julgue que eu deva ser comparado à presunção do conviva pobre, que convida muitos para o estudo da humanidade e não lhes

serve senão alimentos desprezíveis e comuns, de modo que mais se expõe à censura por enfadar os convidados com o preparo humilde de uma mesa pobre – do que granjeia reconhecimento pelo sentimento da hospitalidade; com efeito, os amigos não repeliram nem a Eliseu como mau conviva, quando lhes serviu legumes agrestes.<sup>4</sup> É semelhante às discussões inúteis aquele banquete requintado e fartamente preparado, no qual é servida a aparência de um faisão ou de uma rola e por dentro se come um frango, ou se traz um frango que está cheio de ostras ou de moluscos, ou se toma uma bebida que, mudando de cor e de cheiro, adquire outros sabores. As iguarias marítimas são recheadas com as terrestres, e as terrestres com as marítimas. Isto significa censurar a providência do criador, que nos entregou todas as coisas como alimento, sem misturá-las. Mas estas iguarias primeiro parecem doces e depois se tornam amargas. Com efeito, quanto maior for a fartura, tanto mais perniciosa é a intemperança. Eliseu ofereceu ervas amargas, mas depois elas se tornaram doces.<sup>5</sup> Enfim, aqueles que anteviam a morte naquele alimento, nele depois encontraram a graça da doçura e da vida. (6) Nem é de se temer, por outro lado, que eu pareça ter convidado mais pessoas do que posso alimentar, e venham a faltar-vos os pães das minhas palavras: também Eliseu, que, apesar de inimitável, deve ser imitado por nós na fé, não ponderou quantos pães possuía, mas quis dividir com todos aqueles que tinha, e julgou serem suficientes para todos. Assim, ordenou ao servo que dividisse entre o povo dez pães de cevada.<sup>6</sup> E disse o servo: *como darei isto, se vejo cem homens?* Eliseu respondeu: *dá e comerão, porque assim diz o Senhor: comerão e sobrarão.*<sup>7</sup> Portanto, vossa fé fará abundante o banquete de minhas pobres palavras. Nem temo que o jejum vos torne mais vorazes e que, tendo sido saciados, torneis a voltar famintos e vazios, porque está escrito: *o Senhor fortifica os justos e nos dias da fome serão saciados.*<sup>8</sup> É muito melhor não te envergonhares dos pães de cevada e ofereceres o que tens, do que negar. Eliseu, que nada deixou para si mesmo, saciou a multidão. Eliseu, portanto, não se envergonhou de oferecer pães de cevada: nós nos envergonhamos de entender com simplicidade as criaturas, as quais são designadas com seus nomes simples. Lemos *céu*, entendamos *céu*; lemos *terra*, entendamos a terra fértil.

7. Por que me perguntas qual é a medida de seu círculo, se os geômetras já o calcularam em cento e oitenta mil estádios?<sup>9</sup> De bom grado confesso não saber o que não sei, e ainda mais, confesso saber o que não serve para nada. É melhor conhecer as espécies das terras do que seus espaços: cercados pelo mar, circundados por países estrangeiros, com o solo inundado e inacessível por causa dos pântanos, como poderemos abarcá-los? A Escritura mostra ser impossível para os homens, quando Deus diz: *quem mediu a água com a mão e o céu com o palmo, e toda a terra com a mão fechada? Quem colocou os montes na balança, os rochedos na balança e os bosques nos pratos da balança?*<sup>10</sup> E abaixo: *aquele que mantém o círculo da terra, e seus habitantes como gafanhotos, aquele que estendeu o céu como uma abóbada.*<sup>11</sup> Qual é, pois, o homem que ousa reivindicar para si uma sabedoria igual à de Deus e presume que esteja à sua disposição o conhecimento das coisas que Deus, com seu próprio oráculo, determinou serem de sua majestade? (8) Moisés era certamente instruído em toda a sabedoria dos Egípcios;<sup>12</sup> contudo, ao receber o Espírito de Deus, como ministro de Deus, desprezou aquela doutrina vã para sua razão e usurpadora da filosofia da verdade, e narrou para mim as coisas que julgou apropriadas à nossa esperança – isto é: que Deus fez a terra, que a terra produziu rebentos do solo e toda alma vivente, segundo a espécie, conforme a ordem do Deus onipotente e a obra do Senhor Jesus. Não julgou, porém, que deveria dizer quanto espaço do ar ocupa a sombra da terra, quando o sol se afasta de nós e nos tira o dia, para iluminar as partes inferiores da abóbada celeste, e de que



maneira o globo da lua faz o eclipse, ao incidir sobre uma região deste mundo, porque deixou de lado as coisas que nenhum ou quase nenhum proveito nos trariam. Com efeito, viu no Espírito Santo que não devia seguir as vaidades de uma ciência já decrépita, que ocupa nossa mente com coisas inexplicáveis e simula trabalho, – mas devia descrever de preferência aquelas coisas que visam ao proveito da virtude.

3,9. Atenhamo-nos, portanto, ao que disseram os profetas e não julguemos desprezíveis as palavras do Espírito Santo. Diz a Escritura: *produza a terra a alma vivente dos rebanhos e dos animais e répteis.*<sup>13</sup> Por que aduzimos argumentos diferentes, onde é evidente que está sendo formada a natureza das criaturas terrestres? Com efeito, a palavra de Deus correu por toda a criação na constituição do mundo, de modo que subitamente fossem produzidas da terra todas as espécies de seres vivos que Deus determinou e, no futuro, pela prescrição da lei, todas viessem a ter uma sucessão conforme sua própria espécie e semelhança; assim, leão gera leão, tigre gera tigre, boi gera boi, cisne gera cisne, águia gera águia. Definitivamente, o preceito se enraizou para sempre na natureza, e por isso a terra não deixa de prestar obediência a sua função; assim, as antigas espécies de seres vivos, por repetida sucessão, são restauradas em novas gerações. (10) Mas queres que aproveitem ao uso do homem as coisas que foram geradas? Não denegues a verdade de cada espécie da própria natureza, e tu as ajustarás muito melhor à graça humana. Em primeiro lugar, a natureza prostrou sobre o ventre todas as espécies de rebanhos, animais e peixes: umas se arrastam sobre o ventre; outras, que se sustentam com os pés, pelo andar quadrúpede do corpo, podes ver que estão mais rebaixadas, quase fixas à terra, do que livres, pois, como não têm capacidade de se erguer, retiram alimento da terra e buscam somente os prazeres do ventre, para o qual se curvam. Cuidado, ó homem, para não te curvares como os rebanhos, cuidado para não te curvares sobre o ventre, tanto no corpo quanto nas paixões. Observa a forma de teu corpo e assume uma aparência conveniente a teu alto vigor; deixa que apenas os animais se alimentem curvados para o chão. Por que tu mesmo te deitas para comer, se a natureza não te deitou? Por que te deleitas com aquilo que ofende a natureza? Por que te alimentas de coisas terrenas, noites e dias deitado para comer, como os rebanhos? Por que te entregas às seduções do corpo, desonrando-te a ti mesmo, ao servires ao ventre e suas paixões? Por que te privas da inteligência que o criador te atribuiu? Por que te assemelhas aos jumentos, dos quais Deus quis separar-te, ao dizer: *não te tornes como o cavalo e o burro, nos quais não existe inteligência?*<sup>14</sup> Ou, se te agrada a voracidade e a intemperança do cavalo e te deleitas em relinchar para as fêmeas, agrade-te também que tua queixada seja apertada no freio e no cabresto. Se se alimenta a crueldade – é esta a raiva das feras, que se trucidam por violência – cuidado para que a desumanidade de tua crueldade não se volte também contra ti.

11. O asno vagaroso, exposto à pilhagem e mais lento de inteligência, o que nos ensina, senão que devemos ser mais vivazes e não amolecer com a preguiça do corpo e do espírito, mas sim refugiar-nos na fé, que costuma aliviar grandes fardos? (12) A raposa fraudulenta, afundando-se nos buracos e esconderijos, por acaso não dá sinal de ser um animal infrutuoso, digno de ódio por causa da rapina, digno de desprezo pela leviandade, e desleixado com a própria vida, por armar ciladas para os outros animais? (13) A perdiz rouba os ovos alheios, isto é, de outra perdiz, e choca-os com o seu próprio corpo, mas não pode conservar o fruto de sua fraude, porque perde seus filhotes ao dá-los à luz: é abandonada quando eles ouvem a voz daquela que gerou os ovos e, por uma espécie de graça e amor natural, vão para aquela que reconhecem como sua verdadeira mãe, pela geração dos ovos; mostram, assim, que a primeira cumpriu o encargo de ama e a última de mãe. Dessa forma, a perdiz despende os

próprios esforços em vão e paga o preço de sua fraude. Daí dizer Jeremias: *clamou a perdiz e juntou os que não pariu*,<sup>15</sup> isto é, recolheu o ovos e clamou, como que rejubilando pelo resultado de sua fraude, mas perde o serviço, porque, com um trabalho custoso, dá à luz para a outra os filhotes que ela própria animara com o calor de ininterrupto cuidado. Imita-a o diabo, que se esforça por roubar as criaturas geradas pelo criador eterno, e ainda que possa reunir com sua força alguns insensatos e desprovidos de sentimento próprio, aquecendo-os com as seduções carnavais, logo que a voz de Cristo é infundida nos pequeninos, eles afastam-se e vão para aquela mãe, que, como uma ave, abraça seus filhos<sup>16</sup> com materno amor. Com efeito, o diabo congregou os gentios, que ele não criara; mas quando Cristo fez ouvir sua voz no evangelho, estes imediatamente se voltaram para ele; ele próprio os recebeu à sombra de suas asas<sup>17</sup> e deu à Mãe Igreja para serem alimentados. (14) O leão, soberbo pela própria natureza, não sabe misturar-se às espécies de outros animais ferozes, mas, como um rei, desdenha o convívio com muitos deles. Quem despreza o alimento amanhecido, tem igualmente aversão pelas sobras de sua própria comida. Que fera ousa associar-se a ele, cuja voz infunde naturalmente tanto terror, que muitos animais que, pela velocidade, poderiam escapar de seu ataque, ao som de seu rugido desfalecem, como que atordoados e golpeados com força? (15) Quanto à aparência do leopardo, a Escritura também não se calou, porque este animal revela várias mudanças de sua alma pela variação de sua cor. Diz, com efeito, Jeremias: *se o Etíope mudar sua pele e o leopardo sua cor*.<sup>18</sup> Isto deve ser entendido não só em relação à aparência, mas também à mutabilidade da cólera; é por isso que, devido às mudanças tenebrosas, turbulentas e inconstantes de sua mente infiel e de seu espírito, o corrompido povo judeu já não pode conservar a graça do bem que lhe foi proposto, nem voltar-se para nenhuma emenda ou correção, porque se revestiu irrevogavelmente de fera crueldade.

**4,16.** Há também na natureza dos quadrúpedes algo que as palavras do profeta nos exortam a imitar; pelo exemplo seguinte, tomemos cuidado com a preguiça e não abandonemos o zelo pela virtude por causa da pequenez e da fraqueza do corpo, nem nos afastemos da grandeza do que nos foi proposto. A formiga é, de fato, pequena, mas surpreende os animais maiores por sua força e não trabalha obrigada como escrava: espontaneamente, por providência, prepara de antemão recursos para alimentar-se no futuro. A Escritura te aconselha a imitar a arte dela, dizendo: *compara-te com a formiga, ó preguiçoso; imita seus caminhos e sê mais sábio do que ela*.<sup>19</sup> Com efeito, ela nada cultiva: não tem quem a domine, nem trabalha para um patrão, e prepara sua comida colhendo para si a messe de seus trabalhos! E quando tu muitas vezes passas necessidade, a ela nada falta. Para ela, não há celeiros fechados, piquetes impenetráveis, silos invioláveis. O vigia olha e não consegue impedir os furtos, o dono enxerga e não recupera seus prejuízos. Os despojos são transportados pelo negro esquadrão através dos campos, as veredas se animam com o cortejo das viandantes, e os grãos maiores, que elas não podem pegar com a boca estreita, arrastam-nos sobre os ombros.<sup>20</sup> O dono da messe vê isto e envergonha-se de negar ganhos tão parcos à piedosa arte. (17) O que direi dos cães, em cuja natureza está como que inscrito render graças e montar solícita guarda para a segurança dos donos? Por isso, clama a Escritura aos esquecidos deste serviço, aos negligentes e preguiçosos: *cães mudos, incapazes de ladrar*.<sup>21</sup> Portanto, são cães os que sabem latir pelos donos, os que sabem defender suas casas. Por isso, aprende tu também a fazer ouvir tua voz por Cristo, quando grandes lobos invadem o aprisco de Cristo; aprende a ter a palavra em tua boca, para não parecer que negligenciaste com o silêncio da prevaricação a guarda da fé que te foi confiada, como se fosses um cão mudo. Tal qual um cão é o

viajante e companheiro do anjo, que no livro profético Rafael julgou oportuno juntar a si e ao filho de Tobias, quando prosseguia no caminho,<sup>22</sup> para pôr Asmodeu<sup>23</sup> em fuga e consolidar o casamento;<sup>24</sup> com efeito, por ter sido lembrado o sentimento, foi expulso o demônio e consumou-se o casamento<sup>25</sup>. E assim, pela figura de um animal mudo, São Rafael, o anjo que recebera o jovem Tobias para proteger, ensinava-lhe o sentimento de render graças. Com efeito, quem não se envergonharia de não render graças aos que lhe prestaram um grande serviço, quando vê que até os animais refugam a acusação de ingratidão? Eles guardam a memória do alimento repartido, e tu não te recordas da salvação que recebeste?

18. A urso é certamente traiçoeira,<sup>26</sup> como diz a Escritura (de fato, é um animal cheio de manhas); conta-se, entretanto, que dá à luz de seu ventre filhotes disformes, mas lambe os recém-nascidos com a língua, até formá-los à sua imagem e semelhança. Em uma fera, não te admiras de serviços de boca tão piedosa? A piedade manifesta sua natureza. A urso, pois, forma seus filhotes à sua semelhança, e tu não podes tornar teus filhos semelhantes a ti? (19) O que dizer ainda da arte de curar, que ela não negligencia? Com efeito, quando atingida por grande massacre e machucada por ferimentos, sabe medicar-se com uma erva de nome *flomus*<sup>27</sup> (verbasco), como é chamada pelos gregos, passando-a sobre suas feridas,<sup>28</sup> que ficam curadas ao simples toque.<sup>29</sup> A serpente também repele uma eventual cegueira comendo funcho. Assim, quando sente a vista escurecer, procura remédios conhecidos e não se decepciona com o resultado.<sup>30</sup> A tartaruga que comeu carne de serpente, ao perceber o veneno serpeando dentro de si, para salvar sua vida exerce a medicina com o orégão e, embora se afunde nos pântanos lamacentos, sabe curar-se com o antídoto apropriado e prova que conhece também os poderes das ervas como auxílio certo para a saúde. Podes ver ainda a raposa medicando-se com a resina do pinheiro e retardando o momento da morte iminente com tal remédio. (20)<sup>31</sup> Clama o próprio Senhor no livro de Jeremias: *a rola e a andorinha, pássaros do campo, guardam os tempos de sua migração, mas meu povo não conheceu os juízos do Senhor.*<sup>32</sup> A andorinha sabe quando deve vir e também quando deve voltar; a piedosa ave sabe ainda dar um sinal de sua vinda pelo testemunho da primavera. Até a formiga sabe reconhecer os tempos de serenidade, pois quando percebe que os frutos de sua colheita estão úmidos, molhados de chuva, depois de observar cuidadosamente quando é que o ar pode manter uma temperatura constante, abre os formigueiros e transporta os grãos para fora das tocas em seus ombros, para que sequem ao sol constante. De fato, em todos aqueles dias absolutamente não vês chuvas caírem das nuvens,<sup>33</sup> a não ser que a formiga recolha seus mantimentos nos próprios celeiros. Os bois sabem permanecer nos estábulos quando ameaça chover. Mas, quando, pelo senso natural, percebem mudança no céu, olham para fora e todos de uma vez esticam o pescoço para fora do estábulo, indicando que querem sair. A ovelha, premida pela chegada inexorável do inverno, arranca capim insaciavelmente para alimentar-se, porque pressente que no rigor do inverno vai faltar comida; assim, farta-se de pastar, antes que acabe todo o capim, queimado pelo gelo. O ouriço da terra, vulgarmente chamado ouriço, se pressentir alguma armadilha, fecha-se em seus espinhos, recolhendo-se em sua armadura;<sup>34</sup> assim, qualquer um que tente atingi-lo fica ferido. E o mesmo ouriço, prevendo o futuro, prepara para si duas vias respiratórias: quando percebe que vai soprar o vento do norte, fecha a via do norte; quando percebe que as nuvens do céu são varridas pelo vento do sul, volta-se para o norte, desviando-se assim dos ventos contrários e prejudiciais da região.

21. Por isso, o profeta elevou digno louvor ao Senhor, dizendo: *quão imensas são tuas obras, ó Senhor! Fizeste todas com sabedoria.*<sup>35</sup> A sabedoria divina penetra todas, enche todas, e a maior riqueza reside nos sentidos dos irracionais – mais do que nas disputas dos racionais; de fato, é mais forte o testemunho da natureza do que o argumento da doutrina. Que animal desconhece o modo de salvar sua vida, resistindo, se é suficiente a coragem, fugindo, se basta a velocidade, precavendo-se, se é necessário astúcia? Quem lhes deu conhecimento das ervas de efeito medicinal? Somos homens e muitas vezes deixamo-nos enganar pela aparência das ervas, muitas vezes descobrimos que aquelas que julgamos salutares, são nocivas. Quantas vezes, entre doces iguarias, já se insinuou um alimento mortal e por entre os próprios guardas dos escravos da corte um alimento fatal já penetrou as vísceras reais! Os animais sabem discernir apenas pelo cheiro os alimentos nocivos e os salutares; a erva não é provada por nenhum precursor, por nenhum pregustador, e não causa dano; a melhor mestra da verdade é, pois, a natureza. Sem o magistério de ninguém, ela infunde em nossos sentidos a suavidade da saúde; ela mesma ensina que é preciso fugir da aspereza da dor. Por um lado, é mais doce a vida, por outro é mais amarga a morte. A natureza confia à leoa seus leõezinhos e amolece a fera cruel com o sentimento materno. Interpela a ferocidade da fêmea do tigre, fazendo-a voltar-se ameaçadora para a presa. Com efeito, quando ela encontra a toca roubada, sem o filhote, imediatamente segue os rastros do raptor. Este, embora montado em cavalo rápido, mas vendo que pode ser ultrapassado pela velocidade da fera e que não pode dispor de nenhuma ajuda para escapar, prepara com má fé o seguinte ardil: ao perceber que será apanhado, joga uma bola de vidro; a fera é iludida por sua própria imagem e pensa que é o filhote. Refreia o ímpeto, querendo pegá-lo. Retardada pela aparência vã, novamente junta todas as forças para agarrar o cavaleiro e, estimulada pela ira, ameaça o fugitivo com maior velocidade. Pela segunda vez, ele a retarda, lançando-lhe outra bola, e nem a lembrança do engodo exclui o zelo materno. Revira a imagem vazia e para, como se fosse amamentar o filhote. Assim, enganada pelo zelo de sua piedade, perde a vingança e o filhote. (22) É o que nos apresenta a Escritura que diz: *filhos, amai vossos pais; pais, não provoqueis vossos filhos à ira;*<sup>36</sup> a natureza infunde isto nas feras, para que elas amem suas próprias crias, estimem seus filhotes. Elas não conhecem ódios de madrastas; as mães, no acasalamento seguinte, não se deixam perverter pela prole e não têm preferência pelos filhos da união posterior, negligenciando os da anterior. Reconhecem seus filhotes, não conhecem diferença de amor, incentivos de ódios, separações de inimizadas. A natureza das feras é simples, desconhece fraudes à verdade. Com efeito, o Senhor assim dispôs convenientemente todas as criaturas, de modo que aquelas às quais deu menos razão, favoreceu com mais sentimento. Que fera não se expõe, ela própria, até à morte por amor de seus filhotes? Que fera, ainda que sitiada por inúmeras fileiras de soldados, não protege seus filhotes em seu seio? Pode sobrevir uma saraivada de dardos,<sup>37</sup> ela defende do perigo as crias, cercando-as ilesas com o muro de seu corpo. O que diz o homem, que despreza o mandamento, esquece a natureza? O filho despreza o pai, o pai abandona o filho: e julgam que é lícito rejeitar a fecundidade. O pai, que declara sem valor aquilo que gerou, em verdade rejeita a si mesmo: e isto é levado em conta de autoridade, enquanto a natureza é lesada pela esterilidade.

23.<sup>38</sup> Ninguém duvidaria de que o cão seja privado de razão; entretanto, se considerasses o vigor de seus sentidos, pensarias que ele adquiriu para si a força da razão pela sagacidade dos sentidos. Afinal, aquilo que poucos mal puderam aprender, organizando-se em escolas filosóficas e passando um longo período da vida estudando – como, por exemplo, estabelecer as conexões dos silogismos – pode-se pensar que é facilmente compreendido pela sabedoria natural do cão. Com efeito, quando ele encontra

pegadas de lebre ou de cervo e chega a um desvio da senda, a uma espécie de encruzilhada de caminhos que se divide em várias partes, percorre o começo de cada vereda e silenciosamente discute consigo mesmo, como que emitindo sua voz silogística, pela sagacidade na captação de odores: “Ou se desviou para este lado ou para aquele”, diz, “ou com certeza se dirigiu para esta curva, mas não entrou nem por esse nem por aquele caminho. Resta, pois, sem dúvida, que se dirigiu para essa parte”. Aquilo que os homens mal relacionam depois de longa reflexão, feita com arte, os cães têm à sua disposição por natureza, de forma que farejam a mentira e, rejeitando a falsidade, encontram a verdade. Porventura todos os dias os filósofos não reduzem suas proposições a pó,<sup>39</sup> dividindo-se entre si? Não expõem com a varinha<sup>40</sup> cada uma delas, e das três (como é necessário que apenas uma delas seja verdadeira) eliminam primeiramente duas, por considerá-las concordes com a mentira, e assim estabelecem que a força da verdade reside naquela que sobrou? Quem pode ser tão constante no serviço e tão lembrado dos favores? Pois os cães não sabem também lançar-se sobre os ladrões em defesa do dono, e impedir a aproximação de estranhos à noite, e morrer por seus donos, e não estão preparados para morrer junto com seus donos? Muitas vezes também foram os cães que descobriram indícios evidentes de um cadáver enterrado, para acusar os réus, e seu testemunho mudo muitas vezes teve credibilidade. (24) Dizem que em Antioquia, na parte mais afastada da cidade, na hora do crepúsculo, mataram um homem que tinha junto de si um cão. O autor do crime fora certamente um certo soldado, com a intenção de roubar. Oculto pela escuridão do dia ainda em começo, o homem retirara-se para outras partes: o cadáver jazia insepulto, um grupo numeroso de curiosos ali permanecia, o cão chorava a desgraça de seu dono por causa de um lucro lastimável. Casualmente, aquele que cometera o assassinato, como procede a astúcia da mente humana, presumindo a garantia de andar em lugar público para granjear a fé de sua inocência, aproximou-se daquela roda de curiosos e, como quem se apieda, achegou-se ao cadáver. Então, o cão pegou em armas para vingar o sofrimento causado pelo roubo cometido havia pouco; manteve preso o ladrão e, numa espécie de peroração, como que sussurrando em canto patético, arrancou lágrimas de todos, conferiu credibilidade à prova, porque agarrou um só dentre muitos e não o deixou. Finalmente o assassino, perturbado por não poder contestar indício tão manifesto de sua culpa, sem poder objetar ódio, nem inimizade, nem inveja ou alguma ofensa, não conseguiu negar o crime por muito tempo. E assim, já que não pudera garantir a defesa, porque era mais difícil, o cão conseguiu o castigo. Que digna retribuição damos a nosso criador, de quem nos vem o alimento? Além de ocultarmos nossas ofensas, muitas vezes oferecemos aos inimigos de Deus os banquetes que recebemos de Deus!

25. Que pode ser mais simples do que os cordeirinhos, que podemos comparar a criancinhas muito novas? Frequentemente, num grande rebanho, um cordeirinho destes, vagueando pelos currais, afasta-se da mãe e, como não consegue encontrá-la, chama a ausente com um balido ininterrupto, de modo a incitá-la a responder-lhe com a voz e assim poder dirigir seus passos errantes até o balido dela. Ainda que se encontre entre muitas mil ovelhas, reconhece a voz da mãe, apressa-se para ela e procura as fontes do leite materno, suas conhecidas. Embora tomado pelo desejo de comida e bebida, passa por tetas alheias repletas, transbordantes de leite, mas só procura a mãe, indicando que os pobres sucos do seio materno escorrem abundantemente só para ele. Ela também, entre muitos mil cordeirinhos, reconhece o filho único. É o mesmo o balido de muitos, a aparência é a mesma: contudo, ela distingue sua cria das demais e reconhece o filho único pelo silencioso testemunho da piedade. O pastor erra na separação das ovelhas, o cordeirinho não pode errar no reconhecimento da mãe. O pastor deixa-se enganar pela aparência, mas a piedade não deixa a ovelha enganar-se. É o mesmo o cheiro de todos, mas a natureza tem o seu próprio cheiro, do qual parecem impregnados os filhotes, por uma especial



propriedade amorosa. (26) A natureza tem seus usos e sentimentos familiares. Mal começam a romper os dentes de um menino, ele já sabe experimentar suas armas. O cachorrinho ainda não tem dentes, e como se já os tivesse, quer tirar vingança com sua boca. O cervo ainda não tem chifres, e contudo investe com a testa e faz ameaças com armas que ainda não conhece.<sup>41</sup> O lobo, se vê o homem antes, solta a voz e despreza-o, como se fosse vencedor porque grita mais alto;<sup>42</sup> entretanto, se perceber que foi visto antes, perde a ferocidade, não pode correr. O leão tem medo do galo,<sup>43</sup> principalmente do branco. A cabra ferida procura uma planta chamada dictamnó<sup>44</sup> e tira as flechas da ferida. Até os animais conhecem seus remédios. O leão doente procura uma macaca para comê-la e poder sarar. O leopardo bebe o sangue da cabra selvagem e espanta a força da doença. Toda fera doente se cura bebendo sangue de cachorro;<sup>45</sup> o urso doente come formigas,<sup>46</sup> o cervo come pequenos ramos de oliveira.

27. Portanto, os animais sabem procurar as coisas que lhes são proveitosas: tu, ó homem, não conheces teus remédios. Tu não sabes como tirar a força do adversário, para que, tal qual lobo passado para trás, ele não possa fugir de ti, e assim, com o olho de tua mente, possas surpreender sua perfídia, ser o primeiro a impedir o curso de suas palavras, a enfraquecer sua impudência e a sagacidade de sua argumentação. Porque, se ele te preceder, vai tirar-te a voz. E se emudeceres, entrega teu manto para soltar a fala, e se o lobo se levantar contra ti, pega uma pedra e foge. Tua pedra é Cristo. Se correres para Cristo, o lobo fugirá e não poderá atemorizar-te. Foi esta a pedra que Pedro, ao titubear nas ondas, procurou e encontrou, porque segurou a mão direita de Cristo.<sup>47</sup> (28) Que direi dos homens que se deliciam com alho e consomem como alimento aquilo que o leopardo evita? Pois se alguém decidir esfregar alho em algum lugar, o leopardo pula fora e não fica ali. Aquilo cujo odor a fera venenosa não pode suportar – tu o consumes como alimento, vertendo-o no interior de tuas vísceras! Mas ele cura algumas dores: que seja então consumido como remédio, não como alimento, que seja consumido pelos que estão doentes, não pelos que se banqueteiam. Buscas o medicamento e deixas o jejum, como se pudesses encontrar outro remédio maior. Se a serpente provasse o escarro de um homem que jejua, morreria. Vês quanta força tem o jejum, a ponto de o homem que jejua matar com seu escarro a serpente terrena, e com mais razão a espiritual! (29) Quanta prudência o Senhor infunde até nos animais mais pequenos! A rola cobre seu ninho com folhas de cebola, para que o lobo não ataque seus filhotes. Ela sabe que os lobos costumam refugar este tipo de folhas. A raposa sabe como aquecer sua prole e tu ignoras, tu negligencias o modo de manter mais seguros teus descendentes nesta vida, contra os lobos da maldade espiritual?<sup>48</sup>

5,30. Mas voltemos à sequência da criação e consideremos por que razão o Senhor fez mais curto o pescoço de uns animais, como os leões e os tigres, os ursos também, e mais longo o de outros, como os elefantes e camelos. Porventura a causa evidente não é que para os animais que se alimentam de carne não seria necessário um pescoço tão longo? Com efeito, não abaixam o pescoço e a boca até a terra para pastar, mas ou se lançam sobre um cervo ou despedaçam um boi ou uma ovelha. O camelo, porém, por ser mais alto, como poderia alimentar-se de ervas pequeníssimas, a não ser que abaixasse o longo pescoço até a terra, para pastar? Assim o camelo, em virtude de sua altura, obteve por sorte um pescoço mais longo; o cavalo, pela mesma razão, e o boi igualmente; todos eles, com efeito, se alimentam de ervas. (31)<sup>49</sup> O elefante, além disso, tem uma tromba saliente, porque, como é o mais alto de todos, não pode inclinar-se para pastar. Assim, serve-se dela para pegar o alimento. Ela derrama no enorme animal grandes golfadas de água e por isso é côncava, a fim de esvaziar lagos

cheios para matar a sede de bicho tão grande; recolhe um rio para inundar o sedento. Com razão seu pescoço é menor do que exigiria a massa de um corpo tão grande: é também para não ser mais pesado do que útil. Por isso ele não dobra os joelhos: porque lhe foram necessárias pernas mais duras, para poderem sustentar, como colunas, tão grande máquina de membros. Curva levemente o casco, o restante das patas é rijo desde cima até embaixo. Um animal tão grande não pode curvar-se como nós, que nos abaixamos dobrando os joelhos, e não pode certamente ter em comum com os outros animais o costume de rolar nem de curvar-se. Apoia-se de um lado e de outro nas maiores árvores, para poder curvar-se um pouco sem perigo enquanto dorme, porque sua pata absolutamente não se separa na junção das articulações. Assim, para os elefantes domesticados, que têm este costume, prepara-se engenhosamente esta espécie de leitos; mas para os selvagens e agrestes, aos quais ninguém submete e que podem opor resistência a estes leitos, este costume pode tornar-se um perigo. (32) Com efeito, apoiados à árvore, ou encostam os flancos<sup>50</sup> ou relaxam-se, adormecidos. Esta, algumas vezes, vencida e curvada por um corpo tão grande, quebra-se – e aquele que se esparramara sobre ela, cai e não pode erguer-se nem levantar-se; jazendo ali, morre ou fica estendido, soltando gemidos e expondo-se a ferimentos no ventre e nas outras partes mais moles, pois nenhum dardo pode penetrar com facilidade seu dorso e suas outras partes externas. Contudo, há quem lhes prepare esta armadilha, por causa do marfim; em grande quantidade das árvores nas quais eles costumam encostar-se, fazem um corte do lado oposto, onde eles se encostam com menos frequência, de modo que, quando o elefante se apoia, as árvores não conseguem sustentar o peso de seus membros e provocam sua queda. (33) Mas se alguém é capaz de deter estas quedas, detenha também os altos edifícios, porque estão sujeitos a uma queda maior e muito dificilmente os que caem são reconstruídos. Em verdade, se construímos com frequência altos edifícios, ou pela beleza, ou como postos de observação, devemos prová-los com os elefantes, porque estes prestam um grande serviço nas operações bélicas. É por isso que os Persas, valentes na guerra e muito bons em qualquer arremesso de setas e dardos, porque, sustentados por apoio tão forte, lançam os dardos de cima para baixo, têm um exército que avança como que cercado por torres ambulantes.<sup>51</sup> No meio dos campos combatem como que de cima de uma muralha; como se estivessem colocados numa espécie de cidadela ou mirante, mais contemplam os combates do que atacam; assim, longe do perigo, parecem protegidos por uma multidão de animais. Com efeito, quem ousaria aproximar-se deles, se pode ser facilmente traspassado por dardos vindos de cima, e esmagado embaixo pelo embate dos elefantes? Enfim, as fileiras e as vanguardas dos soldados recuam diante deles, e os quadrados militares se desfazem. Eles caem sobre os inimigos com ímpeto irreprimível, e não são detidos por nenhum esquadrão de guerreiros, por nenhuma legião de soldados, por nenhum obstáculo de escudos; como montanhas móveis, lançam-se ao combate e elevam-se como colinas em seu alto vértice; com o fragor de seu mugido, perturbam a segurança de todos. O que pode fazer a infantaria, ainda que tenha braços fortes e mãos corajosas, quando um muro que se move caminhando, cercado de soldados, avança contra os homens? O que pode fazer a cavalaria, quando o cavalo foge, espantado pela ferocidade de um animal tão grande? O que pode fazer o flecheiro, quando, em cima, os corpos dos soldados, com armadura de ferro, não podem sentir o golpe dos dardos? E quando o animal, mesmo despido, é impenetrável pelo ferro, ainda mais protegido por uma couraça, rompe as fileiras contrárias sem expor-se ao perigo, esmagando os esquadrões? (34) Assim como grandes edifícios, assim também os elefantes são sustentados por alicerces muito resistentes; por outro lado, se fossem sustentados por pés deficientes, dentro de pouco tempo cairiam. Dizem que eles vivem mais de trezentos anos, porque todos os seus membros são adequados a seu tamanho. É por isso que não têm membros articulados como nós, mas compactos, para serem mais fortes. Se os

homens permanecem de pé por muito tempo, ou se correm mais velozmente, ou andam sem parar, como ficam logo maltratados seus joelhos e seus pés! Com efeito, os membros unidos por articulações são mais facilmente acometidos pela dor ou pelos choques. (35) E por que te admiras de serem os elefantes temidos quando cobertos de armas, se estão sempre armados por seus próprios dentes, que são como dardos naturais? Quebram qualquer coisa que envolvem com sua tromba, matam qualquer um que esmagam com o pé, como a queda de uma enorme ruína. Envolvem com a tromba as árvores para lhes servirem de alimento e, como alguns dragões muito altos, agitam as que agarraram, em sinuosas espirais. Muitas vezes juntam as trombas em círculo, sobretudo porque da terra se colhe o alimento e se haure a bebida. Assim, são para nós um documento de que nada de supérfluo foi criado. E por outro lado este animal de tamanho tão grande submete-se a nós e obedece às ordens do homem.

6,36. Com efeito, já que haveremos de falar sobre a criação do homem, devemos antecipar e pregar o seu valor. A criação parece não ter nada mais forte do que os elefantes, nada tão terrível e tão grande; nada tão feroz quanto os leões e os tigres. E estes animais servem ao homem e contrariam sua natureza quando adestrados pelo homem. Esquecem-se de como nasceram e vestem o que lhes mandam.<sup>52</sup> Que mais ainda? São ensinados como crianças, servem como os fracos, são admoestados como os medrosos, são corrigidos como os súditos, adotam os nossos costumes, porque perderam os próprios. (37) É, pois, admirável a natureza nas maiores coisas – *admirável*, de fato, *é o Senhor nas alturas* –,<sup>53</sup> e admirável também nas menores. Com efeito, assim como não admiramos menos a planura dos campos do que a altura dos montes, nem nos espantamos mais com a altura do cedro do que com a fertilidade da videira ou da pequena oliveira – assim também não tenho mais admiração pelo elefante, por ser grande, do que pelo rato, porque é terrível como o elefante.<sup>54</sup> A natureza tem, pois, esta capacidade: as coisas que são terríveis para alguns, para outros são débeis. Com efeito, foi dada uma certa prerrogativa para cada criatura, de modo que cada uma é defendida por alguns privilégios que lhes são próprios. O elefante, terrível para os touros, tem medo do rato. O leão, certamente rei dos animais, é atormentado pelo pequeno ferrão do escorpião e morre com o veneno da serpente. É extraordinária a beleza do leão: sacode os galhos com o pescoço coberto pela juba<sup>55</sup> e ergue a voz com o peito inchado: mas quem não se admira de que do ferrão do escorpião, tão pequeno que julgarias incorpóreo, vem a morte para estes corpos enormes?

38.<sup>56</sup> E ninguém censura que o criador da serpente tenha misturado às suas criaturas mais outras espécies de animais e plantas venenosas. Estas plantas nasceram para nossa correção, não para nossa deformação. Pois aquelas que, para os indolentes, fracos e ímpios, são muitas vezes tropeço ou terror – para outros são como o pedagogo para as crianças. Parecem amargas, acerbadas e molestas, terríveis como chicotadas, cerceiam a liberdade de divertir-se, impõem a necessidade de disciplina, reprimem pelo medo os espíritos pueris, para que não se deixem levar pelo luxo; por isso, estão livres de sua severidade, pelo bom procedimento, os sóbrios, os continentes, mais dados ao louvor do que ao prazer. Vês como avançam esses ramos terríveis? São como serpentes os ramos dos que têm pouca idade espiritual e cuja virtude é de uma mente pueril: na verdade, porém, não podem prejudicar os mais fortes. Enfim, foi dito para quem confia no Senhor: *andarás sobre a áspide e o basilisco e calcarás aos pés o leão e o dragão.*<sup>57</sup> Uma víbora mordeu Paulo, e julgavam-no um pecador que, embora salvo do naufrágio, haveria de morrer por causa do veneno: mas depois que ele sacudiu a víbora no fogo e permaneceu invulnerável, maior veneração encontrou junto àqueles que olhavam.<sup>58</sup> Mas é o próprio Senhor que diz a todos: *aquele que acreditar e for batizado será salvo; aquele, porém, que não*

*acreditar será condenado.*<sup>59</sup> Disse também que seriam estes os sinais dos que cressem: afagariam as serpentes com a mão e ainda que tomassem veneno ou qualquer outra bebida mortífera, não poderiam ser prejudicados.<sup>60</sup> Portanto, ó homem, debes temer mais tua incredulidade do que os venenos das serpentes. Mas teme os venenos, para que o seu temor possa pelo menos incitar-te à fé. Porque, se não temes a Deus, temerás os venenos vingadores da perfídia. (39) Agora, já que vês os elefantes como teus súditos e os leões sujeitos a ti, conhece-te a ti mesmo, ó homem, porque não é de Apolo Pítio, como dizem, mas do santo Salomão, a palavra que diz: *se não te conheceres, formosa entre as mulheres,*<sup>61</sup> embora muito antes Moisés já tivesse escrito no livro do Deuteronômio: *Fica atento a ti mesmo.*<sup>62</sup> Homem, *fica atento a ti mesmo,*<sup>63</sup> diz a Lei, e o profeta diz: *se não te conheceres.*<sup>64</sup> A quem diz isto? *Formosa entre as mulheres,*<sup>65</sup> diz ele. Quem é formosa entre as mulheres, senão a alma, que em ambos os sexos possui a superioridade da beleza? E é bela com razão, porque não deseja as coisas terrenas, mas as celestes, nem as corruptíveis, mas as incorruptíveis, nas quais a beleza não costuma perecer; com efeito, todas as coisas corpóreas murcham com o passar do tempo ou com uma infinidade de doenças. Fica atento a esta beleza na qual está todo o teu ser, diz Moisés, na qual está tua melhor parte. Finalmente, o Senhor interpretou quem tu és, ao dizer: *ficai atentos aos falsos profetas;*<sup>66</sup> pois estes debilitam a alma, arruinam a mente. Portanto, tu não és carne. O que é a carne, sem o comando da alma, sem o vigor da mente? A carne hoje se põe, amanhã se depõe. A carne é temporária, a alma é duradoura. A carne é o manto da alma; a alma se reveste da carne como que com a roupa do corpo. Portanto, tu não és a roupa, mas sim aquele que usa a roupa. Por isso se diz para ti que, despojando-te do velho homem com seus atos, vistas o novo, que se renova não na qualidade do corpo, mas no espírito da mente e no conhecimento.<sup>67</sup> Não, digo eu, tu não és carne; com efeito, não é à carne que se diz: *pois o templo de Deus é santo, e este templo sois vós,*<sup>68</sup> e em outro lugar: *vós sois o templo de Deus, e o Espírito Santo de Deus habita em vós,*<sup>69</sup> – mas se diz aos renovados e fiéis, nos quais permanece o Espírito de Deus. Nos carnis, porém, o Espírito não permanece,<sup>70</sup> porque está escrito: *meu Espírito não permanecerá nestes homens, porque são carnis.*<sup>71</sup>

7,40. Mas consideremos a sequência de nossa própria criação. *Façamos*, diz a Escritura, *o homem à nossa imagem e semelhança.*<sup>72</sup> Quem diz isto? Porventura não é Deus, que te fez? O que é Deus? Carne ou espírito? Certamente não é carne, mas espírito, ao qual a carne não pode ser semelhante, porque o espírito é incorpóreo e invisível, ao passo que a carne se percebe e se vê. A quem Deus diz? Não é com certeza a si mesmo, porque não diz “faça eu”, mas “façamos”;<sup>73</sup> não é aos anjos, porque são seus ministros, e os servos não podem ter participação na obra do Senhor, nem as obras na ação do autor; diz ao Filho, embora não queiram os Judeus, embora repugne aos Arianos. Mas calem-se os Judeus e emudeçam os Arianos com seus súditos, que, ao excluírem um só da participação na obra divina, inserem muitos e concedem a escravos a prerrogativa que negam ao Filho. (41) Mas seja: que Deus vos pareça ter necessidade de servos para ajudá-lo a agir. Se a ação é comum a Deus e aos anjos, porventura a imagem é comum a Deus e aos anjos? Acaso ele diria aos anjos: *façamos o homem à nossa imagem e semelhança?*<sup>74</sup> Mas escuta aquele que diz quem é a imagem de Deus: *aquele que nos arrebatou do poder das trevas*, diz, *e nos transportou para o reino do Filho, claridade sua, no qual temos a redenção e a remissão dos pecados, aquele que é a imagem do Deus invisível e o primogênito de toda criatura.*<sup>75</sup> Ele próprio é a imagem do Pai, que sempre é e era no princípio. Enfim, a imagem

é aquele que diz: *Filipe, quem me vê, vê o Pai.*<sup>76</sup> E tu, quando vês a imagem viva do Pai vivente, *como podes dizer: mostra-nos o Pai? Não crês que eu estou no Pai e o Pai está em mim?*<sup>77</sup> A imagem de Deus é a virtude, não a tibieza, a imagem de Deus é a sabedoria, a imagem de Deus é a justiça<sup>78</sup> – e a sabedoria é divina e a justiça é eterna. A imagem de Deus é só aquele que diz: *eu e o Pai somos um,*<sup>79</sup> aquele que tem a semelhança do Pai, assim como tem a unidade da divindade e da plenitude. Onde Deus diz *façamos*, como pode haver desigualdade? Quando novamente diz *à nossa semelhança*, onde está a dissemelhança? Assim também no evangelho, onde diz *eu e o Pai*, certamente não se trata de uma só pessoa; porém, onde diz *somos um*, não há nenhuma discrepância entre a divindade e a obra. Portanto, não há em ambos uma só pessoa, mas uma só substância. E acrescentou com razão *somos*, porque ser é sempre divino, para que tu creias que é coeterno aquele que julgavas ser dissemelhante. De fato, é eterno aquele de quem fala Moisés: *aquele que é me enviou.*<sup>80</sup> E o evangelho, também com muita propriedade, antepôs *eu e o Pai*. Pois se tivesse anteposto o Pai, tu julgarias o Filho menor; mas antepôs o Filho, que não convém crer que é superior ao Pai, e acrescentou o Pai, para que percebas que Deus Pai e Filho não se sujeitam ao preconceito desta ordem.

42. *Fica atento apenas a ti,*<sup>81</sup> diz a Escritura. De fato, nós somos uma coisa, nossas coisas são outras, as coisas que nos cercam são outras. O que nós somos é a alma e a mente, nossas coisas são os membros do corpo e seus sentidos, ao nosso redor está o dinheiro, estão os servos e os aparatos desta vida. Portanto, fica atento a ti, conhece-te a ti mesmo, isto é, não os braços que tens; não quanta força tem teu corpo, não quantas posses, quanto poder – mas como é tua alma e tua mente, de onde saem todas as decisões e à qual se refere o fruto de tuas obras. Ela é, pois, plena de sabedoria, plena de piedade e de justiça, porque toda virtude vem de Deus. A ela Deus diz: *eis, Jerusalém, pinteí teus muros.*<sup>82</sup> Esta é a alma pintada por Deus, que tem em si a graça das virtudes e o resistente esplendor da piedade. Esta alma está bem pintada, nela brilha a imagem da obra divina; esta alma está bem pintada, nela está o esplendor da glória e a imagem da substância do Pai.<sup>83</sup> Conforme esta imagem que refulge, a pintura é preciosa. Conforme esta imagem era Adão antes do pecado, mas quando caiu, depôs a imagem do homem celeste, tomou a imagem do terrestre.<sup>84</sup> Mas fuja desta imagem, que não pode entrar na cidade de Deus, porque está escrito: *Senhor, em tua cidade reduces a nada a imagem deles.*<sup>85</sup> E não entra a imagem indigna, e aquela que entrar é excluída, porque *nela não entrará*, diz a Escritura, *tudo que é comum e quem pratica a execração e a mentira,*<sup>86</sup> mas nela entrará aquele em cuja fronte está escrito o nome do cordeiro.<sup>87</sup> (43) Nossa alma é, pois, à imagem de Deus. Nela estás inteiro, ó homem, porque sem ela nada existe, mas tu és terra e em terra te dissolverás.<sup>88</sup> Enfim, para que saibas que sem a alma a carne nada é, diz a Escritura: *não temais aqueles que podem matar o corpo, mas não podem matar a alma.*<sup>89</sup> Por que então te glorias na carne, tu que nada perdes, se perderes a carne? Mas teme o seguinte: seres privado do socorro de tua alma. Com efeito, o que dará o homem em troca de sua alma,<sup>90</sup> na qual está não pequena parte de si mesmo, mas a substância completa da humanidade total? É por ela que dominas sobre os outros seres vivos, feras e aves; ela é à imagem de Deus, ao passo que o corpo é à imagem dos animais. Nela há um piedoso sinal da imitação divina, nele um indigno consórcio com os animais selvagens e as feras.

8,44. Mas examinemos mais corretamente o que seja *à imagem de Deus*. A carne é porventura à imagem de Deus? Portanto, em Deus há terra, porque a carne é terra; então Deus é corpóreo, então é



fraco como a carne e sujeito às paixões? Mas talvez a cabeça te pareça à semelhança de Deus, porque está elevada, ou os olhos, porque veem, ou os ouvidos, porque ouvem. Se consideras a altura, acaso não parecemos altos, porque nossa cabeça se eleva um pouco acima das terras? Mas será que não nos envergonhamos de dizer-nos semelhantes a Deus por isto: por sermos mais altos do que as serpentes e os outros répteis, ou do que as corças, ou as ovelhas, ou os lobos? E nesta parte, quanto os camelos e os elefantes são mais altos do que nós! Sem dúvida, é uma maravilha observar os elementos do mundo, conhecer as coisas que ninguém relata e teu olhar percebe: mas quanto vale o que vemos, para que por isso digamos ser à semelhança a Deus, que tudo vê, contempla todas as coisas, conhece os sentimentos ocultos, sonda os segredos do coração?<sup>91</sup> Será que não me envergonho de dizer isto, quando eu próprio não posso ver-me por inteiro? Vejo o que está diante de meus pés, o que está às minhas costas não posso ver. Não conheço minha cerviz, não conheço a parte posterior de minha cabeça, não posso ver meus rins.<sup>92</sup> Semelhantemente, o que vale aquilo que ouvimos, se não posso ver nem ouvir aquilo que está um pouco distante? Se no meio há paredes, é impossível a visão, é impossível a audição. Além disso, nosso corpo fica sempre no mesmo lugar, é limitado por um espaço estreito; todos os animais selvagens são maiores que o homem, todos também são mais velozes. (45) Portanto, a carne não pode ser à imagem de Deus, mas sim a nossa alma, que é livre, e vagueia aqui e ali, por diversas cogitações e decisões, e que, pensando, tudo vê. Eis que agora estamos na Itália e nosso pensamento parece voltado para as regiões orientais ou ocidentais; parece que estamos convivendo com os que estão estabelecidos na Pérsia e vemos os que vivem na África; se esta terra receber alguns dos nossos conhecidos, continuamos a caminho, juntamo-nos aos peregrinos, unimo-nos aos ausentes, falamos com os distantes, ressuscitamos até os defuntos para conversar e os abraçamos e apertamos como se estivessem vivos, deferindo-lhes o uso e os deveres da vida. Portanto, é à imagem de Deus aquela que não é avaliada pelo vigor do corpo, mas da mente, que vê os ausentes, percorre com a vista os países ultramarinos, atravessa-os rapidamente com o olhar, sonda-lhes os segredos,<sup>93</sup> aqui e ali, num único momento, espraia seus sentidos pelos lugares secretos de todo o limite do orbe e do mundo: que está unida a Deus, adere a Cristo, desce ao inferno e sobe, vive livre no céu. Enfim, escuta o que diz: *porém nossa morada está no céu.*<sup>94</sup> Ora, não é à imagem de Deus aquela em que Deus sempre está? Escuta então por que é à imagem de Deus. Com efeito, diz o Apóstolo: *e assim nós todos que, com a face descoberta, refletimos a glória de Deus, somos transfigurados nesta mesma imagem, da glória para a glória, como pelo Espírito do Senhor.*<sup>95</sup>

46. Portanto, já que sabemos que a alma é à imagem de Deus, consideremos agora se se pode dizer a respeito da alma: *façamos o homem*. Mas escuta também isto, porque a alma é designada pelo nome de homem. Está escrito no Gênesis: *os filhos de José, que lhe nasceram no Egito, eram nove almas. Portanto, todas as almas, que entraram com Jacó no Egito, eram setenta e cinco.*<sup>96</sup> E com muita propriedade alma significa *homo* em latim ou *ἄνθρωπος* em grego, primeiro pela humanidade, segundo porque tem uma vivacidade para enxergar, que sem dúvida se adapta mais à alma do que ao corpo. Para este fato concorre justamente o que foi dito nas Lamentações de Jeremias: *o Senhor é bom para os que o sustentam, para a alma que o procura.*<sup>97</sup> Falou a respeito dos homens e julgou que deveria acrescentar a alma; com efeito, esta procura a melhor parte, se está só, separada da lama do corpo e do desejo carnal. Ela própria é à imagem de Deus, conforme ao Senhor Jesus, e os que são conformes ao Filho de Deus são santos. Pois assim lemos quando diz Paulo: *sabemos, porém, que para os que amam a Deus tudo concorre para o bem, para estes que segundo seu desígnio são chamados*

santos, os quais ele sabia de antemão e destinou a se tornarem conformes à imagem de seu Filho, para que ele próprio seja o primogênito entre muitos irmãos. Aos que destinou, também os chamou, e aos que chamou, também os justificou, aos que justificou, também os glorificou.<sup>98</sup> Peço-te que me respondas, pois, se julgas que a justificação te foi dada segundo o corpo ou segundo a alma. Mas não podes duvidar, porque a justiça, de onde deriva *justificação*, é com certeza da mente e não do corpo. (47) Portanto, tu foste pintado, ó homem, pintado pelo Senhor teu Deus. Tens um bom artífice e pintor. Não destruas a boa pintura, refulgente não de púrpura, mas de verdade; reproduzida não em cera, mas pela graça. Destróis a pintura, ó mulher, se cobres teu rosto de uma brancura material, se nele espalhas um vermelho artificial. Essa é a pintura do vício, não do decoro, essa é a pintura da fraude, não da simplicidade, essa é a pintura temporal – sai com a chuva ou com o suor –; essa pintura engana e ilude, e desta forma nem agrada a quem queres agradar, que entende que aquilo que lhe agrada não é teu, mas alheio, e desagradada a teu autor, que vê que sua obra foi destruída. Dize-me: se colocas algum artífice acima de outro, para recobrir a obra do primeiro, superpondo-lhe novas obras, porventura aquele que sabe que sua obra foi adulterada não fica aborrecido? Não tomes a pintura de Deus para assumir a pintura de uma meretriz, porque está escrito: *tomarei os membros de Cristo e os farei membros de uma meretriz? Longe de mim!*<sup>99</sup> Pois se alguém adultera a obra de Deus, comete grave crime. Assim, é um grave crime julgares que um homem te pinte melhor do que Deus. É grave que Deus diga a teu respeito: “não reconheço minhas cores, não reconheço minha imagem, não reconheço minha face, que eu próprio formei. Eu rejeito o que não é meu. Procura aquele que te pintou, associa-te a ele, recebe graça daquele a quem pagaste salário”. (48) O que responderás? Pois se é grave adulterar a obra de Deus, o que diremos daqueles que matam a obra de Deus, que derramam sangue humano, que arrancam a vida que Deus deu, que dizem: *tomemos o justo, porque é incômodo para nós?*<sup>100</sup> Por isso foi bem lido hoje: *as raposas têm tocas e as aves do céu têm ninhos onde possam repousar, mas o filho do homem não tem onde reclinar sua cabeça.*<sup>101</sup> Portanto, a raposa se esconde na toca, as aves se abrigam no ninho: o homem não é escondido na toca, mas apanhado. A toca na verdade é a boca do homem, toca profunda é o coração do homem, onde estão as decisões nocivas e fraudulentas, os maus pensamentos. Tu andas, e outro te prepara uma cova. Andas no meio dos laços<sup>102</sup> que teus inimigos te ocultaram no caminho. Portanto, olha para tudo à tua volta, para que possas fugir das redes como a corça e como a ave do laço.<sup>103</sup> A corça evita as redes pela vivacidade do olhar, a ave evita os laços se sobe às alturas e voa sobre as coisas terrenas; com efeito, no alto ninguém estende redes, ninguém esconde um laço. Por isso, quem tem sua morada no céu, não costuma ser apanhado como presa. Mas por que admirar-se de que o homem seja enganado pelo homem, quando o filho do homem não tinha onde descansar? E foi certamente ele quem fez o homem, de tal forma que nele pudesse reclinar sua cabeça: mas depois que em nosso peito começou a não existir repouso para o próximo, mas uma cova, depois que um começou a armar ciladas para o outro, a quem deveria ajudar, Cristo afastou sua cabeça de nós; contudo, depois, decidiu oferecê-la à morte por nós. Não sejas, pois, fraudulento, cruel, sanguinário, para que em ti Cristo possa reclinar a cabeça.

49. Enfim, embora tivesse feito os peixes, embora tivesse feito as espécies de feras e animais selvagens, não descansou: só descansou depois que fez o homem à sua imagem.<sup>104</sup> Escuta-o dizer em quem ele repousa: *sobre quem repousarei, senão sobre o humilde e tranquilo, que treme diante de minhas palavras?*<sup>105</sup> Sê, pois, humilde e tranquilo, para que Deus repouse em teu espírito. Aquele que não repousou nos animais, com muito mais razão não repousa num coração bestial. Há, com efeito,

ânimos bestiais, existem feras vestidas em forma de homens, sobre as quais diz o Senhor: *estai atentos aos falsos profetas, que vêm a vós vestidos de ovelhas, mas por dentro são lobos devoradores.*<sup>106</sup> Nestes não repousa Deus, mas repousa nos costumes humanos, que Deus fez à sua imagem e semelhança, quando fez o varão, o qual *não deve cobrir sua cabeça, porque é imagem e glória de Deus.*<sup>107</sup> Ele diz à alma deste varão: *Jerusalém, eis que eu pintei teus muros.*<sup>108</sup> Não disse: “pintei teu ventre”, não disse: “pintei tuas partes inferiores”, mas diz: “pintei teus muros”, para afirmar que deu ao homem a poderosa proteção dos muros, de modo que, se houver um guarda vigilante sobre os muros, poderá rechaçar o perigo de um cerco. Diz assim: “não te dei prazeres, não te dei as seduções dos desejos, não te dei os estímulos da luxúria, não te dei a cobiça da beleza alheia, mas te dei os fundamentos dos muros, dei-te os altos cimos das torres; estabelecido nelas, não temas ser expugnado pelo inimigo, nem podes ter medo das terríveis investidas das legiões de ataque”. Enfim, tens em Isaías o que diz a alma do justo ou a Igreja: *eu sou a cidade protegida, eu sou a cidade sitiada,*<sup>109</sup> protegida por Cristo, sitiada pelo diabo. Mas quem tem Cristo como defensor, não deve temer um cerco; está protegido pela graça espiritual e assediado pelos perigos do mundo. Por isso também no Cântico dos Cânticos foi dito para ti: *eu sou o muro, e meus seios são torres.*<sup>110</sup> O muro é a Igreja, suas torres são os sacerdotes, para os quais sobeja a palavra sobre a natureza e a disciplina sobre os costumes. (50) Conhece-te, pois, bela alma, porque és a imagem de Deus. Conhece-te, homem, porque és a glória de Deus.<sup>111</sup> Escuta como és a glória. O profeta diz: *teu conhecimento foi feito admirável por mim,*<sup>112</sup> isto é: em minha obra a mais admirável é tua majestade, no conselho do homem é proclamada tua sabedoria. Ao olhar para dentro de mim, de quem tu percebes os pensamentos mais ocultos e os sentimentos interiores, conheço os mistérios de tua ciência. Conhece-te, pois, ó homem, quanto vales, e fica atento a ti mesmo, para que, quando estiveres embaraçado nos laços do diabo, não te tornes presa do caçador, para que não caias nas fauces daquele odioso leão, que *ruge e rodeia, procurando a quem devorar.*<sup>113</sup> Fica atento a ti mesmo, para examinares o que entra em ti, o que sai de ti.<sup>114</sup> Não estou falando de alimento, que é ingerido e lançado fora, mas falo do pensamento, falo das palavras. Não entre dentro de ti o desejo do leito alheio, não se insinue em tua mente, que teu olho não devore a beleza de uma mulher que está passando, que teu pensamento não a cerque, que tuas palavras não tenham artifícios de tentações, não exponham ao engano, não desonrem o próximo com o opróbrio da maledicência. Deus te fez caçador, não sedutor, quando disse: *eis que envio muitos caçadores,*<sup>115</sup> caçadores não do crime, mas da absolvição, caçadores não da culpa, mas sobretudo da graça. Tu és pescador de Cristo, pois a ti se diz: *Agora serás vivificador de homens.*<sup>116</sup> Lança tuas redes, lança teus olhos, lança tuas palavras, de modo que a ninguém oprimas, mas ergas a quem flutua. *Fica atento a ti mesmo,*<sup>117</sup> diz. Fica de pé, para que não caias; corre, para que alcances o prêmio; luta, para que venças muitas vezes, porque ao legítimo combate está destinada a coroa.<sup>118</sup> És soldado, observa cuidadosamente o inimigo, para que não te assalte durante a noite; és atleta, aproxima do adversário mais tuas mãos do que teu rosto, para que ele não fira teu olho. Que tua vista seja livre, que teu passo seja ágil, para que derrubes o atacante, apanhes o vencido, evites os ferimentos com olhar vigilante,<sup>119</sup> rechaces um forte combate. Mas se fores ferido, fica atento a ti, corre ao médico, procura o remédio da penitência. Fica atento a ti, porque tens a carne, que logo enfraquece. Que venha para ti o bom médico dos espíritos, que a palavra divina derrame sobre ti oráculos do Senhor como remédios salutareis. Fica atento a ti, para que a palavra oculta em teu coração

não se torne iníqua; pois ela se espalha como um veneno e provoca contágios mortais. Fica atento a ti, para que não te esqueças de Deus, que te fez, e não tomes seu nome em vão.<sup>120</sup>

51. Fica atento a ti, diz a lei, quando comeres e estiveres saciado, e edificares casas e começares a habitá-las, e estiveres repleto de teus rebanhos, e tiveres em abundância ouro e prata, e te vangloriares no coração, em meio ao povo, por tudo quanto tens, para que não te esqueças do Senhor teu Deus.<sup>121</sup>

Com efeito, *o que tens, ó homem, que não tenhas recebido?*<sup>122</sup> Acaso todas estas coisas não passam como sombra?<sup>123</sup> Acaso esta tua casa não é pó e ruína? Acaso todas estas coisas não são falsas? Acaso o tesouro deste mundo não é vaidade? Acaso tu mesmo não és cinza? Olha para os sepulcros dos homens e vê o que restará de ti, senão cinza e ossos, isto é, de teu corpo; olha, repito, e diz para mim quem aí é o rico e o pobre. Separa os pobres dos ricos. Todos nós nascemos nus e nus morremos. Não há nenhuma diferença entre os cadáveres dos mortos, a não ser talvez que os corpos dos ricos fedem mais, inchados de comilança. Já ouviste dizer que algum pobre morreu de indigestão? Sua pobreza lhe traz proveito; movimenta-lhe o corpo, não o aniquila. E nem *ouvimos dizer que o justo foi abandonado e sua descendência mendiga pão*,<sup>124</sup> porque aquele que faz o bem, sua terra produz alimentos em abundância. Portanto, fica atento a ti, ó rico, porque também tu, como o pobre, carregas a carne. (52) Fica atento a ti, ó pobre, porque tua alma é preciosa. Ainda que a carne seja mortal, a alma é imortal, ainda que te falte dinheiro, não te falta a graça, ainda que tua casa não seja ampla, tua propriedade não seja extensa, o céu está à tua disposição, a terra é livre. Os elementos foram dados para todos em comum, as belezas do mundo estão à disposição dos ricos e dos pobres. Acaso os telhados de ouro das casas mais preciosas são mais belos do que o aspecto do céu, pontilhado de estrelas refulgentes? Acaso os campos dos ricos são mais amplos do que os espaços das terras? Por isso, àqueles que juntam casa a casa, campo a campo foi dito: *porventura só vós habitais sobre a terra?*<sup>125</sup> Tu tens uma casa maior, ó pobre, na qual clamas e és ouvido. *Ó Israel, diz o profeta, quão grande é a casa de Deus e amplo o lugar de sua posse! É grande e não tem fim, alto e imenso.*<sup>126</sup> A casa de Deus é comum ao rico e ao pobre; contudo, é difícil um rico entrar no reino dos céus.<sup>127</sup> Talvez te entristeças porque não brilhe para ti nenhuma lâmpada de ouro: mas refulge para ti uma lua muito mais brilhante, derramando sua luz. Talvez perguntes sobre o inverno, porque para ti os vapores das fogueiras não aquecem o solo: mas tens o calor do sol, que tempera para ti o orbe das terras e te defende do rigor do inverno. Porventura julgas felizes aqueles que se fazem acompanhar de um bando de seguidores escravos? Ora, aqueles que procuram pés alheios não sabem usar os seus; enfim, são precedidos por poucos, são carregados por muitos, se é que te admiras, porque têm ouro, prata e dinheiro em abundância. Quantas coisas eles têm em abundância tu vês, quantas coisas lhes faltam tu não vês; julgas precioso deitar-se em leitos de marfim e não consideras que é mais preciosa a terra, que estende para o pobre leitos de relva, nos quais é doce o repouso, é suave o sono; que aquele que se deita em leito de ouro, acordado durante toda noite, procura e não encontra. Quão feliz te julga aquele que não dorme, a ti que repousas! Além disso, o que é muito melhor, é que o justo que aqui viver na pobreza, lá terá abundância, e quem aqui suportar o sofrimento, lá terá a consolação; aquele, porém, que receber bens aqui, lá não poderá esperar a recompensa deles;<sup>128</sup> a pobreza, pois, preserva sua recompensa, a riqueza a consome. (53) Portanto, fica atento a ti mesmo, ó pobre, fica atento a ti mesmo, ó rico, porque tanto na pobreza quanto na riqueza há tentações. É por isso que o sábio diz: *não me dês riqueza nem pobreza.*<sup>129</sup> E diz por que razão pede isto: para o homem basta ter o que lhe é suficiente, porque as riquezas encham o ventre de alimentos, tanto quanto o espírito de cuidados e



inquietações. É por isso que pede que lhe sejam concedidas as coisas necessárias e suficientes, *para que, repleto, eu não me torne mentiroso*, diz ele, *e diga: quem me vê? Ou, ficando pobre, não cometa um furto e jure em nome do Senhor.* <sup>130</sup> Assim, é preciso fugir e precaver-se contra as tentações do mundo, para que o pobre não se desespere nem o rico fique arrogante. Pois está escrito: quando vences os povos e começares a usar suas terras, *não digas: minha força e minha mão me prepararam esta posse.* <sup>131</sup> Assim é aquele que atribui suas riquezas a seu próprio mérito e por isso, posto à prova, não reconhece o próprio erro, mas arrasta o pecado com uma longa corda. Pois, se acreditasse que o aumento dos bens seja resultante de um acontecimento fortuito ou da astúcia desonesta, não haveria lugar para a insolência; neles não há louvor algum, mas esforço inútil ou desejo impudente, que não sabe pôr medida à volúpia.

9,54. Mas ainda é preciso dizer algumas coisas sobre o corpo do homem, porque ninguém poderia negar que é superior aos outros, em graça e beleza. Pois, ainda que pareça ser uma só e a mesma a substância de todos os corpos terrenos, embora a força e a estatura sejam maiores em alguns animais, contudo a forma do corpo humano é mais bonita; sua posição é ereta e elevada, sua estatura não é alta demais, nem baixa, vil e abjeta. Assim, a própria compleição do corpo é harmoniosa e graciosa, de forma que não tem o terror de um tamanho bestial, nem a debilidade de uma tênue delicadeza. (55) Mas primeiro de tudo, saibamos que a estrutura do corpo humano é equivalente ao mundo, pois como o céu está acima do ar, das terras e do mar, que são como que os membros do mundo, assim também encontramos a cabeça sobressaindo sobre os restantes membros de nosso corpo; ela é muito superior a todos, como o céu entre os elementos, como a cidadela entre as outras fortificações da cidade. Nesta cidadela habita certa sabedoria real, segundo a palavra profética de que *os olhos do sábio estão em sua cabeça;* <sup>132</sup> ela é mais protegida do que as outras partes e dela provém o vigor e a providência para todos os membros. Com efeito, para que serve a força e a robustez dos músculos, a velocidade dos pés, se não as administra certo poder da cabeça, à semelhança de um príncipe imperial? A partir dela realmente ou se destroem todas as coisas, ou todas se consolidam. O que pode fazer a força, se não usa o olho como condutor para a guerra; a fuga, se falta a visão? O corpo todo é um terrível cárcere num lugar tenebroso, se não for iluminado pela visão dos olhos. Portanto, o que são o sol e a lua no céu, são os olhos no homem. O sol e a lua são os dois luminares do mundo, os olhos, por sua vez, brilham no alto da cabeça como certos astros, iluminam as partes inferiores com uma luz clara e não permitem que nós sejamos envolvidos pelas trevas da noite. Como nossos batedores, dia e noite estão de sentinela. Pois também são despertados do sono mais cedo do que os outros membros e, vigilantes, observam tudo em volta; com efeito, estão mais próximos do cérebro, de onde emana toda a faculdade de ver. Mas que ninguém creia que eu tenha descido aí precipitadamente, abandonando a cabeça para louvar os olhos, porque de certa forma está subentendido o louvor da parte superior; pois é certo que os olhos são uma porção da cabeça. Assim, a cabeça examina todas as coisas com os olhos, sonda as coisas ocultas com os ouvidos, conhece as coisas escondidas, escuta o que os outros fazem na terra. (56) O próprio cimo da cabeça, como é harmonioso e belo! Como são belos os cabelos, quão dignos de respeito nos anciãos, quão veneráveis nos sacerdotes, quão terríveis nos guerreiros, quão belos nos jovens, quão sedutores nas mulheres, quão delicados nas crianças! Para um sexo fica bem uma longa cabeleira, para o outro não fica. <sup>133</sup> Pode-se julgar pelas árvores qual é a graça da cabeça humana. Na cabeça de toda árvore está o fruto, ali está toda a sua beleza, sua folhagem nos cobre das chuvas ou nos protege do sol. Tira a folhagem da árvore, toda a árvore fica desgraciosa. <sup>134</sup> Por isso, quão importante é o ornato da cabeça humana, os cabelos, que protegem e revestem nosso cérebro, isto é, a



sede e a origem de nossos sentidos, para que não seja abalado nem pelo frio, nem pelo calor! Ali está, com efeito, a fonte de todas as coisas e por isso, onde um dano causa prejuízo, aí a graça leva vantagem.

57. Que é o homem sem a cabeça, se ele todo está na cabeça? Quando vês a cabeça, conheces o homem; se falta a cabeça, não pode haver nenhum conhecimento; o tronco jaz desconhecido, sem honra, sem nome.<sup>135</sup> Apenas as cabeças dos príncipes, fundidas em bronze, e os rostos desenhados em bronze ou mármore<sup>136</sup> são adorados pelos homens. Não é, pois, sem razão, que a esta espécie de conselheiro os demais membros servem e carregam em carruagem servil como uma divindade, levando-o colocado no alto. Daí, com sua autoridade de censor, orienta para onde quer os serviços dos servos e decide os preceitos que devem ser obedecidos por cada um. Podes ver como todos os membros militam para seu comandante, sem receber soldo. Uns o transportam, outros o alimentam ou oferecem-lhe seus serviços, respeitam-no como a um príncipe, servem-no como a um senhor. Dele procede uma espécie de senha: os pés devem ir para determinada região, as mãos executam alguns serviços obrigatórios para consumir as operações, o ventre deve manter alguma forma de disciplina imposta, para abster-se ou para comer. (58) A cabeça tem o rosto livre, descoberto nas têmporas nuas, para revelar em seu aspecto a disposição da mente, ora alegre, ora mais triste, ora alçada à severidade, ora mais inclinada à clemência, exprimindo a vontade interna pelos sinais de fora. Uma certa imagem do espírito fala nos olhos, a base da fé, nos quais todo dia se escreve e conserva o nome do Senhor. Acompanham-nos as duas cercas das sobrancelhas, que se estendem para defender os olhos e para ornamentá-los, de modo que seja agradável a beleza do ornamento e persista o zelo da proteção. Pois, se alguma sujeira cair da cabeça, ou pó de areia, ou orvalho de uma nuvem, ou suor úmido da cabeça,<sup>137</sup> será retida pela sobrancelha, para que uma agressão à vista não perturbe as tenras imagens dos olhos delicados.

59. Os olhos aderem às sobrancelhas como a certos montes, de modo que não só estão mais seguros no cimo protetor do monte, mas também, localizados num lugar muito alto, tudo contemplam desta espécie de cenário superior. Pois não convinha que eles fossem humildes como as orelhas ou a boca e o próprio interior das cavidades nasais. Com efeito, um posto de observação sempre fica no alto, para que se possa ver a chegada das tropas inimigas que se aproximam, a fim de que não tomem repentinamente de assalto a população ociosa da cidade nem o exército do imperador. Assim também se previnem as incursões dos ladrões, se nas muralhas, nas torres ou no cimo de um alto monte estão postados exploradores, que olhem de cima os lugares planos, nos quais as ciladas dos ladrões não podem ficar ocultas. Igualmente, se alguém estiver no mar navegando para alcançar a terra, um explorador escolhido sobe ao lugar mais difícil, às pontas mais altas das antenas do navio, e de longe saúda a terra<sup>138</sup> ainda invisível para os outros navegantes. (60) Mas talvez digas: se foi necessário um posto de observação mais alto, por que os olhos não foram colocados no lugar mais elevado da cabeça, como estão nos caranguejos e nos escaravelhos, nos quais, embora não se veja cabeça alguma, o pescoço e as costas são mais altos do que o resto do corpo? É que eles têm uma casca dura e uma pele não tão fina como a nossa, a qual facilmente pode ser ferida e cortada por um framboeseiro ou por outros arbustos espinhosos. Outros animais têm uma compleição tal, que podem voltar os olhos ou para a nuca, como os cavalos, os bois e quase todas as feras, ou para suas asas, como as aves, para obterem um repouso tranquilo. Para nós, porém, é conveniente que os olhos estejam colocados na parte mais alta do corpo,<sup>139</sup> como em uma cidadela, mas estejam protegidos de qualquer lesão, até mesmo a menor, duas coisas que parecem contraditórias entre si. Pois, se estivessem num lugar baixo

por causa da proteção, sua função ficaria prejudicada, e se estivessem na ponta, estariam expostos a ferimentos. Assim, para que coisa alguma os subtraia do desempenho de sua função, e para que não deixem de ver coisa alguma para repelir o perigo, Deus colocou os olhos naquele lugar, onde, de cima, as sobrancelhas proporcionam uma proteção nada desprezível; de baixo, as maçãs do rosto um pouco salientes acrescentam não pequena defesa, as narinas protegem a parte interna; quanto à externa, as protuberâncias salientes da fronte e das maçãs do rosto, e também da articulação dos ossos, podem ser vistas como limites contínuos e conjugados para cercá-los.<sup>140</sup> Entre estes estão os globos oculares, no centro e em segurança, para vigiar e ver, livres e ornados para a graça, porque refulgentes como o aspecto do cristal. No meio deles estão as pupilas, que exercem a função de enxergar. Para que não sobrevenha a estas alguma lesão por ferimento, são protegidas por uma fileira de pelos de um lado e de outro, como que por uma trincheira a circundá-las. Por isso, ao pedir para si um auxílio seguro, o profeta diz: *guarda-me, Senhor, como a pupila do olho*,<sup>141</sup> para que Deus o guardasse com uma proteção tão zelosa e segura quanto a seguríssima trincheira natural com que se dignou resguardar a pupila do olho, tanto para que sua inocência e integridade não sejam violadas pelo contato com uma pequena sujeira e ela perca a função de sua graça, quanto para prover que nenhum pó de erro a obstrua, nem a maltrate algum cisco de pecado. Porque está escrito: *tira primeiro a trave de teu olho e então verás para tirar o cisco do olho de teu irmão*.<sup>142</sup> (61) Assim, dizem os peritos em medicina que é por causa dos olhos que o cérebro do homem está localizado na cabeça, e por sua vez os outros sentidos do nosso corpo estão estabelecidos em certo lugar contíguo, perto do cérebro. Com efeito, o início do movimento voluntário dos nervos e de todos os sentidos é o cérebro e dele procede a causa de todas as coisas que acabamos de dizer. Por sua vez, o início das artérias e do calor interno que animam e aquecem os órgãos vitais, muitos julgam ser o coração. Quanto aos nervos, são como que o órgão de todos os sentidos; originam-se do cérebro como certos fios ou cordas e derivam pelas partes do corpo para todas e quaisquer tarefas. É por isso que o cérebro é mais mole do que os outros órgãos: porque recebe todos os sentidos. Dele também procedem os nervos, que transportam tudo o que o olho vê, ou o ouvido escuta, ou o odor exala, ou a língua faz ressoar, ou o sabor que a boca percebe. Com efeito, o que é mole é mais apto à compaixão, o que é duro é mais eficaz para a ação, por causa de uma certa rigidez dos nervos.

62. É também importantíssima a função da audição, e uma graça quase igual à visão. Por isso as orelhas são mais salientes, não só para serem vistas como um belo ornamento, mas também para captarem tudo quanto escorre da cabeça, cerume ou líquido; ao mesmo tempo, a voz repercutida em suas cavidades entra na sinuosidade interna sem perturbação. Pois se não fosse assim, quem não se voltaria atordoado para qualquer som de voz mais forte, quando, mesmo em meio a estes auxílios, nós frequentemente nos sentimos de repente ensurdecidos com o barulho de uma batida? Então, assim como podes ver, as orelhas estendem uma espécie de trincheira contra a aspereza do frio e a intensidade do calor, de modo que nem o frio penetre nos canais abertos, nem os esquente um calor excessivo. Por sua vez, a sinuosidade interna das orelhas é responsável por certa medida e disciplina musicais, pois através da curvatura das orelhas é produzido um certo ritmo e o som da voz que nelas entrou é como que transformado em melodias. Além disso, o próprio uso das orelhas nos ensina que as curvas são fiéis receptores da palavra, pois nas concavidades das montanhas, no recesso das grutas ou nas curvas dos rios se escuta uma voz mais doce, que ecoa<sup>143</sup> em suaves respostas. Até mesmo o cerume das orelhas tem sua utilidade, porque liga os sons, tornando mais fiel em nós sua lembrança e graça. (63) Quanto às narinas, o que poderei dizer? Servem como uma espécie de caverna para receber

os odores em cavidade dupla e alongada, de forma que o cheiro não passe superficialmente, mas fique muito tempo arraigado a elas e por seu canal alimente o cérebro e os sentidos. É por isso que o odor percebido tem uma fragrância tão duradoura quanto o eco da palavra ou a visibilidade da imagem. Muitas vezes um cheiro que foi sentido num momento breve impregna o dia todo tuas narinas. Através delas escorrem impurezas da cabeça e sem dano nem prejuízo derivam também algumas do corpo. (64) Há também o sentido não desprezível do tato e um prazer agradabilíssimo nele, uma percepção pura; muitas vezes percebemos com o tato o que não podemos perceber com os olhos.

65. O último serviço é o da boca ou da língua, mas este dá forças para todos os outros sentidos. Pois nem os olhos teriam capacidade de ver, se não recebessem a força da substância corporal, que advém da comida e da bebida; nem as orelhas teriam capacidade de ouvir, ou as narinas de cheirar, ou as mãos de tocar, se o corpo todo não fosse fortalecido pelos alimentos. Perdemos as forças, se não as recompomos assiduamente com o alimento adequado. Enfim, enfraquecidos pela fome, nossos sentidos não se deleitam com nenhum prazer sensível, mas praticamente privados deles, não sentem suas delícias. (66) Como descreverei o baluarte dos dentes, que trituram o alimento e completam a emissão da voz? Que alimento nos deleitaria sem os dentes? Enfim, muitas vezes reconhecemos que as pessoas idosas envelhecem mais depressa por isso mesmo, porque, tendo perdido os dentes, não podem assimilar a força de nenhum alimento mais sólido. Também por este motivo as crianças são mudas, porque ainda não têm o órgão da voz. (67) O papel da língua é também importantíssimo, não só para falar, mas também para comer. Ela é como a lira de quem fala<sup>144</sup> e como a mão de quem come, pois coloca sob os dentes e serve o alimento que por ela desliza. A voz é como que conduzida pelo remo do ar e levada através do vazio; açoita o ar com a mesma força que ele, ora comove, ora acalenta o sentimento do ouvinte, abrandando o que está irado, levanta o caído, consola o que sofre. Nós temos, sim, em comum com as aves, a sonoridade; contudo, já que nossa sonoridade é racional, o uso que fazemos de algum som de voz diante de alguma pessoa não pode evidentemente ser comum a todos os animais irracionais. Com efeito, nós temos os próprios sentidos também em comum com os outros animais; entretanto, os outros animais não os utilizam com a mesma arte. A vaca também eleva os olhos ao céu, mas não sabe o que vê; elevam-nos as feras, elevam-nos as aves, a visão é livre para todos, mas só o homem tem capacidade de entender as coisas que vê. Vê com os olhos o aparecimento e o desaparecimento dos sinais,<sup>145</sup> vê a beleza do céu, admira os orbes das estrelas, percebe ainda o brilho característico de cada um, percebe quando surge Vésper, quando surge Vênus, por que aquela brilha à tarde, esta de manhã, quais são os movimentos de Órion, quais são as fases da lua, como o sol conhece seu ocaso<sup>146</sup> e mantém solenemente as voltas de seu curso. Os outros animais também escutam, mas além do homem, qual deles adquire conhecimento ao ouvir? Os segredos da sabedoria, apenas o homem, de todas as espécies que existem na terra, compreende pela audição, pensamento e inteligência e pode dizer: *ouvirei o que o Senhor fala para mim.*<sup>147</sup> É importantíssimo que o homem se torne o órgão da voz divina e expresse com os lábios o oráculo celeste, conforme está na Escritura: *clama. O que clamarei? Toda carne é feno.*<sup>148</sup> Entendeu o que dizia e clamou. Têm sua ciência aqueles que desenham com uma varinha os espaços do céu e das terras,<sup>149</sup> têm sua inteligência, e sobre isto diz o Senhor: *rejeitarei a inteligência dos inteligentes.*<sup>150</sup> E não colocarei o ritmo e as regras da eloquência, ou as melodias da música no lugar desta sabedoria. Mas refiro-me àquela sabedoria da qual diz o profeta: *manifestaste-me as coisas desconhecidas e ocultas de tua sabedoria.*<sup>151</sup> (68) O que direi do beijo da boca, que é sinal de piedade e amor? As pombas também se

beijam, mas o que é isto diante da beleza do beijo humano, no qual resplandece um sinal de amizade e humanidade, no qual se expressa o sentimento fiel do pleno amor? Por isso o Senhor, condenando-o no traidor como uma espécie de monstruosidade, diz: *Judas, com um beijo entregas o filho do homem?*<sup>152</sup> Isto é: convertendo o sinal do amor em sinal de traição e indício de infidelidade, usas este penhor de paz para induzir à crueldade? Portanto, com o oráculo da divina voz, o Senhor censurou mais aquele que o levou à morte pela complacência bestial da boca, do que aquele que rompeu o pacto de amor. Isto também é importante. Porque somente nós homens expressamos pela boca o que sentimos no coração, e assim damos a conhecer os pensamentos ocultos da mente pela fala da boca. O que é então a boca do homem, senão uma espécie de santuário da palavra, fonte de debate, flauta de palavras, armário da vontade? Dissemos tudo sobre ela, como se fosse o palácio real do corpo humano, no qual pode haver certa grandeza de proporção, mas a beleza é a do todo.

69. Segue-se a garganta, através da qual é introduzida em todo o corpo a comunicação da vida e o ar para esta circulação vital. Sucedem-se os braços e as vigorosas protuberâncias dos músculos, as mãos fortes para trabalhar e hábeis para segurar com os longos dedos. Daí o trabalho mais eficaz, daí a elegância da escrita e a pena do escriba que escreve rapidamente,<sup>153</sup> pelo qual se expressam os oráculos da divina voz. É a mão que serve o alimento à boca. É a mão que sobressai nos feitos notáveis e que, medianeira da divina graça, eleva-se aos altares sagrados; através dela oferecemos e recebemos os sacramentos celestes;<sup>154</sup> é a mão que opera e ao mesmo tempo dispensa os divinos mistérios; o filho de Deus não julgou indigno declarar o nome dela, quando diz Davi: *a destra do Senhor fez a virtude, a destra do Senhor me exaltou.*<sup>155</sup> Foi a mão que fez todas as coisas, conforme disse Deus todo-poderoso: *porventura não foi minha mão que fez todas estas coisas?*<sup>156</sup> A mão é o baluarte de todo o corpo, a defensora da cabeça. Embora esteja num lugar mais baixo, enfeita e embeleza toda a cabeça com honesto ornamento. (70) Quem poderia descrever dignamente o tórax e a flexibilidade do ventre? Com efeito, em outro lugar as vísceras mais moles não poderiam ser aquecidas e as alças dos intestinos seriam sem dúvida lesadas pelos ossos duros. O que pode ser tão salutar quanto o pulmão ter o limite confinante com o coração, de modo que, quando o coração está abrasado pela ira e pela indignação, é logo acalmado pelo sangue e pelo líquido do pulmão? É por isso que o pulmão também é mole: sempre está molhado e ao mesmo tempo abrandando o rigor da indignação. Mencionamos sucintamente todas estas coisas, como ignaros aflorando o óbvio, não como médicos em busca do pleno saber, perseguindo o que está oculto nos esconderijos da natureza.

71. Também o baço tem uma vizinhança proveitosa com o fígado, porque, enquanto assimila o que este ingeriu, vai limpando-o de tudo o que é sujo, de modo que pelas pequenas fibras do fígado possam passar os restos tênues e delgados dos alimentos, os quais são lançados no sangue e revigoram as forças, e não são postos fora como a sujeira das fezes. As alças dos intestinos, ligadas entre si, embora sem nó algum, que outra coisa manifestam senão a divina providência, para que o alimento não as atravesse logo, e não desça imediatamente do estômago? Pois, se assim fosse, haveria nos homens uma fome insaciável e uma contínua vontade de comer. Com efeito, vazias e exauridas as vísceras, quando se evacuassem por um derramamento momentâneo, forçosamente apareceria um infatigável e insaciável desejo de comer e beber, a que sem dúvida se seguiria uma morte prematura. É por isso que prudentemente o alimento é preparado primeiro na cavidade superior, em seguida cozido no fígado e, digerido por seu calor, seu suco se esparrama pelas restantes partes do corpo; pela mesma substância são alimentados os membros do corpo humano; os jovens a recebem para crescer, os velhos para se manter; o que sobra, porém, como é supérfluo, é levado pelos intestinos e deriva para uma

abertura transversal. (72) Enfim, no livro do Gênesis, a arca de Noé foi ordenada segundo a estrutura do corpo humano; a respeito dela disse Deus: *faze para ti uma arca de tábuas cortadas em esquadrias. E nela farás compartimentos e a calafetarás por dentro e por fora com betume. E assim farás a arca: farás uma porta transversal, farás a parte inferior da arca de dois e três andares.*<sup>157</sup> Portanto, o Senhor quer dizer que a porta deve estar na parte posterior, por onde é posto fora o supérfluo dos alimentos. Com efeito, por decoro, nosso Criador ocultou da face do homem os condutos dos restos alimentares, para que, ao nos abaixarmos, não sujemos nossa aparência. Ao mesmo tempo debes considerar que as coisas que são cheias de pudor foram colocadas num lugar onde, cobertas pelas vestes, não possam causar vergonha.

73. A pulsação das veias é indício de doença ou de saúde. Embora elas estejam espalhadas por todo o corpo, não estão nuas e desprotegidas, mas são cobertas por tecidos tão leves que há oportunidade de explorá-las e facilidade de senti-las, quando os tecidos não têm espessura para encobrir a pulsação. Os ossos também são recobertos por um tecido tênue e ligados por nervos; sobretudo os da cabeça, são cobertos por um couro leve e, para que possam ter alguma proteção contra as chuvas e o frio, são revestidos por cabelos mais grossos. O que direi dos órgãos genitais, que recebem o sêmen genital para a função e graça da procriação das veias da região cervical, levadas através dos rins e da região lombar? (74) O que direi da função dos pés, que sustentam o corpo todo sem reclamar do peso? Pelo joelho flexível, que mais do que todos os membros mitiga as ofensas ao Senhor, a ira é suavizada, a graça é provocada. Com efeito, este é o dom do Pai supremo para o Filho: *para que em nome do Senhor todas as criaturas celestes, terrestres e as que vivem sob a terra dobrem o joelho e toda língua confesse que o Senhor Jesus está na glória de Deus Pai.*<sup>158</sup> São duas as coisas que agradam a Deus mais do que tudo: a humildade e a fé. Assim, o pé expressa o sentimento da humildade e a obediência da servidão solícita, a fé iguala o Filho ao Pai e confessa que ambos têm a mesma glória. Não é sem razão que o homem não tem muitos pés, mas apenas dois: as feras e os animais selvagens têm quatro, as aves têm dois, e por isso o homem é quase uma ave, pois procura as coisas altas com a vista e, como se tivesse uma espécie de asa, voa com a sagacidade dos sentimentos sublimes. Por isso foi dito a seu respeito: *será renovada como a águia tua juventude,*<sup>159</sup> porque está mais próximo das criaturas celestes e mais alto do que as águias aquele que pode dizer: *mas a nossa morada está nos céus.*<sup>160</sup>

10,75. Mas nosso sermão já está no fim, porque se completou o sexto dia e a totalidade da obra do mundo está concluída, evidentemente na perfeição do homem, no qual está o principado de todos os seres vivos, o ponto mais alto do universo e a graça de toda a criação. Voltamos certamente ao silêncio, porque Deus *descansou de todas as obras do mundo.*<sup>161</sup> Descansou no recesso do homem, descansou em sua mente e propósito; fizera, de fato, o homem capaz de razão, seu imitador, êmulo das virtudes, desejoso das graças celestes. Nele repousou Deus, que diz: *sobre quem descansarei, senão sobre o humilde e tranquilo, que treme diante de minhas palavras?*<sup>162</sup> (76) Dou graças ao Senhor nosso Deus, que fez esta obra na qual descansou. Fez o céu, não leio que descansou, fez a terra, não leio que descansou, fez o sol, a lua e as estrelas, nem aí leio que descansou, mas leio que fez o homem e então descansou, porque tinha alguém a quem perdoar os pecados. Ou talvez já estivesse então prefigurado o mistério da futura paixão do Senhor, pelo qual foi revelado que Cristo repousaria no homem, pois ele destinava em seu corpo um repouso para a redenção do homem, conforme ele mesmo disse: *eu dormi, repousei e despertei, porque o Senhor me levantou.*<sup>163</sup> Com efeito, aquele que fez, descansou. A ele a honra, a glória, a eternidade pelos séculos, agora e sempre e por todos os



# séculos dos séculos. Amém.

- [1](#) Começa aqui o *Sermo* proferido no sexto dia da semana santa. Em *Hexaem.*, 9, tem-se seu correspondente basiliano.
- [2](#) Cf. Basílio, *Hexaem.*, 7,6.
- [3](#) Gn 1,24-26.
- [4](#) Cf. 2Rs 4,38-40.
- [5](#) Cf. 2Rs 4,38-41. Cf. Basílio, *Hexaem.*, 9,1.
- [6](#) Cf. 2Rs 4,42. Os textos da *Septuaginta* e da *Vulgata*, porém, diversamente do de Ambrósio, concordam no número de vinte pães.
- [7](#) 2Rs 4,43.
- [8](#) Sl 37,17.19.
- [9](#) *Stadium* é uma antiga medida grega de 600 pés (cerca de 180m), com alguma variação de lugar a lugar.
- [10](#) Is 40,12.
- [11](#) Is 40,22.
- [12](#) Cf. At 7,22.
- [13](#) Gn 1,24.
- [14](#) Sl 32,9.
- [15](#) Jr 17,11.
- [16](#) Cf. Mt 23,37.
- [17](#) Cf. Sl 17,8.
- [18](#) Jr 13,23.
- [19](#) Pr 6,6; cf. Basílio, *Hexaem.*, 9,3; Fílon, *De anim.*, 42A.
- [20](#) Cf. Virgílio, *Enéadas*, IV,402-407.
- [21](#) Is 56,10.
- [22](#) Cf. Tb 6,2;11,4.
- [23](#) Cf. Tb 3,8.
- [24](#) Cf. Tb 6,14-18; 7,12-8,3.
- [25](#) Cf. Tb 9,6-10,7.
- [26](#) Cf. Lm 3,10.
- [27](#) Ambrósio translitera o grego [flom<sup>ε</sup> <sup>ς</sup> (-<sup>ε</sup> do <sup>ς</sup>), ou] fl<sup>α</sup>mo<sup>ς</sup> (-ou).
- [28](#) Cf. Plínio, *Nat. hist.*, XXV,120-121.
- [29](#) Cf. Basílio, *Hexaem.*, 9,3.
- [30](#) Cf. Basílio, *Hexaem.*, 9,3.
- [31](#) Cf. Basílio, *Hexaem.*, 9,3.
- [32](#) Jr 8,7.
- [33](#) Cf. Virgílio, *Enéadas*, XI,548-549.
- [34](#) Cf. Virgílio, *Enéadas*, X,412.
- [35](#) Sl 104,24.
- [36](#) Cl 3,20-21.
- [37](#) Cf. Virgílio, *Enéadas*, III,46; XII,284.
- [38](#) Cf. Basílio, *Hexaem.*, 9,4; Fílon, *De anim.*, 45ss.; 84.
- [39](#) Cf. Virgílio, *Enéadas*, VI,850. *Pulvis*, a areia vítrea verde, sobre a qual os matemáticos traçavam figuras geométricas.
- [40](#) *Radius compasso* é o instrumento com o qual os matemáticos faziam seus traços sobre a *pulvis*; cf. nota precedente. Acerca do *radius*, cf. também acima 5,24,86.
- [41](#) Cf. Basílio, *Hexaem.*, 9,4.
- [42](#) Cf. Plínio, *Nat. hist.*, VIII,80.
- [43](#) Cf. Plínio, *Nat. hist.*, VIII,42; X,47.
- [44](#) Cf. Plínio, *Nat. hist.*, VIII,97; XXV,92; Fílon, *De anim.*, 38.
- [45](#) Cf. Plínio, *Nat. hist.*, XIX,58; XXX,121;
- [46](#) Cf. Plínio, *Nat. hist.*, VIII,101.
- [47](#) Cf. Mt 14,30-31.
- [48](#) Cf. Ef 6,12.
- [49](#) Cf. Basílio, *Hexaem.*, 9,5.
- [50](#) Cf. Virgílio, *Georg.*, III,256.
- [51](#) Cf. Basílio, *Hexaem.*, 9,5.
- [52](#) Cf. Basílio, *Hexaem.*, 9,5.
- [53](#) Sl 93,4.
- [54](#) Cf. Basílio, *Hexaem.*, 9,5.
- [55](#) Cf. Virgílio, *Enéadas*, XII,6-7.
- [56](#) Cf. Basílio, *Hexaem.*, 9,5-6.
- [57](#) Sl 91,13.
- [58](#) Cf. At 28,3-6.

[59](#) Mc 16,16.

[60](#) Cf. Mc 16,17-18.

[61](#) Ct 1,8.

[62](#) Dt 4,9; 6,12.

[63](#) Dt 4,9; 6,12.

[64](#) Ct 1,8.

[65](#) Ct 1,8.

[66](#) Mt 7,15.

[67](#) Cf. Cl 3,9-10

[68](#) 1Cor 3,17.

[69](#) 1Cor 3,16.

[70](#) Cf. 1Cor 3,2-3.

[71](#) Cf. Gn 6,3.

[72](#) Gn 1,26.

[73](#) Cf. Basílio, *Hexaem.*, 9,6; Filon, *De op. mundi*, 24.

[74](#) Gn 1,26.

[75](#) Cl 1,13-15.

[76](#) Jo 14,9.

[77](#) Jo 14,9-10.

[78](#) Cf. 1Cor 1,24-25.27.30.

[79](#) Jo 10,30.

[80](#) Ex 3,14.

[81](#) Dt 4,9; 6,12.

[82](#) Is 49,16.

[83](#) Cf. Hb 1,3.

[84](#) Cf. 1Cor 15,47-48.

[85](#) Sl 73,20.

[86](#) Ap 21,27.

[87](#) Cf. Ap 14,1.

[88](#) Cf. Gn 3,19.

[89](#) Mt 10,28.

[90](#) Cf. Mt 16,26.

[91](#) Cf. Rm 8,27; 1Cor 14,25.

[92](#) Cf. Ap 2,23.

[93](#) Cf. Salústio, *De bello Iug.*, 12,5.

[94](#) Fl 3,20.

[95](#) 2Cor 3,18.

[96](#) Gn 46,27. A fonte de Ambrósio deve ter sido uma versão grega do referido texto, que acrescenta ao texto hebraico mais cinco descendentes de José, como consta em At 7,14.

[97](#) Lm 3,25.

[98](#) Rm 8,28-30.

[99](#) 1Cor 6,15.

[100](#) Sb 2,12.

[101](#) Mt 8,20; Lc 9,58.

[102](#) Cf. Eclo 9,20.

[103](#) Cf. Sl 124,7.

[104](#) Cf. Gn 1,20-2,2.

[105](#) Is 66,2.

[106](#) Mt 7,15.

[107](#) 1Cor 11,7.

[108](#) Is 49,16.

[109](#) Is 27,10.

[110](#) Ct 8,10.

[111](#) Cf. 1Cor 11,7

[112](#) Sl 139,6.

[113](#) 1Pd 5,8.

[114](#) Cf. Mt 15,11.17-20

[115](#) Jr 16,16

[116](#) Lc 5,10.

[117](#) Dt 4,9; 6,12.

[118](#) Cf. 1Cor 9,24-25; 2Tm 2,5.  
[119](#) Cf. Virgílio, *Enéadas*, V,438.  
[120](#) Cf. Dt 8,11; 5,11.  
[121](#) Cf. Dt 8,11-14.  
[122](#) 1Cor 4,7.  
[123](#) Cf. Ecl 6,12; Jó 8,9  
[124](#) Sl 37,25.  
[125](#) Is 5,8.  
[126](#) Br 3,24-25.  
[127](#) Cf. Mt 19,23.  
[128](#) Cf. Lc 16,19-25.  
[129](#) Pr 30,8.  
[130](#) Pr 30,9.  
[131](#) Dt 8,17.  
[132](#) Ecl 2,14.  
[133](#) Cf. 1Cor 11,14-15.  
[134](#) Cf. Ovídio, *Ars am.*, III,249-250.  
[135](#) Cf. Virgílio, *Enéadas*, II,557-558.  
[136](#) Cf. Virgílio, *Enéadas*, VI,848.  
[137](#) Cf. Cícero, *De nat. deor.*, II,143.  
[138](#) Cf. Virgílio, *Enéadas*, III,524.  
[139](#) Cf. Cícero, *De nat. deor.*, II,140.  
[140](#) Cf. Cícero, *De nat. deor.*, II,143.  
[141](#) Sl 17,8.  
[142](#) Mt 7,5; Lc 6,42.  
[143](#) Cf. Virgílio, *Georg.*, IV,50.  
[144](#) Cf. Cícero, *De nat. deor.*, II,149.  
[145](#) Cf. Cícero, *De nat. deor.*, II,153.  
[146](#) Cf. Sl 104,19.  
[147](#) Sl 85,9.  
[148](#) Is 40,6.  
[149](#) Cf. Virgílio, *Enéadas*, VI,849-850.  
[150](#) 1Cor 1,19.  
[151](#) Sl 51,8.  
[152](#) Lc 22,48.  
[153](#) Cf. Sl 45,2  
[154](#) A eucaristia.  
[155](#) Sl 118,16.  
[156](#) Is 66,2  
[157](#) Gn 6,14-16.  
[158](#) Fl 2,10-11.  
[159](#) Sl 103,5.  
[160](#) Fl 3,26.  
[161](#) Gn 2,2.  
[162](#) Is 66,2.  
[163](#) Sl 3,6.

Coleção **PATRÍSTICA**

- 1. Padres Apostólicos, Clemente Romano – Inácio de Antioquia – Policarpo de Esmirna – Pseudo-Barnabé – Hermas – Pápias – Didaqué
- 2. Padres Apologistas, Carta a Diogneto – Aristides – Taciano – Atenágoras – Teófilo – Hérmiás
- 3. Apologias e Diálogo com Trifão, Justino de Roma
- 4. Contra as heresias, Ireneu de Lião
- 5. Explicação dos símbolos (da fé) – Sobre os sacramentos – Sobre os mistérios – Sobre a penitência, Ambrósio de Milão
- 6. Sermões, Leão Magno
- 7. A Trindade, S. Agostinho
- 8. O livre-arbítrio, S. Agostinho
- 9/1. Comentário aos Salmos (Salmos 1-50), S. Agostinho
- 9/2. Comentário aos Salmos (Salmos 51-100), S. Agostinho
- 9/3. Comentário aos Salmos (Salmos 101-150), S. Agostinho
- 10. Confissões, S. Agostinho
- 11. Solilóquios – A vida feliz, S. Agostinho
- 12. A Graça (I), S. Agostinho
- 13. A Graça (II), S. Agostinho
- 14. Homilia sobre Lucas 12 – Homilias sobre a imagem do homem – Tratado sobre o Espírito Santo, Basílio de Cesareia
- 15. História eclesiástica, Eusébio de Cesareia
- 16. Os bens do matrimônio – A santa virgindade consagrada – Os bens da viuvez: Cartas a Proba e a Juliana, S. Agostinho
- 17. A doutrina cristã, S. Agostinho
- 18. Contra os pagãos – A encarnação do Verbo – Apologia ao imperador Constâncio – Apologia de sua fuga – Vida e conduta de S. Antão, S. Atanásio
- 19. A verdadeira religião – O cuidado devido aos mortos, S. Agostinho
- 20. Contra Celso, Orígenes
- 21. Comentário ao Gênesis, S. Agostinho
- 22. Tratado sobre a Santíssima Trindade, S. Hilário de Poitiers
- 23. Da incompreensibilidade de Deus – Da Providência de Deus – Cartas a Olímpia, S. João Crisóstomo
- 24. Contra os Acadêmicos – A Ordem – A grandeza da Alma – O Mestre, S. Agostinho
- 25. Explicação de algumas proposições da Carta aos Romanos / Explicação da Carta aos Gálatas / Explicação incoada da Carta aos Romanos, S. Agostinho

26. Examerão – os seis dias da criação, S. Ambrósio
- 27/1. Comentário às Cartas de São Paulo/1 – Homilias sobre a Carta aos Romanos – Comentário sobre a Carta aos Gálatas – Homilias sobre a Carta aos Efésios, S. João Crisóstomo
- 27/2. Comentário às Cartas de São Paulo/2 – Homilias sobre a Primeira Carta aos Coríntios – Homilias sobre a Segunda Carta aos Coríntios, S. João Crisóstomo
- 27/3. Comentário às Cartas de São Paulo/3 – Homilias sobre as cartas: Primeira e Segunda a Timóteo, a Tito, aos Filipenses, aos Colossenses, Primeira e Segunda aos Tessalonicenses, a Filemon, aos Hebreus, S. João Crisóstomo
28. Regra Pastoral, S. Gregório Magno
29. A criação do homem / A alma e a ressurreição / A grande catequese, S. Gregório de Nissa
30. Tratado sobre os Princípios, Orígenes
31. Apologia contra os livros de Rufino, S. Jerônimo
32. A fé e o símbolo / Primeira catequese aos não cristãos / A disciplina cristã / A continência, S. Agostinho



Direção Editorial  
*Claudiano Avelino dos Santos*

Coordenação de desenvolvimento digital  
*Erivaldo Dantas*

Título original  
Hexaameron

Tradução  
*Célia Mariana Franchi Fernandes da Silva*

Introdução  
*Marleine Paula Marcondes  
Ferreira de Toledo*

Notas  
*Heres Drian de O. Freitas, osa*

Coordenação editorial  
*Bento Silva Santos*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ambrósio, Santo, Bispo de Milão, d. 397.  
Examerão: os seis dias da criação / Santo Ambrósio;  
[tradução Célia Mariana Franchi Fernandes da Silva].  
São Paulo: Paulus, 2009. — (Coleção patrística)

Título original: Hexaameron  
Bibliografia.

eISBN 9788534939003

1. Bíblia. A.T. Gênesis - Comentários 2. Criação - Ensino bíblico  
I. Título. II. Série.

09-07752 CDD-222.1107

Índices para catálogo sistemático:  
1. Gênesis: Comentários 222.1107

© PAULUS – 2014  
Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 São Paulo (Brasil)  
Fax (11) 5579-3627 • Tel. (11) 5084-3066  
www.paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

